

MARCILENE NASCIMENTO DE FARIAS

**LIGA DE SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB):
RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NO PROTESTANTISMO
BRASILEIRO**

DOURADOS – 2016

MARCILENE NASCIMENTO DE FARIAS

**LIGA DE SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB):
RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NO PROTESTANTISMO
BRASILEIRO**

Tese apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em História.

Área de concentração: *Fronteiras, Identidades e Representações.*

Orientador: Prof. Dr. **Losandro Antonio Tedeschi.**

DOURADOS - 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

F22	Farias, Marcilene Nascimento de.
4l	Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB): relações de gênero e poder no protestantismo brasileiro. / Marcilene Nascimento de Farias. – Dourados, MS : UFGD, 2016. 249f. Orientador: Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Religião. 2. Mulheres luteranas. 3. Gênero. I. Título. CDD – 305.42

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

MARCILENE NASCIMENTO DE FARIAS

**LIGA DE SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB):
RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NO PROTESTANTISMO
BRASILEIRO**

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ **de** _____ **de** _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
(Presidente e Orientador)

Prof^a Dr^a Cândida Graciela Chamorro Argüello
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Prof^a Dr^a Maria Beatriz Nader
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Prof^a Dr^a Marisa de Fátima Lomba de Farias
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

AGRADECIMENTOS

Ao professor Losandro Antonio Tedeschi pela paciência e dedicação com que conduziu a orientação desta pesquisa e por me mostrar, por meio de suas inúmeras leituras, que escrever sobre o protagonismo das mulheres ao longo da história é importante, mas observar e problematizar a existência de relações de gênero desiguais também é uma forma de contribuir para a escrita da história das mulheres.

Às professoras Ana Maria Colling, Marisa de Fátima Lomba de Farias e Maria Beatriz Nader pelas valiosas sugestões e contribuições apresentadas durante o exame de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História pelos ensinamentos adquiridos nas disciplinas cursadas, de grande importância para as discussões teóricas presentes nesta tese.

À Liga de Servas Luteranas do Brasil por disponibilizar seu acervo documental para pesquisa, sem o qual certamente esta pesquisa não seria a mesma.

Ao Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil por também permitir que eu fizesse o levantamento das fontes de que necessitava, demonstrando um profundo respeito e compromisso com a pesquisa histórica.

Ao colega Marcos Scherwisnki por me emprestar sua rica coleção de revistas *Servas do Senhor*, determinante para a conclusão desta pesquisa.

Aos amigos Wilson Serejo e Eduardo Salgueiro pelas angústias e alegrias compartilhadas desde os tempos da graduação.

Às queridas amigas Letícia Berloff e Vicentina Vasques por me fazerem redescobrir o verdadeiro sentido da amizade e pela certeza de que construímos algo para além da pós-graduação.

À minha família, que sempre foi muito compreensiva nesse processo em que estiveram, por diversas vezes, privados de minha presença. Mesmo ausente nunca deixei de cultivar o amor e carinho a cada um de vocês. Pelo apoio dispensado a mim, muito obrigada!

Ao companheiro de todas as horas André, a quem serei imensamente grata por todo o incentivo e apoio que sempre me deu ao longo dessa caminhada, nada fácil, que foi a pós-graduação. MUITÍSSIMO grata!!!!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa que foi essencial para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a história da participação das mulheres no protestantismo brasileiro, por meio da criação da Liga de Senhoras Evangélicas Luteranas do Brasil (LSLB). Nesse sentido, contribui com os debates empreendidos em uma área que ganhou grande destaque nas últimas décadas: a relação entre história das mulheres, gênero e religião. Analisamos em que medida a criação e atuação dessa Liga de mulheres contribuiu muito mais para reforçar modelos e estereótipos atribuídos às mulheres pelo discurso religioso do que para alterá-los. A escolha da LSLB como objeto de pesquisa, justifica-se pelo fato de que a superioridade numérica das mulheres nas igrejas seja uma realidade, isso não corresponde a igual participação do público feminino nas instâncias decisórias mais importantes das igrejas. Sendo assim, esta tese pretende contribuir com os debates empreendidos em uma área que tem ganhado grande destaque nas últimas décadas: a relação entre gênero, poder e religião. Estabelecemos como fundamental compreender as relações de gênero no protestantismo, a fim de percebermos como as mulheres inseridas nesse ramo do cristianismo contestaram ou aceitaram os papéis sociais atribuídos a elas pelas igrejas. A partir dessa compreensão, buscamos as ações das mulheres luteranas, organizadas na LSLB, e suas atitudes diante das diferentes funções e papéis atribuídos a homens e mulheres na Igreja Luterana, bem como se conseguiram questionar aspectos relacionados a esses lugares. A hipótese que levantamos é a de que a Liga das Senhoras Luteranas representou muito mais um espaço de reprodução dos discursos misóginos e patriarcais da IELB, que utilizavam a Bíblia como fundamentação, do que um espaço de contestação do poder masculino e da distribuição de papéis na hierarquia da igreja baseada nas diferenças entre os sexos. Inseridas em um ideário religioso que atribuía às mulheres a maternidade e o casamento como destino imutável, todas as ações dessas mulheres dentro da LSLB foram mediadas a partir da condição de “servas” que assumiram e defenderam. Com um comportamento perpassado por discursos masculinos de controle, as conquistas dessas mulheres pouco contribuiu para o questionamento de seus papéis, pois ocorriam dentro daquilo que a doutrina da igreja permitia a elas..

Palavras-chave: religião, mulheres luteranas, gênero.

ABSTRACT

This research comprehends the history concerning women's participation in the Brazilian Protestantism, through the Lutheran Women's Missionary League of Brazil (LWMLB). This way, it contributes to the debates accomplished in an area that was a lot highlighted in the last decades: the relation among women's history gender and religion. We have analyzed how much the creation and performance of this women's league has contributed a lot more to strengthen patterns and stereotypes attributed to women through religious discourse than to change them. The LWMLB choice as a research object is justified by the fact that women's numerical superiority at churches is a reality, this does not correspond to the equal participation of the female public concerning the most important decision – makers of churches. Therefore, this thesis intends to cooperate on the debates achieved in an area which has been very highlighted in the last decades: the relation among gender, power and religion. We established as fundamental to comprehend gender relations in the Protestantism, in order to realize that the women included in this branch of Christianity contested or accepted the social roles given to them by churches. From this comprehension, we sought for the Lutheran women's actions organized at the LWMLB, and their attitudes in front of different functions and roles attributed to men and women at the Lutheran Church, as well as if they were able to question aspects related to these places. The hypothesis we have put forward is that the Lutheran Women's League represented much more a space of reproduction of patriarchal and misogynist discourses of the Evangelical Lutheran Church of Brazil, which used the Bible as basis, than a space of refutation of male power and distribution of roles regarding the church hierarchy based on differences between the genders. Inserted in a religious conception that attributed to women maternity and marriage as immutable fate, all these women's actions in the LWMLB were mediated from the condition of "servants" that assumed and defended. With a behavior surpassed by males' discourse of control, those women's achievements have contributed a little to the questioning regarding their roles, once they occurred in accordance with what the church granted permission to them.

Keywords: religion, Lutheran women, gender.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASAS – Associação das Amigas do Seminário

IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

LSLB – Liga das Senhoras Luteranas do Brasil

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

LCMS – Lutheran Church Missouri Synod (Igreja Luterana - Sínodo de Missouri)

LWML – Lutheran Women's Missionary League (Liga Missionária de Senhoras Luteranas)

CTRE – Comissão de Teologia e Relações Eclesiais

DAS – Departamento de Assistência Social

CEDA – Centro Educacional para Deficientes Auditivos

LLLB – Liga de Leigos Luteranos do Brasil

JELB – Juventude Evangélica Luterana do Brasil

OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Capa da revista <i>Servas do Senhor</i> 2º trimestre de 2013.....	133
FIGURA 2: Organograma LSLB.....	138
FIGURA 3: Capa do primeiro número do <i>Boletim Informativo</i> da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (1960).....	144
FIGURA 4: Capa do primeiro número da revista <i>Servas do Senhor</i> (1966).....	148
FIGURA 5: Capa da revista <i>Servas do Senhor</i> 3º trimestre de 1972.....	152
FIGURA 6: Capa da revista <i>Servas do Senhor</i> 2º trimestre de 1986.....	154
FIGURA 7: Os Congressos Nacionais nas capas da revista <i>Servas do Senhor</i>	156
FIGURA 8: Capa da revista <i>Servas do Senhor</i> 1º trimestre de 1995.....	158
FIGURA 9: Capa da revista <i>Servas do Senhor</i> 1º trimestre de 2015.....	160

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Questão nº 11 - Por que iniciaram o trabalho?.....	191
QUADRO 2. Questão nº 13 – Qual foi a melhor atividade ou projeto nos primeiros?.....	194
QUADRO 3. Questão nº 18 – Qual foi ou é a melhor realização?.....	196
QUADRO 4. Questão nº 19 – Relatar uma frustração do trabalho das servas.....	197

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	08
LISTA DE FIGURAS	09
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
As mulheres no protestantismo: a (não) presença feminina na formação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)	40
1.1. Introdução.....	40
1.2. Protestantismo no Brasil.....	41
1.3. O Sínodo de Missouri em terras brasileiras: discursos e práticas sobre as mulheres....	57
1.4. A (não) presença das mulheres na história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil...	73
CAPÍTULO 2	
Formação da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB): uma conquista das mulheres luteranas?	92
2.1. Introdução	92
2.2. As sociedades femininas protestantes: espaços de contestações ou permanências?.....	92
2.3. Contexto sociopolítico de formação da LSB.....	106
2.4. Liga de Senhoras Luteranas do Brasil: organizadas para “servir”.....	113
2.4.1. Ottilie Muller e o projeto de criação da LSB.....	115
2.4.2 .Perfil das filiadas.....	124
2.4.3. Aspectos organizacionais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil.....	135
2.4.4. Revista <i>Servas do Senhor</i>	142
2.5.5. “Sacolinhas”: servindo financeiramente aos projetos missionários.....	161
CAPÍTULO 3	
Liga de Senhoras Luteranas do Brasil: Mudanças e continuidades nas relações de Gênero e Poder	176
3.1.Introdução.....	176
3.2. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil e a construção de verdades sobre as mulheres	176
3.3.“Como as servas trabalham?” Olhares das mulheres luteranas sobre a LSB.....	185
3.4. O olhar masculino sobre a atuação feminina	221
CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
BIBLIOGRAFIA E FONTES	234
RELAÇÃO DE FONTES	245

INTRODUÇÃO

Como pessoas, homens e mulheres são iguais. Sua função, no entanto, é diferente... A mulher tem uma função que é só dela: ser mãe (1Tm 2.15). O homem tem uma função que é só dele: a 'didaskalia' (a autoridade no ensino, 1Tm 2.12), isto é, a função de cabeça no Ofício da Palavra. Ambos, homem e mulher, têm responsabilidades tanto na família humana como na família de Deus (...) A liderança do Ofício da Palavra permanece com o homem, com o ministro-pastor, o homem-kefalê, designado por Deus.¹

O trecho supracitado foi publicado em um parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE)² que, assim como outros documentos publicados pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), discutiu a questão do lugar da mulher na Igreja. A IELB não ordena mulheres ao pastorado e, em virtude disso, constantemente publica documentos tratando dessa questão, a fim de dirimir eventuais dúvidas por parte de seus membros, principalmente as mulheres.

O excerto em questão fez parte de um posicionamento oficial da igreja luterana, publicado em 1993, cujo objetivo era esclarecer dúvidas e consultas de congregações e pastores sobre a participação de mulheres como membros votantes em assembleias congregacionais, ocupação de cargos na administração das igrejas e ordenação feminina. O documento reiterava que sobre o voto feminino em assembleias e a participação de mulheres em cargos na

¹Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS. 1995, vol. I, p. 25.

²A Comissão de Teologia e Relações Eclesiais era eleita pelo Conselho Diretor da Igreja e tinha como finalidade “zelar e defender a pureza doutrinária” e a “unidade confessional” da IELB. A CTRE era composta por seis membros: dois professores de Teologia, dois pastores filiados e ativos na IELB e com, no mínimo, cinco anos em atividade ministerial e dois membros leigos de congregações votantes da IELB. Entre as atribuições da CTRE estavam: opinar sobre todos os assuntos relacionados à cooperação administrativa ou comunhão de púlpito e altar com outras corporações religiosas; opinar sobre documentos teológicos das Igrejas irmãs; emitir pareceres com referência à doutrina e praxe da IELB, tornando-os públicos; assessorar o Presidente da IELB em pronunciamentos perante os órgãos oficiais do governo civil e imprensa sobre assuntos éticos e morais, no campo político, econômico e social; favorecer, com suas manifestações, um equilíbrio sadio entre a liberdade de reflexão teológica e a unidade doutrinária dentro da IELB (BUSS, P. W. *Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1950-2000)*).

administração, não havia na Bíblia nenhuma proibição, porém afirmava que aquelas que votavam ou ocupavam cargos administrativos não estavam autorizadas a ocupar o ministério pastoral.

No caso do campo religioso, a ordem da criação é utilizada para justificar discursos sobre as mulheres, “a anterioridade de Adão se torna um elemento justificador de sua prepotência e dominação sobre a mulher”³, pontua Maria José Rosado Nunes. Segundo a autora, três religiões reproduzem essa visão “mitológica das origens”, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, em que existe somente a figura de Eva que ao nascer de Adão induz ao pecado. Esses “mitos da criação” são responsáveis por estabelecer regras, explicar as origens, ou seja, “a ordem apresentada na narrativa da criação submete a mulher ao homem, legitimando ao nível ideológico, à submissão feminina”⁴.

A partir dessas observações, sentimos a necessidade de realizar um estudo sobre o alcance da participação das mulheres em instituições religiosas que parecem sempre dispostas a normatizar o comportamento feminino, a partir de discursos misóginos, que conferem à mulher uma natural submissão e invisibilidade. Márcia Thereza Couto afirma que “o domínio religioso configura-se como espaço propício à participação feminina”, pois as mulheres sempre representaram uma maioria atuante nas igrejas. É certo também que elas sempre tiveram um espaço próprio muito bem definido nas igrejas, delimitado a partir de alguns aspectos da subjetividade feminina, reproduzidos pelo discurso religioso cristão. Nesse sentido, é necessário problematizar os usos que as mulheres fizeram e fazem desses espaços que lhes são reservados pela hierarquia masculina nas diferentes denominações religiosas, pois cumprem uma dupla função: são meios de inserção das mulheres cristãs no espaço público, mesmo que essa presença se faça “nas margens”; mas também representam uma clara divisão de papéis dentro das igrejas, reforçada há tempos pelo discurso religioso.

Desse modo, partindo desses questionamentos, é que procuramos refletir em que medida a ação da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB) foi capaz de gerar questionamentos em torno dos papéis ocupados por homens e mulheres na hierarquia da Igreja Luterana, averiguando também se o fato de encontrarem-se inseridas em uma instituição marcadamente patriarcal fez da Liga apenas mais um instrumento de reprodução dos valores misóginos defendidos pela igreja. Assim, identificar e compreender as ações da LSBL significa

³ROSADO NUNES, M. J. *Deus é menino e menina*, p. 50.

⁴ROSADO NUNES, M. J. *Deus é menino e menina*, p. 50.

reconhecer o lugar que essas mulheres ocuparam e o papel que desempenharam na Igreja para a transformação ou não das relações de gênero e poder.

A Liga de Senhoras Luteranas do Brasil foi criada em 16 de janeiro de 1957, em Porto Alegre/RS, com o objetivo de constituir-se em uma organização auxiliar da Igreja. A principal idealizadora foi Otilie Muller, nascida nos Estados Unidos, mudou-se para o Brasil na década de 1940, acompanhando seu esposo em um projeto missionário. Sabendo da existência de algumas sociedades de senhoras dispersas, decidiu reuni-las e criar uma Liga nacional, a exemplo do que ocorria na Igreja Luterana Sínodo de Missouri, nos Estados Unidos. O projeto de Otilie concretizou-se e em fins de 1950 houve a criação da LSLB. O propósito de se tornar uma entidade auxiliar, formada por membros leigos, no caso as mulheres, manteve-se ao longo de toda a história da LSLB. No aspecto relacionado à condição das mulheres na Igreja, observamos que a Liga teve uma participação mínima, quase nula, pois vemos nessa organização muito mais um espaço de reprodução de discursos e práticas de gênero que legitimavam a dominação patriarcal, do que um espaço de reflexão sobre os lugares e papéis sociais das mulheres.

Nesse ponto um esclarecimento adicional é incontornável. Usamos neste estudo o designativo "mulheres luteranas", uma referência deveras abrangente e, por isso mesmo plena de complicações metodológicas. As mulheres luteranas foram muitas e isso não é mera tautologia. Foram muitas porque cada uma delas, a depender de uma série de variáveis, desenvolvia formas distintas de relação com a igreja, seus dogmas e suas instituições. Veremos que muitas, por exemplo, não se filiaram à Liga de Senhoras e as razões dessa recusa eram motivo de constante preocupação por parte das lideranças da LSLB. O fato é que muitas mulheres foram partícipes ativas da IELB e nem por isso se interessaram pela Liga e o que as motivava a ter essa postura é ainda uma grande incógnita que só poderá ser equacionada a partir de estudos específicos. No caso desta tese, como é próprio de todo o trabalho acadêmico, tivemos que lançar mão de recortes e um deles foi exatamente concentrar nossa análise nas "mulheres luteranas" que, em maior e menor grau, tiveram ligação com a LSLB, não porque as mulheres sem vínculos com a Liga não tenham importância histórica, absolutamente; mas sim porque este trabalho doutoral tem como foco a LSLB e as mulheres que, de alguma forma, participaram desse núcleo feminino. Esperamos, aliás, que este estudo possa abrir caminhos para que trabalhos posteriores, por meio de outros recortes, contemplem essas mulheres que se mantiveram afastadas da LSLB, mesmo com todo o esforço da liderança da Liga de abranger o maior número de filiadas. Assim, quando falamos em "mulheres luteranas" não há a presunção

de que essa referência abrangesse todas as mulheres que faziam parte do corpo de membros da IELB, tampouco acreditamos que a LSLB fosse uma instituição que representava todas as mulheres da igreja. É preciso que isso fique bem claro!

Sendo assim, esta tese pretende contribuir com os debates empreendidos em uma área que tem ganhado grande destaque nas últimas décadas: a relação entre gênero, poder e religião. Analisamos em que medida a atuação da LSLB contribuiu para reforçar ou alterar modelos e estereótipos atribuídos às mulheres nessa Igreja. Para tanto, primeiramente estabelecemos como fundamental compreender as relações de gênero no protestantismo, a fim de percebermos como as mulheres inseridas nesse ramo do cristianismo contestaram ou aceitaram os papéis sociais estabelecidos pelas igrejas que utilizavam a natureza feminina como justificativa para sua invisibilidade. A partir dessa compreensão, buscamos as ações das mulheres luteranas, organizadas na LSLB, e suas atitudes diante das diferentes funções e papéis atribuídos a homens e mulheres na Igreja Luterana, bem como se conseguiram questionar aspectos relacionados a esses lugares.

A escolha da LSLB, como objeto de pesquisa, justifica-se por vários motivos. Sabemos que embora a superioridade numérica das mulheres nas igrejas seja uma realidade, isso não corresponde a igual participação do público feminino nas instâncias decisórias mais importantes das igrejas. A tradição cristã sempre representou as mulheres como submissas aos homens, reforçando relações de gênero desiguais, o que resultou em espaços bem delimitados dentro das igrejas.

Inseridas em instituições patriarcais e reprodutoras de diferenças, as mulheres introjetaram esses discursos que apontam a diferenças entre os sexos como natural e suas ações dentro das igrejas, em muitos casos, ocorrem mediadas por esses discursos. Aí reside a necessidade de questionar em que medida esses espaços de atuação das mulheres dentro das igrejas contribuem para uma tomada de consciência, pelas próprias mulheres, sobre as desigualdades existentes no campo religioso ou são espaços destinados apenas à reprodução das diferenças, com as próprias mulheres defendendo os discursos masculinos de uma identidade feminina baseada na ordem da criação.

No protestantismo, marcadamente dominado pelo masculino, sociedades e grupos missionários protestantes foram fundados após 1870. Sociedades, que antes eram controladas somente por homens, introduziram o elemento feminino, o que passou a alterar o paradigma de gênero nelas presente. Desse modo, as Sociedades Missionárias Femininas tornaram-se realidade a partir da segunda metade do século XIX, momento em que as mulheres missionárias

passaram a compor o universo das missões protestantes, ocupando e desempenhando diferentes posições e trabalhos.⁵

No protestantismo que chegou ao Brasil no século XIX, as missionárias e esposas de missionários foram as pioneiras na fundação de sociedades de senhoras protestantes. Impedidas de acessar os espaços de poder na hierarquia das Igrejas, às mulheres, foram reservados lugares que reforçavam as habilidades tipicamente femininas, pois prevalecia junto aos protestantes a certeza de que “mulheres com boa educação religiosa seriam mais aptas para o lar, para as escolas, para os trabalhos assistenciais e para o missionarismo”.⁶ A partir disso, formaram-se nas igrejas protestantes grande número de organizações femininas. No Brasil podemos destacar algumas que se organizaram, efetivamente ao longo do século XX: Sociedades Auxiliadoras Femininas da Igreja Presbiteriana do Brasil (SAFs); a União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB); a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), da Igreja Evangélica de Confissão Luterana; Mulheres em Ação, da Igreja Cristã Evangélica do Brasil; Grupo Missionário de Mulheres, da Igreja do Evangelho Quadrangular (GMM); União Feminina da Assembleia de Deus (UFAD), da Igreja Assembleia de Deus Missões; Ordem Auxiliadora de Senhoras Congregacionais (OASC), da Igreja Evangélica Congregacional do Brasil; União de Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil (UMEAB).

Assim sendo, poucos estudos voltaram-se para essas organizações femininas que se formaram no protestantismo brasileiro desde sua chegada ao Brasil, em meados do século XIX. Dessas organizações femininas sabemos muito pouco, um profundo silêncio recai sobre elas. O trabalho ativo e majoritário no campo religioso não corresponde ao igual acesso dessas mulheres aos mecanismos de decisão e poder, sempre ocupados por homens. Essas mulheres acolhem as mensagens, doutrinas e propostas das igrejas, mas em algum momento interpretam essas mensagens a sua maneira.⁷

É necessário compreendermos que, embora pertencentes ao protestantismo, um dos principais ramos do cristianismo, essas organizações femininas que se formaram nas diferentes igrejas protestantes têm suas especificidades. Como dito anteriormente, a forma como essas mulheres assimilaram as mensagens e doutrinas das igrejas a que estavam vinculadas foram diferentes. Tratá-las como um bloco homogêneo é desconsiderar essas singularidades e a forma como diferentes igrejas delimitaram as relações de gênero e poderem suas hierarquias. Portanto,

⁵SILVA, E. M da. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”.

⁶SILVA, E. M da. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”, p. 108.

⁷ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*.

estudá-las, considerando suas particularidades, permite-nos compreender as estratégias e consentimentos utilizados por essas “sociedades femininas” no intuito de romper as fronteiras entre o público e o privado, modificando ou reproduzindo relações de gênero desiguais.

A partir dessas considerações, algumas questões foram levantadas para verificar os impactos nos papéis e funções atribuídos a homens e mulheres, na hierarquia da Igreja Luterana, com a criação e atuação da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Levantamos as seguintes hipóteses: as relações de gênero na Igreja Evangélica Luterana do Brasil sofreram modificações após a criação da Liga de Senhoras Luteranas? A atuação da Liga possibilitou às mulheres luteranas maior visibilidade na Igreja? A participação na Liga despertou nessas mulheres novas maneiras de agir e interpretar a doutrina da Igreja? O que passaram a questionar? Houve contestação dos papéis tradicionais atribuídos às mulheres de mãe, esposa e dona de casa? A LSLB pode ser considerada um espaço que promoveu mudanças, rupturas ou continuidades na forma como as mulheres luteranas percebiam seus papéis na hierarquia da igreja? Em que medida podemos considerar de fato a Liga uma organização de mulheres feita para as mulheres luteranas?

A religião é reconhecidamente um espaço de ocultamento das mulheres. A ocupação dos espaços públicos e privados nas igrejas ainda é definida com base nas hierarquias de gênero, com as mulheres desempenhando, na maioria das vezes, a função de auxiliares dos homens, em papéis tidos como “naturalmente” femininos. A Igreja Luterana compreendia como um espaço tipicamente feminino o ambiente doméstico, do lar e as funções desempenhadas pelas mulheres na igreja deveriam ser uma extensão desses papéis. Assim, a igreja luterana compreendia que tudo o que estivesse relacionado ao público e com a palavra era naturalmente atribuído aos homens. Ao tratar da presença das mulheres no espaço público, Michelle Perrot ressalta que nele homens e mulheres situam-se nas duas extremidades de uma “escala de valores”, estão sempre em situação de oposição. Essa contradição, segundo Perrot, estabelece uma diferença para homens e mulheres no que tange à sua presença no espaço público: “o homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria”.⁸ Esses discursos tornam o lugar das mulheres no espaço público problemático, afinal “a mulher incomoda e ameaça, Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo”.⁹

⁸PERROT, M. *Mulheres públicas*, p. 7.

⁹PERROT, M. *Mulheres públicas*, p. 7.

No caso das mulheres luteranas questionamos em que medida a criação da LSLB possibilitou a essas mulheres transitarem por espaços públicos e se essa ocupação de lugares negados a elas anteriormente fez com que refletissem de alguma maneira nas proibições impostas pela igreja. Nossa hipótese é a de que a Liga das Senhoras Luteranas representou muito mais um espaço de reprodução dos discursos misóginos e patriarcais da IELB, que utilizavam a Bíblia como fundamentação, do que um espaço de contestação do poder masculino e de críticas à desigual distribuição de papéis na hierarquia da igreja baseada nas diferenças entre os sexos. Inseridas em um ideário religioso que atribuía às mulheres a maternidade e o casamento como destino imutável, todas as ações dessas mulheres dentro da LSLB foram mediadas a partir da condição de “servas” que assumiram e defenderam. Com um comportamento perpassado por discursos masculinos de controle, as conquistas dessas mulheres pouco contribuíram para o questionamento de seus papéis, pois ocorriam dentro daquilo que a doutrina da igreja permitia a elas. O ideal de “servir” é para essas mulheres a função primeira da mulher: servir aos esposos, servir aos pastores, servir à igreja, servir à Liga. Com essa visão, a Liga converteu-se em um espaço de servir à Igreja, nos projetos e obras assistências assumidos em terras brasileiras pela IELB.

A ação feminina é silenciada por diferenças de gênero culturalmente adquiridas, impostas e reproduzidas por meio de diversos discursos, dentre os quais, o religioso. Esses determinismos biológicos levam à reprodução da “ditadura de gênero para os dois sexos, que, infalivelmente, leva à hierarquia do masculino sobre o feminino, em uma escala axiológica culturalmente edificada, cujas atividades masculinas são consideradas de primeira ordem, e as femininas de segundo escalão”.¹⁰ Essas concepções são responsáveis por definir a ação das mulheres e homens nos espaços públicos e privados e, conseqüentemente, também moldam as instâncias do poder.

No caso da religião e seus discursos sobre as mulheres é importante considerar e questionar, conforme aponta Joan Scott, os interesses ocultos por parte daqueles que controlam e contestam os significados. Conforme a autora, é preciso também questionar a natureza e a origem desses interesses: “Há duas maneiras de responder essas questões. Uma, em termos de um interesse objetivamente determinado, absoluto e universal (dominação sexual ou econômica, por exemplo); outra, em termos de um conceito de interesse discursivamente produzido, relativo e contextualizado”.¹¹

¹⁰ALMEIDA, J. S. de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*, p. 62.

¹¹ SCOTT, J. W. *Prefácio a gender and politics of history*, p. 17.

Devemos ressaltar que em fins dos anos de 1990 a liga alterou o nome de Liga de Senhoras Luteranas do Brasil para Liga de Servas Luteranas do Brasil, porém ao longo do trabalho, optamos por referir à Liga com a nomenclatura que utilizava o termo senhoras por entendermos que, grande parte da trajetória dessa organização que iremos abordar, esse foi o termo utilizado.

O recorte temporal desta tese tem como marco inicial 1957, ano em que a LSLB foi oficialmente fundada como mais um órgão auxiliar da Igreja Luterana, formado por membros leigos. Isso não significa que não buscaremos analisar alguns antecedentes históricos que são de suma importância na compreensão dos elementos que influenciaram na criação dessa Liga de mulheres, especialmente, por se tratar de uma igreja com forte ligação com o Sínodo de Missouri, nos Estados Unidos, instituição em que já existia uma liga de mulheres desde 1942. O mesmo deve ser dito sobre a delimitação final deste trabalho. Entendemos que um recorte que não considerasse os caminhos percorridos pelas mulheres luteranas no século XXI iria, invariavelmente, comprometer a análise a que nos propomos, ou seja, deixaríamos de analisar um processo histórico que tem importantes desdobramentos nos quinze primeiros anos do novo milênio. Embora a delimitação cronológica fique bastante distendida, acreditamos que a opção por um recorte mais abrangente permitirá um olhar mais completo sobre a trajetória da LSLB, especialmente, por ser este estudo o primeiro a empreender uma análise histórica sobre essa organização de mulheres protestantes na perspectiva das relações gênero.

Por meio dessa delimitação temporal, conseguiremos problematizar importantes aspectos históricos dessa organização de mulheres luteranas, trazendo à luz momentos relevantes para compreendermos as relações de gênero na IELB. Destacaremos, por exemplo, um fato que teve grande repercussão dentro da Igreja e que de maneira indireta teve reflexos na LSLB que foram os debates ocorridos a partir de meados de 1970 questionando a participação das mulheres luteranas em cargos públicos e nas assembleias da igreja como membros votantes. Embora a igreja contasse com uma organização de mulheres, que deveria representar os interesses femininos, esses debates não foram suscitados por elas, mas sim pelos homens, representados na figura dos pastores. Conforme veremos, a emergência desses debates foi reflexo do contexto histórico em que se vivia naquele momento, marcado por inúmeros movimentos contestatórios, como era o caso do movimento feminista. Sabemos que houve impactos do movimento feminista na religião, e no caso da IELB não foi diferente, discutia-se para manter a “ordem natural” das coisas.

Fabíola Rodhen¹² considera que diante do desenvolvimento do movimento feminista, tanto a Igreja Católica quanto as Igrejas Protestantes viram diferentes formas de reivindicação do público feminino em busca de “lugares” nas Igrejas que eram reservados aos homens, uma questão que exigiu um enfrentamento adequado da questão por ambas as tradições religiosas. De acordo com Rodhen, a pressão das mudanças culturais surgidas na década de 1960, que englobou as reivindicações feministas, pode ser considerada uma fonte de questionamentos sem precedentes, uma vez que permitiu, inclusive, o surgimento de questionamentos vindos diretamente da Igreja, do corpo de seus fiéis e pensadores. Diante dessa realidade não devemos desconsiderar a hipótese de que, mesmo indiretamente, elementos do pensamento feminista tenham tido alguma forma de ressonância na Igreja Luterana.

Já a década de 1990 também foi muito emblemática para a história da Liga das Servas Luteranas, uma vez que, após vivenciar significativas mudanças sociais que atingiram homens e mulheres e acompanhar os acalorados debates da Igreja sobre essas questões, ao final da década de 1990, buscou fazer um detido exercício introspectivo de análise. Em 1997, por exemplo, a Liga comemorou quarenta anos de atividades e com o limiar do terceiro milênio, passou a questionar o que haviam conquistado até ali e como as mulheres luteranas estavam se preparando para o século XXI. Para tanto, lançou o seguinte debate: “a mulher luterana se prepara para a virada do milênio: como foi o nosso comportamento cristão na família, na igreja e perante a sociedade?”¹³ Desse modo, “a mulher luterana cristã”, a partir das experiências acumuladas em quarenta anos de atividades da Liga, deveria vencer alguns desafios que ainda se apresentavam para ela no novo milênio. Destacamos alguns:

1 - Enquanto a família está tomando um rumo de separação e descomprometimento, que proposta e ação ela tomará em favor da família? A composição, união, formação e conservação da família ainda é importante? Deve-se investir na família? Como investir em uma família saudável, informada e cristã diante de uma sociedade tão pluralista?

2 - Como se habilitar profissionalmente para competir com o mercado de trabalho e não se descuidar de suas múltiplas funções e da essência da comunhão com seu Salvador?

3 - Surgiu um questionamento forte no último congresso e se repetirá no próximo a respeito da administração nacional da LSLB: Sedar a administração e a diretoria na região sul?¹⁴

¹²ROHDEN, F. *Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente*, 1997.

¹³*Servas do Senhor*. 4º trimestre de 1999. Concórdia Editora, Porto Alegre, p. 06.

¹⁴*Servas do Senhor*. 4º trimestre de 1999. Concórdia Editora, Porto Alegre, p. 06.

Com a entrada do século XXI, esses desafios somaram-se aos questionamentos sobre quem eram as “mulheres cristãs e modernas” do novo século. Mesmo após vivenciar um contexto de profundas mudanças nas relações estabelecidas entre homens e mulheres, a Liga mantinha-se firme na defesa da “ordem”. Na primeira década do novo século, a revista *Servas do Senhor*, impresso oficial da LSLB, veiculava em seus artigos mensagens definindo o perfil da “mulher moderna do novo milênio”,

Mas quem é a mulher moderna? Como podemos definir se uma mulher é moderna ou não? Seria pelo seu estudo? Por sua atuação na sociedade? Ou na política? Por ser empresária, profissional liberal ou funcionária pública? Por trabalhar fora? [...] Talvez possamos dizer que mulher moderna é aquela que não se conforma com este século, mas que procura transformar-se pela renovação de sua mente e melhorar o mundo em que vive por suas ações e atitudes (Rm12.2); que busca, em tudo o que faz, servir ao seu Deus e Senhor; que auxilia o seu irmão; que cria os seus filhos ‘na doutrina e admoestação do Senhor’.¹⁵

O artigo prosseguia apontando aquilo que era considerado ser uma mulher “moderna”, pelas mulheres luteranas, ou seja, permanecer firme dentro da doutrina da igreja, mesmo diante das novas realidades impostas às mulheres. A mulher luterana moderna era aquela que longe de participar de movimentos “desagregadores”, deveria manter-se fiel à doutrina da igreja assumindo o papel de mãe orientadora, bem como, o de mulher capaz, corajosa e trabalhadora no lar, na Igreja e na sociedade. Nesse sentido, independente de ser “moderna”¹⁶ ou não, a visão defendida era a de que, mesmo diante dos novos desafios e novas realidades impostas às mulheres, as tarefas de servir, auxiliar e cuidar deveriam se sobrepôr às demais, vinculadas que estavam à predisposição natural das mulheres para essas funções. Isso demonstra que as discussões sobre o papel da mulher na Igreja, surgidas nos anos de 1970, merecem ser problematizadas, pois evidenciam um avanço muito pequeno e uma resistência muito grande

¹⁵*Servas do senhor*, 3º trimestre de 2009. Concórdia Editora, Porto Alegre, p. 2.

¹⁶É importante considerar, de acordo com Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, que falar em modernidade é “pisar em um terreno de contradições”. Para os autores, “a ideia de modernidade surge, segundo Jacques Le Goff, *quando há um sentimento de ruptura com o passado*. (...) Nesse sentido, a Era Moderna é de fato moderna, ao menos para os que nela viveram. Mas não se pode esquecer que o termo modernidade (*modernitas*) propriamente dito já aparece no século XII, referindo-se aos últimos cem anos então vividos e ainda presentes na memória dos contemporâneos. Apesar disso, modernidade é um conceito histórico que difere do sentido original da palavra e surgido com o Iluminismo, tendo seu ápice nos séculos XIX e XX. (...) Falar em modernidade é pisar em um terreno de contradições, pois esse conceito é muitas vezes posto em oposição ao de tradição, que pode ser considerada de um ponto de vista saudosista ou como algo retrógrado. Por um lado, em determinadas circunstâncias, o discurso modernizador, em particular em sua vertente da *eficácia*, do progresso, torna-se apenas uma ilusão para muitas pessoas, ou aparece como algo destrutivo e opressor (o progresso técnico pode ser antiecológico e promover a desigualdade social). Mas, por outro, a tradição também pode conter elementos muito conservadores das relações de dominação entre pais e filhos, homens e mulheres, grupos dominantes e dominados etc., enquanto a modernidade, em sua vertente da *autonomia*, propõe a igualdade e a liberdade (SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*, p. 297-300.).

da Igreja Luterana em permitir a entrada das mulheres nos espaços públicos da Igreja. Tendo a Bíblia como referencial máximo, a religião mostra-se um dos mais importantes bastiões de inferiorização das mulheres, ao reproduzir discursos masculinos *sobre* elas e *para* elas.¹⁷

Rose Muraro, ao analisar a história das mulheres no interior da história humana em geral e ao observar de que forma algumas narrativas contribuíram para delimitar espaços femininos e masculinos, diz que a partir do estabelecimento das sociedades patriarcais, a mulher ficou reduzida ao âmbito doméstico e, em virtude disso, perdeu qualquer capacidade de decisão no domínio público, que passou a ser reservado exclusivamente ao homem. Para a autora, “a dicotomia entre privado e o público torna-se, então, a origem da dependência econômica da mulher, e esta dependência, por sua vez, gera no decorrer das gerações, uma submissão psicológica que dura até hoje”¹⁸. Essa configuração se propaga ao longo dos tempos e de “matricêntrica” a cultura humana passa, então, a ser “patriarcal”.

Esta tese baseia-se metodologicamente nos estudos de importantes pesquisadores (as) que se preocuparam com questões relacionadas à história das mulheres, religião e com as relações de gênero, como Michelle Perrot, Jon Scott, Natalie Zemon Davis, além do diálogo com importantes autoras brasileiras que desenvolveram pesquisas sobre esse tema como Margareth Rago, Maria José Rosado Nunes, Rachel Soihet, Helleieth Saffioti, Joana Maria Pedro, Cristina Bruschini, entre outras.

Para tematizar as relações de gênero, utilizamos a definição de Joan Scott, para quem o gênero deveria ser empregado para pensar as relações sociais entre os sexos, uma vez que a informação a respeito das mulheres demanda, necessariamente, informação sobre os homens. A autora afirma que o “núcleo essencial” de sua definição está baseado na “conexão integral” entre duas proposições: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”¹⁹. Ademais, ao rejeitar as explicações biológicas, se tornaria uma maneira de indicar as “construções sociais” entre homens e mulheres. Conforme Scott,

Sem dúvida os próprios historiadores das mulheres acharam difícil inscrever as mulheres na história e a tarefa de reescrever a história exigia reconceituações que eles não estavam inicialmente preparados ou treinados para realizar. Era necessário um modo de pensar sobre a diferença e como sua construção definiria as relações entre os indivíduos e os grupos. Gênero foi o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual (...) as feministas escolheram enfatizar as conotações sociais de gênero em

¹⁷ROSADO NUNES, M. J. *Gênero, saber, poder e religião*, p. 92.

¹⁸MURARO, R. M. *Breve Introdução Histórica*, p. 8.

¹⁹SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria de análise histórica*, p. 14.

contraste com as conotações físicas de sexo. Também enfatizaram o aspecto relacionado do gênero: não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres.²⁰

Por meio dessa categoria é possível analisar a situação feminina a partir da relação estabelecida entre homens e mulheres, observando o quanto essa relação é moldada por construções sociais perpassadas por hierarquia e poder. O gênero permite compreendermos que homens e mulheres são diferentes, entretanto, isso não deve justificar a desigualdade criada na história que gerou hierarquizações por gênero, classe e raça. Para Elizabete Bicalho, “no debate de gênero não se ocultam as diferenças, mas as reconhecemos na história, aprimorando a possibilidade de um questionar que leve às transformações necessárias na construção de um mundo de igualdade”.²¹

A categoria gênero contesta a universalidade do feminino, afinal as relações de gênero sofrem variações de acordo com as culturas, a religião, classes sociais, raças e contextos históricos, que se relacionam e atuam nos domínios do cotidiano. O gênero também envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social.²²

Essa categoria contribui grandemente para evitar o binômio dominação/subordinação quando tratamos da relação entre homens e mulheres, pois a atuação feminina nas relações de poder torna-se visível. Vejamos:

Na história, a partir da perspectiva de gênero, a mulher se apresenta não apenas como um sujeito pacífico, sua rebeldia é apresentada na sua visão de sujeito histórico. A incorporação da dominação por parte das mulheres pode também ser analisada pela não-exclusão de variantes e manipulações por parte de sua figura de dominada; se veste na figura de dominada como recurso para subverter a relação de dominação. O silêncio feminino tem sido explicado como um recurso para ferir e subverter a opressão em suas relações de poder.²³

No caso dos estudos que buscam analisar a condição feminina na religião, a incorporação da categoria gênero também pode ser útil, haja vista que permite visualizar e compreender a história invisível e silenciada das mulheres nas religiões e suas relações com

²⁰SCOTT, J. W. *História das Mulheres*, p. 86-87.

²¹BICALHO, E. *Correntes feministas e abordagens de gênero*, p. 48.

²²SORJ, B. *O feminismo na encruzilhada da modernidade*, p. 16.

²³BICALHO, E. *Correntes feministas e abordagens de gênero*, p. 48.

todas as formas de estruturação do poder.²⁴ Todavia, o silêncio também é carregado de sentido e incorpora os recursos dos dominados para subverter a dominação.

Sendo assim, corroboramos com Michelle Perrot, quando a autora adverte que é interessante sublinhar que as mulheres não ficaram restritas aos espaços de sociabilidades tidos como “essencialmente femininos” e ao tratar da presença feminina no espaço público. Perrot ressalta que muitas foram as mulheres que estiveram presentes nas tribunas para ver e escutar seus “grandes homens”, constituindo “auditórios, às vezes, cativos na igreja, por exemplo, mas cuja avidez se manifestava pela afluência e pela atenção. Assim, a presença tornava visível no espaço público a existência cultural das mulheres, ainda que muda”²⁵.

Ao tratar das “mulheres públicas”, Michelle Perrot observa que três foram os espaços que limitaram a presença e atuação das mulheres: o militar, o religioso e o político. Na visão de Michelle Perrot²⁶, esses três espaços do mesmo modo como as três ordens da Idade Média, constituem três “santuários” que fogem às mulheres, são núcleos de poder, centros de decisão, real ou ilusória, constituem símbolos da diferença entre os sexos. A autora, ao ser indagada sobre a resistência do meio religioso às mulheres, assim como tantas outras autoras que se debruçam sobre a conflituosa e paradoxal relação das mulheres com as religiões, avalia que as raízes dessa resistência são antigas, sobretudo nas grandes religiões monoteístas,

O judaísmo, o cristianismo e o islã assumem em sua simbólica e em seus dogmas a desigualdade dos sexos, ‘valência diferencial dos sexos’ (...) sendo o masculino o pólo positivo superior. Deus não tem sexo, mas é pensado como sendo do gênero masculino. E, no *Gênesis* cria o homem primeiro, a mulher depois e para ele. O que não impede o cristianismo de ter sido libertador para as mulheres, às quais era reconhecida uma alma²⁷.

Sobre a produção de discursos oficiais pelas igrejas Rosado Nunes argumenta que,

No caso da instituição eclesial, o homem é não só o único detentor do poder sagrado de estabelecer a mediação entre as pessoas humanas e a divindade, pelo sacerdócio ministerial, ele detém ainda, com exclusividade, o poder de elaborar o discurso oficial da instituição, pelo qual se estabelecem “padrões de normalidade” tipificadores do que é considerado “feminino” e do que é “masculino”.²⁸

²⁴BIDEGAIN, A. M. *Gênero como Categoria de Análise na História das Religiões*. p.28.

²⁵PERROT, M. *Mulheres públicas*, p. 65.

²⁶PERROT, M. *Mulheres públicas*, p. 117.

²⁷PERROT, M. *Mulheres públicas*, p. 138.

²⁸ROSADO NUNES, M. J. *Gênero, saber, poder e religião*, p. 92..

Exercendo a função de “mecanismo de controle”, esses discursos²⁹ são reforçados pela suposta existência de uma natureza feminina, onde qualquer afastamento é tido como transgressor e fora dos padrões divinamente estabelecidos. Desse modo, a religião e seus discursos contribuem para “naturalizar” a divisão de tarefas e colocar as mulheres como “naturalmente” predispostas ao privado. Conforme aponta Tânia Sampaio, “os estudos mediados pela categoria de gênero evidenciam os processos normativos de construção do saber, visando a des-naturalização de processos que são socialmente construídos e análise das relações sociais de poder”.³⁰

A categoria poder será utilizada a partir dos estudos desenvolvidos por Michel Foucault. Nesse sentido, concordamos que a produção do saber e o exercício do poder estão diretamente relacionados e contribuem grandemente para a exclusão das mulheres, conforme assevera Maria José Rosado Nunes. Segundo a autora, “a constituição do saber como espaço masculino por excelência, articula-se com a questão da exclusão feminina do poder na sociedade em geral, e nas igrejas, em particular.”³¹ As relações de poder entre homens e mulheres na Igreja Luterana ocorreram dentro dessa lógica, uma vez que os discursos produzidos por eles impunham às mulheres padrões morais de comportamento, que elas assimilavam como verdadeiros e imutáveis.

Margareth Rago ao analisar a contribuição de Foucault para a historiografia observa que o autor ao lançar críticas à concepção jurídica de poder, pretendeu mostrar a dimensão imaginária do poder, além de desarticular concepções sobre o fato de o poder ser negativo e estar localizado em um ponto fixo. Segundo a autora:

Foucault questiona uma representação essencialmente jurídica do poder, considerando como “coisa”, mostrando suas limitações para se pensar a dominação na sociedade moderna [...] Trata-se, pois, de percebê-lo em sua dimensão relacional e em suas inúmeras formas de manifestação estratégica, nos vários momentos da vida social. Contra o mito libertário da “sociedade sem Estado”, Foucault revela que somos todos capturados por uma imensa rede de relações.³²

²⁹Compartilhamos do conceito explicitado por Michel Foucault, para quem “a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade [...] O discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar [...] Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, p. 39).

³⁰SAMPAIO, T. M. V. *Horizontes em discussão na arte de fazer teologia*, p. 196.

³¹ROSADO NUNES, M. J. *Gênero, saber, poder e religião*, p. 92.

³²RAGO, L. M. *As marcas da pantera: Michael Foucault na historiografia brasileira contemporânea*, p. 23.

Foucault entende por poder não um conjunto de instituições e aparelhos cuja função é assegurar a sujeição dos cidadãos em um Estado determinado, mas sim uma multiplicidade de correlações de forças próprias do domínio em que se exercem e constitutivas de sua organização, jogo de lutas, afrontamento e estratégias, bem como as cadeias ou sistemas formados por essas correlações de forças. O autor ainda fala da “onipresença do poder”, por não se encontrar localizado em um ponto fixo, mas por ser produzido a cada instante, em todos os pontos, na relação estabelecida e existente entre esses pontos. Segundo Foucault,

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E o “poder”, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.³³

Em suas análises sobre o poder, Foucault chegou a importantes considerações, que muito contribuirão para pensar algumas questões que levantamos neste trabalho sobre a maneira como se estabelecem as relações de poder entre homens e mulheres na Igreja Luterana, principalmente, quando discute as manifestações estratégicas do poder e também quando aponta o poder como a manifestação prática do saber. De acordo com o autor as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimento, relações sexuais), mas lhe são imanentes; o poder vem de baixo, as correlações de forças múltiplas que formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessa, o conjunto do corpo social; as relações de poder são intencionais e subjetivas, não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos; poder e resistência estão intimamente relacionados, “da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais.”³⁴

Quando se fala em poder, Foucault analisa que há uma “correlação de forças” em que as relações de poder encontram-se inseridas e os saberes são produzidos. Foucault contribui com a história das mulheres ao dizer que a grande questão não é saber o que dizer ao sexo, mas

³³FOUCAULT, M. *História da sexualidade*: a vontade de saber, p. 89.

³⁴FOUCAULT, M. *História da sexualidade*: a vontade de saber, p. 92.

considerar o que se fala de sexo, observando quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que produzem esses discursos, que armazenam e difundem o que dele se diz, ou seja, o “fato discursivo”, a “colocação do sexo em discurso”.³⁵ De acordo com o autor deve-se olhar para as entrelinhas do discurso, pois é aí que reside a articulação entre poder e saber. Em sua história da sexualidade, Foucault argumenta que pretende buscar as instâncias da produção discursiva, de produção de poder e das produções de saber, revelando a história dessas instâncias e suas transformações.

As análises de Foucault sobre a interação saber-poder permitirá compreendermos como o discurso religioso é produzido a partir de determinadas estruturas de poder que possibilitam sua legitimação por meio de um saber instituído como verdade imutável. É justamente essa relação entre saber-poder que constrói representações sociais e lugares determinados a respeito dos homens e das mulheres. Vejamos:

A interação entre produção do conhecimento e controle social faz com que, de uma parte, haja um saber que sustente e justifique ideologicamente um poder. De outra parte, esse mesmo poder engendra as condições de elaboração de um poder que o legitima. Instaurar um novo discurso, um discurso outro, significa insurgir-se contra esse círculo autoritário, rebelar-se contra a fala “competente” e “verdadeira”.³⁶

Assim, percebemos que o exercício do poder é permeado por intenções e estratégias e atua diretamente na produção e utilização do saber. No caso da religião, os discursos³⁷ masculinos atuam como produtores de verdades sobre a condição das mulheres, estabelecendo e determinando as relações de gênero e poder dentro das igrejas.

Às análises sobre as relações de poder entre homens e mulheres devemos acrescentar também análises sobre as relações de poder existentes entre as próprias mulheres luteranas no interior da própria Liga de Servas. Partindo da existência de uma “multiplicidade de correlações de forças” que formam “cadeias” ou “sistemas”, voltaremos o olhar para as relações de poder que ocorriam entre mulheres e mulheres, compreendendo assim o que Foucault chamou de

³⁵FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*, p. 16

³⁶ROSADO NUNES, M. J. *Gênero, saber, poder e religião*, p. 93.

³⁷ Em sua definição, Foucault, chama de discurso o “conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicações do tempo” (FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*, p. 135-136.).

“microfísica do poder”. Sabemos que a Liga não era uma organização homogênea e que com o passar dos anos diferenças internas ficaram evidentes. A principal questão que contrariava as filiadas era a localização da sede administrativa da Liga na região Sul do país, no estado do Rio Grande do Sul. De acordo com essas mulheres das outras regiões do país, em determinados momentos não se sentiam pertencentes à Liga, devido à identificação da LSLB com a região Sul, o que descontentava as filiadas do Norte do país, principalmente. Vale lembrar que a necessidade de superar o problema do forte caráter sulista da Liga, foi um dos desafios apresentados às luteranas para o novo milênio, evidenciando que a própria LSLB sentia a necessidade de esclarecer melhor a questão daquelas filiadas que ficavam “às margens” dessa organização.

Nesse sentido, as sugestões de Susan Bordo para que os estudos feministas se apropriassem dos conceitos de Foucault são muito válidas, na medida em que a autora observa que:

Para segui-los temos primeiro que abandonar a ideia de que o poder é algo possuído por um grupo e dirigido contra outro e pensar, em vez disso, na rede de práticas, instituições e tecnologias que sustentam posições de dominância e subordinação dentro de um âmbito particular. Em segundo lugar, necessitamos de uma análise adequada para descrever um poder cujos mecanismos centrais não são repressivos, mas constitutivos [...] Em terceiro lugar, precisamos de um discurso que nos possibilite detectar a "recuperação" da rebeldia potencial, um discurso que, enquanto insiste na necessidade da análise "objetiva" das relações de poder, da hierarquia social, do recuo político etc, nos permita, não obstante, confrontar os mecanismos pelos quais o sujeito se torna às vezes enredado, conivente com forças que sustentam sua própria opressão.³⁸

Assim, por meio do conceito de saber-poder, pretendemos mostrar as redes de práticas que sustentavam as posições de dominação e de subordinação dentro da Igreja Luterana. Sabemos que os discursos oficiais são produzidos por quem detém o poder, no caso, os homens. Quando mencionamos a relação entre mulheres e religião, verificamos que ao longo da história as mulheres sempre estiveram distantes da produção do saber e do acesso às instâncias de poder. Conforme explica Rosado Nunes, é dessa maneira que “o saber tradicional torna-se um saber contra a mulher, um tipo de conhecimento justificador da subordinação feminina e, em consequência, da ‘autoridade’ masculina”.³⁹

Para pensar as questões da dominação masculina e violência simbólica, nesta pesquisa, utilizamos as reflexões de Pierre Bourdieu. O autor compreende a dominação masculina como

³⁸BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A. M; BORDO, S. R. *Gênero, corpo e conhecimento*, p. 21-22.

³⁹ROSADO NUNES, M. J. *Gênero, saber, poder e religião*, p. 94.

uma estrutura invariável, incorporada por ambos os sexos, porém que apresenta diferenças significativas diante do poder que se constitui como masculino.⁴⁰ Para Bourdieu, a dominação masculina é resultante da violência simbólica, que se mostra insensível e invisível às próprias vítimas, e que se faz existir por meio de princípios simbólicos que são do conhecimento tanto dos dominantes quanto dos dominados. A relação da dominação exerce-se por meio da violência simbólica que impõe princípios de visão e de divisão que serão incorporados, naturalizados e aplicados às mulheres, principalmente, ao corpo feminino.⁴¹

O autor pensa a dominação masculina a partir de uma análise da sociedade Cabila, uma vez que essa sociedade apresentava “uma cosmogonia-em-ação-masculina que revela aspectos da tradição cultural européia e euro-americana. O estudo etnológico da sociedade em questão – suas práticas rituais e mitos – aponta dados que estão bastante próximos a concepções encontradas na civilização mediterrânea, e que se apresentam de formas semelhantes em diversas sociedades”.⁴²

Segundo Bourdieu, a divisão das coisas e das atividades a partir da oposição entre o masculino e o feminino sustenta-se a partir da necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas. Essas oposições, de aplicação universal naturalizam um sistema de diferenças que acaba por colocar a divisão entre os sexos na “ordem das coisas”: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e no *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.⁴³

Compreender o processo histórico que institui a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, legitimando a relação de dominação é importante por demonstrar que a organização simbólica da ordem natural e social é uma “construção arbitrária do biológico.” Essa construção simbólica das diferenças entre os sexos, segundo Bourdieu, “legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que, por sua vez, é ela própria uma construção social naturalizada”.⁴⁴

⁴⁰SAYÃO, D. T. *Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu*, p. 127.

⁴¹BOURDIEU, P. *História das mulheres*, p. 58.

⁴²SAYÃO, D. T. *Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu*, p. 130-131.

⁴³BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, p. 17.

⁴⁴BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, p. 33.

Nesse sentido, a dominação masculina perpetua-se, concedendo aos homens a primazia nas estruturas sociais. Essa representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social acaba por ser tida como um senso prático, “dóxico”, sobre o sentido das práticas. Isso leva a uma adesão dos próprios dominados à divisão entre os sexos. As próprias mulheres aplicam à realidade em que estão inseridas esquemas de pensamento que são produtos da incorporação dessas relações de poder assimétricas e que se manifestam na oposição simbólica entre homens e mulheres. Conforme Bourdieu, “seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que “faz”, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre”.⁴⁵

As estruturas de dominação, segundo Bourdieu, resultam de um trabalho incessante e histórico de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos por meio de violência física e violência simbólica, como é o caso de instituições como a família, Igreja, escola, Estado. Nesse processo, os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, vistas como naturais.

Sendo assim, consideramos importante discutir a questão do consentimento, pois no caso da religião as próprias mulheres assumem e reproduzem o discurso masculino que as coloca como submissas, cujas ações são limitadas pela estrutura religiosa da qual fazem parte. De acordo com Geneviève Fraisse, o consentimento nunca é um ato solitário, pois implica uma relação mútua, além de poder ser obtido por meio da coação, poder ser o resultado de uma relação de força, implícita ou explícita. Conforme a autora, “consentir, acto íntimo y singular, es siempre una relación entre seres. Esta definición subraya el movimiento del consentimiento, movimiento hacia una proposición exterior a sí mismo, proposición a la que el sujeto adhiere”.⁴⁶

Fraisse ainda argumenta que o consentimento pode ser livre ou forçado. Oscila entre a liberdade para casar-se, para divorciar-se, para escolher a sexualidade, para vender-se e a obrigação de casar-se, de prostituir-se, entre outros. Homens e mulheres diferem historicamente quanto ao consentimento, dado que, “el hombre que consiente parece decidir, declarar; y la mujer consintiente escoge, pero en un espacio de dependencia hacia una autoridad”.⁴⁷

⁴⁵BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, p. 45.

⁴⁶ FRAISSE, G. *Del consentimiento*, p. 19. Tradução: “Consentir, ato íntimo e singular, é sempre uma relação entre seres. Esta definição enfatiza o movimento do consentimento, o movimento em direção a uma proposta em si exterior, proposição a que o sujeito adere”.

⁴⁷FRAISSE, G. *Del consentimiento*, p. 26. Tradução: “O homem que consente parece decidir, declarar; e a mulher que consente escolhe, mas em um espaço de dependência de uma autoridade”.

Sobre o consentimento, Ana Maria Colling considera que é preciso compreender a sua centralidade no funcionamento de um sistema de poder, tanto social quanto sexual, atentando-se para o estudo da dominação masculina e também da dominação simbólica, que supõe a adesão das próprias dominadas a categorias e sistemas que estabelecem a sujeição. Ainda segundo Colling, “sem falar em “consentimento” não é possível falar em relação de gênero, pois ele inculcou-se profundamente na vida das mulheres”.⁴⁸ Nesse sentido, interessa-nos mostrar como o consentimento é construído nas relações entre homens e mulheres luteranas. Sabemos que as mulheres luteranas internalizaram sua condição de subordinadas e que elas agiram a partir dessa concepção, que teve reflexos na Liga. Isso ocorre porque,

A mulher internaliza a naturalidade da discriminação, tornando-se difícil para ela romper com esta imagem de desvalorização de si mesma. Ela acaba aceitando como natural sua condição de subordinada, vendo-se através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina.⁴⁹

É contra a legitimação de relações desiguais entre os sexos presentes na sociedade e nas igrejas, em particular, que surge a teologia feminista em consonância com o movimento feminista. No movimento feminista de fins do século XIX, encontramos como principais reivindicações o direito das mulheres à educação, ao voto e à propriedade; no século XX, essas pautas foram ampliadas e incluídos temas como trabalho e igualdade salarial, direitos reprodutivos e violência contra as mulheres. A teologia feminista surge nesse contexto e busca uma revisão das estruturas simbólicas das igrejas e também uma concepção alternativa de teologia, a fim de valorizar a experiência religiosa das mulheres. Desse modo, conforme Wanda Deifelt, “a teologia feminista utiliza a teoria das relações de gênero como instrumental de análise, avaliando como os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres são construídos”.⁵⁰

Assim, nesta pesquisa, por tratarmos de um tema que envolve mulheres e religião, julgamos necessário abordar as discussões levantadas pela teologia feminista, corrente teórica que propunha uma desconstrução do texto bíblico, visando à valorização e à participação das mulheres nas igrejas. A teologia feminista constata que as mulheres têm sido silenciadas, marginalizadas e consideradas secundárias no fazer teológico. Há um silenciamento nas fontes que tratam da história das igrejas, como se as mulheres não tivessem parcelas de participação

⁴⁸COLLING, A. M. *Gênero e História: um diálogo possível?*, p. 37.

⁴⁹COLLING, A. M. *Gênero e História: um diálogo possível?*, p. 37.

⁵⁰DEIFELT, W. *Temas e metodologias da teologia feminista*, p. 172.

na trajetória dessas igrejas. A teologia feminista busca denunciar a visão distorcida desses registros, apontando o ponto de vista normativo e masculino dessas narrativas:

Assim, a tarefa da teologia feminista acontece em duas fases: começa apontando o aspecto patriarcal das relações sociais para então falar de novas alternativas e reconstruções. Para tal é necessário reconhecer a exclusão histórica das mulheres de cargos de liderança social, política e religiosa. A hermenêutica feminista, em particular, avalia criticamente o corpo de literatura tido como norma e aceito pelas instituições religiosas e educacionais (entre estes a própria Bíblia e escritos dos Padres da Igreja).⁵¹

Além das contribuições teóricas de Wanda Deifelt, nesta pesquisa, também discutiremos teologia feminista a partir dos estudos desenvolvidos pela teóloga feminista Ivone Gebara. Considerada uma das “exponentes da Teologia Feminista brasileira”, elaborou sua teologia a partir da vivência concreta com as mulheres de Camaragibe, em Pernambuco. Rosado Nunes assim define a forma de fazer teologia de Gebara: “A solidariedade para com os pobres, sobretudo, para com as mulheres cujas lutas diárias pela sobrevivência ela observa diretamente no bairro onde mora, uniu-se à fineza de uma produção intelectual consistente e deu forma ao seu pensamento teológico feminista”.⁵²

Esta pesquisa utiliza o conceito de representações sociais, a partir das discussões levantadas pelo historiador Roger Chartier, a fim de compreender as lutas de representações existentes dentro da Igreja Luterana, em que determinados discursos masculinos e patriarcais buscavam legitimar posicionamentos, orientados por interesses específicos. Segundo Chartier, a noção de representação permite uma profunda modificação na compreensão do mundo social, concedendo um novo olhar sobre as ações do ser social ou dos grupos sociais que por meio das representações mentais elaboram “signos visíveis” para legitimação de um poder ou de uma identidade.⁵³

Sobre as lutas de representações, o autor analisa que são entendidas como uma construção do mundo social por meio dos processos de adesão ou rechaço que produzem. A estrutura social é incorporada pelos indivíduos em forma de representações mentais e por meio da dominação, qualquer que seja, graças à violência simbólica, conforme Chartier. Isso explica,

⁵¹DEIFELT, W. *Temas e metodologias da teologia feminista*, p. 179.

⁵²ROSADO-NUNES, M. J. *Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara*, p. 295.

⁵³FONSECA, A D; SALGUEIRO, E. M. *A noção de Representação após duas décadas de debates: a propósito do texto 'Defesa e ilustração da noção de Representação' de Roger Chartier*, 2013.

segundo o autor, a crescente utilização dos conceitos de representação e violência simbólica em trabalhos ligados à história cultural.

Para Chartier, a utilização da noção de representação permite perceber como as representações e os discursos são construídos historicamente, que por sua vez, constroem as relações de dominação, que são relações dependentes dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles cujo poder legitimam daqueles ou daquelas cuja submissão asseguram ou deveriam assegurar. Nesse sentido, o autor observa que a noção de representação não se distancia do real e nem do social, mas permite aos historiadores desfazerem-se da “muito pobre ideia do real”, interiorizadas ou objetivadas. “As representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é”⁵⁴, analisa Roger Chartier.

A partir dessa compreensão, os discursos e práticas normativos direcionados às mulheres na Igreja Luterana constituem-se discursos masculinos “sobre as mulheres e para as mulheres”, devendo ser vistos como a manifestação de um grupo que objetiva dar efetividade a um conjunto de representações, ou seja, que envolvem práticas, razões, códigos, finalidades e destinatários particulares, que são difundidos com o objetivo de legitimar escolhas e condutas, reforçando a identidade desse grupo em um espaço de poder e dominação. Identificar essas finalidades, segundo Chartier, “é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação.”⁵⁵

Para Linda Woodhead, se as relações de gênero são construídas historicamente, então, é possível afirmar que há uma “ordem sexuada de uma sociedade”, na qual a religião está inserida na medida em que “encena diversos papéis e ocupa lugares variáveis”.⁵⁶

Segundo a autora, o lugar que a religião ocupa nas relações de dominação torna-se visível a partir do momento em que a própria religião é concebida como um sistema de poder. Enquanto sistema de poder, a religião combina um poder religioso próprio, o poder sagrado, com outras fontes de poder seculares, que são ao mesmo tempo sociais (culturais, políticas, econômicas, militares) e sociopessoais (afetivas, físicas, intelectuais, estéticas). Desse modo, o poder sagrado além de possuir uma força própria é reforçado ainda mais ao unir-se com

⁵⁴CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*, p. 23.

⁵⁵CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*, p. 16.

⁵⁶WOODHEAD, L. *As diferenças de gênero na prática e no sentido da religião*, p. 79.

poderes seculares, conforme demonstra Woodhead, “que eles se reforcem, ou se excluam, o poder sagrado e o poder secular podem combinar-se de vários modos”.⁵⁷

Compreendida a ligação entre religião e poder, é possível perceber como ocorre a interação entre religião e gênero, que por meio de práticas simbólicas e materiais, reforça ou transforma as relações de dominação. Nessa relação devem ser consideradas duas situações: “de um lado, a maneira como a religião situa-se em relação às configurações do poder secular, tendo em vista a questão do gênero; de outro lado, o modo com o qual a religião constituiu-se face às relações de dominação existentes, sua estratégia face ao gênero”.⁵⁸

Ao problematizar a contribuição do livro de Gênesis para “manter as mulheres em seu devido lugar”, Rose Muraro, conclui que essa narrativa, presente em nossa cultura, foi uma das responsáveis por propagar concepções acerca da diferença entre os sexos. Nas palavras da autora, a partir desse texto, as mulheres foram representadas como as únicas responsáveis por contrabalançar as relações entre os homens:

Ela é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que têm de ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricênticas era símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo máximo da sabedoria, se transforma no demônio, no tentador, na fonte de todo o pecado. E ao demônio é alocado o pecado por excelência, o pecado da carne. Coloca-se no sexo o pecado supremo e, assim, o poder fica imune à crítica.⁵⁹

A autora afirma que enquanto os homens e as classes dominantes tiveram seu *status* sacralizado, as mulheres e a sexualidade foram condenadas como causa máxima da degradação humana, trazendo consigo sentimentos que desestabilizavam a “ordem vigente” como o amor, a integração ao meio ambiente e com as próprias emoções, sendo necessário, portanto, precaver-se de todas as maneiras contra elas. Nesse sentido, a Bíblia tornou-se palavra autorizada e ratificou essa desigualdade entre homens e mulheres. Na visão da autora:

Quando Deus cria o homem, ele o cria só e apenas tira a companheira da costela deste. Em outras palavras: o primeiro homem dá luz (pare) a primeira mulher. Esse fenômeno psicológico de deslocamento é um mecanismo de defesa conhecido por todos aqueles que lidam com a psique humana e serve para revelar escondendo. Tirar da costela é menos violento do que tirar do próprio ventre, mas, em outras palavras, aponta para a mesma direção.⁶⁰

⁵⁷WOODHEAD, L. *As diferenças de gênero na prática e no sentido da religião*, p. 80.

⁵⁸WOODHEAD, L. *As diferenças de gênero na prática e no sentido da religião*, p. 81.

⁵⁹MURARO, R. M. *Breve Introdução Histórica*, p. 12.

⁶⁰MURARO, R. M. *Breve Introdução Histórica*, p. 11.

Ao buscar historicamente as origens das desigualdades entre homens e mulheres e as acusações que pesam sobre as mulheres, Rose Muraro, identifica que do terceiro ao décimo séculos, momento histórico de disseminação do Cristianismo entre as tribos bárbaras, a situação das mulheres era muito confusa, contudo elas ocupavam um lugar de relevância no mundo das decisões, pois os homens se ausentavam e morriam nos períodos de batalhas, ou seja, “as mulheres eram jogadas para o domínio público quando havia escassez de homens e voltavam para o domínio privado quando os homens reassumiam o seu lugar na cultura”⁶¹. Ao chegar ao período da alta Idade Média a situação das mulheres ganhou novos rumos, nesse momento, elas tiveram acesso às artes, às ciências, à literatura. Entretanto, esse momento de “florescimento” foi sucedido por um período de intensa “repressão sistemática do feminino”, conhecido como “caça às bruxas”, que se estendeu do século XV ao século XVIII, sendo responsável pela execução de milhares de mulheres em fogueiras.⁶² A autora questiona os motivos ocultos que levaram a esse período e conclui que desde a Antiguidade as mulheres foram detentoras de saberes próprios. Assim observa que:

Os quatro séculos de perseguição às bruxas e aos heréticos nada tinham de histeria coletiva, mas, ao contrário, foram uma perseguição muito bem calculada e planejada pelas classes dominantes, para chegar a maior centralização e poder. Num mundo teocrático, a transgressão da fé era também transgressão política. Mais ainda, a transgressão sexual que grassava solta entre as massas populares. Assim, os inquisidores tiveram a sabedoria de ligar transgressão sexual à transgressão da fé. E punir as mulheres por tudo isso.⁶³

Nota-se que o período de caça às bruxas contribuiu consideravelmente para o “enclausuramento” das mulheres ao espaço privado, na medida em que normatizou o comportamento de homens e mulheres na Europa, tanto no espaço público quanto no privado, pois esse período deixou um legado às mulheres, suscitando grandes transformações na condição feminina, nas palavras de Rose Muraro:

[...] a sexualidade se normatiza e as mulheres se tornam frígidas, pois orgasmo era coisa do diabo e, portanto, passível de punição. Reduzem-se exclusivamente ao âmbito doméstico, pois sua ambição também era passível de castigo. O saber feminino popular cai na clandestinidade, quando não é assimilado como próprio pelo poder médico masculino já solidificado. As mulheres não têm mais acesso ao estudo como

⁶¹MURARO, R. M. *Breve Introdução Histórica*, p. 13

⁶²Sobre esse assunto ver: TREVOR-ROPER, H. R. *A obsessão das bruxas na Europa dos séculos XVI e XVII*; ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *O caçador de bruxas: Carlo Ginzburg e a análise historiográfica como inquisição e suspeição do outro*; GINZBURG, C. *História noturna*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁶³MURARO, R. M. *Breve Introdução Histórica*, p. 15.

na Idade Média e passam a transmitir voluntariamente a seus filhos valores patriarcais já então totalmente introjetados por elas.⁶⁴

A partir desse balanço histórico da condição feminina, um questionamento torna-se necessário: quais foram os avanços e desafios que o século XX impôs às mulheres? A resposta, encontramos também em Rose Muraro, pois de acordo com a autora, o século passado foi palco do rompimento de dois grandes tabus que condenaram as feiticeiras à morte: a inserção no mundo público e a procura do prazer sem repressão. Contudo, as “bruxas do século XX”, mesmo tocando em questões polêmicas e rompendo antigos tabus, não puderam ser queimadas vivas, “pois trouxeram para o mundo masculino, os valores femininos, reinseriram o feminino na história”.⁶⁵

Isso demonstra que, historicamente, diversos discursos valeram-se dos mais diferentes argumentos na tentativa de atribuir lugares e papéis às mulheres. Rainhas do lar, mães, esposas, dóceis, submissas, femininas, filhas de Eva, bruxas, feiticeiras, machonas, feias, mal amadas, apenas para mencionarmos alguns estereótipos nos quais as mulheres, em alguns momentos da história, foram enquadradas. Entretanto, em nosso trabalho, interessa-nos um discurso em especial, o religioso, considerado por Perrot “santuário que foge às mulheres”. E dentro desse contexto religioso como as mulheres luteranas, reunidas na LSLB, inseriram o feminino na história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

As fontes utilizadas nesta tese são de natureza bibliográfica e documental. Sobre essa questão Michelle Perrot⁶⁶ analisa que para escrever a história, fontes, documentos e vestígios são indispensáveis. Porém, na visão da autora, aí reside uma grande dificuldade quando se trata da história das mulheres, uma vez que sua presença é constantemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos, o que gera um déficit, uma falta de vestígios. A destruição dos vestígios ocorre de maneira social e sexualmente seletiva. São razões que justificam a escassez de fontes não sobre a mulher, mas sobre sua existência concreta e sua história singular. Diante desses dados Perrot questiona: “discursos e imagens cobrem as mulheres com uma vasta e espessa capa. Como alcançá-las, como quebrar o silêncio, os estereótipos que as envolvem?”.⁶⁷ Segundo a autora, os pesquisadores precisam encontrar fontes que falam das mulheres, fontes que emanam delas nas quais se possa ouvir suas vozes diretamente. São fontes

⁶⁴MURARO, R. M. *Breve Introdução Histórica*, p. 16.

⁶⁵MURARO, R. M. *Breve Introdução Histórica*, p. 17.

⁶⁶PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da História*, p. 21.

⁶⁷PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da História*, p. 25.

que podem ser encontradas em bibliotecas, local do impresso, dos livros e dos jornais; como nos arquivos públicos e privados. Além das bibliotecas, dos arquivos e dos livros, há os jornais e as revistas, dos quais as mulheres são leitoras e produtoras. Nesses casos cabe aos pesquisadores buscarem as mulheres nas entrelinhas da fonte, nos espaços do “não-dito”.

Considerando-se a escassez de registros oficiais dedicados exclusivamente às mulheres, no protestantismo de modo geral e na IELB em particular, procuramos fontes documentais sobre a trajetória da Liga de Servas em três importantes arquivos: no arquivo do Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil e no Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, localizados no Centro Administrativo da Igreja Luterana, na cidade de Porto Alegre – RS. Nos arquivos do Instituto Histórico e Arquivo Geral da IELB, encontramos fontes documentais escritas que demonstraram o quanto a presença das mulheres é constantemente apagada e silenciada.

Buscamos ainda registros em obras que abordaram o assunto do protestantismo no Brasil, além de publicações da própria Igreja Luterana, que abordaram as memórias dos primeiros pastores residentes no Brasil, as doutrinas da igreja, as datas comemorativas e as biografias de lideranças. A revista *Servas do Senhor*, impresso oficial da LSLB, configurou-se em uma importante fonte de informações, pois em suas páginas visualizamos quem eram essas mulheres pertencentes à Liga, o que significavam para a Igreja, o lugar reservado a elas pela Igreja e qual o significado desse lugar para essas mulheres. Também realizamos a leitura do jornal *Mensageiro Luterano*, impresso oficial da Igreja, a fim de compreendermos como repercutia em outros impressos o desempenho da liga de mulheres.

Utilizamos atas das Convenções Nacionais da IELB, dos Congressos Nacionais da LSLB, das Reuniões Anuais da Diretoria da LSLB; Correspondências e anuários, a fim de melhor compreendermos as questões colocadas nesta pesquisa. Sabemos, portanto, que as atas são documentos muito valiosos, porém não devem ser estudadas de forma isolada, seu conteúdo deve sempre ser relacionado com informações levantadas em outras fontes documentais. As atas dos Congressos Nacionais da LSLB foram muito importantes por apresentarem de forma detalhada as principais discussões realizadas nos congressos da Liga, assim como diversos aspectos organizacionais como eleições, nomeação de cargos, listas de projetos, balanços financeiros, entre outros. A essas atas somaram-se outras lavradas nas reuniões mensais da diretoria da Liga que também de maneira pormenorizada revelaram interessantes aspectos do cotidiano da LSLB. Já as atas das Convenções Nacionais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil revelaram a visão masculina sobre diferentes aspectos relacionados à LSLB e mostraram

a gradativa inserção da Liga nas Convenções Nacionais da Igreja, a fim de divulgar seu trabalho. Valemo-nos também de correspondências recebidas e expedidas pela Liga, no período compreendido no recorte temporal desta pesquisa.

Esta tese está organizada em três capítulos. No primeiro, foram apresentados aspectos do desenvolvimento do protestantismo no Brasil, voltaremos nossos olhares também às raízes históricas da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, denominação na qual formou-se a Liga de Servas Luteranas do Brasil (LSLB), objeto central de análise deste estudo. Compreendemos que é importante analisar o desenvolvimento da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sua formação histórica, posicionamentos oficiais e doutrinas, para o entendimento dos discursos reproduzidos por essa igreja sobre as relações de gênero e que tiveram impactos na própria forma de as mulheres enxergarem essas relações e, conseqüentemente, repercutiram na maneira como a Liga de Senhoras atuou em seus primeiros cinquenta anos.

No segundo capítulo, discutimos o contexto político e social que envolveu a criação da Liga de Senhoras Luteranas. Abordamos o contexto sociopolítico com o intuito de situar a criação da LSLB no momento de emergência do feminismo de segunda onda no Brasil, a fim de verificarmos se houve influências diretas ou indiretas desse contexto na Igreja e na Liga. Abordamos a formação das sociedades de senhoras no protestantismo observando o papel que desempenharam dentro daquilo que a estrutura protestante pensava para as mulheres. Mostramos também como a experiência de Otilie Muller com a Liga de Mulheres Luteranas nos Estados Unidos foi importante para se pensar e amadurecer o projeto de criação de uma organização semelhante em terras brasileiras. Nesse capítulo, o propósito foi analisar os aspectos históricos da formação e desenvolvimento da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), nele mostramos como ocorreu o gradativo crescimento dessa organização auxiliar dentro da Igreja Luterana que, em fins dos anos 1990, contava com uma estrutura administrativa própria e organizada, ampla rede de filiadas, uma revista oficial com boa tiragem, além de participação na estrutura administrativa da Igreja. A análise da trajetória histórica da Liga permitiu perceber vários momentos da atuação das mulheres luteranas, mas também possibilitou verificar que no intuito de “auxiliar” a igreja, a Liga quase não questionou a condição das mulheres luteranas, tendo influenciado mais na área de auxílio às missões do que no tocante às questões de gênero.

No terceiro capítulo foi apontada a relação estabelecida entre a Liga e a Igreja, analisando, a partir da categoria gênero, o impacto da atuação dessa organização feminina nas relações entre homens e mulheres na Igreja. Buscamos demonstrar as mudanças trazidas pelo

trabalho desenvolvido pela Liga e as permanências observadas. Questionamos em que medida essa organização que nasceu com o objetivo de ser um órgão auxiliar da Igreja, foi além disso. Sendo assim, o que representou a criação desse espaço de atuação feminina na Igreja para os homens e mulheres luteranos.

CAPÍTULO 1

AS MULHERES NO PROTESTANTISMO: A (NÃO) PRESENÇA FEMININA NA FORMAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL (IELB)

1.1. Introdução

Falar da mulher no protestantismo⁶⁸ é, sem dúvida, uma tarefa por demais complexa, especialmente, pela invisibilidade imposta às mulheres nessa tradição religiosa. Se assim o é para as esposas dos pastores, lembrada aqui e ali nos registros históricos, o que dizer então das muitas anônimas cujas ações foram esquecidas no curso da história? O protestantismo é, no rigor do termo, uma referência demasiada abrangente, no tempo e no espaço, para definir um conjunto de instituições que, apesar de terem um núcleo norteador em comum, espalharam-se no mundo desde o século XVI.

Seria de todo proveitoso, para o que se propõe neste capítulo, uma análise pormenorizada sobre a (não) presença das mulheres nas diversas ramificações do protestantismo. Mas tal esforço foge aos propósitos imediatos deste trabalho devido à abrangência dessa temática que é digna, isto sim, de um esforço coletivo e interdisciplinar de pesquisadores e pesquisadoras. O que nos cabe aqui são breves considerações sobre a (não) presença das mulheres no protestantismo de matriz luterana, sobretudo na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). É certo que essa compreensão depende de uma rápida incursão analítica no núcleo do ideário protestante – no sentido abrangente do termo –, para assim passarmos à reflexão sobre o universo teológico-doutrinário dos missionários norte-americanos pioneiros da IELB. Só assim teremos elementos mínimos que auxiliarão no entendimento das interpretações sobre o (não) lugar das mulheres nessa igreja.

1.2. Protestantismo no Brasil

Antonio Gouvêa Mendonça, ao analisar as características da presença protestante no Brasil, argumenta que a inserção do protestantismo na sociedade brasileira só foi possível a partir do momento, em que condições políticas e sociais, neutralizaram a presença protestante

⁶⁸Termo muito amplo que abrange o conjunto de comunidades cristãs que seguiram o programa religioso oferecido pelos reformadores Martinho Lutero, João Calvino e U. Zwinglio em detrimento do da Igreja Católica. Aplica-se também ao corpo de doutrinas fundamentais em que esses reformadores estão de acordo. O termo parece dever sua origem ao protesto que os discípulos de Lutero fizeram contra um decreto da Dieta de Espira (1529), que proibia a mudança religiosa dos Estados alemães. Hoje o termo protestantismo engloba todas as igrejas e seitas que se inspiram no espírito dos reformadores do século XVI (NAVARRO, J. B. *Para compreender o ecumenismo*, p. 227).

de modo que não provocasse transformações sensíveis na cultura católica luso-brasileira. Assim, o autor identifica que houve uma progressiva redução da hegemonia católica, estabelecendo como marco temporal a Constituição de 1824 até 1891, levando os protestantes a conquistarem um lugar no espaço social brasileiro.⁶⁹

A partir dessas oportunidades abertas de inserção e tolerância, no final do século XIX, já se encontravam presentes no Brasil todas as denominações clássicas do protestantismo. Em relação à inserção do protestantismo de missão no Brasil no século XIX, Antonio Gouvêa Mendonça aponta três especificidades desse grupo: 1) a chegada ao Brasil em momento histórico-social propício; 2) a aceitação pela camada “livre e pobre” da população rural, que reunia condições favoráveis para tal aceitação; 3) a expressão do protestantismo foi facilitada pela expansão do café, “seguiu a trilha do café”. Ademais, o autor argumenta que, aliado a esses três aspectos presentes na sociedade brasileira do século XIX, deve-se considerar o conteúdo ideológico da mensagem missionária protestante recebida e filtrada a partir do lugar social em que o receptor da mensagem se encontrava.⁷⁰

De acordo com Lísias Nogueira Negrão, a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808 e a abertura dos portos ao comércio com os ingleses, foram elementos importantes para a gradativa aceitação do culto protestante em terras brasileiras, desde que cumpridas algumas regras, como a liberação do culto protestante “desde que não em templos e sem o proselitismo a seu favor e contra a religião oficial”⁷¹. Assim, Negrão também reitera a importância da proclamação da República para a liberdade religiosa, pois com a proclamação da República em 1889 foram criadas as “condições para uma sociedade pluralista e laica que se desenvolveria ao longo do século XX, com a separação do Estado republicano da Igreja católica e a instituição do princípio da liberdade religiosa”.⁷² Contudo, o autor observa que mesmo diante dessa liberdade religiosa oriunda dos acontecimentos de 1889, a Igreja Católica não perdeu sua hegemonia e influência na vida cultural e política brasileira, continuou a impor seus princípios religiosos, por meio da proibição do divórcio e do aborto legal e a cooperar com o Estado republicano.

Boanerges Ribeiro, pastor presbiteriano e também pioneiro nos estudos sobre protestantismo, igualmente acredita que a partir do século XIX criaram-se condições favoráveis

⁶⁹MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 26.

⁷⁰MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 28.

⁷¹NEGRÃO, L. N. *Trajetórias do Sagrado*, p. 121.

⁷²NEGRÃO, L. N. *Trajetórias do Sagrado*, p. 121.

para a inserção do protestantismo no Brasil “nossa cultura criou condições para a introdução e o estabelecimento do protestantismo no país: não fomos forçados a recebê-la, mas recebemo-la deliberadamente, voluntariamente”.⁷³ Uma das situações que favoreceram a inserção do protestantismo no Brasil, segundo Boanerges Ribeiro, além da assinatura, em 1810, do Tratado de Aliança e Amizade, e de Comércio e Navegação, com a Inglaterra, foram as divergências dentro da própria Igreja Católica.

Quanto à presença das mulheres nesse processo de inserção do protestantismo no Brasil, Margarida Ribeiro, em estudo sobre as mulheres na historiografia protestante, assegura que a presença feminina no protestantismo é bem mais significativa que essa historiografia deixa transparecer. Segundo a autora, esse pioneirismo é pouco tematizado, resultado de um processo de silenciamento das mulheres e/ou ocultamento de seus rostos. Ribeiro avalia que as mulheres protestantes atuaram no âmbito doméstico (familiar), pastoral (missionárias, diaconisas e esposas de pastores) e educacional (professoras, educadoras e fundadoras de escolas).⁷⁴

Michelle Perrot, ao analisar o protestantismo e sua contribuição para a visibilidade do público feminino nas igrejas, afirma que,

Em nome da bíblia ele favoreceu a alfabetização das meninas mais precocemente do que nos países católicos (...) De uma certa maneira, as mulheres de pastores participaram do ministério; em pleno florescimento, as diaconisas também. A influência das protestantes no desenvolvimento de numerosos movimentos feministas foi considerável.⁷⁵

Sobre a presença das mulheres no protestantismo, o historiador Jean Baubérot, em estudo sobre as mulheres protestantes no século XIX, questiona se podemos enquadrar essas mulheres dentro de um modelo, um tipo específico. Para o autor, se partirmos do pressuposto de que traçar esse perfil, seria o mesmo que definir um modelo que constituiria o elemento principal da personalidade dessas mulheres, certamente não é possível. Entretanto, admite o relevante papel desempenhado pelo protestantismo, assim, como a religião de um modo geral, de agente ativo na formação das mulheres: “simplesmente, é impossível isolar o seu papel entre

⁷³RIBEIRO, B. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888*, p. 123.

⁷⁴RIBEIRO, M. F. S. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas*, p. 20.

⁷⁵PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*, p. 272.

diversos factores, indissoluvelmente interligados, na realidade empírica (classes sociais, países, ou mesmo regiões).⁷⁶

Quanto à mulher protestante e seu papel dentro do protestantismo, Jean Baubérot afirma que “a Reforma é portadora de uma concepção da mulher que se situa parcialmente em ruptura com o ideal católico, uma vez que recusa qualquer valorização da virgindade e do universo convencional”.⁷⁷ No protestantismo, a vida conjugal e secular configuram-se no espaço em que a “fidelidade cristã” se materializa, nesse espaço, a “mulher encontra-se inserida num sistema que subsiste nos países protestantes”.⁷⁸

Pela doutrina do “sacerdócio universal”⁷⁹, aos homens é atribuído o papel de chefe religioso, cabendo a eles o controle e transmissão das crenças religiosas, mesmo que em algumas circunstâncias as mulheres também assumam essa função, porém não com o destaque que é dispensado aos homens.

Sobre a doutrina do sacerdócio universal, Baubérot afirma:

De facto a doutrina do sacerdócio universal pretende conciliar uma igualdade de essência com distinções de função. A ideia global de Lutero é a seguinte: qualquer cristão baptizado ‘pode gabar-se de ser já consagrado padre, bispo e papa, ainda que não convenha a cada um exercer semelhante função’. Esta passagem da essência à função pode significar uma possibilidade de mobilidade e de promoção social.⁸⁰

Baubérot identifica que a situação das mulheres no protestantismo é caracterizada por uma “ambivalência”, ao mesmo tempo em que se valorizam os leigos por meio de instrução, não é permitido a esses leigos o acesso a certas funções, especialmente as mulheres. Nas palavras do autor:

Por um lado, a valorização dos leigos, dos cristãos vulgares, traz consigo uma atenção precoce em instruir mulheres que não pertencem todas à boa sociedade (mesmo que este aspecto entre também em linha de conta). Um relativo avanço neste domínio é

⁷⁶BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 239.

⁷⁷BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 239.

⁷⁸BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 239.

⁷⁹Para Rachel Winter, “o tema a despeito do sacerdócio de todos os crentes, enfatizado na Reforma, por Lutero, como um dos princípios do protestantismo, destaca que todas as pessoas ao aceitarem Cristo como seu Senhor e Salvador pela fé, têm acesso à graça divina – sem necessidade de qualquer mediador específico, ou seja, de um sacerdote ordenado”. (WINTER, R. *Mensageiras da Ressurreição*, 245). Martin Dreher na tentativa de esclarecer o significado do sacerdócio de todos os crentes presentes na Igreja Luterana, analisa que Lutero “ao cunhar o princípio ‘democrático’ do sacerdócio universal de todos os crentes, teve a alavanca para fazer vacilar a igreja institucional e hierárquica de seu tempo. Igreja era para ele a livre reunião de todos os crentes em Cristo, a comunhão invisível dos que estão ligados pela fé e pelo amor”. (DREHER, M. N. *A crise e a renovação da igreja no período da Reforma*, p. 83).

⁸⁰BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 239.

ainda bastante perceptível no século XIX em regiões ou países protestantes. E isso pode arrastar certas consequências. Por outro lado, a concepção social dominante da repartição dos papéis masculino e feminino é, em geral, amplamente partilhada pelos protestantes. Ela bloqueia o acesso das mulheres a certas funções, e nomeadamente à função pastoral.⁸¹

Todavia , segundo o autor, essa contradição é resolvida quando se atribui “à mulher protestante a missão de secundar activamente o marido e de ser para ele realmente um parceiro”.⁸² Nesse caso, as mulheres assumem a responsabilidade perante a ascensão cultural e o bem-estar da família e do casal.

A fim de melhor compreendermos o “surto missionário do século XIX”, mencionado por Antonio Gouvêa Mendonça, os elementos facilitadores e entraves para a inserção do protestantismo no Brasil, é importante nos remetermos ao contexto histórico de imigração do século XIX, suas causas, objetivos e consequências, que foi responsável por trazer ao Brasil o protestantismo que deu origem, no Rio Grande do Sul, à Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Segundo Lucia Lippi, no Brasil do século XIX, o principal objetivo da imigração era atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, possibilitando, assim, a posse do território e a produção de riquezas. Além disso, o imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão, ou seja, aquele que aceitasse viver nas colônias. Em 1808, foi promulgada a lei que permitia aos estrangeiros a propriedade de terras no Brasil, o que acarretou a existência de núcleos coloniais de agricultores no sistema de pequenas propriedades, como ocorreu com os imigrantes alemães no Sul e Sudeste.⁸³ O fim do tráfico negreiro trouxe à tona a necessidade de substituição da mão-de-obra por imigrantes, entretanto alguns fatores dificultavam o estabelecimento desses imigrantes em terras devolutas, tais como: a existência do latifúndio, a vigência da escravidão e a associação entre vida civil e religião, neste caso, a Igreja Católica. Por esse motivo a imigração nesse período esteve voltada para a pequena propriedade agrícola, nos estados do Sul e para as fazendas de café no Oeste Paulista.⁸⁴

Entretanto, quais foram os fatores que culminaram com essa vinda de imigrantes europeus para o Brasil? As causas apontadas são as mudanças nas relações sociais de produção, o assalariamento do trabalho e uma revolução demográfica, desencadeada por um conjunto de transformações sociais que provocaram forte pressão sobre os postos de trabalho, inclusive o

⁸¹BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 240.

⁸²BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 240.

⁸³OLIVEIRA, L. L. *O Brasil dos imigrantes*, p. 13.

⁸⁴OLIVEIRA, L. L. *O Brasil dos imigrantes*, p. 15.

fato de a Europa ter-se tornado o centro de evasão populacional no século XIX. Calcula-se que cinco milhões de europeus deixaram a Europa entre 1816 e 1850 e em torno de 22 milhões no período de 1850 e 1880.⁸⁵

A imigração do século XIX não esteve ligada apenas à ocupação e colonização, mas também a interesses de ordem econômica e política, ou seja, “a imigração européia obedeceu a um prévio programa e estava orientada por uma política de imigração do governo imperial e pelos interesses dos produtores de café em especial, cuja economia estava assentada sobre o latifúndio e trabalho escravo”.⁸⁶ Além disso, o processo de industrialização que estava em curso na Europa necessitava de novos mercados, o que levava à pressão pelo fim do escravismo.

Martin Dreher explica o contexto em que se deu a instalação de imigrantes no Brasil e no Rio Grande do sul em particular. Segundo o autor, com a independência, o país herdou a situação político-militar difícil no Rio Grande do Sul. O Reino Unido de Brasil-Portugal-Algarves ocupara a Banda Oriental, também conhecida como Província Cisplatina, além disso, o abastecimento do exército era difícil e a população da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul alcançava 90.000 habitantes, dos quais 30.000 eram escravos. Esse foi, segundo o autor, o contexto de instalação dos imigrantes vindos da Europa Central, a partir de 1824, que desempenharam a dupla função de soldados e agricultores, pois supriam as tropas com alimentos e podiam ser recrutados para a tropa, “assim, surge a Colônia Alemã de São Leopoldo, logo seguida por outras colônias, instaladas, principalmente no Brasil Meridional, mas também em Minas, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo”.⁸⁷

Para Osmar Witt, a chegada dos primeiros imigrantes alemães no Rio Grande do Sul a partir de 1824 deve ser analisada sob o ângulo da política de imigração do governo imperial, que cumpria a dupla função de ora agradar ao latifúndio cafeicultor e ora ir contra esse latifúndio. Em virtude disso, desde 1848, havia no Brasil duas políticas de imigração com interesses distintos: a política do governo imperial, com o objetivo principal de organizar núcleos coloniais de povoamento e a política dos fazendeiros, que viam nos imigrantes mão-de-obra para a lavoura. Em resumo, com a política de imigração buscava-se “atender vários interesses que, conjugados, serviam ao fortalecimento do Império e à prosperidade econômica

⁸⁵SCHAFFER, N. O. *Os alemães no Rio Grande do Sul: dos números iniciais aos censos demográficos*, p. 164.

⁸⁶WITT, O. L. *Igreja na migração e colonização*, p. 14.

⁸⁷DREHER, M. N. *Rostos da Igreja no Brasil Meridional: o cristianismo do sul do Brasil*, p. 21.

dos latifúndios”.⁸⁸ Assim, os imigrantes que foram para a região Sul do país realizaram uma colonização de acordo com a proposta do governo imperial, tornando-se proprietários de terras.

Mesmo enfrentando forte resistência do latifúndio à colonização com pequenos proprietários, o governo imperial decidiu colonizar o sul do país com imigrantes. Segundo Osmar Witt, isso ocorreu fruto dos interesses do Império com a colonização e imigração no Sul do Brasil, dentre esses objetivos estavam: promover a efetiva ocupação das terras do sul, no intuito de definir uma linha de fronteira; os colonos imigrantes deveriam abastecer as cidades e o exército com os produtos não fornecidos pela pecuária; criar uma camada social intermediária, produtora e consumidora; valorizar terras com nenhum ou pouco valor por meio do cultivo, construção de estradas e pontes; expulsar os grupos indígenas para a margem das terras colonizadas.⁸⁹

Todavia, se para a imigração alguns objetivos foram fixados pelo governo imperial brasileiro, a emigração do ponto de vista dos interesses da Alemanha também serviu a interesses específicos, conforme mostra Osmar Witt. Segundo o autor, é possível distinguir duas fases da emigração alemã para o Brasil:

A primeira fase teve início, no caso da emigração para o Brasil, em 1823/1824, quando chegaram os primeiros grupos de alemães. Não havia naquela época, um Estado Alemão unificado. Tampouco havia uma política de emigração. Se de algum modo a emigração era interessante para a Alemanha, certamente o era no sentido de constituir um meio para se livrar dos contingentes humanos excedentes (...) Na segunda fase a Alemanha já era um Estado unificado (...) Crescia na Alemanha, a consciência de que era preciso encarar positivamente a emigração em massa e fazer o possível para que ela redundasse em benefícios econômicos e no fortalecimento do país. O desenvolvimento da indústria alemã exigia a expansão de mercados para colocação de seus produtos. Em alguns círculos políticos se pensava inclusive na possibilidade de formação de um Estado alemão no sul do Brasil.⁹⁰

Nessa perspectiva, percebemos que a vinda do imigrante alemão para o Brasil foi parte de um processo de imigração em massa que prevaleceu de 1815 até a Primeira Guerra Mundial. Para o Brasil vieram aproximadamente 2% desses imigrantes, pois a maioria dirigiu-se para os Estados Unidos. Um fenômeno, que conforme vimos, foi fruto das profundas transformações sociais ocorridas na Europa do século XIX, decorrentes da transição da sociedade agrária para a industrial, que culminou na expulsão dos excluídos sociais, forçados a migrar para outros

⁸⁸WITT, O. L. *Igreja na migração e colonização*, p. 16.

⁸⁹WITT, O. L. *Igreja na migração e colonização*.

⁹⁰WITT, O. L. *Igreja na migração e colonização*, p. 21-22.

continentes em busca de sobrevivência. E, nesse contexto, os Estados Unidos representavam um receptor do fluxo migratório.⁹¹

As causas da migração foram sociais e não religiosas, afirma Osmar Witt. Essa distinção é importante, pois permite compreender a relação que se estabeleceu entre a experiência religiosa do imigrante e o modelo institucionalizado do protestantismo de imigração. No caso dos imigrantes, a exclusão social correspondia à exclusão religiosa, ou seja, “em seu país de origem o imigrante tinha vínculos frágeis com as instituições religiosas, não pertencia ao ‘núcleo fiel’ delas e estava pouco familiarizado com suas estruturas de poder”.⁹² Portanto, o autor afirma que nessas condições os imigrantes dificilmente reproduziriam os modelos de poder religioso de seus países de origem.

Entre os problemas enfrentados pelos imigrantes no Brasil estavam as promessas feitas pelo governo imperial brasileiro que não foram cumpridas, aliadas à falta e aos erros na demarcação das terras a eles destinadas. Além desses, outros problemas dificultavam a sobrevivência desses imigrantes, tais como: “a falta de estradas e as más condições das existentes, a falta de assistência médica, o desconhecimento da realidade agrícola na região, a falta de escolas e igrejas, a necessidade de dominar várias profissões para conseguir sobreviver e até mesmo a fome”.⁹³

A lei de terras de 1850, regulamentou o acesso à terra, que passou a ser objeto de compra e venda. Essa mercantilização do acesso à terra, segundo Emílio Wirth, trouxe à tona a questão da necessidade de substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho do imigrante ou para vincular esse imigrante às companhias colonizadoras. Foi no contexto dessa política de colonização que surgiram as primeiras iniciativas por um acompanhamento religioso aos imigrantes. A assistência religiosa aos não-católicos passou a ser uma estratégia das companhias colonizadoras, englobando o pagamento do salário ao pastor e subsídios para a construção de igrejas e escolas. Entretanto, conforme veremos, os imigrantes em terras brasileiras enfrentaram sérios percalços relacionados à sua religião, “no caso do imigrante não-católico romano, o exercício de sua religião no Brasil imperial enfrentava limites que iam desde o cerceamento da expressão pública de seus cultos, passando por sua inelegibilidade para

⁹¹WIRTH, L. E. *Sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração*, p. 73.

⁹²WIRTH, L. E. *Sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração*, p. 73.

⁹³WITT, O. L. *Igreja na migração e colonização*, p. 36.

funções administrativas e legislativas, até a falta de reconhecimento civil das uniões conjugais não-católicas”.⁹⁴

Sobre as limitações impostas aos protestantes, quanto ao exercício de sua religião, Ricardo Mariano explica que:

Embora a Constituição de 1824, outorgada pelo imperador D. Pedro I, estabelecesse a Igreja Católica como ‘religião do império’ e, com isso, continuasse a lhe garantir inúmeras prerrogativas legais, ela estendeu o direito à liberdade religiosa às ‘outras religiões’, restringindo, contudo, sua liberdade de culto ao âmbito do espaço doméstico. Com essa restrição, a nova Carta Constitucional não permitia às outras religiões edificar templos e neles se reunir para cultuar suas divindades. Assim, conquanto não estivesse proibido pela Constituição, o culto público das outras religiões padecia de uma flagrante inferioridade jurídica perante o catolicismo, sendo juridicamente obstaculizado em sua competição com o catolicismo. Na verdade, nem se imaginava que essa competição pudesse vir a aflorar, visto que a interpretação corrente sobre a liberdade religiosa prevista na Constituição era extremamente restrita, abrangendo somente os imigrantes estrangeiros e seus cultos celebrados em língua estrangeira.⁹⁵

Se a entrada de imigrantes trouxe problemas para a religião católica como religião de Estado, também trouxe para o imigrante acatólico, esclarece Martin Dreher. Se apenas a religião católica era mantida e reconhecida pelo Estado, algumas questões mereciam esclarecimentos, tais como: “quem traz imigrantes: o Estado ou particulares? Sua vinda é financiada? Quem financia? Onde instalá-los”.⁹⁶ Diante dessas questões, é correto afirmar que a imigração também demandou a reflexão e o debate sobre o modelo de país almejado.

Conforme Joana Maria Pedro, é importante considerar a participação das mulheres nesse processo de imigração. A autora cita o papel das mulheres no processo de reprodução da cultura germânica, entre os colonos alemães na cidade de Blumenau-SC, assim como em outras áreas do Sul do Brasil que contaram com a colonização alemã. De acordo com a autora,

Na divisão sexual das tarefas, cabia às mulheres de Blumenau não só o trabalho doméstico, mas também boa parte do trabalho considerado produtivo. A colonização, iniciada no vale do rio Itajaí em 1850, teve no trabalho das mulheres um de seus fortes apoios. Inúmeras cartas de colonos para a Alemanha apontam a importância dessas mulheres (...).⁹⁷

A família era de suma importância para os colonos, e a atuação das mulheres no auxílio e manutenção dos costumes merece ser destacada. Conforme Joana Pedro, a manutenção dos

⁹⁴WIRTH, L. E. *Sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração*, p. 77.

⁹⁵MARIANO, R. *Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religioso*, p. 7.

⁹⁶DREHER, M. N. *Rostos da Igreja no Brasil Meridional: o cristianismo do sul do Brasil*, p. 22.

⁹⁷PEDRO, J. M. *Mulheres do sul*, p. 288.

hábitos e dos costumes alemães ficava a cargo das mulheres, que conseguiam por meio das “prendas domésticas”, proporcionar aos seus familiares um conforto que não teriam sem a presença feminina. Todavia, o desenvolvimento da região foi colocado como uma responsabilidade apenas dos homens, pois a representação que se tem das mulheres de origem alemã foi a imagem da “trabalhadeira”, enquanto os homens foram representados como “trabalhadores”. Imagens que segundo, Joana Pedro, contribuíram para a invisibilidade da contribuição feminina.⁹⁸

Das moças de origem alemã esperava-se que tivessem respeito, fossem asseadas, cumprissem com os papéis de boa mãe e boa filha, tivessem uma sexualidade restrita ao casamento e fossem solidárias com vizinhos e parentes. Porém, nem todas as mulheres de origem alemã enquadravam-se nesses preceitos. Algumas vieram para a colônia acompanhar seus maridos a contragosto. “Entretanto, é possível que somente as mulheres alemãs das camadas médias tenham vindo a contragosto [...] A participação da mulher alemã da área rural e das camadas populares urbanas era importante demais para que sua opinião não fosse levada em conta na hora de migrar para o Brasil”⁹⁹, constata Joana Pedro.

Durante os primeiros quarenta anos do protestantismo no Brasil não havia pastores formados em teologia e ordenados. Os imigrantes reuniam-se em comunidades e escolhiam entre os membros dessas comunidades alguém com um pouco mais de estudo, “para pregar o evangelho e administrar os sacramentos”¹⁰⁰, assim surgiu a figura do “pastor-colono”, também chamado de “pastor-livre”, que em decorrência da existência de uma escola junto a uma Igreja, também acumulava a função de “mestre-escola”. Sobre os primórdios do luteranismo no Brasil, Ricardo Rieth analisa que:

Aquí no Brasil, eles mesmos organizavam suas comunidades, escolhiam seus pastores e fixavam o valor das taxas a serem pagas à comunidade. Os limites das comunidades e escolas geralmente coincidiam com os da colônia, povoado ou cidade em que estavam inseridas. Isso significa que o luteranismo no Sul do Brasil foi congregacionalista e independista na sua origem. Quando de sua instalação, nada levava a crer que, no futuro, chegassem a existir instituições como a IELCB e a IELB.¹⁰¹

Em decorrência da atuação dos pastores-colonos e também para facilitar o trabalho missionário, articulando as comunidades entre si, os pastores formados e ordenados vindos da

⁹⁸PEDRO, J. M. *Mulheres do Sul*, p. 288.

⁹⁹PEDRO, J. M. *Mulheres do Sul*, p. 289.

¹⁰⁰RIETH, R. W. *Dois modelos de Igreja Luterana*, p. 256.

¹⁰¹RIETH, R. W. *Dois modelos de Igreja Luterana*, p. 257.

Europa organizaram, no Brasil, os sínodos. Esses sínodos tinham a função de “representar os interesses das diversas comunidades e de seus integrantes diante das autoridades constituídas”.

¹⁰² Na história do luteranismo brasileiro, os responsáveis pela fundação e organização dos sínodos eram sempre pastores formados e ordenados. Aos representantes leigos de comunidades, cabiam papéis secundários, eram responsáveis por manter os sínodos depois que tinham sido criados.

Antonio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho, ao observarem a inserção da mensagem protestante em terras brasileiras, afirmaram que devido à ampla presença física da Igreja Católica, o protestantismo desenvolveu-se nas áreas rurais, distantes fisicamente das Igrejas,

[...] de certo modo, o protestantismo histórico brasileiro de origem missionária tende a reproduzir, no interior de suas comunidades, os traços da religião civil norte-americana, o que contribui para aprofundar o vazio existente entre ele e a sociedade. Na medida em que esse protestantismo reforça sua auto-identificação ao preço de seu relacionamento com a sociedade, tornasse pouco atraente para as camadas populares ao defender valores burgueses de colorido estranho ao spectrum cultural brasileiro¹⁰³

Porém, Mendonça ressalta que nas regiões onde não predominaram as plantações de café, como Norte e Nordeste, região dos grandes engenhos, “a evolução do protestantismo parece ter ficado à espera de outro ciclo de desenvolvimento, que foi a passagem do predomínio do rural para o predomínio do urbano [...] Esse princípio só vai começar a se apresentar em princípio do século XX”.¹⁰⁴

Com relação às “brechas” deixadas pela religião católica que favoreceram a introdução do protestantismo no Brasil, no século XIX, Mendonça considera como pontos de enfraquecimento da Igreja Católica, o liberalismo que crescia nos estratos superiores da sociedade, ligado à expansão das nações colonialistas protestantes; a dependência do padroado e a própria situação interna da Igreja. Nesse momento, a Igreja não possuía um clero preparado, nem com qualidade e, tampouco, com número suficiente para atender à população dispersa pelo território brasileiro, impulsionada pela conquista de novas frentes de ocupação e colonização. Sobre essa questão Mendonça afirma:

Na segunda metade do século XIX, a população brasileira, ainda predominantemente agrária, apresentava uma configuração estranha porque ao lado da minoria dominante constituída pela aristocracia rural e da relativamente grande camada de escravos

¹⁰²RIETH, R. W. *Raízes históricas e identidade da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)*, p. 211.

¹⁰³VELASQUES FILHO, Prócoro & MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 14.

¹⁰⁴MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 120.

espalha-se uma massa de “homens livres e pobres”, mais ou menos fora tanto do sistema econômico como do religioso, cuja prática religiosa autônoma girava em torno do folclore ibero-católico.¹⁰⁵

A localização dessa camada de “homens livres e pobres” também deve ser considerada um fator positivo para a inserção do protestantismo, pois se encontrava distante das sedes das grandes fazendas, das vilas e das paróquias, conseqüentemente, não eram contemplados nem pela ação dos párocos nem pelas missões desenvolvidas pelos padres das ordens religiosas. Nesse sentido, Mendonça afirma que “foi esse o espaço geográfico, social e religioso que se ofereceu às missões protestantes”.¹⁰⁶

Em busca de espaços no campo religioso brasileiro, o protestantismo desenvolveu-se a partir de três elementos: o polêmico, o educacional e o proselitista. O educacional desdobrou-se ainda em outros dois elementos, o ideológico e o instrumental. O ideológico, representado pelos colégios americanos, visava, principalmente, introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, já o instrumental, representado pelas escolas paroquiais, pretendia auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população.¹⁰⁷

Essa estratégia missionária, ligada à educação, foi importante para o protestantismo na medida em que a leitura da Bíblia é intrínseca à fé protestante, considerada a “religião do Livro”, e também porque o culto protestante é calcado na leitura, afinal seus principais materiais litúrgicos são a Bíblia e o livro de hinos. Diante da urgente necessidade de instrução, os missionários construíam escolas nas comunidades, “escolas paroquiais, alfabetizadoras e elementares”.¹⁰⁸

A estratégia missionária de inserção do protestantismo no Brasil, no século XIX, deu-se em três níveis, porém a presença e atuação das mulheres ocorreram mais fortemente no nível educacional, pois tidas como “naturais educadoras” contribuía para modificar o ambiente “amedrontador e maçante” das escolas. Sobre a estratégia educacional do protestantismo e sua relação com as mulheres, Antonio Gouvêa Mendonça afirma que “os missionários desempenhavam sempre o duplo papel de evangelistas e professores, não se esquecendo,

¹⁰⁵VELASQUES FILHO, Prócoro & MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 136.

¹⁰⁶VELASQUES FILHO, Prócoro & MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 136.

¹⁰⁷MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 82.

¹⁰⁸MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 97.

porém, as empresas missionárias, de incluir no seu pessoal especialistas em educação, principalmente, mulheres.”¹⁰⁹

Porém, Antonio Gouvêa Mendonça adverte que é importante problematizar as causas que impeliram os missionários à excessiva preocupação com a instrução, “quais as razões que levavam os missionários, e também os pastores a essa preocupação excessiva com a educação paralela à propaganda religiosa?”¹¹⁰, pergunta o autor. Essa preocupação pode ser explicada a partir de duas perspectivas: pelo espírito filantrópico dos missionários norte-americanos diante da falta de instrução encontrada em terras brasileiras, e também porque a falta de instrução poderia ser um empecilho à propagação da doutrina protestante que era baseada na leitura da Bíblia, livros, revistas e jornais, publicados por iniciativas das missões. Compreende-se, desse modo, a preocupação com o educacional, pois a evolução do protestantismo em terras brasileiras estava intimamente relacionada à alfabetização de seus adeptos, sobretudo, as crianças.

Sobre a chegada do protestantismo no Brasil e sua influência no setor educacional, Lísias Negrão analisa que no período imperial já era possível observar a presença, ainda que tímida, de alguns grupos de protestantes históricos, como batistas, presbiterianos, congregacionais, metodistas, que, segundo ao autor, “embora não numerosos, tiveram alguma influência no sistema educacional ao longo do período republicano”. Ademais, o autor pontua que foi somente “a partir do fim da primeira década do século passado é que começam a introduzir-se no cenário religioso brasileiro os protestantes pentecostais que, pelo seu crescimento intenso e presença marcante, passam a alterá-lo substancialmente, sobretudo nas regiões metropolitanas do país”.¹¹¹

Quanto às escolas paroquiais e seu papel na implantação e permanência do protestantismo, é interessante verificarmos como funcionavam e quem eram os professores responsáveis. Na maioria dos casos, os professores eram os próprios pastores, pois se proibia a contratação de professores não pertencentes à comunidade protestante. Entretanto, com o passar dos anos, surgiu um elemento importante nessas escolas paroquiais: a presença feminina, por meio do magistério qualificado feminino. Para Mendonça, um dos aspectos mais relevantes da educação protestante foi o ministério feminino, pois algumas missionárias educadoras

¹⁰⁹MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 95.

¹¹⁰MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 99.

¹¹¹NEGRÃO, L. N. *Trajetórias do Sagrado* p. 122.

tornaram-se notáveis pelos seus métodos de ensino, nas primeiras décadas do século XIX. Nas palavras do autor:

São mesmo dezenas delas nos primeiros anos da atividade missionária, isto é, nos primeiros trinta anos do século XIX, tornando-se algumas delas notáveis mesmo fora do âmbito exclusivamente protestante. Além do aspecto naturalmente maternal desse magistério feminino, os novos métodos de ensino trazidos por essas missionárias contribuíram bastante para modificar o ambiente das escolas antes amedrontador e maçante, conforme afirmam alguns autores.¹¹²

O autor aponta como heranças positivas do processo educativo protestante o magistério feminino, as classes mistas, os novos métodos pedagógicos e de disciplina, a valorização do trabalho, a educação física e desportos. Caso não fosse o protestantismo, esses elementos teriam demorado algum tempo para chegarem ao Brasil, pois foram antecipados pelos missionários americanos, observa Mendonça.

Sobre a presença das mulheres no setor educacional no Brasil a partir dos meados do século XIX, Guacira Lopes Lobo mostra que após a Independência o discurso oficial pregava a necessidade de construir uma nova imagem do país, que deixasse no passado os traços de um país colonial, “atrasado, inculto e primitivo”. Nesse momento, proliferavam-se discursos atribuindo a relevância da educação para o processo de modernização do país. Criticava-se o abandono educacional, pois “os anos passavam, o Brasil caminhava para o século XX e, nas cidades e povoados, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta”.¹¹³

Em uma sociedade escravocrata e predominantemente rural, a educação obedecia alguns acordos políticos. Entretanto, havia algumas escolas, em sua maioria, voltadas para a instrução dos meninos muito mais que das meninas. Eram escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas, escolas mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as de meninas. As tarefas desses professores apresentavam alguns ensinamentos em comum, para os meninos e meninas, como ensinar a ler, escrever, contar, doutrina cristã, porém, diferenciavam-se quando aos meninos eram ensinadas noções de geometria e às meninas bordado e corte costura.

Guacira Louro também faz uma ressalva sobre a identificação das mulheres com a atividade docente, pois se hoje parece algo normal e comum, no século XIX o processo de entrada das mulheres na docência não ocorreu sem resistências e críticas. Segundo a autora,

¹¹²MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 100.

¹¹³LOURO, G. L. *Mulheres na sala de aula*, p. 443.

“para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas portadoras de cérebros ‘pouco desenvolvidos’ pelo seu ‘desuso’ a educação das crianças”.¹¹⁴ Em contrapartida, havia aqueles que acreditavam que as mulheres possuíam “por natureza” habilidades no trato com as crianças, “naturais educadoras” que eram. Para Lobo, “se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, ‘a extensão da maternidade’. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la”.¹¹⁵

Percebemos, assim, o papel desempenhado pelas mulheres no protestantismo, que sem se restringir apenas ao ambiente doméstico, também se expandiu para o âmbito educacional e pastoral, conforme demonstram as biografias de mulheres como Sarah Kalley¹¹⁶ e Martha Watts¹¹⁷, missionárias, professoras e pioneiras na implantação do protestantismo no Brasil.¹¹⁸ A organização de sociedades missionárias femininas remontam ao século XVIII, nos Estados Unidos, por exemplo, após a Guerra da Independência vários grupos de mulheres cristãs organizaram-se com o intuito de levantar ofertas para missões nacionais e internacionais. Um dos primeiros grupos a formar-se foi das mulheres *Quakers*, seguido pelas batistas, presbiterianas, metodistas e luteranas.¹¹⁹ Mas a presença das mulheres no protestantismo é bem complexa e merece maior problematização. É o que buscaremos fazer no item seguinte.

No livro *William Buck Bagby: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul*, Elizete Silva apresenta dados históricos da inserção dos batistas no campo religioso brasileiro. Para tanto, a autora centra-se em dois protagonistas dessa história, o missionário batista William Buck Bagby e sua esposa Anne Bagby. A autora levanta aspectos importantes da atuação das mulheres no protestantismo por meio da figura de Anne Bagby, ao mostrar que os percalços do campo missionário ou de um ministério pastoral dificilmente seriam suportados pelos pastores sem o apoio cotidiano das mulheres: “Anne Bagby foi uma missionária exemplar, vocacionada para o trabalho evangelístico no Brasil, tal qual o seu esposo.”¹²⁰

¹¹⁴LOURO, G. L. *Mulheres na sala de aula*, p. 450.

¹¹⁵LOURO, G. L. *Mulheres na sala de aula*, p. 450.

¹¹⁶Sobre Sarah Kalley ver: CARDOSO, D. N. *Sara Poulton Kalley (1825 – 1907)*: professora, missionária e poetisa; CARDOSO, D. N. *Sara Kalley*: missionária pioneira na evangelização do Brasil.

¹¹⁷Sobre Martha Watts ver: MESQUITA, Z. (Org.). *Evangelizar a civilizar*: cartas de Martha Watts, 1881-1908.

¹¹⁸Sobre a presença das mulheres no protestantismo ver: RIBEIRO, M. F. S. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro*: uma historiografia de mulheres metodistas; SOUZA, S. D. de (Org.) *Gênero e religião no Brasil*: ensaios feministas.

¹¹⁹FALLER, L. *Mulheres missionárias*, p. 52.

¹²⁰SILVA, E.da. *William Buck Bagby: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul*, p. 70.

Elizete Silva verifica que nos primórdios da inserção dos batistas no Brasil, as missionárias norte-americanas voltaram-se para o trabalho específico de conversão das mulheres. Para a autora, havia algo semelhante a uma divisão sexual do trabalho, em que os missionários evangelizavam os homens e as missionárias buscavam adeptos entre as mulheres e organizavam as sociedades femininas. As missionárias lograram êxito no trabalho evangelístico entre as mulheres, pois se tornaram maioria entre os membros da Igreja. Todavia, o ambivalente papel desempenhado pelas igrejas cristãs na luta das mulheres pela visibilidade de suas ações também se fez sentir entre os batistas. Conforme Elizete Silva,

Coerentes com as ambigüidades do discurso emancipacionista da mulher e as práticas conservadoras com papéis femininos predeterminados, os batistas, ao mesmo tempo, que incentivavam a participação da mulher na vida eclesiástica, impunham severas restrições a tal desempenho, como não falar em assembleias e cultos públicos como oradoras.¹²¹

Nesse sentido, é correto afirmar que havia uma divisão sexual do trabalho a serviço da evangelização protestante em terras brasileiras, uma vez que a atuação das mulheres restringiu-se às atividades maternas e domésticas. Conforme Heleieth Saffioti, uma vez introjetada a ideologia que dá sustentação ao patriarcado “as mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo”.¹²²

O exemplo de Anne Bagby é apenas um entre tantos outros expressivos exemplos da maneira como se deu a atuação das mulheres no protestantismo brasileiro, pois é sabido que as esposas de pastores na tarefa de “secundar” seus maridos eram muito ativas e influentes nas atividades evangelísticas, envolvendo-se em variadas tarefas. Conforme Margarida Ribeiro, o trabalho das esposas e filhas de pastores “era essencial para o desenvolvimento missionário, pois além de cuidar dos afazeres domésticos, elas se dedicavam à visitação, ao ensino das primeiras letras e na ausência do esposo por motivo de viagem ou dificuldades na saúde, não hesitavam em realizar as atividades de cunho pastoral”.¹²³ Mas, a dedicação e o empenho na

¹²¹SILVA, E. da. *William Buck Bagby: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul*, p. 71.

¹²²SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*, p. 102.

¹²³RIBEIRO, M. F. S. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro*, p. 26.

realização dessas atividades não afastaram dessas mulheres a ideia de que eram apenas esposas de pastores.

E o que explicaria a assimilação desse papel sem nenhum protesto? Ao longo da história vários discursos buscaram definir o que era ser mulher, dentre os quais, o religioso. A ordem da criação colocou a subordinação da mulher e a hierarquia masculino/feminino como essencial para duas pessoas que precisassem conviver juntas. Desse modo, a existência de uma ordem natural foi utilizada a fim de justificar tal hierarquia.¹²⁴ A mulher recebeu como castigo parir seus filhos com dor e ser dominada pelo marido, desencadeando assim, constante vigilância sobre seus costumes e rigoroso confinamento doméstico. O mito da criação inaugurou os espaços público e privado, e as únicas vocações femininas passaram a ser o matrimônio e maternidade.¹²⁵

O discurso ideológico protestante impedia que as mulheres agissem para além da função de esposas de pastores, ao contrário, elas consentiam com esse ideário de que haviam profissões femininas e profissões masculinas. Certamente houve mulheres que se destacaram no protestantismo brasileiro, como foi o caso de Anne Bagby, porém, um número muito pequeno quando comparamos com o número de pastores que se destacaram nessa história.

Jeni Vaitsman¹²⁶ explica que a ideia de família moderna surge no momento de desenvolvimento da sociedade capitalista, em que houve redefinição não só das relações entre as classes, mas também de gênero. Segundo a autora, a família “privatizou-se”, um mundo feminino privado da casa foi construído, em oposição ao mundo público, da rua, que se tornou masculino nas práticas, na ideologia e no imaginário social. E, dessa forma, o espaço social feminino ficou marcado de modo que as mulheres, segundo Vaitsman, passaram a ser definidas socialmente a partir da esfera privada, pelas suas relações na família, enquanto filhas e esposas, e não na esfera pública permeada por princípios universalistas e igualitaristas do mercado. Assim, desenvolveu-se a forma moderna de reclusão feminina nesse novo espaço social e doméstico. Conforme Vaitsman:

Com isso reelaboraram-se as antigas e também hierárquicas – fronteiras do feminino e do masculino em termos de socialização e comportamentos. Nos lugares e entre os grupos sociais onde a família conjugal moderna institucionalizou-se, isto se deu junto à construção de toda uma cultura familiar enfatizando a privacidade, o amor materno

¹²⁴TEDESCHI, L. A. *História das mulheres e as representações do feminino*, p. 71.

¹²⁵COLLING, A. M. *Gênero e História, um diálogo possível?*, p. 33-34.

¹²⁶VAITSMAN, J. *Gênero, Identidade, Casamento e Família na Sociedade Contemporânea*, p. 14.

e a criança, fazendo da mulher a própria encarnação de tudo aquilo que a vida privada e familiar passou a significar no imaginário social.¹²⁷

Nesse sentido, compreendemos como a família conjugal moderna estruturada a partir da divisão sexual do trabalho teve reflexos negativos para o exercício pleno da liberdade e igualdade para os dois sexos. Foi o que constatamos no protestantismo brasileiro em que a individualidade feminina esteve sempre subordinada à masculina. Uma vez que as mulheres consentiam com essa divisão dentro do protestantismo e como ficavam responsáveis pela conversão e evangelização de outras mulheres, conseqüentemente, essa dicotomia público/privado era reproduzida e se perpetuava.

Assim sendo, entre aquelas denominações, que como os batistas, não ordenavam mulheres ao ministério pastoral, as mulheres mesmo que tidas como eficientes e capacitadas missionárias não puderam receber ordenação, nem ministrar a ceia, o batismo, apenas pregar e ensinar a Bíblia, desde que não fosse no púlpito, espaço exclusivamente masculino¹²⁸.

Esse foi o caso da IELB que a partir do conjunto doutrinário herdado do Sínodo de Missouri impôs várias restrições à atuação das mulheres em cargos de liderança, limitando-as a atividades auxiliares. Assim, no próximo tópico abordaremos aspectos da história desse Sínodo procurando mostrar as discussões surgidas em torno dos lugares das mulheres nessa igreja, a fim de compreendermos alguns desdobramentos doutrinários dos missourianos na igreja luterana no Brasil.

1.3. O Sínodo de Missouri em terras brasileiras: discursos e práticas sobre as mulheres

A inserção do protestantismo no campo religioso brasileiro foi resultado “do surto missionário” do século XIX, coincidindo com a expansão colonial dos povos anglo-saxões. Vários estudos buscaram compreender a inserção do protestantismo em terras brasileiras, alguns observaram que essa inserção aconteceu de maneira positiva, isto é, os protestantes que aqui chegaram no século XIX beneficiaram-se das condições propícias para sua inserção, ao passo que outros estudos apontaram a dificuldade de inserção do protestantismo em uma sociedade marcadamente católica e analfabeta. O sociólogo Antonio Gouvêa Mendonça,

¹²⁷VAITSMAN, J. *Gênero, Identidade, Casamento e Família na Sociedade Contemporânea*, p. 14.

¹²⁸SILVA, E. da. *William Buck Bagby: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul*, p. 74.

pioneiro no Brasil nos estudos sobre protestantismo brasileiro¹²⁹, classificou esse período como “era protestante”, contexto histórico em que dois tipos de protestantismo entraram no Brasil: o protestantismo europeu, procedente da Alemanha e da Suíça e o protestantismo de origem norte-americana. Nas palavras do autor:

a partir de 1824 chega o protestantismo europeu procedente da Alemanha e da Suíça principalmente e, desde meados do século, aportam os protestantismos de origem sobretudo norte-americana. Nesta vaga entra, ao mesmo tempo que os norte-americanos, certo protestantismo cuja fonte estava nos não conformistas ingleses (*independents*). O protestantismo de origem norte-americana assim como o de raízes inglesas vão compor o que chamamos de protestantismo de missão e o procedente da Alemanha e Suíça de protestantismo de imigração ou colonização.¹³⁰

Esse protestantismo que chegou ao Brasil no século XIX, fruto da imigração suíço-alemã, segundo Mendonça¹³¹, sempre manteve fortes ligações com a Alemanha, abrindo-se à convivência com outros protestantismos somente após a pressão cultural e política durante e após a Segunda Guerra Mundial, as migrações internas decorrentes do envelhecimento das antigas áreas de colonização e a abertura de frentes pioneiras da agricultura. Desse modo, esses fatores “desestruturavam guetos étnicos de cultura alemã”, colocando esses imigrantes alemães em contato com a cultura brasileira e com protestantes de outras tradições.

Todavia, no tocante ao protestantismo de origem europeia, quase todo de origem alemã, Mendonça¹³² pontua que são necessários alguns esclarecimentos, visto que algumas áreas de imigração alemã no Brasil receberam missionários alemães que haviam emigrado para

¹²⁹Autores que se dedicaram ao estudo do protestantismo no Brasil: ALVES, R. *Religião e Repressão*. 2005; CAMPOS, L. S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*; FERREIRA DE CAMARGO, C. P. *Católicos, Protestantes, Espíritas*; FRESTON, P. *Evangélicos na Política Brasileira: História Ambígua e Desafio Ético*; LÉONARD, E. G. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social*; MACHADO, M. das D. C. *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa e Esfera Familiar*; MARIANO, R. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*; MATOS, A. S. de. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900). Missionários, pastores e Leigos do Século 19*; MUNIZ DE SOUZA, B. (org.). *A Experiência da Salvação*; RIBEIRO, B. *Protestantismo e Cultura Brasileira*; RIBEIRO, B. *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da Autonomia ao Cisma*; ROLIM, F. C. *Pentecostais no Brasil – Uma Interpretação Sócio-Religiosa*; VELASQUES FILHO, P. & MENDONÇA, A. G. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*; VIEIRA, D. G. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*; ANTONIAZZI, A. et al. *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*; FERREIRA, J. C. L. (org.). *Novas Perspectivas Sobre o Protestantismo Brasileiro*; MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*; DUNSTAN, J. L. *Protestantismo*; MENDONÇA, A. G. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos*.

¹³⁰MENDONÇA, A. G. *Gênese e estrutura atual dos protestantismos brasileiros num campo religioso em vias de desordenação*, p. 299.

¹³¹MENDONÇA, A. G. *Gênese e estrutura atual dos protestantismos brasileiros num campo religioso em vias de desordenação*, p. 299.

¹³²MENDONÇA, A. G. *Gênese e estrutura atual dos protestantismos brasileiros num campo religioso em vias de desordenação*, p. 300.

os Estados Unidos, sobretudo, para o vale do Missouri e formaram outra igreja luterana, com características mais conservadoras e ligadas ao Sínodo de Missouri, fazendo com que no Brasil, o luteranismo se desdobrasse em duas igrejas: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) que, embora da mesma origem étnico-cultural, apresentam trajetórias diferentes.¹³³ Vejamos suas distintas características:

A IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), mais ligada à Alemanha, tem características mais liberais e ecumênicas, ao passo que a IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil), cujas origens remontam a certa área do luteranismo norte-americano, apresenta traços mais conservadores e distanciados do movimento ecumênico. Ambas, porém, já apresentam diversas formas de integração à cultura brasileira assim como ao campo religioso protestante.

Interessa-nos, portanto, analisar aspectos da trajetória do Sínodo de Missouri, a fim de compreendermos, principalmente, o sistema de crenças que foi herdado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e como essa doutrina confessional ortodoxa missouriana teve reflexos na vida das mulheres luteranas aqui no Brasil. Para tanto, é preciso compreendermos como se davam as relações de poder e dominação no Sínodo de Missouri, cuja doutrina baseava-se na ordem da criação e no destino biológico das mulheres. Argumentos que foram reiteradas vezes utilizados a fim de que a estrutura masculina e hierárquica do Sínodo não fossem contestados e, tampouco, alterados.

O Sínodo de Missouri foi formado em 1847 por imigrantes alemães que chegaram aos Estados Unidos, vindos da Saxônia. Originou-se a partir do descontentamento de alguns luteranos alemães nos Estados, por diversos motivos, com a orientação que recebiam de sua igreja, que se separaram e fundaram, em Chicago, o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados. São os chamados “protestantes missourianos”, que desenvolveram um trabalho missionário voltado, principalmente, à discussão de problemas bíblico-teológicos. Os missourianos também se “inclinam para o fundamentalismo, interpretam a Bíblia ao pé da letra e encaram com desconfiança o movimento ecumênico”.¹³⁴

¹³³Para obter informações mais detalhadas sobre as principais diferenças doutrinárias, políticas ou institucionais entre a IELB e a IECLB ver: GERTZ, R. E. *O luteranismo no Rio Grande do Sul*; RIETH, R. W. *Luteranismo rio-grandense no século XX: da independência à institucionalização*. Informações mais detalhadas sobre a história da IECLB estão em DREHER, M. N. *Igreja e germanidade*; WARTH, C. H. *Crônicas da Igreja*; STEYER, W. O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo*.

¹³⁴KONINGS, J.; ZILLES, U. (Orgs.). *Religião e Cristianismo*, p. 117.

Para Mário L. Rehfeldt¹³⁵, inicialmente, o Sínodo de Missouri, ocupado com as atividades missionárias nos Estados Unidos, principalmente, com os imigrantes luteranos alemães, não estendia sua atuação missionária a outros países. Porém, no final do século XIX, decidiu abrir frentes missionárias no exterior. Foi nesse momento em que resolveu enviar frentes missionárias para a América do Sul, particularmente, para o sul do Brasil, em que imigrantes alemães e seus descendentes, grande parte luteranos, estavam sem “acompanhamento espiritual adequado”. No final da década de 1890, decidiu, por meio de Convenção Sinodal, iniciar o trabalho missionário na América do Sul, especialmente, no Brasil e na Argentina.

Ao longo de sua história, a IELB manteve sempre fortes ligações com o Sínodo de Missouri, a quem chamavam de “igreja mãe”. Do Sínodo de Missouri, a IELB herdou um sistema de crenças denominado “confessionalismo luterano ortodoxo”, ou seja, a religião na qual um firme zelo pelas crenças grupais oficialmente aceitas converge sobre as Confissões Luteranas de 1580, compreendidas como a única, clara e correta interpretação da Bíblia. Esse é um modo de praticar o luteranismo confessional em moldes ortodoxos.¹³⁶ Segundo o autor, “o coração do sistema religioso do confessionalismo da IELB é a crença de que o ser humano é salvo somente pela fé por meio de Jesus e não por qualquer tipo de boas obras”.¹³⁷ Essas crenças são garantidas pelo entendimento da Bíblia como “revelação direta de Deus”, a qual foi exposta corretamente apenas nas Confissões Luteranas.

Conforme indica Arnaldo Érico, essa crença na Bíblia e nas Confissões formavam um “núcleo duro e aglutinador das crenças do Sínodo de Missouri e de seu sínodo afiliado no Brasil”, que o autor considera o principal elemento do sistema religioso oficial do Sínodo de Missouri e herança direta da reforma do século dezesseis: “a crença de que o ser humano é salvo somente pela fé por meio de Jesus, e não por qualquer tipo de boas obras”. Ao redor desse “núcleo duro”, segundo Arnaldo Érico, é que são “derivadas e elaboradas doutrinas, discursos, memórias e identidades que fundamentam ações e políticas individuais e grupais, e que ao mesmo tempo constituem outros núcleos, relativos, por exemplo, às esferas da educação, da missão, da diaconia, etc”. Nesse sentido, o autor analisa que esse conjunto de doutrinas e orientações formou uma “estrutura de significados”, que norteiam tanto as decisões do Sínodo de Missouri, nos Estados Unidos, quanto da IELB. Segundo o autor:

¹³⁵REHFELDT, M. L. *Um grão de mostarda: a história da IELB no Brasil*, p. 30.

¹³⁶HUFF JÚNIOR, A. E. *Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro*, p. 128.

¹³⁷HUFF JÚNIOR, A. E. *Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro*, p. 128.

O processo de imigração dos saxões e a fundação do Sínodo de Missouri ocorreram no contexto de um movimento de despertamento religioso que representou uma reação da antiga fé cristã diante dos desenvolvimentos da racionalidade moderna e de sua influência no seio da religião. Nesse contexto, o Sínodo, bem como suas instituições afiliadas, construíram desde seus primórdios uma identidade oficial ao redor do que chamo de luteranismo confessional ortodoxo: um modelo de luteranismo que tem oficialmente como normas incondicionais de fé e prática: 1) a Bíblia, considerada como a palavra de Deus inspirada e infalível e 2) as Confissões Luteranas agrupadas no Livro de Concórdia de 1580, consideradas como a verdadeira exposição de tal palavra de Deus. A assunção de que a única interpretação correta da Bíblia, a infalível revelação de Deus, está apresentada no Livro de Concórdia é o critério oficial principal para pertença individual e grupal às instituições do luteranismo de tipo ortodoxo-confessional, bem como um fator central na busca pela manutenção da unidade de igrejas e organizações.¹³⁸

Defensores de uma ortodoxia luterana estrita, com uma doutrina baseada na “Fórmula de Concórdia” e exigindo a aceitação integral do Livro de Concórdia, não demorou muito para que o Sínodo de Missouri entrasse em conflitos com os avanços experimentados na sociedade norte-americana do início do século XX, relacionados às conquistas das mulheres. Assim, viam no movimento feminista um inimigo que precisava ser ignorado e combatido.

A história dos luteranos na América do Norte foi, até meados do século XIX, marcadamente masculina. Somente após a Guerra Civil essa realidade foi se alterando paulatinamente. Até então, as mulheres eram encontradas apenas em registos oficiais das igrejas como batismos, casamentos e enterros. A separação de esferas, privilegiando o espaço público, do poder, em detrimento do espaço privado encontrou condições plenas nas igrejas. No caso das mulheres luteranas, as atividades que desenvolviam na igreja era uma espécie de extensão do trabalho que faziam em casa, sempre centrado na maternidade, domesticidade e subordinação. Atuavam como professoras da escola dominical, cuidavam da limpeza e ornamentação da igreja e contribuía com recursos para manter pastores. No Sínodo de Missouri, a esposa do pastor era a liderança que orientava as outras mulheres nessas tarefas.¹³⁹

No decorrer da década de 1930, os grupos de mulheres organizaram-se para auxiliar as congregações em seus projetos missionários. Os benefícios trazidos ao Sínodo pelos esforços delas fez com que a igreja percebesse o valor financeiro do trabalho das mulheres. A mulher do pastor, na maioria das vezes, era a liderança de grupos de mulheres que se formavam nas igrejas. Na visão de Mary Todd, esses grupos de mulheres que se formavam para auxiliar a igreja,

¹³⁸HUFF JÚNIOR, A. E. *Protestantismo, Modernização e Estado Leigo*, p. 6.

¹³⁹TODD, M. *Women and Lutheranism*, p. 311.

mesmo que tenham funcionando como uma extensão do lar, foram a forma que muitas encontraram para participar de atividades fora dele.

No Sínodo de Missouri, a organização mais antiga de mulheres foi formada em 1837. Estudos revelam que nesse ano, durante uma conferência em Nova York do Sínodo Germânico da Igreja Luterana, as mulheres dos pastores foram convidadas a se organizarem a fim de ajudar na formação de missionários. O convite surtiu o efeito desejado, as mulheres se organizaram e formaram a “Associação Feminina do Sínodo de Hartwick para a Educação de Missionários Estrangeiros”.¹⁴⁰ A partir daí multiplicaram-se as organizações femininas americanas que tinham como objetivo principal auxiliar na obra missionária, havendo uma proliferação dessas organizações dentro de diversas denominações protestantes. As Igrejas Luteranas também viram multiplicar essas organizações nas suas congregações, apenas para citarmos alguns exemplos, tem-se que em 1882 as mulheres da Igreja Luterana Augustana decidiram se organizar para despertar o interesse e ajudar nos campos missionários; na Igreja Luterana Unida na América em 1918, organizou-se a Sociedade Missionária de Mulheres; pioneira foi a organização *Danish Women’s Mission Fund* (Fundo de Missão das Mulheres Dinamarquesas), que em 1908, formou-se para “auxiliar pastores jovens e pequenas congregações, e cultivar o amor pelas missões”¹⁴¹.

Assim, no século XIX, mulheres cristãs americanas de diferentes denominações religiosas organizaram-se com o intuito de auxiliar missões nacionais e estrangeiras, “conscientizando, orando, ofertando, ajudando a formar profissionais e missionários para os campos de missão, enviando missionários e muitas missionárias”.¹⁴² Além do auxílio às missões, muitas mulheres cristãs americanas também se envolveram diretamente nos empreendimentos missionários.

Segundo Todd, a natureza informal desses grupos de mulheres, serviu a dois propósitos nas relações de gênero e poder dentro da igreja: era uma garantia para os homens que suas mulheres estavam participando de um encontro aceitável, e ao mesmo tempo oferecia às mulheres oportunidade de formar redes de amizade fora de casa enquanto engajados em serviços de assistência social e missionária.¹⁴³

¹⁴⁰FALLER, L. *Mulheres Missionárias*, p. 53.

¹⁴¹FALLER, L. *Mulheres Missionárias*, p. 53.

¹⁴²FALLER, L. *Mulheres Missionárias*, p. 61.

¹⁴³TODD, M. *Women and Lutheranism*, p. 312.

Em 1938, houve uma movimentação desses grupos na direção da formação de uma liga nacional de mulheres. O pedido foi enviado ao Sínodo de Missouri, em 1941, e aprovado com a condição de que as próprias mulheres se responsabilizariam pela elaboração dos estatutos da nova organização. Além disso, a supervisão pastoral da liga seria assegurada por meio da nomeação de pastores conselheiros. A nomeação de pastores como conselheiros, servia para lembrar à nova organização que, além de ser um órgão auxiliar da igreja, no Sínodo a ordem da criação estava acima de todas as decisões, sendo assim, a autoridade era sempre dos homens. Realidade que será reproduzida na ocasião da criação da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), quando três conselheiros foram escolhidos para supervisionar as atividades da Liga.

A criação da Liga Missionária (LWML) enquanto órgão auxiliar do Sínodo de Missouri ocorreu em Chicago, em 1942:

Fifteen districts sent delegates and over one hundred other women attended the two-day event. Perhaps the most pressing question was what name the new organization would carry. Various combinations of Lutheran, women and federation, union or league were offered – even under consideration was “The Behnken League”, named for the incumbent synodical president, evidence of the elevated esteem in which the Missouri laity held its principal officer. The women chose in the end to include the word missionary to reflect their primary emphasis and purpose of mission work.¹⁴⁴

A Liga Missionária estabeleceu como um de seus principais objetivos manter o maior número possível de mulheres luteranas conscientes do quão eram importantes nos projetos missionários do Sínodo (em âmbito educacional, missionário e assistencial), principalmente, por meio do levantamento de fundos para esses projetos missionários. Também passaram a publicar trimestralmente um periódico o *Lutheran Woman's Quarterly*¹⁴⁵.

Para Mary Todd, a permissão para a formação da LWML só foi possível porque o Sínodo entendia que o serviço que essa liga iria realizar na igreja era um "trabalho de mulher", não representando, assim, ameaça à doutrina da igreja da separação de esferas baseada no sexo. Desse modo, a relação entre o sínodo e as mulheres da liga auxiliar manteve-se cortês, pois a igreja via vantagem no trabalho que desenvolviam levantando recursos financeiros que contribuía com os projetos missionários. Contudo, Todd faz uma ressalva e observa nessa relação um paradoxo, pois segundo a autora, a dedicação excessiva dessas mulheres no auxílio

¹⁴⁴TODD, M. *Authority Vested: A Story of Identity and Change in the Lutheran Church-Missouri Synod*, p. 126. Tradução: “Quinze distritos enviaram delegados e mais de cem outras mulheres participaram do evento de dois dias. Talvez a pergunta mais urgente fosse qual nome a nova organização carregaria. Foram oferecidas várias combinações de luteranos, mulheres e federações, sindicato ou liga – até mesmo sob consideração foi “A liga de Behnken”, em homenagem ao presidente sinodal incumbente, a prova da estima elevada em que os leigos do Missouri mantiveram seu principal representante. As mulheres escolheram no final incluir a palavra missionária para refletir sua ênfase primária e o objetivo do trabalho da missão”.

¹⁴⁵ Mulheres Luteranas Trimestralmente.

aos projetos missionários do Sínodo impediu que elas reconhecessem na Liga um espaço para discutir a situação das mulheres na igreja. Elas são imensamente leais às suas congregações, ao Sínodo e isso impõe limites para pensarem sobre a verdadeira missão delas na igreja, avalia Todd. Mesmo organizadas em grupos de mulheres que trabalhavam em prol dos projetos missionários do Sínodo desde o século XIX, envolveram-se muito pouco na discussão das relações de desigualdade entre homens e mulheres dentro da igreja, por exemplo, nas discussões sobre o voto feminino nas congregações missourianas.

À conquista do sufrágio feminino, nos Estados Unidos, em 1920, o Sínodo colocou-se fervorosamente contra, pois acreditavam que os papéis de homens e mulheres já estavam estabelecidos e essa definição era atemporal. Para os missourianos essa conquista nada mais era do que resultado da loucura de “mulheres fanáticas” que “pressionaram” pela aprovação do sufrágio. Conforme a pesquisadora Mary Todd, a desaprovação do Sínodo com essa medida levou-os a classificarem as sufragistas como “she was a repulsive caricature, a woman without femininity that will not be what it should and cannot be what it wants to be”.¹⁴⁶

No Sínodo de Missouri, as mulheres não eram autorizadas a participarem como membros da estrutura administrativa da igreja e também não possuíam direito de votar nas assembleias, convenções e reuniões sinodais. Por esse motivo, afirmavam que o direito ao voto concedido às mulheres americanas não resultaria em postura equivalente pelo sínodo. Na igreja, os papéis iriam permanecer os mesmos. Todavia, após um longo silêncio, os missourianos sentiram aquilo que talvez possamos considerar um impacto do feminismo em sua doutrina. Durante a realização de uma Convenção nacional do Sínodo, em 1938, alguns membros afirmavam que não encontravam embasamento bíblico para manter a proibição ao voto das mulheres dentro da igreja em assembleias. Diante desse impasse, ficou acordado que o assunto relacionado à participação das mulheres na igreja deveria ser estudado por todas as congregações e durante as convenções pastorais. Entretanto, Mary Todd aponta que nenhuma comissão especial foi nomeada para estudar o assunto e alerta para um possível receio do Sínodo de Missouri sobre o potencial que representavam as mulheres dentro da igreja:

Did the contrast between the synod’s enthusiasm for a women’s auxiliary and its reluctance to pursue study of woman suffrage reflect Missouri’s awareness of the

¹⁴⁶TODD, M. *Authority Vested: A Story of Identity and Change in the Lutheran Church-Missouri Synod*, p. 144. Tradução: “Ela foi uma caricatura desagradável, uma mulher sem feminilidade que não será o que deve ser e não pode ser o que quer ser”.

potencial suffrage held for bringing women closer to the governing structure of the church, while an auxiliary kept them safely at a distance?¹⁴⁷

A questão da permissão ou não do voto feminino, aliada à discussão sobre a ordenação feminina ao pastorado, foram duas questões que dividiu a opinião dos luteranos na América do Norte, ao longo do século XX e que conforme veremos teve reflexos na Igreja Luterana no Brasil. Acusado de defender ideias fundamentalistas quando se tratava de discutir o lugar da mulher na igreja, o Sínodo de Missouri manteve-se inabalável na sua crença de não permitir que as mulheres exercessem autoridade sobre os homens. Vários estudos foram realizados pela *Commission on Theology and Church Relations* (CTCR) (Comissão de Teologia e Relações Eclesiais - CTCR), organização sinodal oficial encarregada de discutir o lugar da mulher na igreja e a ordenação feminina.

Os pedidos de esclarecimentos partiram dos próprios luteranos missourianos, entretanto poucas mulheres expressaram suas opiniões sobre um assunto que era de grande relevância para elas. Um das poucas vozes que se fez ouvir manifestando-se sobre a liberação do voto feminino nas congregações sinodais foi a de Theona von Lorenz's, que teve uma carta publicada em um jornal da igreja, em 1964:

How long does the Missouri Synod intend to put off the right to vote on the part of women in our church?... I have waited twenty-five years for the right to say "yes" or "no" on a ballot in a Missouri Synod church. I tithe. I have pledged. I continue to tithe, but I refuse to pledge to a church that stubbornly refuses to withhold this privilege from a large group of its membership. This is a form of segregation. It is wrong.¹⁴⁸

O posicionamento de Theona foi, certamente, influenciado pelo contexto que se vivia nos Estados Unidos na década de 60, do despertar do Movimento Feminista de Segunda Onda. Uma influência que a Igreja Luterana Sínodo de Missouri tentou afastar fez o possível para manter longe de seu público feminino, mesma postura adotada pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. E também aqui no Brasil, a Liga de Senhoras Luteranas não liderou nenhuma manifestação que viesse a colocar em xeque a doutrina da Igreja baseada na ordem da criação.

¹⁴⁷TODD. M. *Authority Vested: A Story of Identity and Change in the Lutheran Church-Missouri Synod*, p. 152. Tradução: "O contraste entre o entusiasmo do sínodo para o auxílio das mulheres e sua relutância para perseguir o estudo do direito de voto da mulher refletiu a consciência do Missouri do sufrágio potencial mantido para trazer as mulheres mais perto da estrutura governamental da igreja, enquanto um auxílio às manteve seguramente à distância?"

¹⁴⁸TODD. M. *Authority Vested: A Story of Identity and Change in the Lutheran Church-Missouri Synod*, p. 186. Tradução: "Quanto tempo o sínodo de Missouri pretende adiar o direito de voto por parte das mulheres na nossa igreja? ... Eu esperei vinte e cinco anos pelo direito de dizer sim ou não em uma cédula de voto em uma igreja do Sínodo de Missouri. Eu pago o dízimo. Eu dei minha palavra. Eu continuo a dizimar, mas eu me recuso a me comprometer com a igreja que teimosamente nega este privilégio a um grande grupo de sua sociedade. Isto é uma forma de segregação. Está errado".

A postura de Theona em seu desabafo demonstra que nem todas as mulheres missourianas estavam contentes com os lugares que o Sínodo reservava a elas. Entretanto, não podemos afirmar que essa era uma postura compartilhada pela maioria das mulheres, apenas vozes discordantes dentro de um universo bem maior de vozes condescendentes com a doutrina da Igreja. Afirmamos isso porque em 1964, ano em que a carta de Theona foi publicada, havia 22 anos da fundação da Liga Missionária de Mulheres Luteranas (Lutheran Women's Missionary League -LWML)¹⁴⁹, uma entidade auxiliar formada por mulheres luteranas do Sínodo de Missouri e nenhum debate nesse sentido tinha partido dessa Liga, apenas de algumas mulheres que compunham a diretoria. Mas que acreditamos não representava o desejo da maioria daquelas filiadas à LWML.

A partir da década de 60, a CTCR também teve de responder questionamentos vindos das congregações sobre a ordenação de mulheres ao ministério pastoral. As queixas giravam em torno da falta de argumentos plausíveis para legitimar a proibição do voto feminino, o que acabou gerando uma onda de indagações, em 1965, sobre o porquê da não ordenação feminina ao pastorado. Em resposta, o Sínodo argumentava que suas decisões baseavam-se nos ensinamentos paulinos e que a proibição considerava que eram atos contrários às escrituras e que violariam os princípios bíblicos. Deixava-se, assim novamente, a questão em suspenso. Conforme Mary Todd, isso demonstra a resistência do Sínodo de Missouri em discutir plenamente as dimensões e implicações que essas duas questões teriam para a igreja.

A confusão existia, pois havia uma ala da igreja que considerava que ordenação feminina e voto feminino eram questões completamente diferentes e que deveriam ser analisadas separadamente. Os mesmos argumentos utilizados para negar duas coisas diferentes, causava, na concepção de muitos membros e congregações, confusões. Finalmente, a “conquista” do voto feminino no Sínodo de Missouri ocorreu em 1969, durante Convenção realizada em Denver, no Colorado, ocasião em que cedendo às pressões internas o Sínodo aprovou essa demanda, porém, advertia que a ordem da criação deveria ser mantida e as mulheres não deveriam exercer autoridade sobre os homens.

Isso ocorreu, pois se durante o século XIX, as mulheres luteranas passaram a se organizar em grupos, no século XXI, passaram a atuar mais plenamente no cotidiano das congregações, por meio da LWML. Mudanças que, segundo Mary Todd, ocorreram paralelas às mudanças que aconteciam na sociedade americana, como por exemplo, campanha pelo

¹⁴⁹ Liga Missionária das Mulheres Luteranas - LWML.

direito das mulheres ao voto. Mesmo que o Sínodo tenha se mantido contra o voto feminino, acabou cedendo:

In the 1910s, during the struggle for women's suffrage in the United States, a strong antisuffrage lobby developed that argued women did not need the right to vote, as they already had the greater power of influence. In some Lutheran churches, the grant of suffrage was seen as threatening the separate spheres of women and men; men of the German synods worried about the "feministic tendencies" they associated with suffragists.¹⁵⁰

Entretanto, ao longo do século XX, a liderança das mulheres nos vários sínodos continuou pequena, pois muitas mulheres participavam de cargos de liderança, mas não necessariamente isso aumentou a visibilidade das mulheres na igreja.

Também contribuiu para a aceitação do voto feminino a criação, em 1960, da *Lutheran Women's Caucus* (LWC)¹⁵¹ formada por mulheres pertencentes ao Sínodo de Missouri que se tornou uma organização pan-luterana em meados dos anos de 1970. Por meio da LWC, as mulheres procuraram refletir sobre posturas da igreja, a partir de questões apresentadas pelo movimento feminista de segunda onda. Essa organização buscou discutir os papéis limitados das mulheres na igreja, a desigualdade de salários paroquiais de professores e professoras e a representação das mulheres nas publicações sinodais. Todavia, essas demandas renderam às mulheres da LCW o rótulo de "radicais", por apoiarem, entre outras coisas, a ordenação de mulheres ao pastorado. Mas mesmo tidas como "radicais" foram convidadas a participarem de várias comissões que estudavam essa questão dentro e fora do Sínodo de Missouri.¹⁵²

A LWC contou com a participação de poucas mulheres ligadas à Liga Missionária de Mulheres (LWML). Esse foi o caso de Olive Wise Spannaus co-fundadora da LWC, que atuou na diretoria da Liga Missionária de 1964 a 1978 e buscou fazer avançar as discussões sobre o lugar das mulheres na igreja.¹⁵³

Segundo Mary Todd, a grande resistência da hierarquia masculina da igreja em conceder o direito de voto às mulheres deveu-se, em parte, pelo "perigo" que essa decisão poderia acarretar: a usurpação de autoridade pelas mulheres. Daí a centralidade da ordem da

¹⁵⁰TODD, M. *Women and Lutheranism*, p. 315. Tradução: "Na década de 1910, durante a luta pelo sufrágio feminino nos Estados Unidos, uma forte oposição anti sufrágio desenvolvido argumentou que as mulheres não precisavam do direito de voto, uma vez que já tinham o maior poder de influência. Em algumas igrejas luteranas, a concessão de sufrágio era vista como uma ameaça às esferas separadas de mulheres e homens; homens dos sínodos alemães preocupados com as "tendências feministas" eles associaram com sufragistas".

¹⁵¹Comitê das Mulheres Luteranas - LWC.

¹⁵²TODD, M. *Women and Lutheranism*, p. 317-318.

¹⁵³LOVE, B. J. *Feminists who Changed America, 1963-1975*, p. 435.

criação nessa decisão, pois o voto feminino não poderia ser visto como “autoridade”, mas como um meio de as mulheres também trabalharem pela igreja. No entanto, nem todas as congregações adotaram essa medida de imediato, algumas continuaram negando esse direito às mulheres, pois o Sínodo de Missouri permitia que cada congregação estabelecesse suas próprias regras, desde que não entrassem em conflito com sua doutrina. Assim,

Following the Denver convention, many congregations were quick to change their bylaws to allow women the right to vote and hold office. But not all followed suit. By the mid-1980s when congregations of the synod were surveyed on the question, it was reported that women were still prohibited from voting in 20 percent of synodical congregations. The synodical polity that allows each congregation to establish its own bylaws as long as they are not in conflict with those of the synod explains the differential, as do the persistent voices that continue to call for woman suffrage to be rescinded.¹⁵⁴

Nesse sentido, com uma tradição preocupada com a questão da autoridade, e fazendo sempre referência a uma única passagem para embasar seus argumentos de que as mulheres não poderiam exercer autoridade sobre os seus maridos (Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio - 1 Timóteo 2:12), em fins dos anos de 1960, a igreja viu-se obrigada a definir mais detalhadamente quais atividades das mulheres na igreja demandavam autoridade sobre os homens, chegando à conclusão de que o voto nas reuniões congregacionais não era uma delas.¹⁵⁵

Não podemos afirmar que para as luteranas do Sínodo de Missouri o voto tenha sido uma conquista, nos moldes do que ocorreu na sociedade americana, em 1920. Em primeiro lugar, porque foram poucas aquelas que ousaram enfrentar a igreja e contestar a proibição e, em segundo, porque representou muito mais uma concessão masculina e não uma conquista feminina.

Como o Sínodo havia concedido a participação das mulheres pelo voto, porém não havia ainda permitido a ordenação feminina, essa questão continuou aparecendo nas convenções da igreja e suscitando dúvidas. Para tanto, o Sínodo publicou, em 1985, sob o nome de “a mulher na igreja: princípios bíblicos e praxe da igreja”, aquele que julgou ser seu parecer definitivo sobre o assunto. Elaborado pela Comissão de Teologia, esse documento, que seria

¹⁵⁴TODD. M. *Authority Vested*, p. 197. Tradução: “ Seguindo a Convenção de Denver, muitas congregações foram rápidas para mudar seus estatutos para permitir às mulheres o direito de votar e ocupar cargos. Mas nem todos seguiram o exemplo. Em meados dos anos 1980, quando as congregações do sínodo foram inquiridas sobre a questão, foi relatado que as mulheres ainda eram proibidas de votar em 20 por cento das congregações sinodais. O governo sinodal que permite que cada congregação estabeleça suas próprias normas, desde que elas não estejam em conflito com os do sínodo explica o diferencial, como fazem as vozes persistentes que continuam a chamar para o sufrágio feminino a ser rescindido”.

¹⁵⁵TODD. M. *Authority Vested*, p. 199.

traduzido para o português em 1992, não pretendeu apenas esclarecer questões sobre a ordenação de mulheres para o ofício pastoral, embora o debate sobre ordenação tenha ocupado grande parte do relatório, pretendia sim,

[...] destacar e integrar dois temas claramente presentes na Palavra de Deus: 1) a afirmação clara e positiva de que a mulher é uma pessoa plenamente igual ao homem no que respeita ao usufruto da imerecida graça de Deus em Cristo Jesus, e como membro do seu Corpo, a Igreja; e 2) a inclusão da mulher (bem como do homem) na ordem divinamente instituída, o que deve se refletir na vida de serviço e adoração da igreja. A correlação apropriada destes dois ensinamentos bíblicos é crucial, considerando que o pensamento da igreja a respeito deste tópico é determinado pelo Espírito Santo, e não ditado pelas exigências culturais (Jo 8.31).¹⁵⁶

O documento em questão ainda pretendia auxiliar os membros a formarem uma opinião definitiva sobre os papéis das mulheres na igreja e destacava os vários estudos e comissões formados para estudar esse assunto. Vejamos:

O crescente desejo por uma participação da mulher na vida corporativa da igreja, levou à nomeação, em 1973, da Força Tarefa sobre Mulheres. Esta Força Tarefa continuou o seu trabalho até 1977, submetendo ao Sínodo um relatório detalhado sobre as formas em que mulheres pudessem ter uma participação mais efetiva na vida da igreja. A Convenção de 1977 adotou três recomendações da Força Tarefa. Uma das recomendações foi que a responsabilidade de estudar os assuntos relacionados com a mulher na igreja, era atribuição da CTCR. Em 1983, o Sínodo solicitou à CTCR dar prioridade a este estudo. Em 1984, o presidente do Sínodo nomeou a Comissão para Assuntos da Mulher, e pediu-lhe que se empenhasse na execução de tarefas: 1) rever o material preparado pela antiga Força Tarefa, e avaliar até que ponto as suas recomendações haviam sido implantadas no Sínodo; 2) colher dados adicionais sobre o crescente envolvimento de mulheres nos vários aspectos da vida congregacional e sinodal; 3) revisar ênfases e dimensionamentos do envolvimento das mulheres na sociedade, e como isso afeta a igreja; 4) consultar e assistir a CTCR na preparação de um estudo teológico sobre o serviço das mulheres na igreja; 5) recomendar serviços e oportunidades ministeriais apropriadas para mulheres em todos os níveis da igreja, e 6) explorar as possibilidades de se criar uma rede de fóruns de debate sobre atividades das mulheres no trabalho na Igreja através dos Distritos do Sínodo. Embora o trabalho da Comissão sobre Assuntos da Mulher e a pesquisa no Sínodo sobre os serviços das mulheres não tenham sido terminados, a CTCR foi beneficiada através de muitas consultas junto aos membros da Comissão. Querendo torna-se sensível às preocupações das mulheres no Sínodo, a CTCR também partilhou estudos preliminares deste relatório com outros grupos e indivíduos do Sínodo (Conselhos dos Presidentes, Faculdades dos Seminários, Colégio de Presidentes, Comissão de Assuntos Sociais da CTRF, e pessoal do Centro Internacional).¹⁵⁷

O documento demonstra que o Sínodo era conhecedor das divergências com relação aos seus princípios de interpretação bíblica, mas ao mesmo tempo procurou reafirmar seus

¹⁵⁶A mulher na Igreja. Relatório da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Lutheran Church Missouri Synod (LCMS). Traduzido pelo pastor Paulo Kerte Jung, São Paulo, SP, 1992, s/p.

¹⁵⁷A mulher na Igreja. Relatório da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Lutheran Church Missouri Synod (LCMS). Traduzido pelo pastor Paulo Kerte Jung, São Paulo, SP, 1992, s/p.

argumentos da melhor maneira possível, criando várias comissões para estudar o assunto. De acordo com Todd, o Sínodo de Missouri resistiu à mudança enquanto outras igrejas luteranas tornavam-se maleáveis à presença feminina em lugares antes ocupados apenas por homens. A autora aponta que as várias comissões de estudo formadas para discutir esse assunto, algumas formadas exclusivamente por mulheres, não conseguiram mudar as concepções dos missourianos sobre o papel das mulheres na igreja, pois a doutrina oficial e excludente mantinha-se inalterada. Desse modo, os inúmeros estudos que se fizeram ao longo dos anos sobre essa questão contribuíram muito mais para reforçar o seu ponto de vista do que para rever atitudes e posturas relacionadas às mulheres. As oportunidades de estudos foram frustradas pelas certezas de que o Sínodo de Missouri possuía sobre o papel da mulher e assim as mulheres foram convidadas a participar de um jogo cujas regras os homens já haviam definido, explica Todd.¹⁵⁸ Em suas análises a autora define o Sínodo de Missouri como uma “igreja masculina”:

The Missouri Synod is a male church. History again can provide some background. Missouri's nineteenth-century roots, begun in Germany and transplanted to America, reflected the prevailing notion of the times regarding gender roles. Relegated by her biological nature to the domesticity of home and family, woman was praised for her nurturing abilities and her piety. A clearly delineated separation of spheres meant the synod had little reason to concern itself that its women would step outside their place.¹⁵⁹

Em sua argumentação, Mary Todd aponta que em resposta ao movimento feminista o Sínodo buscava reforçar a posição das mulheres dentro da igreja baseado na ordem da criação, destacando a liderança masculina e a subordinação feminina. Para a autora, as limitações impostas às mulheres pela igreja era uma forma de enquadrá-las em seu “destino biológico”, pois eram limitações que derivavam de sua natureza feminina. Assim, questiona as razões que poderiam explicar tamanha resistência do Sínodo à igualdade de gêneros em sua hierarquia:

[...] Does the synod's resistance to gender equality reflected its attitude toward women, or toward a far larger issue – its resistance to the modernist agenda gender equality represents? Preservation of a rigid gender role structure is a recognized mark

¹⁵⁸ TODD, Mary. *Op., cit.*, 2000, p. 248.

¹⁵⁹ TODD, Mary. *Op., cit.*, 2000, p. 263. Tradução: “O Sínodo de Missouri é uma igreja masculina. A História novamente pode fornecer algumas informações. Raízes do século XIX, do Missouri, iniciado na Alemanha e transplantadas para a América, refletiu a noção de prevalência dos tempos com relação a papéis de gênero. Relegado por sua natureza biológica para a domesticidade de casa e da família, a mulher foi elogiada por suas habilidades de educar e pela sua devoção. Uma separação claramente delineada das esferas significou que o sínodo tinha pouca razão para preocupar-se que as suas mulheres pisariam fora do seu lugar”.

of a religious fundamentalism that legitimates its claims on women and the family through an appeal to verbally inspired scriptural texts.¹⁶⁰

Somou-se ao fundamentalismo do Sínodo o fato de as próprias mulheres manterem-se distantes dos debates sobre um assunto que poderia mudar a forma como entendiam sua relação com a igreja. Entretanto, acreditamos que, por estarem inseridas dentro desse universo missouriano fundamentalista e masculino, elas não refletiram sobre as hierarquias que a igreja atribui a ambos os sexos, isso explica a ausência da Liga Missionária de Mulheres nesses debates. Conforme Todd,

Additionally, women themselves have deferred to the theologians for determination of their status within the synod. The absence of women in the debate over women's service has been striking. No organization of either professional women or lay women has asked that women's voices be represented on the CTCR; no coalitions have been formed to encourage dialogue or to lobby the synod on women's issues [...] Perhaps most significantly, any informal or unofficial groups wishing to raise questions regarding women's status in the church are generally dismissed as troublesome feminists whose questions are interpreted as challenges to Missouri's every authority - scripture, men, and the synod itself. The question of the ordination of women has as yet been officially addressed only tangentially by the synod.¹⁶¹

Por mais que o discurso do Sínodo de Missouri fosse fundamentalista e “aprisionasse” as mulheres em papéis secundários, não era contestado por elas, pois da maneira como eram construídos davam a entender que não teriam outra escolha senão aceitar, caso contrário iriam de encontro à doutrina da igreja. Conforme Foucault, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”.¹⁶²

¹⁶⁰TODD, Mary. *Op., cit.*, 2000, p. 264. Tradução: “A resistência do Sínodo para a igualdade de gênero refletiu sua atitude em relação às mulheres, ou em direção a um problema muito maior - a sua resistência representa igualdade ao gênero da agenda modernista? A preservação de uma estrutura rígida do papel de gênero é uma marca reconhecida de um fundamentalismo religioso que legitima suas reivindicações sobre as mulheres e da família através de um apelo que inspirou verbalmente textos bíblicos”.

¹⁶¹TODD, M. *Authority Vested*, p. 264. Tradução: “Além disso, as próprias mulheres transferiram para os teólogos por determinação de seu status dentro do sínodo. A ausência de mulheres no debate sobre o serviço das mulheres tem sido notável. Nenhuma organização ou de mulheres profissionais ou leigas pediu que as vozes das mulheres fossem representadas na Comissão sobre as Relações da Teologia e da Igreja; quaisquer coligações foram formadas para encorajar o diálogo ou para pressionar o Sínodo sobre as questões das mulheres [...]. Talvez o mais significativamente, todos os grupos informais ou não oficiais que desejem levantar questões sobre o status das mulheres na igreja são geralmente descartado como feministas problemáticos cujas perguntas são interpretadas como desafios para todas as autoridades do Missouri - escritura, homens, e do próprio sínodo. A questão da ordenação de mulheres tem sido ainda oficialmente dirigida apenas tangencialmente pelo sínodo”.

¹⁶²FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p. 8.

O relatório, elaborado em 1985, que demarcou o posicionamento imutável do Sínodo de negar às mulheres a ordenação, traduziu a crença dessa igreja na “inerrância bíblica” acompanhado pela certeza de que não havia mais necessidade de estudar uma questão que jamais iria mudar. Em virtude disso, o Sínodo defendeu a não ordenação feminina mesmo diante de pressões externas e internas para que essa postura fosse reavaliada.¹⁶³

Em 1970, após realizarem estudos sobre a ordenação de mulheres, a Igreja Luterana na América e, em seguida, a Igreja Luterana Americana, decidiram pela ordenação de mulheres, sendo Elizabeth Platz a primeira mulher luterana a ser ordenada pastora na América do Norte.¹⁶⁴ O Sínodo de Missouri, entretanto, permaneceu defendendo a não ordenação feminina, a partir da noção de ordem da criação. Uma postura que, segundo Mary Todd, era uma maneira de defender a liderança masculina e a subordinação feminina, excluindo-se assim as mulheres do ofício pastoral.

Mary Todd argumenta que profundas divisões marcaram a Igreja Luterana norte-americana, entretanto, a questão em torno do lugar das mulheres, sem dúvida, foi sua diferença mais marcante. Algumas igrejas olhavam com olhar mais conservador, enquanto outras analisavam a questão por um viés mais moderado.

Foi essa confessionalidade ortodoxa que o Sínodo de Missouri trouxe para o Brasil no século XIX, quando seus missionários aqui chegaram com suas esposas. Em terras brasileiras como se desenvolveram as relações de gênero no meio luterano, qual foi o lugar reservado às mulheres ao longo de mais de cem anos de presença da Igreja Evangélica Luterana no Brasil (IELB)? Sabemos que as mulheres também vieram ao Brasil no “surto missionário” ocorrido no século XIX. Mas o que dizem as fontes sobre elas? E o que a IELB reservou para elas?

1.4. A (não) presença das mulheres na história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil

Analisar e escrever a trajetória das mulheres na história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil não é uma tarefa fácil, pois até meados do século XX, a ação dessas mulheres encontrava-se restrita ao privado. Foram mulheres que cumpriram os “designios divinos” que a Igreja reservou a elas, o papel de boa esposa, mãe e dona de casa. Acompanhando seus maridos pastores nas missões ao Brasil, aceitaram a difícil tarefa de desempenhar papel de esposas de pastor. Na tarefa de “secundar” seus maridos foram excelentes companheiras,

¹⁶³TODD, M. *Authority Vested*, p. 265.

¹⁶⁴TODD, M. *Women and Lutheranism*, p. 317.

cuidaram das tarefas domésticas, da educação dos filhos e, quando necessário, auxiliaram nas questões da igreja, como professoras, apenas para citar um exemplo. Essas informações são suficientes para acreditarmos que as mulheres desempenharam sim um papel de fundamental importância na inserção do protestantismo em terras brasileiras, todavia esse papel não está explícito nas fontes, por motivos que merecem ser esclarecidos.

A IELB foi fundada em 1904¹⁶⁵, sob a liderança de pastores americanos da Igreja Luterana Sínodo de Missouri, a partir de preceitos doutrinários e ortodoxos, com a intenção de que a igreja fundada no Brasil respeitasse os princípios da igreja nos Estados Unidos.¹⁶⁶ Desse modo, assim como o Sínodo de Missouri, essa Igreja estabeleceu semelhanças e diferenças doutrinárias entre homens e mulheres, ou seja, todos são iguais perante Cristo, porém, o homem é o “cabeça” do lar e somente ele possui “autoridade no ensino da Palavra”, apenas o homem pode exercer a função de pastor. Às mulheres couberam os papéis de mãe, esposa e responsável pelos cuidados da casa e na igreja podiam exercer atividades condizentes ao público feminino: participar de reuniões nos departamentos femininos para estudo bíblico; participar de projetos missionários com orações e ofertas; praticar assistência social; ornamentar o altar para os cultos; ser professoras em escola paroquiais, escola dominical infantil e escola bíblica missionária.

O luteranismo praticado pelas igrejas ligadas ao Sínodo de Missouri, diferentemente daquele exercido pelos protestantes teuto-brasileiros, sempre postulou sua religiosidade como necessariamente “transétnica”, sem se restringir, necessariamente, à etnia alemã, por isso criticavam a utilização da igreja enquanto instituição de culto à etnia. Com relação a essas diferentes vertentes do luteranismo brasileiro, Airton Jungblut, considera o seguinte:

Essa postura é, de certa forma, compreensível se levada em consideração a origem dos missionários que aqui introduziram esse luteranismo. Oriundos dos Estados Unidos, a grande nação protestante, fundada a partir da religião civil e da liberdade de culto, esses luteranos teuto-norte-americanos provavelmente tiveram suas doutrinas transformadas no contato com o tipo de protestantismo lá existente (...) Tributários prováveis desse tipo de protestantismo, esses luteranos combatiam e combatem a

¹⁶⁵A presença do Sínodo de Missouri no Brasil fez surgir, em 1904, o 15º Distrito do Sínodo de Missouri, que se tornou, em 1920, “Sínodo Evangélico Luterano do Brasil” e, em 1954, “Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Em 13 de abril de 1920, o Distrito Brasileiro do Sínodo de Missouri registrou seus estatutos, assumindo o nome de *Synodo Evangélico Luterano do Brasil*. A proposta de mudança foi levada à Convenção Sinodal do Sínodo de Missouri, nesse mesmo ano, e aceita por grande parte dos que se faziam presentes. Durante a Convenção Distrital de 1951, cogitou-se novamente a mudança do nome da IELB, então *Synodo Evangélico Luterano do Brasil*. A justificativa para essa mudança foi que o termo sínodo não era, devidamente, compreendido pelos brasileiros, além disso, acreditavam que o termo evangélico havia perdido seu sentido confessional original. Na Convenção de 1953, porém, foram aprovados novos estatutos da Igreja e o nome foi alterado para Igreja Evangélica Luterana do Brasileiro. (HUFF JÚNIOR, A. E. *Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro*, p. 131; BUSS, P. W. *Um Grão de Mostarda*, p. 21).

¹⁶⁶WEIDUSCHADT, P. *Sínodo de Missouri e organização escolar na realidade pomerana-campo e habitus em Pierre Bourdieu*, p. 5.

idéia de atribuir-se à Igreja funções que consideram estranhas ao seu caráter religioso-congregador, como no caso, a defesa e o culto da etnia germânica.¹⁶⁷

O desejo em preservar sua confessionalidade, de possíveis ameaças, está expresso em seus estatutos. Por meio deles a IELB afirma que, enquanto sínodo, é:

Constituída pela união voluntária de congregações para preservar sua confessionalidade, formar seus pastores e líderes e, conjuntamente, realizar a missão de Deus no mundo, e:

A natureza confessional da IELB baseia-se em todos os livros canônicos do Antigo e do novo Testamento e, como exposição das Sagradas Escrituras, nos Documentos Confessionais reunidos no Livro de Concórdia de 1580.¹⁶⁸

Desde o começo de suas atividades no Brasil, essa igreja estabeleceu como sua identidade confessional a aceitação da “Escritura Sagrada como palavra infalível de Deus”¹⁶⁹ e o reconhecimento de que as Confissões, reunidas no Livro de Concórdia de 1580, sejam a clara e correta exposição e interpretação das Escrituras Sagradas. Esses posicionamentos estão presentes em seus Estatutos e Código de Ética, aceitos e subscritos pelas congregações e pastores a ela filiados. Quanto ao diálogo com outras igrejas cristãs, a IELB é favorável, porém, desde que não haja desvios da confissão herdada.

Nesse sentido, dentro dessa lógica confessional luterana, cuja “palavra infalível de Deus” está acima de qualquer contestação, acreditamos que qualquer iniciativa pensando mudanças na perspectiva de gênero dentro dessa igreja lograriam pouquíssimo êxito. Daí o fato de afirmarmos que a criação da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB) não representou grande ruptura com o destino imutável dos homens e das mulheres. Enquanto organização auxiliar, esteve muito mais a serviço da igreja do que da desconstrução das desigualdades de gênero. Fato, aliás, nunca cogitado pela Liga.

A pouca atuação da LSLB no sentido de questionar o papel da mulher na igreja explica-se pelo fato de a Igreja Luterana construir, por meio de discursos, as fronteiras entre público e privado, tomando as diferenças entre homens e mulheres como seu principal ponto de apoio, colocando os homens em posição de superioridade em relação às mulheres. Uma vez estabelecidas a doutrina e norma, as mulheres não devem transgredi-la, é interessante que

¹⁶⁷JUNGBLUT, A. L. *O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros*, p. 142-143.

¹⁶⁸SEIBERT, E. M. *O que se pode afirmar sobre a identidade confessional nas Igrejas de tradição evangélico-luterana no Brasil a partir do seu surgimento, e o que se aprende daí para a atual procura por identidade confessional?*, p. 10.

¹⁶⁹SEIBERT, E. M. *O que se pode afirmar sobre a identidade confessional nas Igrejas de tradição evangélico-luterana no Brasil a partir do seu surgimento, e o que se aprende daí para a atual procura por identidade confessional?*, p. 12.

saibam seus lugares e que fora desses limites representam um perigo. Conforme Colling, “estes limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara de demarcar a sua identidade. Como se a mistura de papéis sociais lhes retirasse o solo seguro.”¹⁷⁰

No Brasil, o projeto missionário do Sínodo de Missouri teve sua primeira iniciativa com o pastor Johann Friedrich Brutschin, que fora enviado ao país em 1868. Durante sua permanência no Brasil, dirigiu-se à Instituição Missionária de Peregrinos S. Chrischona, que atuava no Sínodo de Missouri e “sugeriu que este contribuísse para o provimento das numerosas vagas no RS”.¹⁷¹ Pelo que demonstram os fatos, o apelo do pastor Brutschin foi ouvido e entre 1900 e 1904 chegaram ao Brasil os primeiros missionários luteranos ligados ao Sínodo de Missouri.¹⁷²

Em 28 de março de 1900, chegou a Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, o pastor Christian J. Broders, que tinha como principal missão averiguar as possibilidades missionárias em terras brasileiras. Nesse mesmo ano fundou no Rio Grande do Sul a primeira comunidade na região das comunidades livres pomeranas de Pelotas e São Lourenço.¹⁷³

Em 1901 foi enviado mais um pastor para a região sul do país, era Wilhelm Mahler, que havia recebido um convite para ser Diretor de Missões para a América do Sul, tornando-se o primeiro missionário do Sínodo de Missouri residente no Brasil e o primeiro diretor da IELB,

¹⁷⁰COLLING, A. M. *A construção histórica do Feminino e do Masculino*, p. 15.

¹⁷¹PRIEN, Hans Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil*, p. 524.

¹⁷²No arquivo da IELB encontramos algumas atas, do ano de 1904, traduzidas da língua alemã, nas quais constam informações sobre a fundação do 15º Distrito Sinodal do Sínodo de Missouri. As atas informam que durante a Convenção Sinodal de 1902 do Sínodo de Missouri foi sugerido que os pastores e congregações do Brasil, deveriam ser auxiliados a fim de formarem um Distrito Sinodal. A ideia foi amplamente discutida e debatida durante a Conferência Geral de Pastores e Delegados Leigos, no Brasil, em 1904. Havia, por parte dos pastores residentes no Brasil, um receio de que os vínculos e as relações futuras com a “Igreja-mãe”¹⁷², ficassem abalados e os auxílios financeiros deixassem de ser enviados. Entretanto, essas dúvidas foram esclarecidas e a proposta de fundação do 15º Distrito Sinodal do Sínodo de Missouri foi aceita, conforme podemos observar nos registros presentes na ata: “O Sínodo Geral de Missouri resolvera em 1902, enviar um delegado ao Brasil para visitar os irmãos e auxiliá-los na fundação para ser um próprio distrito [...] Os motivos que nortearam o desejo do Sínodo Geral, foi a experiência que experimentou em si mesmo. Pois no ano de 1847, agora grande Sínodo de Missouri organizou-se em Chicago com 12 pastores e que cresceu para ser um Sínodo Luterano que preserva sob auxílio, graça divina a doutrina luterana pura e a preserva por intermédio dos seus estabelecimentos de ensino. O desejo de que experimentemos o mesmo em nós, fez com que o Sínodo Geral quisesse que nos constituíssemos em distrito sinodal próprio. Não nos devemos atemorizar sermos apenas um pequeno grupo, pois existem sínodos ainda menores em número de comunidades e de pastores. Também não devemos crer que, formando um próprio distrito sinodal, a atitude da Comissão Missionária seja mudada ou quiçá, rompida, ou que o auxílio vindo da América do Norte seja cortado, porquanto ainda existem na América do Norte, distritos independentes, mas que recebem auxílio financeiro. Poderíamos, mesmo que seja supérfluo, dirigir ao Sínodo um pedido, de permitir que nossa situação junto à Comissão Missionária Geral continuasse a mesma [...]”. (Livro de Atas do Distrito Brasileiro da Igreja Evangélica Luterana, Sínodo de Missouri, Ohio e outros Estados. (tradução), 1904- 1926. Convenção Sinodal de 1904).

¹⁷³PRIEN, Hans Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil*, p. 524.

de 1904 a 1910. Walter Steyer atribui à gestão do pastor Wilhelm Mahler a efetiva implantação do luteranismo confessional entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. Segundo o autor, Mahler não restringiu seu trabalho apenas às comunidades livres da região sul, voltou-se para os novos imigrantes procedentes da Alemanha e à fundação de comunidades e escolas. Entretanto, o grande mérito do pastor Mahler, segundo Steyer, foi centralizar o trabalho do Sínodo de Missouri em Porto Alegre¹⁷⁴. Nas palavras do autor:

Mahler foi o primeiro a reconhecer a importância estratégica em centralizar o trabalho pastoral na capital do Estado. A crescente migração previa um fluxo migratório de alemães das colônias para a capital. Dos 100 mil habitantes, cerca de 20 mil eram alemães; assim, Porto Alegre, é o centro da germanidade do Estado.¹⁷⁵

Por mais que o pastor Wilhelm Mahler seja aquele que nos livros de memórias receba todos os méritos pelo seu pioneirismo na história da Igreja Luterana no Brasil, sabemos que ele não estava só, pois conforme já afirmamos, as mulheres propiciavam a esses homens um conforto e apoio que dificilmente eles teriam sem a ajuda delas. A respeito da esposa de Mahler, os registros dizem muito pouco, apenas que em 1894 esse pastor se casou com Louise Cattenhusen, com quem teve quatro filhos.

Todavia, segundo Margarida Ribeiro, as esposas dos pastores eram aquelas que efetivamente davam apoio aos pastores. Foram companheiras e conselheiras ao longo do processo de inserção do luteranismo no Brasil, cuidavam da economia doméstica e ficavam responsáveis pela educação dos filhos e filhas, e em algumas situações exerciam atividades agrícolas. Nas comunidades colaboravam na área de música para crianças e jovens, e nos momentos de ausência dos maridos pastores, proferiam as reflexões junto à comunidade.¹⁷⁶

Essas construções hierárquicas são próprias do processo de escrita da história que atribuiu valores diferentes e desiguais aos dois sexos, universalizando uma suposta superioridade masculina. Entretanto, como lembra Colling, a história é resultado de interpretações e representações, perpassadas por relações de poder. Para a autora, “o modo mais eficiente para desconstruir algo que parece evidente, sempre dado, imutável, é demonstrar como esse algo se produziu, como foi construído”.¹⁷⁷

¹⁷⁴STEYER, Walter O. *A implantação do luteranismo confessional e as populações protestantes teutas*, p. 273.

¹⁷⁵STEYER, Walter O. *A implantação do luteranismo confessional e as populações protestantes teutas*, p. 275.

¹⁷⁶RIBEIRO, M. F. S. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas*, p. 27.

¹⁷⁷COLLING, Ana Maria. *Gênero e História: um diálogo possível?* p. 14.

Nas cartas, nos periódicos, nos documentos, nas fotos, nas biografias, as mulheres quando aparecem raramente são lembradas pelo nome, são apenas mencionadas como as “esposas dos pastores”, ou seja, os discursos construídos silenciam sobre a participação feminina na história da Igreja, conforme podemos observar nos fragmentos a seguir retirados de cartas escritas por pastores enviados ao Brasil pelo Sínodo de Missouri no início do século XX:

Henry Wittrock, um dos primeiro missionários enviados à América Latina seguiu viagem para o Brasil no dia 2 de agosto de 1902, por navio, na companhia do pastor Reinhold J. L. Mueller, ambos com suas esposas.¹⁷⁸

... Fomos aconselhados a partir para o Brasil o quanto antes. Ao mesmo tempo, fomos instados a seguir casados, e levando junto nossas esposas.¹⁷⁹

...Minha esposa estava imóvel, como uma estátua, sentenciando que tudo aquilo era demais e não arredara o pé dali.¹⁸⁰

Isso ocorre porque o casamento é visto pela Igreja Luterana como uma “instituição divina”, em que o marido deve amar sua esposa e esta por sua vez deve amá-lo e respeitá-lo, sendo em tudo submissa. O casamento é visto, nesses termos, como uma realização natural para as mulheres. É preciso frisar que esse discurso religioso sobre o casamento reforça o ideal de domesticidade das mulheres, fazendo com que sua submissão aos maridos as tornem invisíveis. Passam a ser as esposas dos pastores, e não mulheres com ações e vontades próprias. Como bem ressaltou Heleieth Saffioti “o casamento é um contrato que dá ao homem o título de patriarca e o direito de exercer seu domínio”.¹⁸¹ Ainda segundo a autora o patriarcado ou ordem patriarcal é extremamente forte e atravessa todas as instituições.¹⁸²

Como destacou Karina Bellotti, os relatos bíblicos com ensinamentos sobre os papéis que caberiam aos cônjuges, buscam justificar a submissão de uma maneira que não ofendam a dignidade da mulher. Longe de ser tomada como escravidão, a submissão é colocada como algo feito a partir da vontade da própria mulher, mais uma função a ser cumprida obedecendo a hierarquia divina a fim de estabelecer a ordem.¹⁸³

¹⁷⁸WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 31.

¹⁷⁹WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 32.

¹⁸⁰WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 47.

¹⁸¹GROSSI, M. P.; MINELLA, L. S.; PORTO, R. M. (Orgs.). *Depoimentos: Trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violências*, p. 157.

¹⁸²SAFFIOTI, H I. B. *Gênero, patriarcado, violência*, p. 94.

¹⁸³BELLOTTI, K. K. *A Mídia Presbiteriana no Brasil*, p. 168.

Carole Pateman, ao analisar o contrato do casamento, argumenta que a teoria do contrato social foi apresentada como uma história sobre liberdade, mas é necessário discutir questões que se encontram além dessa liberdade, haja vista que a dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estiveram na base da formulação do pacto original. Por isso, Pateman expõe que se o contrato social foi uma história de liberdade, o contrato sexual foi uma história de sujeição. Nas palavras da autora:

O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade da história que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. Esse contrato está longe de se contrapor ao patriarcado, pois ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno.¹⁸⁴

Uma vez que se estabelece o contrato, a dicotomia pertinente passa a ser a esfera privada e a esfera pública, civil. Essa dicotomia reflete a ordem da divisão sexual na condição natural, também considerada uma diferença política. Segundo Pateman¹⁸⁵, a antinomia privado/público deve ser considerada como outra expressão das divisões natural/civil e mulheres/homens, pois no contrato original nasce a “sociedade civil”, e a história do contrato sexual deve ser contada a fim de se esclarecer como o domínio privado é estabelecido e por que a separação da esfera pública é necessária.

Vimos que, em busca de espaços no campo religioso brasileiro, o protestantismo desenvolveu-se a partir de três elementos: o polêmico, o educacional e o proselitista. No caso do Sínodo de Missouri, a preocupação em conquistar fiéis e educá-los dentro da “verdadeira doutrina luterana”, sempre foi muito evidente. Martin Dreher, ao analisar a relação que o protestantismo gaúcho desenvolveu com a educação, pontua que essa relação ocorreu de tal forma que, segundo o autor, “os imigrantes, antes de construírem sua capela, construíram sua escola. Esta escola, muitas vezes, serviria também de Igreja.”¹⁸⁶ Eram escolas de catecismo, com o objetivo de ensinar às crianças a leitura para que pudessem aprender, no caso dos luteranos, o Catecismo Menor de Lutero. Além disso, também diversas escolas desenvolveram-se com o intuito de formar, na época, estabelecimentos de 2^o grau:

Havia também a necessidade de ensinar os filhos a ler, escrever, e de integrá-los dos conteúdos bíblicos. Na época, havia na região apenas escolas estaduais, com lições

¹⁸⁴PATEMAN, C. *O contrato sexual*, p. 17.

¹⁸⁵ PATEMAN, C. *O contrato sexual*, p. 29.

¹⁸⁶DREHER, M. N. *Os protestantismos rio-grandenses*, p. 252.

em português, e escolas maristas. As crianças da CELSP pouco ou nada entendiam de português, e seus pais desejavam uma educação luterana.¹⁸⁷

A Comunidade Evangélica Luterana de São Paulo propiciou ensino secular a partir de 1911, primeiramente com o propósito de suprir a necessidade de seus afiliados, e posteriormente ampliando a oferta para a população canoense. Durante longo tempo, essas atividades de ensino se limitaram ao primário, e a uma escola. A boa aceitação de tal ensino pela sociedade canoense induziu à expansão daquela primeira escola, não só no número de vagas, mas também introduzindo por completo a educação primária. Além disso, incentivou a mantenedora a abrir outras escolas primárias.¹⁸⁸

Em 1968 foi lançada a pedra angular do prédio. Nascia assim a realidade de uma nova ação dentro da CELSP: o ensino profissionalizante de 2º grau, fruto de uma semente lançada em 1911, com o ensino primário para filhos da Comunidade Luterana.¹⁸⁹

Desse modo, a regra que prevaleceu nas colônias foi a do “binômio igreja-escola”.¹⁹⁰ Entretanto, o projeto de criação e manutenção de escolas paroquiais, pela IELB, tornou-se inviável com passar do tempo por vários motivos falta de professores, proibição do uso da língua alemã durante a Segunda Guerra Mundial e concorrência das escolas públicas. Para Ricardo Rieth:

Mesmo somando-se os professores aqui formados aos que vinham do exterior, a falta de quadros docentes continuou grande. Apesar disso, muitas eram as escolas paroquiais. A proibição tanto do uso da língua alemã quanto da direção escolar por estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial representou um duro golpe para elas. Entre 1938 e 1941, o número de escolas reduziu-se de 139 a 91. Após a guerra, houve uma recuperação, sendo que, em 1956, havia 148 escolas paroquiais atendendo cerca de 8.400 crianças. Devido à forte concorrência das escolas públicas, a partir de meados dos anos 1950, as escolas paroquiais acabaram tornando-se inviáveis para as comunidades e foram sendo fechadas em sua maioria. A Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), aprovada por instâncias governamentais em 1987/88 e mantida pela C. E. L. São Paulo de Canoas (RS), é um legado dessa tradição das escolas comunitárias na IELB.¹⁹¹

No caso da IELB¹⁹², inicialmente todos os pastores assumiram também a função de “mestre-escola”, visto que o Sínodo de Missouri não contava com número suficiente de

¹⁸⁷AS ORIGENS DA UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, p. 10.

¹⁸⁸AS ORIGENS DA UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, p. 17.

¹⁸⁹AS ORIGENS DA UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, p. 26

¹⁹⁰RIETH, Ricardo Willy. *Raízes históricas e identidade da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)*, p. 218.

¹⁹¹ AS ORIGENS DA UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, p. 218.

¹⁹² Antonio Gouvêa Mendonça identifica dois elementos que dificultaram a inserção do protestantismo no Brasil em áreas de cultura católica: o institucionalismo e o intelectualismo¹⁹². Mendonça analisa que em um país católico como o Brasil, a religião era oficial e universal, romper com essa religião era difícil e, para tanto o rigor protestante tornou-se um obstáculo. O protestantismo, na concepção do autor, exigia dos novos adeptos compromissos formais e públicos perante a congregação reunida, evidenciando a opção pela nova religião, assim, ingressar em uma igreja protestante significava romper com a cultura e, até mesmo, com os laços familiares. Mesmo diante de uma sociedade caracterizada pelo analfabetismo, o intelectualismo protestante prevaleceu,

professores para suprir a demanda de suas próprias escolas nos EUA e diante disso, poucos foram os que vieram atuar no Brasil. Em 1903, foi fundado o Instituto de Bom Jesus para a formação de pastores e professores a fim de atuarem nas comunidades. Esse Instituto transformou-se no Seminário Concórdia de Porto Alegre “endereço aos cidadãos teuto-brasileiros” e com o objetivo de “preservar o luteranismo confessional”.¹⁹³

Em algumas denominações protestantes, a inserção das mulheres ocorreu por meio da educação. Algumas missionárias educadoras tornaram-se notáveis no processo de evangelização no Brasil. Porém, esse não foi o caso da IELB, pois nos registros de memória da igreja não há nenhum destaque para a atuação das mulheres na área educacional, embora as fontes nos mostrem que assim como os pastores, as mulheres atuaram nas escolas da igreja no início das atividades do Sínodo de Missouri no Brasil:

Em 1919, fui designado para reabrir a escola desse tipo de congregação em Campestre, uma linda e velha comunidade alemã a 80 km de Porto Alegre, a 500 metros acima do nível do mar, com muitas fazendas prósperas [...] Sentí que precisávamos de uma jovem para assumir o papel de professora das crianças mais pequenas. Então perguntei à senhora Weber, aquela que me hospedava, se ela me recomendava alguém. Ah sim! A senhorita Ludvina Zimmer se encaixaria perfeitamente neste perfil! ”pedi que ela encaminhasse a jovem até a escola. Na manhã seguinte uma moça linda, de cabelos pretos, veio e tomou conta do programa de Natal, que foi um sucesso, atraindo uma grande multidão.¹⁹⁴

Percebemos, assim, que às mulheres era dada permissão para ensinar nas escolas confessionais, pois conforme dissemos anteriormente, por muito tempo a docência foi vista como uma extensão da maternidade. Soma-se a isso, no caso da IELB, seu projeto educacional de ensinar crianças, jovens e adultos, afinal, a doutrina luterana só seria assimilada por meio da leitura da Bíblia. Nesse caso, as “qualidades maternais” das mulheres deveriam ser colocadas a serviço dos propósitos evangelizadores da igreja.

buscando criar condições próprias para estabelecer-se e expandir-se por meio de estratégias como, a educação, por meio da construção de escolas paroquiais. Essas exigências para aqueles que queriam ingressar na “nova religião” transformou o protestantismo em uma “contracultura”, provocando reações por parte da sociedade. O protestantismo ao romper com o lazer, o lúdico e ao tentar impor sua ética, na visão de Mendonça, foi de encontro ao que pregava o catolicismo. Condenava o ócio, não respeitava os santos, foi contra o álcool, as festas, as danças e os cânticos, todos considerados signos do profano, pois o “profano não podia ocupar o tempo do protestante, o tempo do protestante é um tempo inteiramente sagrado” (MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, p. 148).

¹⁹³SEIBERT, E. M. *O que se pode afirmar sobre a identidade confessional nas Igrejas de tradição evangélico-luterana no Brasil a partir do seu surgimento, e o que se aprende daí para a atual procura por identidade confessional?*, p. 09.

¹⁹⁴WINTERLE, C. W.; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 84.

Isso evidencia que o silêncio atribuído às mulheres, estendeu-se também às fontes sobre essas mulheres. O reconhecimento pelo trabalho missionário iniciado no Brasil no século XIX foi dado somente aos pastores. As mulheres apenas cumpriram o papel de “esposa de pastor” ao acompanhá-los na missão para a América do Sul. Na visão da IELB o mérito é todo deles, dos pastores pioneiros que tornaram possível a concretização dos projetos do Sínodo de Missouri no Brasil.

Sobre essa questão, Michelle Perrot¹⁹⁵ analisa que para escrever a história, fontes, documentos e vestígios são indispensáveis. Porém, na visão da autora, aí reside uma grande dificuldade quando se trata da história das mulheres, uma vez que sua presença é constantemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos, o que gera um déficit, uma falta de vestígios. A destruição dos vestígios ocorre de maneira social e sexualmente seletiva. São razões que justificam a escassez de fontes não sobre a mulher, mas sobre sua existência concreta e sua história singular. Diante desses dados, Perrot questiona: “discursos e imagens cobrem as mulheres com uma vasta e espessa capa. Como alcançá-las, como quebrar o silêncio, os estereótipos que as envolvem?”¹⁹⁶ Segundo a autora, os pesquisadores precisam encontrar fontes que falam das mulheres, fontes que emanam delas nas quais se possa ouvir suas vozes diretamente. São fontes que podem ser encontradas em bibliotecas, local do impresso, dos livros e dos jornais; como nos arquivos públicos e privados. Além das bibliotecas, dos arquivos e dos livros, há os jornais e as revistas, dos quais as mulheres são leitoras e produtoras. Nesses casos cabe aos pesquisadores buscarem as mulheres nas entrelinhas da fonte, nos espaços do “não-dito”.

Interessante relato sobre como atuaram as mulheres no início das atividades do Sínodo de Missouri no Brasil encontramos no livro *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, organizado por Carlos W. Winterle e Martinho Krebs, que por meio de biografias, relatos e documentos de missionários norte-americanos e brasileiros, pioneiros da história da IELB no Brasil, mostra como ocorreu a inserção dessa denominação em terras brasileiras. O relato em questão é de Bárbara Almstedt, filha de Adolph Alfred Gruell, pastor luterano que chegou ao Brasil em 1937, acompanhado de sua noiva, a professora paroquial Ethel Fischer.

Trata-se de uma carta escrita por Bárbara e publicada no periódico *The Lutheran Witness*¹⁹⁷, em setembro de 2004, em comemoração ao centenário da IELB, na qual buscou

¹⁹⁵PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da História*, p. 21.

¹⁹⁶PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da História*, p. 25.

¹⁹⁷ A Testemunha Luterana.

mostrar o trabalho missionário realizado por sua mãe no Brasil. Inicialmente Bárbara diz sentir-se lisonjeada por ser representante dos primeiros missionários luteranos vindos ao Brasil, nos primórdios do século XX, “isso porque meu avô fora um dos primeiros missionários da LCMS para o Brasil [...] Depois de se formar no Seminário de St. Louis, meu pai voltou para o Brasil, fazendo parte de um grupo de cinco missionários vindos dos Estados Unidos para o estado o Espírito Santo, que naquela época era uma das áreas de missão mais primitivas do Brasil.”¹⁹⁸

Entretanto, Bárbara ressalta que seu objetivo principal não é contar a história de seu pai e seu avô, pois disso outras publicações da IELB já haviam se encarregado, mas sim escrever sobre sua mãe, que assim como tantas outras mulheres não tiveram sua atuação reconhecida.

Esta é a história sobre minha mãe. O trabalho de meu avô, e o de meu pai, bem como de todos os outros pastores, está devidamente registrado nos anais, crônicas e publicações da Igreja Luterana, mas a história de minha mãe, assim como de outras missionárias certamente não foram contadas.¹⁹⁹

Prossegue mostrando o que chamou de “capacidade de sobrevivência” de sua mãe, ao deixar os Estados Unidos e partir rumo ao Brasil acompanhando seu futuro esposo, tendo de realizar as mais diversas atividades e adaptar-se a situações incomuns como “capturar, matar, depenar e limpar frangos”, morar em casa de barro e aprender a cozinhar em fogo de chão. Um trecho da carta revela as “dificuldades” enfrentadas por Ethel Gruell, nome que passou a assinar depois de casar-se com o pastor Adolph Gruell:

Em 1937, minha mãe, uma professora de escola paroquial da Igreja Luterana Trinity, Houton, Texas, seguiu meu pai, seu noivo, para o Brasil. Eles se casaram no Rio de Janeiro, e depois seguiram para a congregação de papai, que ficava entre os morros, no interior do Espírito Santo, via trem, ônibus e carro de boi. Mamãe era uma menina da cidade, e pensou que tivesse vindo ao fim do mundo quando chegou em Água Limpa. A primeira casa paroquial era uma construção de barro com dois quartos e uma cozinha aberta, onde mamãe teve que aprender a cozinhar em fogo de chão. Isso mesmo, ela literalmente teve que “reaprender” a cozinhar! E é claro que, para ela cozinhar - digamos um frango -, primeiro precisava capturá-lo, matá-lo, depená-lo e limpá-lo. Como os frangos não apareciam da floresta por acaso, ela também teve que aprender a criá-los, bem como plantar os alimentos consumidos por nós.²⁰⁰

Além dos afazeres domésticos Ethel Gruell também acompanhava seu marido na visita às congregações para a realização dos cultos, “para atender suas cinco congregações, meu pai cavalgava sua mula Peanuts. Muitas congregações ficavam de cinco a dez horas de viagem a

¹⁹⁸WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 186.

¹⁹⁹WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 186.

²⁰⁰WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 186.

cavalo, distantes de nossa casa. Antes de eu nascer, mamãe o acompanhava na maioria de suas viagens, no cavalo dela, Peppy”.²⁰¹ Bárbara relata que sua mãe ainda era muito ativa no auxílio e assistência aos necessitados, bem como uma mulher atuante no ensino, tanto em casa, com seus filhos, quanto nas aulas na escola dominical:

Mamãe nunca estava muito cansada, fosse dia ou noite, para acudir alguém doente e de cama, servir de enfermeira para as crianças com pólio ou consolar uma mãe que estivesse chorando a morte de um filho. [...] Além de ensinar seus filhos em casa, ela dava aulas na escola paroquial, tocava o órgão nos cultos em duas congregações e dirigia o coral. Nas horas vagas ela organizava atividades para os jovens nos domingos à tarde. Uma vez por ano, ela organizava uma programação para toda a congregação e as comunidades vizinhas. Mas seu projeto mais ambicioso era o de um circo. Nós tínhamos animais (elefantes e girafas) feitos de bambu, galinhas feitas de arame coberto com lençol velho e tingido [...] Em 1992, quando visitei aquela parte do Brasil, muitas pessoas ainda se lembravam daquele circo e falavam do qual a senhora Gruell tinha feito.²⁰²

Jean Bauberót reforça ainda que as mulheres de pastores desempenham um papel de extrema relevância no ministério de seus maridos pastores, entretanto, esse papel não é devidamente reconhecido, e quando reconhecido geralmente é por meio de funções atribuídas costumeiramente às mulheres, funções que são caracterizadas como pertencentes à natureza feminina:

[...] recebem e visitam, ensinam e cuidam, podem frequentemente e sem perigo nem inconveniência deslocar-se a lugares onde, normalmente, uma mulher não vai nem deve ir a extensão do seu trabalho e da sua influência depende de diversos factores: a superfície da paróquia e a disseminação dos seus membros, entre outros. Quando o pastor precisa de se ausentar frequentemente para visitar igrejas anexas, a sua esposa pode tornar-se um guia espiritual temporário. Teóloga autodidacta, ela reconforta, aconselha, explica a Bíblia, dirige mesmo reuniões de orações.²⁰³

O historiador Émile Léonard em *O protestantismo brasileiro* destaca que as esposas dos pastores ao acompanharem seus maridos missionários sujeitavam-se às mais diversas situações e enfrentavam muitos percalços. Ao analisar o número de missionários estrangeiros que vieram ao Brasil no século XIX e as condições aqui encontradas, o autor observa que as perdas que esses missionários sofreram por moléstias e, especialmente, pela febre amarela, foram muito grandes, entre elas estavam suas esposas, que não resistiam às doenças e morriam. Léonard relata que: “em 1879 a espôsa do Rev Blackford; em 1886, o Rev Koger, metodista

²⁰¹WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 187.

²⁰²WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 187.

²⁰³BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 242.

com apenas trinta e cinco anos; em 1888, Mrs Anna Bagby, esposa do fundador da missão batista (...); em 1891, a jovem esposa do Rev Carrington vinda ao Brasil dois anos antes em viagem de núpcias e mais a missionária professora Miss Cunningham”.²⁰⁴

Assim, ensinar e cuidar das pessoas, são atividades inerentes à figura da mulher do pastor, além de também garantir a assistência religiosa, “quer possua ou não um diploma de professora, ela dá com frequência aulas às crianças, mas dirige também, em certos lugares, a instrução de mulheres adultas. Em muitos casos, presta certos cuidados às mulheres”.²⁰⁵ Ao agir dessa maneira, segundo Bauberót, essas mulheres não se limitam ao seu interior, à sua condição de “secundar” os maridos pastores, e fazem isso sem se afastarem da “modéstia que convém ao seu sexo”.

Voltando ao relato de Bárbara, em 1946, Ethel Gruell, sua mãe foi para os Estados Unidos com uma dupla missão, visitar seus familiares e convencer a diretoria da Igreja Luterana Sínodo de Missouri (LCMS) a comprar jipes e ou motocicletas para os pastores que estavam em áreas de difícil acesso, especialmente para os que estavam no Distrito do Espírito Santo: “mamãe acreditava que se ela conseguisse falar pessoalmente com a Comissão Missionária, certamente iria convencê-los. Suas esperanças aumentaram quando foi marcada uma reunião especial só para ouvi-la, ela explicou que diferença faria para o trabalho os pastores terem transporte mais rápido”.²⁰⁶

Na ocasião, segundo Bárbara Almstedt, o projeto foi aprovado, com a condição de que sua mãe arrecadasse todo o dinheiro para a compra da motocicleta. Ela não diz quais foram as iniciativas realizadas por sua mãe para o levantamento da quantia, nem qual era o valor, apenas que em 1947 seu pai tonara-se proprietário de uma motocicleta *Indian Chief*. A aprovação pela LCMS desse projeto idealizado por Ethel Gruell explica-se pelo fato de que no meio luterano dos Estados Unidos, desde 1837, as mulheres eram incentivadas a se organizarem para ajudar na formação de missionários. Desse momento em diante, muitas organizações femininas americanas foram se formando no interior das Igrejas Luteranas. No ano de 1942, foi organizada na LCMS a LWML – *Lutheran Women’s Missionary League* - LWML (Liga Missionária de Senhoras Luteranas - LWML) que muito deve ter contribuído, para a aprovação do pedido de Ethel Gruell, em 1946.

²⁰⁴LÉONARD, Émile. *O protestantismo no Brasil: estudo de Eclesiologia e História Social*, 77.

²⁰⁵BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 243.

²⁰⁶WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 188.

O relato de Bárbara Almstedt é muito elucidativo e carrega aspectos importantes e, às vezes, ocultos sobre o lugar reservado pelo protestantismo brasileiro às mulheres. Percebemos que o espaço de atuação das mulheres protestantes passa pelo doméstico, missionário, assistencial e educacional, espaços com características tipicamente femininas. Acreditamos que aí reside o interesse da carta de Bárbara Almstedt em demonstrar a atuação de sua mãe, diante do silêncio das fontes, que ocultam a presença feminina, como se o protestantismo que aqui chegou fosse predominantemente masculino. Isso ocorre porque mesmo que as mulheres tenham atuado em várias frentes, a sobreposição de tarefas para as mulheres está arraigada na sociedade e os princípios bíblicos auxiliam na sua naturalização. De acordo com a Bíblia, as mulheres não podem exercer cargo de liderança, mas podem empregar suas habilidades nos ministérios da música, das artes, da oração, da missão, da assistência social e do ensino, porém, jamais no ministério pastoral.²⁰⁷

A carta analisada sintetiza os vários campos de atuação de muitas mulheres protestantes que deixaram seus países de origem a fim de acompanhar seus maridos em novos campos missionários abertos pela imigração do século XIX. Todavia, há um silêncio das fontes sobre elas, não porque deixaram de contribuir com a história da Igreja, mas pelo fato de serem mulheres, “esposas de pastores” com a função exclusiva de “secundar” seus maridos. Nos livros de memórias da IELB, as biografias referem-se apenas aos pastores que por terem “contribuído com a história da Igreja” mereceram um lugar de destaque.

Otilie Muller e Sarah Kalley também são exemplos de mulheres ativas no protestantismo, mas que tiveram suas atuações silenciadas pelas biografias de seus maridos. Sarah Poulton Wilson nasceu em Nottingham, Inglaterra, em 25 de maio de 1825 e aos dez anos de idade foi enviada a um internato, a fim de se preparar para seus ministérios futuros. Casou-se com o missionário Robert Reid Kalley e em 1855 vieram para o Brasil, fundando o Congregacionalismo brasileiro. No Brasil, Sarah foi uma missionária muito ativa, tendo sido a iniciadora da Escola Dominical no Brasil, escreveu livros, traduziu e compôs hinos e também fundou uma sociedade de senhoras.²⁰⁸ Nas palavras de Douglas Cardoso:

O ministério de Sarah na Escola Dominical, desde o início em Gerheim (1855) foi altamente criativo e totalmente independente de seu marido. Seus modelos de

²⁰⁷ BELLOTTI, K. K. *A Mídia Presbiteriana no Brasil*, p. 171.

²⁰⁸ ARAÚJO, L. C. R.; SILVA, M. G. C. da. *Missionárias esposas de pastores: a invisibilidade do ministério feminino na aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil*, p. 90.

controle, de estímulos, de acompanhamento dos alunos e treinamento de professores foram assimilados na reestruturação de 1871.²⁰⁹

Otilie Jabs nascida em Connecticut, Estados Unidos, em 1912, casou-se com o pastor luterano George Muller em 14 de dezembro de 1936 e dez dias depois embarcaram para Porto Alegre, no sul do Brasil. No Brasil, Otilie foi a fundadora e primeira presidente da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), em 1957. Seguindo o exemplo das mulheres luteranas norte-americanas, que haviam se organizado em torno de uma liga missionária, Otilie decidiu mobilizar as mulheres luteranas brasileiras em torno da formação de uma Liga Nacional.

O sonho tornou-se realidade em 16 de janeiro de 1957, ocasião em que foi oficialmente criada a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Apesar de todo o trabalho de Otilie em prol da criação e desenvolvimento da LSLB, nas fontes da Igreja ela é lembrada como a esposa do pastor Muller. Ao escrever suas memórias sobre os anos em que foi pastor no Brasil, George Muller mencionou a fundação da LSLB por sua esposa:

Seguindo então o exemplo de irmãs na fé nos EUA, e sabendo da grande importância que o trabalho das senhoras representa para o Reino de Deus, minha esposa fundou a Liga Brasileira de Mulheres Missionárias em 1957 [...] A senhora Muller foi eleita a primeira presidente da Liga. Em vez de pequenas caixinhas, elas fizeram uso de sacolas, feitas de tecido, para recolherem as ofertas. Elas patrocinaram (sendo o primeiro projeto da Liga) a publicação do tratado das doutrinas da Igreja; tempos depois compraram uma vaca, para ajudar um dos pastores que trabalha no interior do estado do Mato Grosso.²¹⁰

Ethel Gruell, Otilie Muller e Sarah Kalley, três mulheres que, embora, não tenham se limitado a apenas auxiliar seus maridos, ganharam visibilidade apenas quando o que estava em questão eram as realizações deles. Mulheres atuantes no ministério pastoral de seus maridos, mas que se encontram sempre “nas margens”. Porém, reconhecer as dificuldades enfrentadas por essas mulheres, reconhecer sua atuação nessas “margens”, não significa afirmar que não souberam tirar proveito de sua condição “marginal”, pois conforme Perrot, “os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História. Imagina-se, sabe-se que as mulheres não deixaram de fazê-lo”.²¹¹

Para Martin Dreher,²¹² a presença das mulheres no protestantismo gaúcho é algo que merece atenção, pois na vida comunitária dos imigrantes, as mulheres eram muito

²⁰⁹CARDOSO, D. N. *Cotidiano feminino no 2º Império*, p. 193-4.

²¹⁰WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 232.

²¹¹PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da História*, p. 10.

²¹²DREHER, M. N. *Os protestantismos rio-grandenses*. In: DREHER, M. N. *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja*.

participativas, desenvolviam tarefas variadas por meio das sociedades ou ligas de senhoras, consideradas pelo autor o “esteio das congregações”, geralmente dirigidas por pastores. Dreher também pontua, ao se referir ao protestantismo tradicional, que o Rio Grande do Sul foi o estado que por mais tempo impôs restrições ao ministério feminino ordenado na Igreja. Segundo o autor, essa resistência está relacionada com a característica do protestantismo gaúcho de dividir a família a partir de suas funções, ou seja, maridos, mulheres, crianças e adolescentes cada um com suas funções específicas.

Assim, na IELB percebemos essa divisão de papéis a partir de funções definidas bíblicamente para ambos os sexos. No caso das mulheres, a igreja analisa que “nada impede mulheres solteiras ou casadas de serem evangelistas ou missionárias”, desde que “haja, perto ou à distância, um pastor que seja a autoridade no ensino sobre a evangelista ou a missionária; – desde que não administre a santa ceia nem celebre o batismo (a não ser em caso de emergência, já que temos o batismo infantil)”.²¹³ A partir desse pressuposto, a Igreja acredita que nas atividades ligadas ao “ensino da Palavra”, que fazem parte das tarefas no sacerdócio universal de todos os crentes, as mulheres podem atuar livremente.

Roger Chartier ao avaliar a divisão social dos papéis e das funções inscritas nas práticas e nos fatos, que organizam a realidade e o cotidiano, conclui que a diferença sexual é sempre construída pelos discursos que a fundam e a legitimam. Entretanto, esses discursos se materializam por meio de posições e interesses sociais que garantem a submissão de umas e a dominação de outros. E desse modo, segundo o autor, “a história das mulheres, formulada nos termos de uma história das relações entre os sexos, ilustra bem o desafio lançado aos historiadores: ligar construção discursiva do social e construção social discursiva”.²¹⁴ No caso da IELB, vimos que os discursos utilizavam-se de passagens bíblicas para justificar e legitimar aquilo que consideravam a “natural submissão feminina” e a ausência das mulheres nos púlpitos. As mulheres luteranas não contestavam os papéis a elas atribuídos, concordavam, pois inseridas naquela instituição “incorporavam as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas”.²¹⁵

A partir de meados de 1950, surgiu um novo elemento na história da relação das mulheres com a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. (LSLB). Um novo elemento, mas não inovador para as relações de gênero dentro da igreja. A

²¹³FALLER, Leonério. *Mulheres Missionárias*, p. 66.

²¹⁴CHARTIER, R. *A História Hoje: dúvidas, desafios e propostas*, p. 109.

²¹⁵CHARTIER, R. *A História Hoje: dúvidas, desafios e propostas*, p. 109.

formação de grupos de mulheres nas congregações era prática comum na IELB, era uma maneira encontrada pela igreja de usufruir dos “talentos” que elas poderiam oferecer sem que fosse preciso fazer alterações na sua estrutura hierárquica. Entretanto, a reunião desses grupos de mulheres na intenção de formar uma liga nacional deve ser interpretada como uma “permissão” dada a elas por aqueles aos quais serviam.

O projeto de criação da LSLB deve ser compreendido a partir de um projeto maior da igreja na década de 1950: a busca pela autonomia administrativa e financeira em relação ao Sínodo de Missouri.²¹⁶ A Liga surgiu, como uma organização auxiliar, em um momento em que a Igreja buscava autonomia e para tanto era indispensável a participação dos leigos. Certamente, com o passar dos anos transformou-se em uma organização importante dentro da igreja, a fim de cumprir com o objetivo de auxiliar a igreja foi muito eficaz, principalmente, na arrecadação de fundos para manter projetos que sem ela a igreja dificilmente poderia custear.

No entanto, o impacto da LSLB em outras causas não foi tão efetiva quanto no auxílio a projetos missionários. Na questão sobre o voto feminino, que também teve reflexos na Igreja Luterana no Brasil, a contribuição da Liga deu-se por meio de alguns departamentos que enviavam pedidos à igreja solicitando direito de voto às mulheres. Entretanto, é preciso esclarecer as intenções que permeavam tais pedidos, se a intenção era beneficiar a Liga enquanto órgão que precisava de representantes para aprovação de projetos ou se elas entendiam que o voto era um direito das mulheres luteranas.

Veremos que a trajetória da LSLB foi marcada por construções masculinas sobre a identidade feminina, limitando, assim, a própria de Liga de perceber as condições desfavoráveis que a doutrina da igreja reservava às mulheres. Na perspectiva de Carole Pateman o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é apresentado como um reflexo da própria ordem da natureza. Segundo a autora, uma leitura patriarcal do contrato, aponta que as mulheres, seus

²¹⁶Ao final de 1950, o Sínodo Brasileiro era o maior distrito do Sínodo de Missouri fora dos Estados Unidos e havia conseguido expandir-se para outros estados além do Rio Grande do Sul. Em razão disso, manifestava interesse de se tornar uma igreja nacional, totalmente autogovernada e financeiramente independente, pois a distância dos Estados Unidos dificultava seu funcionamento. Dessa forma, era orientado a assumir cada vez mais responsabilidade na área de finanças com o objetivo de alcançar seu autossustento. Nos últimos anos da década de 50, passou a adotar medidas concretas rumo à sua autossuficiência financeira, mobilizando todos os seus membros nesse período, visando atingir o objetivo de ser uma “Igreja autogovernada, auto-sustentada e autopropagada”. A independência administrativa foi oficializada em 25 de janeiro de 1980, durante a 47ª Convenção Nacional da IELB, por meio da assinatura de um “documento protocolo”, estabelecendo uma parceria entre a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e a Igreja Luterana – Sínodo de Missouri (LCMS), firmando oficialmente a independência administrativa da IELB. Foi o momento em que a IELB deixou de ser um distrito da LCMS para se tornar uma Igreja-irmã. (BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 50; Ata da 47ª Convenção da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre – RS, janeiro de 1980. Livro de Atas das Convenções Nacionais, 1976 a 1984. Arquivo do Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil).

corpos e suas paixões carnis, representam a “natureza” que tem de ser controlada e superada para que a ordem social seja criada e mantida. No estado de natureza, a ordem social na família é mantida somente se o marido for o senhor, desse modo, o desejo feminino insaciável tem de ser controlado pelo direito patriarcal. “As relações das mulheres com o mundo social têm que ser mediadas pela razão do homem; os corpos das mulheres têm que ser sempre submetidos à razão e às decisões do homem para que a ordem não seja ameaçada”²¹⁷, conclui Pateman.

Do mesmo modo como ocorreu no Sínodo de Missouri, a questão do voto feminino em assembleias e reuniões da igreja e quais lugares as mulheres podiam ocupar na hierarquia da igreja, sem prejuízo à autoridade, foi um tema que suscitou vários debates na Igreja Luterana.²¹⁸ Entretanto, diferentemente do que ocorreu na igreja nos Estados Unidos, pouco se discutiu na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) sobre a ordenação feminina. Talvez, pela experiência que vinha da América do Norte, a não aceitação desse tipo de postura na IELB explica a ausência de questionamentos dessa ordem por parte das mulheres luteranas. Em grande medida, essa questão em terras brasileiras foi resolvida a partir das diretrizes ditadas pelo Sínodo de Missouri.

Na Igreja Evangélica Luterana do Brasil, o primeiro pedido formal buscando esclarecimentos sobre “o voto e a participação da mulher na igreja” veio a público durante a realização da 47ª Convenção Nacional da IELB, em 1980. A fim de esclarecer seus membros sobre o assunto, a IELB sugeriu que a Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) da Igreja, elaborasse uma série de estudos sobre o assunto, no intuito de buscar a melhor solução possível para o tema em questão. Porém, o parecer final da comissão sobre o pedido, aconselhava que os cargos administrativos e o direito ao voto da mulher na Igreja apenas fossem admitidos como exceções, em casos de urgência, emergência, necessidade, e não como evidência, regra ou princípio. Diante dessa decisão, não demorou muito para que o voto feminino voltasse a ser discutido na 49ª Convenção Nacional de 1984. Conforme consta na ata desse encontro, novamente pressionada, a Igreja se posicionou e enfim concedeu à mulher o direito ao voto, embora com algumas ressalvas.²¹⁹

O fato de a IELB recomendar que cada congregação tivesse liberdade para decidir sobre a participação das mulheres em cargos administrativos com direito a voto gerava muitas

²¹⁷PATEMAN, C. *O contrato sexual*, p. 151.

²¹⁸Sobre essa questão do voto e a participação da mulher na Igreja ver: Ver: FARIAS, M. N. de. *Feminismo e Religião: as representações sobre o feminismo na revista Servas do Senhor (1960-2000)*.

²¹⁹Ata da Convenção Nacional de 1984. Livro de Atas das Convenções Nacionais de 1976 a 1984. Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

dúvidas por parte dos membros da Igreja. O assunto só foi definitivamente resolvido após tradução e publicação do documento elaborado pelo Sínodo de Missouri “*a mulher na Igreja: princípios bíblicos e praxe da Igreja*”, em 1992, que reforçava a ideia de que nada havia na Bíblia que proibisse às mulheres o exercício do direito ao voto em assembleias dos membros votantes, bem como ocupar cargos em diretoria com direito a voto. Conforme constava no parecer da LCMS, as afirmações bíblicas que exigiam o silêncio por parte das mulheres na Igreja, e que as proibiam de ensinar e exercer autoridade sobre os homens, antes de significar impeditivos à participação da mulher na Igreja com direito a voto, tinha por objetivo reforçar, apenas, que as mulheres não deveriam deter o ofício pastoral.

A partir das recomendações e conclusões contidas nesse documento, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil publicou, em 1993, aquela que considerou sua última palavra sobre a mulher na igreja.²²⁰ Em sua decisão final, a IELB ponderava que quem votasse ou ocupasse cargos na administração da igreja não estava autorizado a ocupar o ministério pastoral. Desse modo, assim como o Sínodo de Missouri, manteve o “privilégio” da autoridade para os homens e permitiu que as mulheres obtivessem um direito que antes não tinham, mas com limites estabelecidos por eles.

Verificamos que a presença feminina na IELB, assim como ocorre em grande parte das igrejas, inclusive naquelas em que há ordenação de mulheres ao pastorado, foi marcada por “silêncios, resistências, compensações, consentimentos e contra-poderes”. Quando falamos da relação mulheres e religião é impossível não pensarmos em dominação masculina, todavia conforme observa Duby e Perrot²²¹, a dominação masculina apresenta formas muito variáveis, não significa ausência de poder das mulheres, mas sugere uma reflexão sobre a natureza e a articulação desses poderes. Nesse sentido, no próximo capítulo, abordaremos aspectos históricos da criação e desenvolvimento da LSLB ao longo de mais de cinquenta anos de atividades dessa liga no Brasil. Mostraremos como as mulheres, nesse processo, participaram, agiram e foram excluídas de espaços predominantemente masculinos, ou seja, como as mulheres luteranas conseguiram “passar do oculto, que lhes é permitido à visibilidade, que lhes é contestada”²²².

²²⁰ Analisaremos mais detidamente este documento no capítulo 3.

²²¹DUBY, Georges & PERROT, Michelle.(orgs.). *Op., cit.*, 1990.

²²²PERROT, Michelle. *Op., cit.*, 1998, p. 59.

CAPÍTULO 2

FORMAÇÃO DA LIGA DE SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB): UMA CONQUISTA DAS MULHERES LUTERANAS?

2.1. Introdução

Este capítulo tem como propósito principal delinear o processo de criação e desenvolvimento da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, destacando permanências, rupturas e continuidades na trajetória dessa organização de mulheres. Abordaremos a maneira escolhida pela LSLB para dialogar com o contexto histórico em que foi criada e se desenvolveu; a elaboração de um impresso que criado para ser um elo entre as mulheres luteranas dos quatro cantos do Brasil, mas que também esteve a serviço da igreja para propagação de sua doutrina patriarcal; o sistema de levantamento de fundos que garantiu à Liga uma participação efetiva no projeto missionário da igreja luterana no Brasil, embora nas fontes isso apareça muito pouco. A análise da trajetória histórica da Liga permite perceber vários momentos da atuação das mulheres luteranas, mas também possibilitou verificar que no intuito de “auxiliar” a igreja, a Liga quase não questionou a condição das mulheres luteranas, tendo influenciado mais na área de auxílio às missões do que no tocante às questões de gênero e poder.

2.2. As sociedades femininas protestantes: espaços de contestações ou permanências?

A religião sempre exerceu um papel preponderante na definição de papéis e padrões comportamentais femininos, seja o “catolicismo, ao impor às mulheres a imagem da Virgem e Mãe, arquétipos ineludivelmente dicotômicos; o protestantismo, com seus ideais ascéticos e puritanos derivados da doutrina calvinista; o islamismo infringindo ao sexo feminino as mais pungentes humilhações e cerceamento de liberdade individual”²²³, na observação de Jane Soares de Almeida. Porém, a autora analisa que mesmo diante dessa normatização de comportamentos e de ter sua atuação restrita ao privado, a relação das mulheres com a religião foi marcada por momentos de ação feminina no missionarismo protestante, no catolicismo, no ensino privado e na educação pública.

No caso da Igreja Católica, Terezinha Zanochi²²⁴ observa que a preocupação com a participação das mulheres na Igreja foi desencadeada, principalmente, pela força de sua presença constante e incondicional de maioria atuante da Igreja, por suas lutas emancipacionistas e conquistas no espaço social, e não pelo reconhecimento de que elas, por serem diferentes sexualmente dos homens, não poderiam ser desiguais em direitos na evangelização cristã.

A ação feminina é silenciada por diferenças de gênero culturalmente adquiridas e reproduzidas por meio de diversos discursos, dentre os quais, o religioso. Esses determinismos biológicos levam à reprodução da “ditadura de gênero para os dois sexos, que infalivelmente, leva à hierarquia do masculino sobre o feminino, em uma escala axiológica culturalmente edificada, cujas atividades masculinas são consideradas de primeira ordem, e as femininas de segundo escalão”²²⁵. Essas concepções são responsáveis por definir a ação das mulheres e dos homens nos espaços públicos e privados e, conseqüentemente, também moldam as instâncias do poder.

Quando se trata do discurso religioso sobre as mulheres, Joan Scott avalia que é necessário perceber os interesses ocultos por parte daqueles que controlam e contestam os significados. Conforme a autora é preciso também questionar a natureza e a origem desses interesses: “Há duas maneiras de responder essas questões. Uma, em termos de um interesse

²²³ALMEIDA, J. S. de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*, p. 66.

²²⁴ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*, p. 69.

²²⁵ALMEIDA, J. S. de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*, p. 62.

objetivamente determinado, absoluto e universal (dominação sexual ou econômica, por exemplo); outra, em termos de um conceito de interesse discursivamente produzido, relativo e contextualizado”.²²⁶

É certo que, como revelam os estudos que se preocuparam com a história das mulheres e relações de gênero, mesmo diante desses discursos as mulheres agiram, foram partícipes da história e colocá-las somente como vítimas é esquecer-se “que existem os contrapontos que se ancoram no mundo subjetivo, local de trânsito das mulheres, em que resistência é o contraponto para a opressão”.²²⁷ Isso demonstra que romper os meandros do privado e tornarem-se públicas não é tarefa fácil para as mulheres, e nessa incessante busca existem muitos meios, pois ser reconhecida como tal é uma tarefa de grande suspeição, afinal de contas “certos limites se deslocam mais do que outros. Certas zonas resistem mais do que outras. Ao longo dessas fronteiras móveis, as relações entre os homens e as mulheres modificam-se, como as figuras de um interminável balé”.²²⁸

Eliane Moura da Silva, em análise sobre as relações entre gênero, religião e trabalho missionário de mulheres solteiras entre o final do século XIX e inícios do XX, observou que com o fim da Guerra Civil Americana (1860-1865), toda uma geração de mulheres sentiu-se encorajada a participar e ampliar seus limites de inserção nesse horizonte religioso, repensando a experiência nacional. O feminismo e a luta pelos direitos das mulheres dentro das Igrejas e na sociedade civil nasceram ao mesmo tempo e como parte de um mesmo movimento histórico. Segundo a autora, as igrejas cristãs tiveram um duplo papel, na busca das mulheres para alcançar a educação, profissionalização, empregos e direitos legais nos EUA. Isso porque os homens representavam o maior obstáculo para que elas pudessem ampliar sua participação pública e ocupar cargos de liderança. Eles entendiam que as mulheres deveriam permanecer em silêncio não somente nas igrejas, mas em todos os lugares da sociedade, pois o predomínio dos homens na família, sociedade e Igreja era algo divino e estaria de acordo a ordem da criação.²²⁹

A imposição de limites às mulheres continuou na segunda metade do século XIX, momento em que movimentos de direitos das mulheres, de educação e emancipação femininas encontraram resistência, observa Eliane Moura. O lar, segundo a autora, era considerado o lugar

²²⁶ SCOTT, J. W. *Prefácio a gender and politics of history*, p. 17.

²²⁷ ALMEIDA, J. S. de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*, p. 63.

²²⁸ PERROT, M. *Mulheres públicas*, p. 11.

²²⁹ SILVA, E. M. *Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*, p. 26.

mais adequado às mulheres, ideia defendida por pastores, ministros religiosos, moralistas, escritores, conferencistas, médicos, que atribuíam aos homens e mulheres diferentes lugares, de acordo com atributos naturais e que conferiam a cada sexo um campo apropriado de atuação e desenvolvimento, incluindo o próprio trabalho manual.

Todavia, mudanças importantes como os encontros campais dos quais participavam homens, mulheres e crianças provocaram alterações na vida religiosa. As mulheres participavam desses encontros comunitários que representavam para elas uma forma de interagir com o mundo fora do ambiente doméstico. Conforme Eliane Moura,

As igrejas na segunda metade do século XIX começaram a transformar-se em lugares onde as mulheres passaram a exercer papéis autônomos e de liderança além dos limites familiares: organizavam campanhas de levantamento de fundos para escolas, igrejas, hospitais etc. A partir dessas experiências de liderança elas passaram a trabalhar com as organizações de sociedades de mulheres missionárias e movimentos de reforma social (temperança, contra o trabalho infantil e a prostituição, reforma prisional, educação em geral, sufrágio universal). Desta forma, muitas mulheres adquiriram treinamento e experiência em assuntos administrativos, políticos e na pregação religiosa.²³⁰

No dizer dessa autora, o lar, a igreja e os encontros campais formaram a trilogia dessa cultura evangélica que, alicerçada na identidade religiosa, atribuiu para si a missão de reformar o mundo tanto na prática religiosa como na teologia. Outro campo de atuação bastante importante foi o trabalho missionário feminino nas diferentes Igrejas da segunda metade do século XIX em diante.

A formação das sociedades missionárias protestantes ocorreu em diversos períodos do século XIX. Grupos de missionários foram enviados para países como Índia, África, Brasil. Depois de 1870, a entrada de mulheres solteiras e independentes como missionárias provocou alterações nos paradigmas de gênero. Conforme Eliane Moura, “as Sociedades Missionárias Femininas foram incrementadas na segunda metade do século XIX. Nessa época, a mulher missionária começou a se tornar um alvo de grande interesse nas Igrejas para ocupar diferentes posições e trabalhos”.²³¹

Segundo Silva, o deslocamento dessas missionárias revelou suas figuras em público, em movimento, viajaram, migraram, mudaram de lugar e de situação, participando das mobilidades rurais e urbanas, nacionais e internacionais, dos séculos XIX e XX. A libertação

²³⁰SILVA, E. M. *Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*, p. 26.

²³¹SILVA, E. M. *Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*, p. 27.

das tutelas familiares prévias, fossem solteiras ou recém-casadas, permitiu a essas mulheres almejar ascensões sociais, escapar de uniões arranjadas. Além disso, também significou expandir o alcance de suas ações, onde puderam se inscrever de outras formas e maneiras. Havia aqueles que defendiam a participação feminina nas igrejas, nos movimentos de reforma social, no assistencialismo e na educação, mesmo que a maternidade e o lar ainda fossem vistos como atividades compatíveis com a natureza feminina. Conforme Eliane Silva,

Embora a maternidade e o lar ainda fossem considerados a base suprema das atividades femininas, havia o reconhecimento de que as mulheres, sobretudo as solteiras, poderiam atuar com a profissionalização da maternidade que se estenderia para diferentes qualificações, incluindo o magistério, a enfermagem, os cuidados aos pobres e desamparados. De acordo com essa perspectiva, mulheres com boa educação religiosa seriam mais aptas para o lar, para as escolas, para os trabalhos assistenciais e para o missionarismo. Fosse casadas, viúvas ou solteiras, a educação e a religião foram vistas como os fundamentos do lar e da sociedade, funções compatíveis entre si tanto no espaço privado como nas atividades públicas. As ideias de liberdade, emancipação, realização pessoal, moralidade e virtudes religiosas estavam integradas ao corolário das missionárias em todas as atividades que empreendiam, das tentativas de conversão à educação.²³²

De acordo com Eliane Silva²³³, para que o trabalho missionário de evangelização e de educação lograsse êxito foi necessário o envolvimento de uma vasta rede de instituições e figuras sociais. Nesse contexto, a efetiva participação das missionárias protestantes, solteiras ou viúvas, foi primordial. Embora as mulheres ainda permanecessem ligadas às imagens de domesticidade, lar idealizado e papéis femininos que privilegiavam a função de dona de casa, esposa e mãe, a figura social da mulher solteira ganhou nova representação. As missionárias solteiras transformaram e redefiniram limites impostos e atuaram dentro de possibilidades de mudanças sociais e culturais. Conforme Silva, “as mulheres solteiras, a partir da segunda metade do século XIX, ocuparam espaços de liderança nas lutas pela igualdade de direitos e na direção de novas opções e alternativas pessoais e profissionais para além do casamento”.²³⁴

Ao analisarmos a presença feminina no meio protestante luterano norte-americano que chegou ao Brasil em meados do século XIX, notamos que diferentemente das experiências transformadoras e redefinidoras experimentadas pelas missionárias solteiras, essas mulheres, em sua maioria casadas, estavam muito ligadas às ideias de domesticidade, da idealização das

²³²SILVA, E. M. da. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”: as missionárias protestantes americanas (1870-1920), p. 108.

²³³SILVA, E. M. da. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”: as missionárias protestantes americanas (1870-1920), p. 117.

²³⁴SILVA, E. M. da. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”: as missionárias protestantes americanas (1870-1920), p. 118.

mulheres como esposa, dona de casa e mãe, impedindo, assim, que também buscassem possibilidades de mudanças sociais e culturais nos papéis de gênero.

Ao longo de sua história no Brasil, esse luteranismo que teve sua origem no Sínodo de Missouri não adotou como uma de suas práticas principais a organização de sociedades missionárias formadas por mulheres solteiras. A ordem da criação prevaleceu certamente no aproveitamento das mulheres casadas nas atividades para levantar fundos necessários para a manutenção do missionarismo. A entrada das mulheres nas missões luteranas norte-americanas ocorria, principalmente, por meio do casamento, conforme relato de um pastor norte-americano que atuou no Brasil no início do século XX:

Não é fácil para uma mulher partir para o estrangeiro. O homem vai porque segue o seu chamado, mas a mulher vai porque segue o seu marido. Ela abandona seus pais, parentes e amigos para permanecer por dez anos (como era antigamente) longe de todos e de tudo, numa terra de língua e costumes estranhos.²³⁵

Conforme exposto, entendemos que havia uma espécie de anulação das mulheres por meio do casamento, suas vontades, aspirações e ações já não eram escolhas pessoais, ao contrário, eram escolhas que se encontravam limitadas pelo casamento. Ao seguir seus maridos pastores, as mulheres deixavam de perseguir um destino que lhes permitissem novas opções pessoais. Daí o fato de se considerar de extrema importância esse novo elemento dentro do missionarismo protestante norte-americano representado pelas missionárias solteiras. Sem dúvida, elas conseguiram avançar em muitas questões que mulheres de pastores, como foi o caso das luteranas, não conseguiram.

Geneviève Fraisse enfatizou que a religião, toda religião, não reconhece a igualdade entre os sexos, o que acaba incorrendo na existência de uma dupla moral, uma para os homens e outra para as mulheres. Para a autora,

Si tomo la palabra consentir, si me imagino pensar el consentimiento como un concepto, abro la puerta del vínculo, de la relación entre los seres. Consentir expresa un acuerdo, consentir obliga a salir de sí mismo. El sujeto, hombre o mujer, no es autárquico. Me gusta la idea de que el consentimiento entra en una escena donde se encuentran, de golpe, muchos personajes.²³⁶

²³⁵WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 134.

²³⁶FRAISSE, G. *Del consentimiento*, p. 12. Tradução: Se eu tomar a palavra consentimento, se eu me imaginar pensando consentimento como um conceito, abro a porta do vínculo entre as pessoas. Consentir expressa um acordo, consentir obriga a sair de si mesmo. O sujeito, homem ou mulher, não é autossuficiente. Gosto da ideia de que o consentimento entra em cena onde se encontram, ao mesmo tempo, muitos personagens.”

Foi essa dupla moral que ocultou as mulheres luteranas na história dessa igreja no Brasil. Por um acordo, o casamento, elas passaram a não possuir nomes e nem ações próprias. Existiam por meio de seus maridos a quem deviam acompanhar e auxiliar mesmo diante dos maiores contratemplos. Mas elas agiram, mesmo que suas ações não tenham sido na direção de contestar as relações desiguais de gênero dentro da igreja, foram importantes peças no meio luterano. Suas ações ocorreram principalmente nas áreas de missão, assistência social e ensino religioso. A pouca atenção dada às mulheres luteranas foi manifestada nas próprias memórias de seus maridos pastores, conforme expressa o relato a seguir:

Sentimos que muitas vezes o trabalho sacrificado e silencioso das esposas dos pastores e professores não recebe a devida atenção e reconhecimento. Quero ao menos registrar o meu agradecimento a Deus pela colaboração que sempre recebi de minha esposa. Tivemos durante alguns anos sete filhos nos colégios, incluindo os filhos adotivos. Eles estudavam e precisavam de cuidados. E quantas vezes aparecia um ou outro estudante que precisava encomprar uma manga, remendar uma calça ou confeccionar uma batina ... Ela mesma não sabe quantas batinas fez. E quantas vezes nossas malas voltavam dos Estados Unidos carregadas de roupas usadas e novas para estudantes necessitados. Quando eu era diretor interino do Seminário por alguns anos, ela me acompanhava às vezes em visitas pelos dormitórios, estando os respectivos estudantes presentes. Camas e armários assumiram em breve um aspecto bem diferente, mais arrumados. Além disso, a minha esposa é a primeira senhora americana de pastor que passa toda a sua vida no Brasil.²³⁷

Um silêncio que as próprias práticas e discursos da igreja criou e contribuiu para reproduzir. Esse trabalho “sacrificado e silencioso” ao qual se refere o pastor foi criado pelas próprias estruturas e concepções da Igreja luterana, ao impor um conjunto de modelos e ideais para as mulheres. A ação da Liga desenvolveu-se limitada pelo silêncio imposto às mulheres pela igreja. Houve alguns ecos nesse silêncio? Poucos e mesmo assim é preciso problematizá-los, ver o alcance deles para as próprias mulheres, observar até que ponto se materializavam em vantagens para a Liga ou se iam ao encontro dos interesses da hierarquia masculina da igreja.

É necessário frisar mais uma vez que mulheres solteiras e casadas vivenciaram esse projeto missionário protestante de diferentes formas. Enquanto as mulheres casadas tiveram uma participação limitada pelos ideais de domesticidade e pelo casamento, as solteiras tiveram um papel mais ativo, pois não tinham compromissos exigidos pelos laços matrimoniais o que permitiu que fizessem uma leitura diferente de sua participação nesses projetos missionários.

Ruth Tucker atribui essa maior participação das mulheres no trabalho missionário às lutas e conquistas feministas decorrentes do movimento feminista de primeira onda. Para a

²³⁷WINTERLE, C. W.; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*.

autora, foram mudanças sociais importantes que provocaram alterações em representações que há muito eram atribuídas a homens e mulheres, provocando impactos também nas missões protestantes. Semelhante ao que acontecia em outras profissões, as mulheres começaram a entrar no campo missionário em grande número. A autora explica que quando iniciou o século XIX os missionários eram homens, em sua maioria, casados e as esposas serviam fielmente ao lado dos maridos, não sendo, porém, consideradas missionárias por direito próprio. No fim do século, entretanto, essa situação alterou-se significativamente, pois as mulheres solteiras começaram a assumir um papel mais ativo. Com efeito, as missões no estrangeiro não eram mais uma profissão apenas masculina.²³⁸

Ao analisarmos o impacto que essa entrada das mulheres solteiras nos projetos missionários protestantes teve, por exemplo, na formação da Liga de Senhoras evangélicas, diríamos que foi nula. Isso porque até a década de 1990 a LSLB teve como regra a participação de mulheres casadas, uma vez que para as jovens e solteiras já existia uma Liga própria. A análise das fontes, documentos e memórias nada conta sobre o envolvimento das mulheres solteiras no projeto missionário missouriano no Brasil. Certamente elas foram partícipes desse processo, assim como participaram de missões em países como Índia e China. Talvez esse silêncio deve-se, em parte, às áreas que essas mulheres concentravam seus trabalhos, ou no entendimento da igreja, seus dons.

A experiência do Sínodo de Missouri com a participação de missionárias solteiras em suas missões no exterior ocorreu pela primeira vez em 1913, na Índia e na China. Conforme estudo realizado por Leonério Faller, nesse ano, foi enviada à Índia a missionária enfermeira, solteira, Louise Ellermann, que se tornou pioneira no trabalho missionário médico do Sínodo naquele país. Ao retornar aos Estados Unidos, depois de “sete anos de trabalho, Louise, de férias nos Estados Unidos, faz à direção do Sínodo um relato sobre seu trabalho e ped[iu] que [fossem] enviados à Índia mais obreiros missionários (homens e mulheres) que também [pudessem] atuar na área da saúde”.²³⁹

Em 1921, outras missionárias foram enviadas à Índia, ocasião em que o Sínodo de Missouri fundou um hospital em Ambur, Índia, para o qual foi enviada a jovem missionária enfermeira Angela Rewinckel. Angela ficou no país desempenhando a função de enfermeira chefe e missionária até dezembro de 1958, quando voltou para os Estados Unidos com 76

²³⁸TUCKER, R. “...até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs, p. 248.

²³⁹FALLER, L. *Mulheres missionárias*, p. 61.

anos.²⁴⁰ É importante ressaltar que Angela Rewinckel não foi a única missionária solteira a atuar na Índia, a partir de 1922, o Sínodo de Missouri intensificou sua atuação missionária nesse país e outras jovens foram enviadas para a Índia:

Entretanto, a participação das mulheres em campos missionários não se fez sem resistências. A sociedade do século XIX não via com bons olhos a participação de mulheres solteiras em campos missionários, todavia, gradativamente o trabalho delas foi reconhecido e o número de missionárias aumentou significativamente. Em 1861, havia apenas uma missionária atuando no exterior, cinquenta anos depois, esse número subiu para 800 professoras, 140 médicas, 380 evangelistas, 79 enfermeiras diplomadas, 578 diaconisas, conforme dados apresentados por Leonério Faller.²⁴¹

Segundo Ruth Tucker, as mulheres se notabilizaram em diversas áreas no trabalho missionário, porém foram os campos da medicina, educação e tradução em que mais atuaram e deixaram seus legados. Em virtude disso, hospitais e escolas de medicina fizeram parte de seus empreendimentos.²⁴² Para Leonério Faller, a atuação de missionárias solteiras luteranas missourianas, na condição de enfermeiras, professoras, diaconisas, etc, “teve um papel importantíssimo nas missões da Índia e China”²⁴³. Assim, em 1919 foi organizada a Associação de Diaconisas Luteranas, que inicialmente esteve ligada ao Hospital Luterano de Fort Wayne, que procurava preparar as diaconisas para atuarem em serviços de enfermagem, educação e serviço social.

Eliane Moura destaca que missionárias médicas e enfermeiras começaram a ocupar lugar significativo na sociedade indiana a partir de meados do século XIX, na medida em que se dedicavam à saúde das mulheres, fundavam hospitais e escolas voltadas ao público feminino. Todavia, a autora esclarece que nem todas as médicas que foram para a Índia eram missionárias, algumas apenas estavam em busca de novos espaços de trabalho em que as relações de gênero ocorressem de formas menos discriminatórias. Mesmo diante dessa observação, a autora analisa que certamente a rede profissional e educacional, nesse período, foi formada por missionárias.²⁴⁴

Ruth Tucker explica que se algumas mulheres missionárias casadas se “ressentiam secretamente” de sua posição na vida, havia um grande número de mulheres solteiras

²⁴⁰FALLER, L. *Mulheres missionárias*, p. 62.

²⁴¹FALLER, L. *Mulheres missionárias*, p. 61.

²⁴²TUCKER, R. “...até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs, p. 248.

²⁴³FALLER, L. *Mulheres missionárias*, p. 63.

²⁴⁴SILVA, E. M. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”: as missionárias protestantes americanas (1870-1920), p. 111.

interessadas em atuar nos campos missionários em outros países. Se os deveres domésticos e o cuidado com os filhos impediam muitas mulheres casadas de se dedicarem ao trabalho missionário, as solteiras sentiam-se desafiadas pelas necessidades dos países estrangeiros e não tinham os entraves domésticos. Conforme a autora, “alguns homens também viam a necessidade de mulheres solteiras no campo missionário, mas a opinião pública durante grande parte do século XIX era oposta à idéia”.²⁴⁵ A partir de 1820, mesmo sob os olhares de reprovação, muitas mulheres solteiras começaram aos poucos a embarcar para as missões no exterior.

De acordo com Elizabeth Badinter, ao se percorrer a história das atitudes maternas, nasce a convicção de que o instinto materno é um mito. Para Badinter, não há nenhuma conduta universal e necessária da mãe, mas sim uma extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Desse modo, “o amor materno pode existir ou não existir, ser e desaparecer, mostrar-se forte ou frágil, dependendo da mãe, de sua história e da História”.²⁴⁶ A autora analisa que o amor materno não é inerente às mulheres, mas apenas “adicional”.

Os desafios enfrentados por essas mulheres solteiras foram inúmeros. Mesmo aquelas que contavam com o patrocínio das juntas missionárias, enfrentavam preconceito. Essa discriminação fez surgir um novo conceito de apoio missionário no estrangeiro: “a agência feminina”.²⁴⁷ As missões no exterior atraíam tantas mulheres solteiras por uma série de fatores, mas o principal era a falta de oportunidades para o envolvimento num ministério de tempo integral em seus países de origem. Em um contexto em que o “serviço cristão” era visto como uma atuação estritamente masculina, algumas mulheres que adentravam nessa esfera dominada pelos homens, enfrentavam muitas oposições.

Essas oposições sustentavam-se porque nas representações estabelecidas pelas igrejas homens e mulheres são vistos com funções diferentes, mas complementares. As mulheres casadas tinham o compromisso com a casa, os filhos e o marido e as solteiras mesmo sem esses compromissos enfrentavam resistências, isso porque a identificação da religião com o masculino é muito forte. No entanto, mesmo as missionárias solteiras atuaram em áreas ligadas à educação, ao zelo, ao cuidado com o outro, funções consideradas apropriadas às mulheres. E desse modo, as representações criadas em torno das mulheres, sejam casadas ou solteiras, são

²⁴⁵TUCKER, R. “...até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs, p. 245.

²⁴⁶BADINTER, E. *Um Amor conquistado*: o mito do amor materno, p. 367.

²⁴⁷TUCKER, R. “...até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs, p. 246.

legitimadas a partir de discursos criados por homens dentro desse universo predominantemente masculino que são as igrejas.

Na visão de Tucker, uma influência ainda maior sobre as mulheres que entraram no ministério feminino no exterior foi o feminismo. Segundo a autora, mesmo que “a maioria das missionárias não fosse abertamente feminista, sua própria disposição de nadar contra a corrente num mundo masculino evidenciava um sentimento subjacente de igualdade, fomentado em parte pelo aparecimento das ‘agências femininas’”.²⁴⁸ Nas missões estrangeiras, essas missionárias solteiras encontravam condições ideais para o ministério, vedadas aos homens. Em alguns lugares, por exemplo, o trabalho feminino foi muito relevante para a superação das barreiras culturais e religiosas estabelecidas, visto que as mulheres solteiras estavam livres das responsabilidades domésticas que perturbavam tanto o ministério de seus colegas casados dos sexos masculino e feminino.

Eliane Moura sintetiza o que significou a participação dessas mulheres no missionarismo do século XIX: nessas missões elas viviam a aventura e o desafio em conexão com o dever religioso. Além disso, o trabalho como missionárias protestantes possibilitou a essas mulheres ocuparem posições mais autônomas, posições de poder, que dificilmente teriam em seus países de origem, o que resultou em “uma densa rede de relações coercitivas, negociadas, partilhadas com cumplicidade, recusadas. Compromisso, afiliação, revoltas, hibridez e ambiguidades estavam em jogo e explicam como subjetividades, significados coletivos enquanto categorias de identidades e alteridades como construções”.²⁴⁹

Quando os missionários protestantes chegaram ao Brasil, trouxeram esposas e filhas que iriam desempenhar a tarefa de educar, com a pregação religiosa, enquanto os pastores ficam responsáveis pelos atos públicos de fundar igrejas e escolas, construir edifícios, conforme aponta Jane Soares. A autora pontua que “as mulheres que acompanhavam os missionários foram para as salas de aula, organizaram o ensino, administraram os colégios e as escolas paroquiais, encarregando-se também das obras caritativas e de salvação”.²⁵⁰ Ou seja, a escola era tida como uma função materna. Foi a partir do trabalho e organização dessas mulheres que começaram a ser organizadas as primeiras sociedades de senhoras, com o objetivo de auxiliar os pastores, levantar fundos e praticar assistência social. Embora muitas mulheres sejam

²⁴⁸TUCKER, R. “...até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs, p. 247.

²⁴⁹ SILVA, E. M. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”: as missionárias protestantes americanas (1870-1920), p. 120.

²⁵⁰ ALMEIDA, J. S. de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*, p. 163.

lembradas no protestantismo apenas como “mulheres de pastores”, isso não significa que se limitaram apenas a “secundar seus maridos”.

Jean Bauberót observa nessas “simples” atividades formas do poder feminino em que as mulheres de pastores não são as únicas a beneficiarem-se:

Em torno do pastor gravitam, portanto mulheres – a esposa, as filhas, ou as criadas – que educam outras mulheres e podem transmitir-lhes o gosto da iniciativa. Elas constituem, com efeito, para as outras protestantes, um modelo positivo: propõem uma imagem dinâmica da mulher (...) Esse modelo e essa imagem podem ser tanto mais atraentes quando não parecem ser (demasiado) inquietantes para a mentalidade masculina média (não sendo geralmente, portanto, conflituais).²⁵¹

Nesse sentido, o autor identifica uma estratégia na atuação das mulheres dos pastores, pois ao mesmo tempo em que se mostram ligadas, diretamente, ao ministério de seus maridos, exercendo atividades estritamente femininas como ensinar e cuidar, também se mostram mulheres dinâmicas, ativas, capazes de influenciar outras mulheres com suas atitudes e decisões. Todavia, devemos considerar que na maioria dos casos esse “dinamismo” acontecia dentro de uma lógica em que o controle era masculino.

No protestantismo brasileiro, bem como no protestantismo de maneira geral, a distribuição de papéis sempre foi definida de maneira desigual entre homens e mulheres. Certamente essa característica não é própria somente do protestantismo, mas está intrínseca às religiões. Em virtude disso, sem permissão para participarem das decisões importantes das Igrejas e afastadas das principais instâncias de poder, era dada às mulheres permissão para formarem sociedades femininas, espaços em que a “natureza feminina” era empregada em favor das igrejas. Sabemos que é necessário questionar o alcance dessas sociedades de senhoras, pois em sua maioria eram pensadas para as mulheres e não pelas mulheres, com o intuito de organizar o trabalho das mulheres em prol das igrejas, seja financeiro ou assistencial. Na Igreja Católica, os próprios católicos reconhecem que a estrutura da Igreja não permite que as mulheres participem das decisões e nem do poder. Contudo, acreditam que as Comunidades Eclesiais de Base significaram um espaço de liberdade, de consciência de luta, de expressão e participação efetivas.²⁵²

²⁵¹ BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*, p. 244.

²⁵²Sobre as Comunidades Eclesiais de Bases (CEBS) ver: BIDEGAIN, A. M. (Org.). *Mulheres: Autonomia e controle religioso na América Latina*; BOLHANI, C. A. *A atuação de mulheres em comunidades de base católica, reprodução ou libertação*; ROSADO NUNES, M. J. *Vida religiosa nos meios populares*; TEIXEIRA, F. L. C. *A gênese das CEBS no Brasil – elementos explicativos*; MACEDO, C. C. *Tempo de Gênese: o povo das Comunidades Eclesiais de Base*; MACHADO, M. das D.; MARIZ, C. *Mulheres e prática religiosa nas classes*

No caso do protestantismo, em que há um grande número dessas organizações femininas, acredita-se que “essas sociedades não chegaram a desenvolver uma consciência da opressão machista, nem sequer alguma luta ou desestabilização do poder masculino; pelo contrário foram canalizadas para atender às diretrizes da pastoral feita pelos homens”.²⁵³ Alguns apontam que o aspecto mais relevante debatido pelas mulheres protestantes foi acerca da ordenação de mulheres, quando influenciadas pelas reflexões da teologia feminista de incluir o saber e a experiência das mulheres na religião. Esse foi o caso das teólogas da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), embora reconheçam que a ordenação não garanta a elas “poderes especiais”, reconhecem que as pastoras trazem para a discussão importantes reflexões em relação ao trabalho das mulheres na igreja, como violência doméstica, patriarcado e direitos humanos das mulheres se tornaram parte da agenda da igreja com a voz e o testemunho delas. Nesse sentido, “mesmo com dificuldades, o trabalho pastoral das mulheres está auxiliando e motivando transformações do jeito de ser e de viver das comunidades. Em toda a igreja, mulheres estão descobrindo seus talentos e sendo incentivadas a assumir cargos de liderança em vez de continuar somente nas funções de servir”.²⁵⁴

No protestantismo brasileiro temos exemplos de algumas sociedades femininas. No início da Igreja Batista no Brasil, as mulheres reuniam-se para realizar atividades como orações, estudos bíblicos e trabalhos sociais, formando, assim, as primeiras Sociedades Femininas Batistas. Em 1908, foi criada a União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil, com o intuito de organizar nacionalmente o trabalho das sociedades femininas. Em 1922, a União Feminina Missionária lançou o seu primeiro periódico intitulado *Revista para o trabalho de Senhoras Baptistas*, uma publicação que se propunha a suprir a falta de uma literatura que contivesse programas para as reuniões mensais das sociedades femininas sendo que em 1967, a revista de senhoras passou a se chamar *Visão Missionária*. A partir de 1963, essa organização recebeu o nome de União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB) e tinha como principal propósito de permitir às mulheres envolver-se em missões pelos estudos e ofertas e participação em atividades; dedicar seus talentos na ajuda ao próximo por meio de ação de amor e da proclamação do evangelho; capacitar-se para sua missão de esposa e mãe; aperfeiçoar-se física,

populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos.

²⁵³TAMEZ, E. *As mulheres tomam a palavra*.

²⁵⁴STRECK, V. S.; BLASI, M. *Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB*, p 233.

espiritual e emocionalmente; desenvolver organizações missionárias para crianças, meninas e jovens.²⁵⁵

O estudo realizado por Margarida Ribeiro, por meio da análise de atas das conferências anuais, distritais, trimestrais e locais da Igreja Metodista, revelou a presença das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras desde a chegada dessa denominação ao Brasil. Nas fontes esquadrinhadas pela autora, há menção a essas sociedades de senhoras devido à contribuição financeira para a construção, compra de casas para a realização dos cultos e residências pastorais, além de muitas outras atividades da Igreja Metodista. No dizer da autora, as sociedades de senhoras metodistas “colaboravam para o êxito das campanhas desenvolvidas contra o analfabetismo, e tomavam iniciativas diante da realidade das suas comunidades”.²⁵⁶ Importante lembrar que a partir de 1970 as mulheres metodistas passaram a ser admitidas no presbiterato, podendo ser ordenadas pastoras.

Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana as sociedades de senhoras existentes organizaram-se e formaram a Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE), organização feminina considerada a maior da América Latina, fundada em 1899 e que reúne aproximadamente 40.000 mulheres em todo o Brasil. A OASE foi formada a partir da união de vários grupos menores de mulheres que se organizaram nas diferentes comunidades da IECLB, em decorrência das dificuldades financeiras de algumas congregações para construir seus templos, centros comunitários, escolas e hospitais. Nesse contexto, “os grupos de mulheres foram desafiados a ajudar a construir suas comunidades e a conduzir o trabalho social que o Estado não tinha condições de providenciar”.²⁵⁷ Também na IECLB as mulheres conquistaram na década de 1970 o direito de ser ordenadas pastoras.

Porém, segundo Valburga Schmiedt Streck e Marcia Blasi, somente nas décadas de 1980 e 1990, as mulheres alcançaram o espaço e o respeito que objetivavam alcançar há décadas. Nesse aspecto, as autoras acreditam que a Teologia Feminista teve um papel central para que as mulheres luteranas da IECLB pudessem discutir teologia incluindo o saber e a experiência das mulheres e ainda possibilitou abrir caminhos para a eleição de mulheres para cargos de liderança dentro da Igreja.

²⁵⁵OLIVEIRA, D. R. de. *No SPA com Deus: uma análise discursiva da revista Visão Missionária*, p. 47-48.

²⁵⁶RIBEIRO, M. F. S. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas* p. 104.

²⁵⁷STRECK, V. S; BLASI, M. *Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB*, p. 224-225.

A maioria dessas organizações reforçaram a atuação das mulheres em atividades consideradas tipicamente femininas. Poucas foram aquelas que conseguiram retirar as ações das mulheres da invisibilidade. Também devemos considerar os motivos ocultos que levaram à criação desses agrupamentos femininos, pois demonstram uma estratégia das igrejas em aceitar os serviços das mulheres em prol da igreja ao mesmo tempo em que negam a elas a aceitação em cargos de liderança. O que deve ser questionado é em que medida essas sociedades femininas possibilitaram às mulheres saírem das funções exclusivas de servir para inserirem-se nos espaços de poder ocupados pelos homens. Conforme já dissemos é uma ação invisível, mas que contribui para pensar o lugar que ocupam nas igrejas.

Depois desse excuroso a que nos permitimos para traçar o panorama de criação das sociedades femininas no protestantismo e a representatividade que essas organizações deram às mulheres, passamos agora a analisar os principais aspectos, alguns ocultos e outros evidentes, que possibilitaram a formação da Liga de Senhoras Evangélicas do Brasil.

2.3. Contexto sociopolítico de formação da LSLB

Conforme visto anteriormente, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil após meio século de atividades no Brasil passou a buscar sua independência financeira e administrativa, e para tanto, a contribuição e empenho de todos os seus membros brasileiros era de fundamental importância para alcançar a tão almejada independência. Foi o momento em que a Igreja abriu-se para a maior participação de leigos, jovens e senhoras em seus projetos missionários, por meio de “organizações auxiliares”. Em 1950, apenas uma das organizações leigas de âmbito nacional da IELB havia sido criada, tratava-se da Juventude Luterana, fundada em 1925 como o nome de *Waltherliga*. A primeira liga de leigos Luteranos da IELB foi fundada em 1948, porém, em 1951 aventou-se a possibilidade de fundar uma Liga de Leigos Luteranos no Brasil, em âmbito nacional, a fim de debater sobre o papel dos leigos na obtenção do autossustento da IELB. Todavia, a concretização desse projeto só ocorreu duas décadas depois, em 1971, quando ocorreu o primeiro encontro da Liga de Leigos Luteranos do Brasil – LLLB.

Ao final dos anos 1950, nesse contexto de mudanças, foi criada a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB), organização auxiliar da IELB, cujo objetivo principal era “trabalhar a favor da missão da Igreja e propiciar o conhecimento mútuo das senhoras luteranas

e o compartilhar de experiências de trabalho das diversas sociedades de senhoras”.²⁵⁸ Criada em janeiro de 1957, a LSLB passou a reunir todos os grupos de mulheres, antes dispersas pelas inúmeras sociedades de senhoras existentes na Igreja, em torno de um objetivo comum que era o auxílio financeiro, espiritual e assistencial aos projetos missionários da Igreja. Embora criada em um contexto de profundas mudanças nas relações entre os sexos, em que o feminismo questionava as relações de poder, contrapondo-se ao poder patriarcal e propondo transformações sociais, econômicas, políticas e ideológicas da sociedade,²⁵⁹ as ações da Liga não refletiram sobre essas questões.

Não podemos deixar de mencionar o contexto histórico em que a LSLB foi criada, pois as transformações sociais ocorridas a partir da segunda metade do século XX tiveram reflexos na religião. E no caso da IELB não foi diferente. Na tentativa de afastar as mulheres da ameaça feminista, as igrejas acabaram levando essa discussão para dentro das congregações e despertando, em determinados momentos, discussões sobre o papel e lugar das mulheres na igreja e na sociedade. Entretanto, sabemos que diante do feminismo discursos foram construídos e “verdades” legitimadas, no intuito de enquadrar as mulheres em papéis considerados exclusivamente femininos. Discursos normatizadores que buscavam definir papéis e posições.

Conforme Ivone Gebara, a revolução provocada pelo movimento feminista não encontrou respaldo nas instituições religiosas, particularmente, nas Igrejas cristãs. As religiões, segundo a autora, resistem às mudanças visto que a legitimação última do poder vigente é pensada a partir de uma imagem hierárquica e masculina de Deus, ainda considerado como a força legitimadora de todos os poderes e de todas as fraquezas. Em sua análise, Gebara argumenta que “sobrevivem no feminismo aquelas mulheres que assumem a decisão de afastar-se da influência direta da hierarquia, organizar-se de forma independente, situar-se à margem das instituições religiosas ou acadêmicas confessionais e de lá tentar questioná-las e modificá-las”.²⁶⁰

No advento do século XX, os esforços foram no sentido de “enquadrar”, por meio de normas, as condutas femininas, delimitando o “lugar da mulher”, definindo quais seriam alvos do respeito social. E nesse processo de delimitação de lugares e papéis os discursos de médicos, juristas, religiosos, professores e demais autoridades ganharam proporção, a fim de manter a

²⁵⁸BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 61.

²⁵⁹TELES, M. A. de A. *Breve história do feminismo no Brasil*, p. 10.

²⁶⁰GEBARA, I. *Entre os limites da filosofia e da teologia feminista*, p. 158.

ordem pública, alegavam questões de moralidade e uniam-se no coro das vozes hegemônicas a esse respeito. Uma grande aliada era a imprensa “que como caixa de ressonância dedicava-se a escrever os contornos desta mulher, a ‘mulher ideal’ do novo século”.²⁶¹

A LSLB foi criada em fins da década de 50, dos chamados Anos Dourados, em que eram perfeitamente aceitos os discursos de que as mulheres nasciam para ser donas de casa, esposa e mãe. O país passou por uma série de mudanças nesse período, entretanto, as distinções entre os papéis femininos e masculinos prevaleceram, como destaca Carla Bassanezi,

[...] Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e emancipação feminina [...] também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade. Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura.²⁶²

Nas páginas das revistas femininas, esses modelos femininos e masculinos eram reproduzidos e dividiam espaço com regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, casamento, trabalho feminino e felicidade no matrimônio. As revistas traziam em suas páginas a ideologia dos Anos Dourados, segundo a qual “maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação”.²⁶³

Todavia, criada em fins dos Anos Dourados, a Liga desenvolveu-se e estruturou-se em um contexto diferente, em que muitos valores e regras dos anos 50 foram contestados e superados. Pouco tempo após a criação oficial da LSLB, assistia-se ao surgimento do Feminismo de Segunda Onda, com reivindicações que foram além de direitos políticos, econômicos e educacionais. Inspirado em movimentos feministas do exterior, esse feminismo que se desenvolveu no Brasil teve suas especificidades em virtude da conjuntura política vivida naquele período: o país vivia sob uma ditadura militar. Isso fez com que questões relacionadas ao trabalho e problemas enfrentados pelas mulheres trabalhadoras ganhassem prioridade, sendo que as demais reivindicações foram aos poucos tornando-se pauta, como os assuntos ligados à sexualidade, ao corpo e à violência contra a mulher. As mulheres ganhavam visibilidade nos espaços públicos, aumentavam sua participação nas universidades e nos empregos formais.

²⁶¹PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*, p. 472.

²⁶²BASSANEZI, C. *Mulheres dos anos dourados*, p. 609.

²⁶³BASSANEZI, C. *Mulheres dos anos dourados*, p. 609.

O feminismo pós-1960, conforme analisou Joana Maria Pedro, conviveu com outros movimentos de mulheres. Entretanto, o que distinguia o movimento feminista era sua luta contra a opressão específica das mulheres e a reivindicação de direitos para elas, além de afirmar também que “as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza, mas sim fruto da cultura e, portanto, passíveis de transformação”.²⁶⁴ Os grupos de reflexão ou grupos de consciência, eram os divulgadores das ideias feministas, formados somente por mulheres, que se reuniam para “discutir os problemas específicos das mulheres e se contrapor ao machismo vigente”.²⁶⁵ Ao discutir assuntos relacionados ao corpo e à sexualidade, reivindicando mudanças de comportamento e maior liberdade às mulheres, “o assunto sexo deixava de ser tabu para virar tema de conversas e, pouco depois, de reivindicações”.²⁶⁶ Alguns métodos contraceptivos, como a pílula, permitiam que as mulheres pudessem exercer um controle maior sobre seus corpos.

De acordo com Ivone Gebara, o feminismo provocou uma revolução cultural no mundo, a partir da segunda metade do século XX, na medida em que abalou as verdades socialmente aceitas presentes nos símbolos culturais, nas concepções antropológicas e religiosas que serviam de referência à organização do mundo. Para a autora, foram novas concepções que provocaram mudanças no conjunto das relações sociais e contrabalançaram as referências patriarcais, fazendo vir à tona seu relativismo e seus limites. Revelaram as diferentes formas de produção de injustiça presentes nos sistemas culturais que em princípio pareciam esteios dos costumes, da moralidade civil assim como esteio dos diferentes sistemas religiosos. Gebara avalia que o “movimento feminista conseguiu questionar leis e costumes, introduzir novas legislações, novas formas de linguagem, assim como abrir novos referenciais teóricos e práticos em vista de uma convivência baseada na justiça e igualdade”.²⁶⁷

Como já mencionado, no Brasil, o movimento conviveu com uma realidade particular, pois se em outros países o principal “inimigo” das feministas era o patriarcado, no Brasil as feministas, além de se posicionarem contra o patriarcado, tiveram que assumir outras demandas: “durante a década de 1970 e grande parte de 1980, o embate ideológico das ativistas ficou centralizado entre as “lutas gerais” (contra a ditadura, por mudanças sociais e pelo socialismo, por exemplo) e as “lutas específicas” das mulheres (as pautas feministas propriamente

²⁶⁴PEDRO, J. M. *Corpo, prazer e trabalho*, p. 241.

²⁶⁵PEDRO, J. M. *Corpo, prazer e trabalho*, p. 241.

²⁶⁶PEDRO, J. M. *Corpo, prazer e trabalho*, p. 241.

²⁶⁷GEBARA, I. *Entre os limites da filosofia e da teologia feminista*, p. 153.

ditas)”.²⁶⁸ Nesse contexto de ditadura militar, as feministas eram duramente criticadas por suas “lutas específicas”, e os grupos de consciência com suas reivindicações eram considerados “desvio pequeno-burguês”.

No tocante à “reinserção” das mulheres na história, no transcorrer do século XX, Carla Bassanezi avalia que as conquistas femininas, tanto no espaço privado quanto no público, são reveladoras de profundas mudanças nas imagens femininas e nas expectativas com relação às mulheres. Partindo desse pressuposto, a autora cita dois importantes momentos na trajetória da história das mulheres: o primeiro, do começo do século XX ao início dos anos 60, momento em que os modelos de feminilidade se consolidam e o segundo dos anos 60 até os dias atuais, quando as ideias do momento anterior são questionadas dando espaço para novos problemas.²⁶⁹

Na segunda metade dos anos de 1960, uma série de acontecimentos provocou enormes transformações e mudanças nas imagens tradicionais das mulheres. Passaram a estudar, trabalhar, viajar, ler, dirigir, ter acesso a informações. Entraram no mercado de trabalho, alcançando maior independência financeira e, por tudo isso, passaram a observar com um olhar mais crítico as desigualdades sociais baseadas no sexo. A pílula anticoncepcional possibilitou maior controle sobre seus corpos e vidas, elas passaram a investir na obtenção de diplomas universitários, um grande passo na busca da independência financeira e na diminuição das desigualdades entre homens e mulheres na vida profissional. Somado a todas essas conquistas e mudanças, “o desabrochar do feminismo, também dessa época efervescente, completava o quadro das influências que contribuiriam para minar as imagens tradicionais de mulher, ampliando perspectivas e multiplicando os destinos individuais”.²⁷⁰

Desde então, novos personagens e valores entraram em cena, chocando-se com os padrões de comportamento que haviam vigorado até a primeira metade do século XX. A questão da liberação sexual da mulher passou a ser objeto de discussões dos grupos feministas que “agitavam o Brasil e o mundo nos anos 1970”. As mulheres deveriam ter o direito de escolha sobre seus próprios corpos, com “direito ao prazer”, ao orgasmo, e a ter filhos “se e quando” quisessem, defendiam as feministas. O relacionamento lésbico também era uma bandeira de luta e estaria relacionado ao direito de liberdade de escolha por parte das mulheres. O acesso à contracepção e o direito de interromper a gravidez eram reivindicações decorrentes do feminismo e evidenciavam o rompimento da hierarquia entre masculino e feminino e a

²⁶⁸PEDRO, J. M. *Corpo, prazer e trabalho*, p. 252.

²⁶⁹PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*, p. 470.

²⁷⁰ PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*, p. 515.

transformação dos relacionamentos entre homens e mulheres num sentido mais igualitário. Foram projetos que, mesmo não obtendo o sucesso desejado, contrabalançaram os tradicionais modelos de mulher.

As mulheres luteranas pertencentes à Liga olharam para essas transformações com um olhar construído por meio de uma doutrina, na qual elas estavam inseridas, que inferiorizava as mulheres negando a elas quaisquer formas de manifestação contrárias. Então, todas essas mudanças pensadas pelo feminismo não teve como impacto a discussão do lugar da mulher dentro da igreja, como vimos que ocorreu no Sínodo de Missouri, partindo das próprias mulheres. As luteranas olharam para o feminismo somente pelo viés da negatividade, um movimento que pretendia acabar com o modelo de mulher e relações sociais que elas julgavam o correto. E nesse sentido, lançaram duras críticas ao movimento:

A mulher da década de 80, antes de esperar mais inovações, de reivindicar mais direitos, e participar de movimentos feministas que só levam a família à anarquia e à desintegração, deveria parar para pensar um pouco mais no verdadeiro sentido de mulher cristã. Espero que a mulher da década de 80 faça fluir sua feminilidade até agora sufocada pelo orgulho e pelo sentimento de competição com o homem, que recupere sua meiguice, sua sensibilidade, que seja mais cristã e, sobretudo mãe, mais consciente e educadora, porque ninguém se educa sozinho [...] A sociedade atual é o retrato vivo de mães egoístas, ambiciosas, materialistas, estritamente feministas, que esquecendo-se de sua sublime missão de esposa e mãe tornam-se cada dia mais masculinizadas, correndo atrás de status, dinheiro, etc. por natureza a mulher é fisiologicamente e psicologicamente diferente do homem.²⁷¹

Pensavam que o feminismo, enquanto uma tentativa das mulheres de se igualarem aos homens em direitos e deveres era algo desnecessário, considerando-se que por natureza as mulheres eram diferentes dos homens e que o fato de serem frágeis, companheiras, compreensivas, não poderia condená-las a viver à “sombra do homem”, uma vez que esses valores, longe de serem fatores desagregadores eram, na verdade, qualidades que serviam como elemento conciliador. Conforme Joan Scott, “as reivindicações feministas revelaram os limites do princípio de liberdade, igualdade e fraternidade e levantaram dúvidas em relação a sua aplicabilidade universal”.²⁷²

Os casais que se formaram nos anos 1960 inauguraram uma nova forma de relacionamento, diferente do estilo de relacionamento de gerações anteriores. Agora o relacionamento era visto como uma forma de “realização pessoal” e “crescimento individual”, algo em que homens e mulheres estivessem satisfeitos. A aprovação do divórcio em 1977

²⁷¹*Servas do Senhor*. 1º trimestre de 1981. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, p. 10.

²⁷²SCOTT, J. W. *A cidadã paradoxal* – as feministas francesas e os direitos do homem, p. 19.

liberava os casais da obrigação de manter um relacionamento infeliz por toda a vida. Nascia um novo modelo de relacionamento conjugal, pautado na igualdade entre o casal, embora na prática “mesmo que ambos os cônjuges abraçassem o modelo do ‘companheirismo’, as expectativas de cada um podiam ser diferentes, levando a conflitos e frustrações”.²⁷³ As mulheres passaram a gozar de maior autonomia no controle do processo reprodutivo, ou seja, “ter filhos deixou de ser uma imposição ‘natural’ ou até social, para tornar-se uma escolha pessoal”.²⁷⁴ Entretanto, mesmo com a profissionalização das mulheres o cuidado com os filhos permaneceu como responsabilidade delas.²⁷⁵

A partir dos anos 1960 o modelo da dona de casa preocupada exclusivamente com os afazeres domésticos cedeu lugar para um modelo representativo da modernidade: a mulher profissional. Entretanto, conforme indica Carla Bassanezi, foi muito lenta e difícil a superação de alguns estereótipos tradicionais que identificavam as mulheres com determinadas tarefas no “mundo do trabalho”, pois grande parte dos empregos ocupados por mulheres, pelo menos até os anos 1980, era identificada com características atribuídas ao feminino e ao doméstico: gentileza, dedicação, propensão a servir, cuidar e ser prestimosa. Assim, nos anos 90 a imagem “positiva” da mulher “batalhadora”, “guerreira” era a síntese da “mulher que trabalha e obtém conquistas profissionais sem se descuidar de seus afetos e seus deveres de mãe”.²⁷⁶ Além dessas imagens, outra que se fortaleceu a partir dos anos 60 foi a da mulher cidadã, pois as lutas políticas, os movimentos sociais e o feminismo proporcionaram às mulheres a inserção no espaço público, criando a imagem da mulher politizada, preocupada com as “causas de seu tempo”.

Guacira Louro ao fazer uma reflexão sobre o feminismo, considera que ele redefiniu o político, ampliando seus limites, transformando seu sentido, sugerindo mudanças na sua “natureza”. Segundo a autora, ao proclamar que o “pessoal é político”, as feministas permitiram que se compreendesse de um modo novo as relações entre a subjetividade e a sociedade, entre os sujeitos e as instituições sociais, afirmando que as formas como nos tornamos sujeitos de “gênero” constituem-se em uma questão política e social e não somente uma ligada às histórias pessoais ou privadas. “Nossas escolhas, nossa sexualidade, nossa vida familiar são informadas pelo social, têm sentido político e exercem efeitos que transcendem o âmbito privado e o

²⁷³PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*, p. 527.

²⁷⁴PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*, p. 528.

²⁷⁵PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*.

²⁷⁶PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*, p. 535.

público e permitindo que se passasse a contemplar vínculos de poder antes desprezados”²⁷⁷, conclui a autora.

Foi nesse ambiente de substituição dos “modelos rígidos” por “modelos flexíveis” que se deu a criação da LSLB. Entender esse contexto é importante para percebermos e questionarmos os reflexos dessas mudanças na própria Liga e até que ponto essas transformações também influenciaram e “obrigaram” as mulheres luteranas e a IELB a se “flexibilizarem” diante da superação de algumas imagens femininas tidas como ideais. Não podemos, portanto, dissociar a Liga dessa conjuntura histórica, para observarmos se essas mudanças vividas no país a partir dos anos 60 afetaram a LSLB e se esses discursos foram absorvidos e reelaborados dentro da própria da Liga. Desse modo, é forçoso que perguntemos: nascida para ser uma organização auxiliar da Igreja, o papel da LSLB foi além disso? O que representou a criação desse espaço de atuação feminina na Igreja para os homens e mulheres luteranas? A fim de buscarmos as respostas para esses questionamentos passaremos à análise da criação e desenvolvimento da LSLB.

2.4. Liga de Senhoras Luteranas do Brasil: organizadas para “servir”

Ao se falar da Liga de Senhoras Luteranas uma reflexão se afigura inescapável: por qual motivo as líderes do movimento escolheram e cultivaram por anos a fio o designativo “servas”. À primeira vista, esse detalhe parece irrelevante, até mesmo porque no construto teológico cristão todo fiel, independentemente de gênero, deve ser um “servo do Senhor”. Olhando por esse ângulo, o auto entendimento das senhoras luteranas seria apenas a confirmação de um enquadramento a ser perseguido por todos os seguidores e seguidoras da Igreja. Mas, trata-se, na verdade, de um detalhe bastante revelador que indica uma intenção lastreada em uma compreensão específica da mulher e da própria Liga. Ainda que não seja nossa intenção realizar um estudo pormenorizado dos termos avocados pela Liga dentro do campo teológico cristão, não podemos deixar de reservar algumas linhas para uma análise da palavra “servas” que sempre se fez presente na trajetória da LSLB, seja nos documentos de circulação interna ou nos materiais de divulgação de suas atividades. Como ensina o pesquisador da história dos conceitos Reinhart Koselleck o estudo de um conceito deve ser sempre realizado a partir da matriz analítica texto/contexto:

²⁷⁷LOURO, G. L. *Epistemologia feminista e teorização social* – desafios, subversões e alianças, p. 19.

Podemos admitir que cada palavra remete-nos a um sentido, que por sua vez indica um conteúdo. No entanto, nem todos os sentidos atribuídos às palavras eu consideraria relevantes do ponto de vista da escrita de uma história dos conceitos [...] a certa altura temos que nos interrogar acerca dos limites e fronteiras que separariam palavras em si teorizáveis, e acerca de que palavras seriam em si reflexivas.²⁷⁸

A palavra "servir" merece atenção nesse caso, pois tem nas páginas bíblicas um duplo sentido de que não são excludentes, mas que se distinguem no plano da ação prática: "louvor" e "trabalho". Como já foi demonstrado, o nome *Servas do Senhor* foi escolhido à luz do segundo versículo do centésimo capítulo do livro do salmista Davi: "Servi ao Senhor com alegria; e entrai diante dele com canto". O referido Salmo, no entanto, é recorrentemente mencionado nas igrejas de matriz evangélica com o sentido de exortar os fiéis a "louvar" a Deus, isto é, um "servir" no sentido de "louvor" como deixa ver o complemento "e entrai diante dele com canto". Posto nesse quadrante, o sentido de "servir" assumido pela Liga acaba perdendo acepção que queriam dar às mulheres luteranas as suas atividades. O "servir" delas estava direcionado à esfera do trabalho, daí a referência recorrente aos termos "mordomia" e "diaconia". A análise do teólogo Carlos Bock ajuda-nos a compreender esse sentido do servir como diácono:

Diakonia é uma palavra de origem grega que significa "serviço". Originalmente é uma palavra sem conotações religiosas que descreve o trabalho de escravos e pessoas humildes. No Novo Testamento passa a ter um significado teológico quando Jesus é descrito como aquele que veio "para servir (*diakonein*) e dar sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45). Também o apóstolo Paulo fala do seu ministério como *diakonia*. Muito cedo na vida da Igreja passou a haver uma certa divisão de tarefas entre os cristãos. Desta forma alguns foram designados para a função de *diákonos* e foram incumbidos da tarefa mais específica de zelar pelo bem-estar físico dos seus companheiros cristãos, principalmente dos mais necessitados (At. 6). Passado mais algum tempo, com o processo de institucionalização da Igreja, os *diákonoi* foram oficializados como um dos três ministérios da Igreja, junto com os *presbyteroi* e os *epískopoi*.²⁷⁹

Servir, no sentido expresso nessa citação, remete-nos invariavelmente à noção de "mordomia" que, ainda segundo o teólogo Carlos Bock, está associado aos trabalhos de "gerenciamento" e "administração". O termo, por meio de diferentes metáforas bíblicas, ganhou impulso nos Estados Unidos, especialmente após a independência, graças à completa autonomia das igrejas daquele país em relação ao Estado. Nessa situação as instituições religiosas foram

²⁷⁸KOSELLECK, R. *Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos*, p. 135.

²⁷⁹BOCK, C. G. *Reflexões sobre a diaconia à luz da mordomia cristã*, p. 85.

obrigadas a mobilizar os seus membros para garantir sua subsistência, daí o papel do "mordomo" como aquele que se devotava à causa da igreja prestando-lhe dedicado serviço.

Oriunda da tradição norte-americana, a IELB manteve fortes traços dessa tradição, até mesmo porque no Brasil o Estado seguia essa mesma lógica de não subvencionar nenhum tipo de culto. É aí que as mulheres da Liga se enquadravam, apresentando-se como diligentes "servas da causa do Senhor" em função da manutenção dos trabalhos da Igreja em diversas frentes.

2.4.1. Otilie Muller e o projeto de criação da LSLB

A fim de compreendermos o que significou a criação da LSLB para as mulheres e homens da Igreja Luterana, bem como analisarmos os aspectos históricos que permeiam a Liga, devemos aprofundar nossa análise por meio daquela que é considerada a responsável por assumir o projeto de criação de uma organização nacional: Otilie Muller.

Conforme Eliane Moura era comum a chegada de um casal ou pequeno grupo de missionários nos distantes lugares de colonização como Índia e África ou em terras católicas como o Brasil, para iniciar um trabalho de estabelecimento de um posto missionário avançado e, em seguida, partir para os territórios ainda desocupados.²⁸⁰ Esse foi o caso do casal George e Otilie Muller. Em 1934, ano em que se formou no Seminário Concórdia de St. Louis, George se ofereceu para trabalhar como pastor no exterior. Em 1936, foi convidado para atuar entre os imigrantes alemães no sul do Brasil em um projeto missionário do Sínodo de Missouri. A chegada ao Brasil ocorreu em 15 de novembro de 1936 e o início das atividades do pastor Muller no Rio Grande do Sul foi como professor no Seminário Concórdia, em Porto Alegre, ministrando aulas apenas em alemão, pois não sabia falar português, idioma que aprendeu após algum tempo vivendo no Brasil.

Segundo relato de Otilie Muller, o período em que viveram em Porto Alegre/RS foi muito importante para a adaptação ao novo país, aos hábitos, costumes e idioma, porém depois de um ano e meio, em 1938, o pastor George Muller foi enviado para uma paróquia rural em Alto Rolante/RS e lá ficaram por onze anos. Otilie, como organista, contribuiu inicialmente com seus conhecimentos musicais nos cultos realizados na pequena congregação, enquanto o seu marido era responsável por atender onze pontos de pregação, pois devido à falta

²⁸⁰SILVA, E. M. da. *Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*. p. 27.

de pastores, juntavam-se algumas paróquias onde havia pouca perspectiva de crescimento missionário.

Otilie Muller encaixava-se perfeitamente dentro do modelo luterano ideal de esposa de pastor. Esperava-se das esposas de pastores que trabalhassem tanto quanto os pastores, que os servissem, afinal deveriam ser suas servas mais fiéis, pois em grande medida o bom resultado do trabalho dos maridos pastores também era resultado do empenho das suas esposas e servas. Era responsabilidade delas a organização e supervisão das atividades do grupo de mulheres, do coral, do grupo de estudos bíblicos, da educação religiosa infantil, entre outros. Também cabia a elas providenciar tudo de que o pastor precisava: “camisas limpas e perfeitamente bem-passadas, crianças bem-educadas e um lar em ordem”.²⁸¹

Sem dúvida, o fato de Otilie ser esposa de um influente pastor foi decisivo para colocá-la como primeira presidente da Liga e convencer as sociedades de senhoras existentes na Igreja para formar uma liga nacional de mulheres. Ao acompanhar seu marido por tantos lugares e vivenciar diferentes realidades e experiências, também pôde vivenciar a maneira como as mulheres se organizavam e auxiliavam a Igreja que se desenvolvia no Brasil. Sempre muito ativa, quando jovem Otilie atuava na União Juvenil, onde participava de esportes, cantava no coral da Igreja e era professora na Escola Dominical, “com apenas 20 anos ela trabalhava numa companhia de seguros e ia juntando suas economias para o casamento que se aproximava”.²⁸²

Em 1947, após onze anos de atividades missionárias no Brasil, George e Otilie Muller voltaram aos Estados Unidos para um período de férias. Enquanto esteve nos Estados Unidos, Otilie participou de diferentes atividades dos departamentos de senhoras em diferentes congregações e pôde conhecer o trabalho desenvolvido pela Liga Missionária de Senhoras Luteranas (LWML), fato que despertou seu interesse em organizar uma Liga Nacional de Senhoras Luteranas no Brasil.

Em 1949, o pastor George Muller, ao retornar ao Brasil, após seu período de férias nos Estados Unidos, recebeu um convite para atuar na Congregação São Paulo de Porto Alegre. O casal Muller prontamente aceitou o convite, os motivos do pronto aceite assim foi expresso pelo pastor Muller:

O nível espiritual era consideravelmente maior do que em minha paróquia do interior!
A congregação São Paulo tinha o privilégio de ter cultos todos os domingos e de atrair

²⁸¹STRECK, V. S.; BLASI, M. *Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB*, p. 229.

²⁸²Entrevista com Otilie Muller. *Jornal Mensageiro Luterano*. Editora Concórdia, dezembro de 2009, nº 12, ano 93, p. 24.

membros bem informados, vindos da escola da paróquia. Praticamente todos sabiam ler fluentemente e eram assinantes de nossa revista²⁸³.

Em Porto Alegre, as condições eram propícias para o projeto de Otilie e a partir da experiência que teve com as mulheres luteranas norte-americanas e das necessidades que a Igreja Luterana apresentava para tornar-se uma igreja financeiramente independente do Sínodo de Missouri, nos anos 50, decidiu que aquele era o momento oportuno de mobilizar as mulheres luteranas brasileiras em torno da formação de uma Liga Nacional. O feixe de ideias que alimentou a criação da Liga de Senhoras Luteranas no Brasil foi apresentado em uma entrevista dada ao *Jornal Mensageiro Luterano*, em dezembro de 2009, por Otilie Muller. Trata-se, é preciso destacar, de um relato de grande valor histórico porque nele a pioneira luterana realiza uma profunda reflexão sobre os caminhos que levaram à formação da Liga, como se pode ler abaixo:

As senhoras eram muito ativas, mas trabalhavam para dentro da Congregação. Eu lembrava das mais jovens, que não falavam alemão, e da missão. Estávamos no Brasil, e pensei em começar uma “Sociedade” em português. Convidei as senhoras das comunidades S. Paulo, Cristo e Concórdia, todas de Porto Alegre, para uma reunião. Uma senhora da S. Paulo fez as sacolinhas de pano para recolher as ofertas, para ajudar na missão, estas que são usadas até hoje.²⁸⁴

Ao saber da realização de uma Convenção Pastoral do Distrito Porto-Alegrense, em julho de 1956, Otilie Muller convidou as esposas de pastores e professores que estariam presentes, além de outras lideranças femininas de Porto Alegre, para uma reunião, ocasião em que apresentaria a ideia de formar uma Liga Nacional.²⁸⁵ Na data estipulada, 93 mulheres pertencentes a várias sociedades de senhoras de Porto Alegre e uma representante do Estado de Santa Catarina, reuniram-se nas dependências da Congregação São Paulo, de Porto Alegre, às 15 horas do dia 4 de julho de 1956, com o intuito de fundar uma liga feminina na IELB. A reunião foi dirigida pela própria Otilie Muller, que aproveitou o momento e mencionou o trabalho realizado pela Liga de Senhoras da Igreja Luterana Sínodo de Missouri, já em atividade nos Estados Unidos havia 25 anos.²⁸⁶

²⁸³WINTERLE, C. W; KREBS, M. (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*, p. 231.

²⁸⁴Entrevista com Otilie Muller. *Jornal Mensageiro Luterano*. Editora Concórdia, dezembro de 2009, nº 12, ano 93, p. 25.

²⁸⁵Entrevista com Otilie Muller. *Boletim Informativo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, 1966, p. 6.

²⁸⁶BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 61.

No entanto, a Liga de Senhoras fundada nessa ocasião fora considerada provisória, visto que a participação na reunião foi majoritariamente de mulheres de Porto Alegre²⁸⁷, o que levou à convocação oficial de todas as sociedades de senhoras do Brasil para o 1º Congresso Nacional da LSLB, em Porto Alegre, no dia 16 de janeiro de 1957, quando de fato seria oficialmente criada a liga de senhoras luteranas.²⁸⁸ A ata do 1º Congresso Nacional de 1957 indica que a reunião realizou-se no Salão da Juventude do Seminário Concórdia, de Porto Alegre, com a participação de 23 sociedades de senhoras, com uma presença total de 103 mulheres, vindas principalmente do Rio Grande do sul, mas também de Santa Catarina, São Paulo e Paraná.²⁸⁹

A ata do encontro revela-se uma fonte potencial para analisar os bastidores dessa primeira reunião. Há relatos bastante detalhados sobre os encaminhamentos dados nesse encontro que se tornaria histórico para a IELB e, porque não dizer, para o protestantismo brasileiro. Esse encontro teve início às 9 horas da manhã do dia 16 de janeiro, ocasião em que foram lidas algumas passagens bíblicas pelo pastor Donald Schüler. Logo em seguida, Otilie Muller saudou os presentes e todos cantaram o hino “Servi ao Senhor com alegria”, que trazia consigo a frase que se tornaria o lema da LSLB. Naquele momento, Otilie teve o cuidado de balizar quais eram os objetivos da Liga, ressaltando que a organização trabalharia em prol da Igreja e propiciaria o conhecimento mútuo das senhoras luteranas, além de ser um espaço de troca de experiências e de trabalho das diversas sociedades de senhoras.²⁹⁰

Nesse 1º Congresso foi discutido e aprovado o projeto dos estatutos que deveriam reger a Liga e também foi realizada uma eleição para definir a primeira diretoria geral da LSLB, que ficou composta por: Otilie Muller, presidente; Martha Heine, secretária; Edith I. Karg,

²⁸⁷Nesse período, em meados da década de 1950, a IELB concentrava-se quase totalmente no Rio Grande do Sul e manifestava o desejo de expandir-se para outros estados e regiões, principalmente, para o norte do país. Em 1951, um estudo realizado pela IELB informava sobre o trabalho da IELB em dez estado brasileiros. Do total de 96 paróquias da IELB, 63 estavam localizadas no Rio Grande do Sul, dez em Santa Catarina, sete no Espírito Santo, cinco no Paraná, três em São Paulo, três em Minas Gerais, uma na Bahia, uma em Pernambuco e uma em Goiás. Assim, uma das metas enfatizadas, nessa década, pela LCMS com relação ao seu trabalho no Brasil foi a de abrir novos campos de trabalho em áreas ainda não atingidas pela IELB, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Norte do país. (BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 34).

²⁸⁸Ata do 1º Congresso Geral da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1957. Livro Nº1 de Atas de Congressos Nacionais (1º ao 8º Congresso Nacional). Caixa de atas de Congressos Nacionais do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

²⁸⁹Ata do 1º Congresso Geral da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1957. Livro Nº1 de Atas de Congressos Nacionais (1º ao 8º Congresso Nacional). Caixa de atas de Congressos Nacionais do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

²⁹⁰Ata do 1º Congresso Geral da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1957. Livro Nº1 de Atas de Congressos Nacionais (1º ao 8º Congresso Nacional). Caixa de atas de Congressos Nacionais do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

correspondente; e Erna W. Goerl, tesoureira. Em contrapartida, foram eleitos três pastores que desempenhariam a função de “conselheiros”, ou seja, todas as decisões da LSLB deveriam ser submetidas à aprovação desses pastores conselheiros, que tinham como responsabilidade “zelar pela fidelidade doutrinária”.

A escolha de pastores para exercer a função de conselheiros da Liga demonstra como as relações hierarquizadas da igreja se estendiam também à LSLB. Quando consta na ata, desse primeiro congresso, que os conselheiros ficariam responsáveis por fazer cumprir a doutrina da igreja, compreendemos que isso significava manter as mulheres em seus papéis, circunscritos ao privado. Além disso, a nomeação de conselheiros implicava que as mulheres deveriam estar sempre sob vigilância, aconselhadas em suas ações. Afinal, tratava-se de uma organização de mulheres e havia a possibilidade de passarem a discutir assuntos que pudessem pôr em xeque a doutrina luterana. Ainda, pelas normas da igreja, o espaço público era dos homens e, nesses termos, se as mulheres iriam se aventurar por esse espaço era importante que pastores as auxiliassem.

Os pastores conselheiros, segundo a igreja, era tido como o conselheiro espiritual das senhoras e deveria, portanto, ser convidado para todas as reuniões da diretoria. Assim, “também as promoções sociais devem ser submetidas ao apreço deles. Eles apoiam e incentivam todos os empreendimentos do departamento que visam a melhoria da congregação, especialmente, o que diz respeito ao crescimento espiritual”.²⁹¹ A apoiar o crescimento espiritual, devemos entender “zelar pela obediência à doutrina da igreja”, principal objetivo dessa figura masculina presente na Liga.

Tomando como referencial a dominação masculina de Pierre Bourdieu, observamos que a dominação simbólica exercida pelos pastores conselheiros era uma forma encontrada pela igreja de assegurar que a ordem natural das coisas seria mantida, inclusive com o consentimento das mulheres. Com uma ação tão limitada e sem consciência da vigilância exercida pelos conselheiros, a Liga não poderia mesmo ir além de auxílios à igreja. Conforme Bourdieu, a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça,

[...] é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é

²⁹¹LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). *Manual do departamento feminino*, p. 23.

a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres.²⁹²

Bourdieu adverte que a dominação masculina é o que justifica e legitima as demais formas de dominação. Segundo o autor, a dominação masculina encontra suas condições de possibilidade e sua contrapartida econômica no trabalho prévio que se faz necessário para operar a transformação duradoura dos corpos e produzir as disposições permanentes que ela desencadeia e desperta. Nas palavras do autor, “ação transformadora ainda mais poderosa por se exercer, nos aspectos mais essenciais, de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado a experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação”.²⁹³

Após a escolha dos conselheiros e da primeira diretoria da LSLB, houve a realização da 34ª Convenção Nacional²⁹⁴ da IELB, ocasião em que, aproveitando a oportunidade, a Liga encaminhou uma moção propondo o reconhecimento oficial da LSLB como uma organização auxiliar da Igreja:

Moção nº1 Liga Missionária de Senhoras Luteranas do Brasil: prezados irmãos na fé, para aproveitar o grande potencial que representam seus membros femininos adultos, a Igreja-mãe permitiu faz anos, a organização duma Liga Missionária de Senhoras Luteranas. Esta Liga tem proporcionado valiosa educação missionária a seus membros e ajuntando vultuosas somas em dinheiro para a construção de capelas, casas de descanso, hospitais e para outros objetivos úteis à Igreja. Sugerimos à DD. Convenção permita que também no seio de nossa querida Igreja Luterana do Brasil seja concedida a função duma “Liga de Senhoras Luteranas” cujo potencial poderá ser aproveitado para o bem da causa de Cristo. Para a orientação da Comissão que examinará esta sugestão, juntamos uma cópia dos estatutos que poderão reger a projetada entidade. Deverá funcionar segundo os moldes da juventude Luterana. Queira o chefe da Igreja guiar as deliberações da Convenção de tal maneira que redundem em sua glorificação.

²⁹²BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, p. 18.

²⁹³BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, p. 50-51.

²⁹⁴A Convenção Nacional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil é considerada o órgão deliberativo e legislativo máximo da IELB e, conforme consta no Estatuto da Igreja, tem como membros votantes um pastor e um membro leigo de cada paróquia do Brasil. Em razão do cargo que exercia, o presidente da IELB sempre tinha direito a voto nas reuniões da Convenção Nacional. Ao analisarmos os membros consultivos, notamos que as principais decisões que regiam os princípios que deveriam ser seguidos pela Igreja estavam nas mãos de uma “elite” predominantemente masculina, já que as mulheres não participavam como membros votantes nas Convenções, figurando tão somente como membros consultivos representadas aí pela Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Entre as principais atribuições da Convenção Nacional estavam a realização de estudos doutrinários, teológicos e administrativos. Nessas convenções havia tanto discussões dirigidas às doutrinas (praxes), que se colocavam, geralmente, por demandas internas da igreja, como também apreciação de assuntos relacionados à sociedade em geral, mas que necessitavam de um posicionamento oficial por parte da Igreja, como o aborto e o divórcio, para ficar apenas em dois exemplos (BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*.).

Porto Alegre, 13 de setembro de 1956 (ass.) Otilia J. Mueller, Maria L. Rehfeldt, rev. Jorge Muller, L. Kunstmann.²⁹⁵

Conforme consta na Ata da 34ª Convenção Nacional, o parecer da IELB foi favorável à fundação da LSLB:

O reverendo E. Hoerlle apresentou o parecer da comissão encarregada com o estudo da moção nº 1, referente à fundação de uma Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. De acordo com o parecer favorável a Convenção aprovou a organização desta entidade e bem assim a escolha dos três conselheiros pastorais: rev. Ernesto Heine, rev. Elberto Schelp e rev. George J. Müller.²⁹⁶

Muito mais do que um parecer favorável, a permissão dada pela liderança masculina à criação de uma liga de mulheres, significava o interesse por parte da IELB na efetividade do trabalho organizado pelas mulheres. Como vimos, a formação de sociedades de senhoras era anterior à Liga e nessas sociedades, as mulheres valiam-se de diferentes meios a fim de levantar recursos para manutenção dos projetos missionários da igreja. Conforme Carlos Warth, a formação de sociedades de senhoras na Igreja Luterana, no Brasil, remonta a 1909:

No ano de 1909, se organizou uma sociedade de senhoras sob a presidência da Sra. Maria Tetzlaff, cozinheira e “dona de casa” do Seminário Concórdia, para trabalhar em prol dos estudantes necessitados. Sabemos que bom número de senhoras serviram, lavando e consertando roupa dos estudantes e aos domingos os convidando para o almoço em suas casas. Dessa maneira ajudaram o Seminário na formação de obreiros para a igreja. Na comunidade “São Paulo” de Porto Alegre, em 1927, foi fundada uma Sociedade de Senhoras cuja primeira presidenta foi a esposa do rev. W. Rehr. Sua finalidade precípua era promover a caridade cristã.²⁹⁷

Importante ressaltar que essa foi a lógica que prevaleceu nos projetos desenvolvidos pela Liga ao longo de sua trajetória na igreja: todos, de alguma maneira, estavam relacionados à imagem feminina do lar, do doméstico, da maternidade, do privado, contribuindo para as desigualdades de oportunidades dentro da igreja e para a naturalização da inferioridade das mulheres. Diante da possibilidade de formação de uma liga nacional, a partir da reunião das sociedades de senhoras existentes, um pastor e professor do Seminário Concórdia, Paul Schelp, escreveu em um dos mais importantes jornais da Igreja Luterana no Brasil, o *Kirchenblatt*, que essa nova organização seria subordinada à igreja e jamais uma entidade autônoma:

²⁹⁵Moção encaminhada a 34ª Convenção Nacional da IELB, de 20 a 27 de janeiro de 1957. Documento mimeografado sem referência. Instituto Histórico da IELB. Porto Alegre, RS, 1956.

²⁹⁶Ata da 34ª Convenção Nacional Igreja Evangélica Luterana do Brasil de 1957. 2ª sessão 21 de janeiro de 1957. Livro nº 3 de Atas de Convenções 1954 a 1960. Instituto Histórico da IELB, Porto Alegre, RS.

²⁹⁷ WARTH. C H. *Crônicas da Igreja: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900-1974)*, p. 208.

Uma tal liga serviria para promover uma atividade mais eficiente em comum, sem que as sociedades de senhoras viessem a perder seu caráter de dependência no seio das congregações. A sociedade de senhoras trabalha sob a supervisão da congregação, e nunca como uma entidade autônoma. Os membros da união juvenil ou sociedade de senhoras não devem se considerar melhores que os outros apenas pelo fato de pertencerem a um departamento. Essas uniões não devem querer executar aquilo que é o dever da congregação como tal. Devem, isso sim, existir dentro da congregação como tal. Devem, isso sim, existir dentro da congregação a fim de dar ao pastor melhores condições de trabalho, distribuindo entre os membros aquelas tarefas que lhes compete realizar. A congregação poderá assim fomentar sempre melhor o conhecimento cristão entre todos os seus membros. Quem não se alegraria vendo as mulheres em nossas congregações se reunirem em sociedades e estas, por sua vez, formarem uma união ou liga, para assim aprenderem a servir sempre melhor a Deus a seu próximo com os dons e bens que possuem?

É dentro dessa lógica de interesses que devemos situar a criação da LSLB, daí o controle masculino sobre suas ações. Notemos que o pastor em questão estabelece o “servir” como a principal função da nova organização, além de ressaltar que sua atuação se daria dentro dos limites estabelecidos para os dons femininos. Conforme Bourdieu, “o universo masculino se impõe (ou se impunha) sob a forma de evidências, do isto é assim”²⁹⁸.

As mulheres tiveram a permissão para trabalhar em prol da igreja e não em causa própria, um argumento, aliás, muito bem explorado no estatuto da Liga, de 1960 :

1) Nome: o nome da entidade será “Liga das Senhoras Luteranas do Brasil” ; 2) Fins da entidade: a) Despertar e conservar maior espírito missionário entre as senhoras de nossa Igreja (Educação Missionária, inspiração missionária e serviço missionário); b) o de ajuntar fundos para determinados projetos missionários, especialmente para aqueles que não foram contemplados adequadamente no orçamento da Igreja; c) o de ajuntar fundos para fins beneficentes.²⁹⁹

Otilie Muller ficou na presidência da LSLB de 1957 até 1960. Em 1961, durante um segundo período de férias nos Estados Unidos, seu marido recebeu um convite para atuar em uma congregação de Saint Louis, Missouri, e a família decidiu retornar definitivamente àquele país. Entretanto, mesmo distante do Brasil, ainda mantinha vínculos com a LSLB e, segundo Otilie, grande parte das notícias que recebia sobre o trabalho realizado pelas senhoras luteranas brasileiras era por meio da revista *Servas do Senhor*:

Estamos acompanhando o crescimento da igreja e bem assim o da LSLB. Deixamos, por assim, dizer, parte do nosso coração no Brasil. É coisa natural que desejamos bem aos irmãos sob o Cruzeiro do Sul e continuamos com interesse no trabalho de lá.

²⁹⁸BOURDIEU, P. *Novas reflexões sobre a dominação masculina*, p. 31.

²⁹⁹Estatutos da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). Livro de presenças dos Congressos e Estatutos da LSLB de 1960. Caixa de Atas dos Congressos Nacionais da LSLB (1º ao 22º Congresso Nacional). Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Recebemos informações através da revista “*Servas do Senhor*”, dos relatórios sobre as várias congregações, e da parte de amigos que passam por St. Louis.³⁰⁰

Sabemos que as condições propícias para a formação de uma liga nacional de mulheres luteranas foi pensada e dada pelos homens, sem a anuência deles dificilmente a LSLB teria sido criada. Afirmamos isso a partir daquilo que mostramos sobre o poder masculino exercido na Igreja Luterana e que foi fortalecido historicamente dentro do protestantismo, que estabeleceu as mulheres subordinadas aos homens em uma relação hierárquica que se mantém por meio de discursos misóginos construídos a partir das relações de poder e saber, sob o consentimento feminino. Entretanto, devemos considerar que o esforço de Otilie Muller em liderar esse projeto de unir as mulheres luteranas do Brasil em torno de uma liga nacional possibilitou que moças e mulheres pudessem ter um envolvimento nas atividades da igreja. Mesmo com uma atuação limitada ao servir dentro de uma liberdade vigiada e controlada pelos poderes masculinos, entendemos que essas mulheres contribuíram com a Igreja Luterana muito mais do que as fontes deixam transparecer.

Todavia, Otilie Muller não organizou uma liga com o intuito de refletir também a maneira como as mulheres participavam da história da igreja. Limitada, na condição de mulher em uma igreja onde o comportamento feminino estava sob o controle masculino, Otilie contribuiu muito mais para legitimar o consentimento feminino do que para refletir sobre as orientações bíblicas que estabeleciam esse consentimento.

Na perspectiva de Heleieth Saffioti, a relação de dominação-exploração não significa total ausência de poder de quem está na posição de dominada-explorada, pois nessa relação há a necessidade de preservação da figura subalterna. No entanto, essa subalternidade não significa ausência absoluta de poder, nos dois polos da relação existe poder, porém, em doses desiguais. Segundo Saffioti, “em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia”.³⁰¹ De igual modo como ocorre na dialética entre escravo e senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania, conclui a autora.

Se os avanços não vieram na questão de pensar as relações desiguais de gênero que se perpetuavam dentro da igreja, vieram em forma de auxílio financeiro às missões mantidas pela igreja. Curiosamente, podemos afirmar que no âmbito do auxílio financeiro à manutenção de

³⁰⁰*Servas do Senhor*, 3º trimestre de 1979. Casa Publicadora Concórdia, p. 6.

³⁰¹SAFFIOTI, H. I. B. *Rearticulando gênero e classe social*, p. 183-215.

projetos, as luteranas não mediram esforços para cumprir com aquilo que se propunham realizar. A Liga iniciou de forma tímida, mas seu desenvolvimento foi progressivo, com o envolvimento de números cada vez maiores de mulheres. A seguir, veremos de modo mais detalhado como se deram sua estruturação e seu desenvolvimento, na intenção de mostrarmos como foi gradativamente sendo construído esse espaço das mulheres na igreja. Para tanto, é necessário buscar essas mulheres nas fontes, nos espaços ditos e “não-ditos”, para que possamos compreender as intencionalidades que permeavam suas ações. Conhecer como ocorreu a construção desse espaço é importante para compreendermos de onde elas falavam, qual era esse espaço e o seu significado para as mulheres luteranas.

2.4.2. Perfil das filiadas

Embora existam vários livros publicados sobre a trajetória da Igreja Luterana no Brasil, pouco se escreveu sobre a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil e, por essa razão, para que se possa acompanhar a trajetória da Liga, é necessário recorrer a diversas fontes e perquiri-las com um olhar capaz de alcançar as entrelinhas, os desvãos, as zonas de penumbras. As informações sobre a Liga são encontradas dispersas em livros de memórias da Igreja, nos *Boletins Informativos*, na revista *Servas do Senhor* e nas fontes produzidas pela LSLB, cada suporte com suas características específicas, mas todos com seu valor singular na busca por informações sobre a ação dessas mulheres.

Antes de analisarmos a trajetória da LSLB é importante esclarecermos quem eram as mulheres que faziam parte dessa Liga. Veremos que nem todas as mulheres luteranas poderiam participar como filiadas, apenas as “senhoras”, isto é, casadas e em idade adulta. Vejamos o porquê dessa restrição. Vimos anteriormente que três organizações auxiliares formaram-se na IELB: Liga de Leigos, Liga de Jovens e a Liga de Senhoras. A LSLB era formada, em sua maioria, por mulheres na idade adulta, casadas e também da terceira idade, ou seja, as “senhoras” da Igreja. A participação de mulheres separadas, viúvas e de jovens era mínima, pois a Liga abriu-se para a efetiva participação dessas mulheres, apenas na década de 1990. Havia motivos para essa restrição. Em primeiro lugar, porque as jovens já tinham seu espaço de participação na Igreja garantido pela Liga de Jovens e em segundo porque o termo “senhoras” designava apenas àquelas mulheres identificadas como as “rainhas do lar”, responsáveis por auxiliar o marido, pela educação dos filhos, pelos afazeres domésticos e que não faziam parte do mercado de trabalho.

Quando falamos em Liga, estamos nos referindo a um grupo de mulheres formado, em sua maioria, por mulheres de origem alemã, característica que em alguns momentos foi motivo de atritos dentro da própria Liga. De acordo com René Gertz, embora a ala do luteranismo a que pertence a Igreja Evangélica Luterana do Brasil tenha sua origem na atuação de pastores³⁰² norte-americanos, que desde o início do século XX sempre enfatizaram que sua atuação nunca visou especificamente à população de origem alemã, a verdade é que o luteranismo, como um todo, continua a caracterizar-se por membros de sobrenome alemão.³⁰³ Assim, havia na Liga de Senhoras Luteranas do Brasil uma identidade étnico-religiosa estabelecida que “impedia” as mulheres luteranas dos quatro cantos do país de participarem igualmente das decisões tomadas pela Liga, haja vista que nem todas as mulheres luteranas enquadravam-se dentro de uma mesma perspectiva étnica.

Joana Maria Pedro, ao analisar as imagens idealizadas para as mulheres do sul do Brasil ao final do século XIX, avalia que essa idealização das mulheres em seus papéis familiares, naquele momento, era muito semelhante às imagens divulgadas em meados do século XIX e início do século XX nos grandes centros europeus: “nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XX, durante a formação das elites nos centros urbanos”.³⁰⁴ São identidades de gênero que permanecem, pois são tidas como próprias do universo feminino e atravessam gerações. A autora considera que os jornais foram os principais divulgadores de modelos de comportamento, especialmente, para as mulheres: “os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos”.³⁰⁵ Mesmo que esses jornais não tenham criado os modelos ideais de mulher como boa mãe e esposa, pois esses modelos já eram divulgados pela literatura, pelas tradições, pelas religiões, entre outros, as representações

³⁰² Sobre o envio de pastores ao Brasil pelo Sínodo de Missouri, Walter Steyer assegura que é necessário fazer um esclarecimento, pois segundo o autor, esse Sínodo não enviou missionários para o Rio Grande do Sul, mas pastores. Segundo Steyer, as demais igrejas evangélicas que vieram ao Brasil como batistas, metodistas, presbiterianas, episcopais (anglicanos), enviaram missionários com o objetivo proselitista, ou seja, “converter” os católicos às suas respectivas denominações. Nas palavras do autor, esse não foi o propósito do Sínodo de Missouri, pois considerava o Brasil um país cristianizado sob responsabilidade da Igreja Católica Apostólica Romana. O Sínodo de Missouri assim enviou pastores, não para converter luso-brasileiros, mas para arrebatar, ajuntar, servir, pastorear, os imigrantes alemães luteranos e seus descendentes teutos. Se na época o Sínodo Rio-Grandense tivesse declarado luterano – como o fez a partir de 1922, provavelmente o Sínodo de Missouri não se teria estabelecido no RS (STEYER, Walter O. *A implantação do luteranismo confessional e as populações protestantes teutas*, p. 270).

³⁰³ GERTZ, R. E. *Os luteranos no Brasil*, p. 13.

³⁰⁴ PEDRO, J. M. *Mulheres do sul*, p. 281.

³⁰⁵ PEDRO, J. M. *Mulheres do sul*, p. 282.

sobre as mulheres veiculadas nesses impressos colocavam as mães como responsáveis principais pelo progresso e civilização, pois eram tidas como as “criadoras e educadoras das novas gerações”.

Em fins da década de 1980, começaram a aparecer as primeiras críticas à concentração “excessiva” da LSLB na região sul, reclames que vinham das mulheres de outras regiões do país filiadas à Liga. Esse aspecto evidenciava-se nas páginas da própria revista *Servas do Senhor* e gerava manifestações por parte de leitoras e colaboradoras que residiam em outras regiões do Brasil. Uma carta enviada às redatoras da revista, em 1987, contestava a falta de esclarecimentos diante da recusa dos artigos enviados para avaliação. A leitora Norma Pöter solicitava que quando os artigos fossem recusados, que explicassem às autoras os motivos que impediram a publicação, para que pudessem aprimorar os textos e novamente remetê-los à revista.

Norma Pöter, da cidade de Barra do Garças, no estado de Mato Grosso, queixava-se que as mulheres de seu departamento não se sentiam motivadas a colaborar com a revista, pois as devolutivas não eram satisfatórias e a revista, embora tivesse abrangência nacional, parecia restringir-se e direcionar-se apenas às filiadas da região Sul. Nesse sentido, a leitora advertia: “quando incentivei as senhoras a escreverem, me disseram que não mais o fariam, pois os artigos não eram publicados. Houve até quem dissesse que é porque as mais distantes, não fazem parte do ‘grupinho’. Seria bom um esclarecimento”.³⁰⁶

A questão abordada na carta pôs em relevo algo recorrente nos estudos de autores que se ocuparam com o luteranismo em terras brasileiras: o protestantismo étnico. Lauri Wirth³⁰⁷ observa que o conceito de “protestantismo étnico” é o mais adequado para definir o protestantismo de imigração, pois ressalta uma característica interna desses grupos, a “homogeneidade étnica”. Ao analisar a trajetória da IELB no contexto religioso brasileiro, Airtton Jungblut, observa que, mesmo marcado por diferenças doutrinárias, o luteranismo brasileiro restringiu-se, grandemente, às populações descendentes dos imigrantes alemães, revelando uma religiosidade limitada à etnia. De acordo com o autor, é notório que por mais que a IECLB e a IELB tenham buscado, de formas historicamente distintas, incorporarem-se à cultura e sociedades nacionais, permaneceram teuto-brasileiras.

³⁰⁶Carta enviada à redação da revista *Servas do Senhor* por Norma Pöter, Barra do Garças, MT, 14 de outubro de 1987. Caixa de correspondências e material histórico da LSLB. Pasta de correspondência da revista *Servas do Senhor*, (1983-2004). Arquivo Histórico da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁰⁷WIRTH, L. E. *Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração*, p. 157.

Essa questão foi novamente levantada durante o Congresso Nacional da LSLB de 1991, ocasião em que uma moção sugeria que a comissão de moções não fosse formada exclusivamente por pessoas da região Sul, estendendo essa participação a outras regiões do Brasil. Essa moção foi negada sob a justificativa de que “por uma questão de tempo e dinheiro”, os integrantes dessa comissão deveriam residir próximos:

Moção nº 7 – 1º - que a Comissão de Moções para os Congressos, seja formada por pessoas de outras regiões e não apenas do Sul, para que outras regiões possam opinar e levar suas necessidades como projetos a serem auxiliados pela Liga [...]
Parecer da Comissão – Item 1º- Considerando a necessidade de economia de tempo e dinheiro, os membros desta comissão devem residir próximos uns dos outros, razão pela qual propomos a rejeição deste Item.³⁰⁸

Diante dessas duas reclamações, observamos que no plano prático a tão almejada união de todas as senhoras luteranas do Brasil não se confirmava depois de mais de quatro décadas de existência da Liga e o elemento étnico era fator preponderante nessa questão. O tal “grupinho”, a que se referiam as leitoras de Barra do Garças, eram as mulheres do sul, principalmente, da capital gaúcha. A LSLB foi criada por iniciativa de mulheres luteranas dessa região, sendo assim, sua organização administrativa também sempre esteve localizada nessa região. Isso explica o grande número de colaboradoras e membros da diretoria geral e da equipe da revista dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Certamente o aspecto “teuto-brasileiro” da Liga causava nas mulheres das demais regiões do Brasil um sentimento de exclusão e os rumores sobre os descontentamentos acabavam chegando ao núcleo da LSLB que, pressionado, apressava-se em reforçar que o objetivo da Liga era contemplar as luteranas dos quatro cantos do Brasil e não apenas as da região Sul. Ao consultar a revista, confirma-se que a insatisfação das mulheres do Norte não era despropositada, pois a maior parte dos artigos publicados era de colaboradoras residentes no sul do país. As reclamações dessas mulheres do Norte, por exemplo, evidenciam um conflito étnico dentro da própria Liga, pois nem todas as filiadas eram sulistas, descendentes de alemães que falavam alemão. Isso se explica, em parte, pela notória concentração dos luteranos nessa região e, como vimos, apenas recentemente a IELB chegou a todos os estados brasileiros, o que elucidou o porquê de o Rio Grande do Sul ter sido escolhido como sede da Liga. Em consulta à *Servas do Senhor*, constatamos que eram nos estados sulistas onde se concentravam mais de

³⁰⁸Ata do 16º Congresso Nacional da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1991. Livro de Atas do 16º Congresso Nacional da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Caixa de Atas de Congressos Nacionais da LSLB do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

50% dos distritos filiados à Liga e era também nessa região que se encontrava o maior número de assinantes da revista.

No processo de imigração alemã para o Brasil, desde 1818, os imigrantes foram dirigidos, preferencialmente, para as colônias agrícolas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, decorrendo daí a extrema concentração dos alemães na região sul. Para Giralda Seyferth³⁰⁹, a emergência da identidade étnica não tem relação com a situação de isolamento, mas sim do contato e do próprio processo histórico de colonização que produziram tanto uma cultura camponesa compartilhada com outros grupos imigrados, como uma cultura especificamente teuto-brasileira.

Segundo a autora, no início do século XX, as “colônias alemãs” não estavam totalmente assimiladas e foram aos poucos se tornando teuto-brasileiras, pois “em meio ao processo de urbanização e industrialização foi se afirmando um processo de afirmação da identidade étnica cujo elemento de distinção preferencial era o uso da língua alemã”.³¹⁰ Nesse sentido, a concepção de uma “germanidade teuto-brasileira” vincula-se à ideia de pertencimento nacional pelo direito de sangue, reivindicava-se o direito à existência de um grupo étnico teuto-brasileiro cujo ponto de referência espacial eram as “colônias alemãs”, que não se referiam apenas ao meio rural, mas também às comunidades que reuniam pessoas de origem alemã nas cidades maiores como Porto Alegre, Curitiba ou São Paulo.

Assim, conforme Seyferth, mesmo com o contato mais intenso com a sociedade abrangente e a presença de “brasileiros” nas antigas regiões de colonização, a identidade étnica teuto-brasileira persiste ainda hoje atualizada por critérios tradicionais de etnicidade. Esses critérios são de natureza simbólica, reflexos de uma cultura específica cujos elementos são resultados de uma situação histórica, a colonização europeia no sul do Brasil. Portanto, a população teuto-brasileira, mesmo assimilada, manteve algum grau de “distintividade”, percebida por meio de elementos de diferenciação inclusivos, como a língua alemã, o estilo de vida e as festas étnicas que exibem para o exterior uma representação da cultura teuto-brasileira.³¹¹

De igual modo, Antonio Gouvêa Mendonça³¹² assinala que a integração das igrejas luteranas na sociedade brasileira ocorreu por meio de dois “vetores”: um “centrífugo”, que

³⁰⁹SEYFERTH, G. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*, p. 15.

³¹⁰SEYFERTH, G. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*, p. 16.

³¹¹SEYFERTH, G. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*, p. 26.

³¹²MENDONÇA, A. G. *Gênese e estrutura atual dos protestantismos brasileiros num campo religioso em vias de desordenação*, p. 300.

indicava um avanço rumo a uma sociedade mais ampla assumindo seus problemas e características; e outro “centrípeto” que canalizou para o seu próprio interior as contradições dessa mesma sociedade traduzidas em forma religiosa como o pietismo, o fundamentalismo e o pentecostalismo. Assim, essas igrejas que buscavam conservar seu perfil étnico-cultural original também sentiram as contradições internas do protestantismo brasileiro.

No final dos anos 1990, houve uma reflexão por parte da Liga sobre questões relacionadas ao universo feminino e as mudanças experimentadas pelas mulheres nas últimas décadas do século XX. Seguramente, a emergência desses debates estava muito mais relacionada com as mudanças vividas no período, advindas do movimento feminista, por exemplo, do que com uma abertura da IELB para essas questões. E parece-nos que por mais que o objetivo em torno dessas reflexões fosse para reforçar papéis do que para mudá-los, houve uma pequena abertura para o novo. Essa reflexão da Liga em torno das questões relacionadas às mulheres levou à substituição do termo “senhoras” por “servas”, na sigla LSLB. A Liga percebeu que deveria abrir-se para a participação de outras mulheres, não restringir-se às “esposas ideais”, pois vivia-se um momento de “modelos flexíveis” e o tradicional teria de saber conviver com o moderno. Desse modo, percebeu que não poderia limitar-se à participação somente de mulheres casadas, embora elas continuassem sendo a maioria entre as filiadas.

Mas, além disso, foi possível observar uma sensível mudança dentro da própria LSLB, em relação ao modelo de esposa ideal dedicada somente ao lar, aos filhos e ao marido. Se essa imagem da “esposa ideal” era forte entre as luteranas da geração de 1960 e 1970, a geração de luteranas dos anos 1980 e 1990 observavam a entrada das mulheres no mercado de trabalho como algo positivo, desde que se conservasse a família como função única e primeira da mulher, e advertiam que viviam em contextos de transformações e, para tanto, também deveriam aceitar determinadas mudanças: “por isso precisamos cada vez mais ver, ler e ouvir a linguagem atual das senhoras, porque sofremos pressões e mudanças, vivemos em contextos de transformações, precisamos avaliar e reavaliar as nossas atitudes, as realizações, os projetos, a linguagem e as necessidades”.³¹³

Assim, a Liga passou a aceitar essa nova demanda feminina que era ter de deixar o lar e se aventurar por outros espaços, da mesma forma que aceitavam essas mulheres como suas filiadas. Não aprofundam essa discussão para pensar as desigualdades existentes na igreja, afinal de contas não pretendiam desconstruir nenhum discurso. Elas substituíram o termo

³¹³*Servas do Senhor*. 1º trimestre de 1997. Concórdia Editora, Porto Alegre, p. 08.

senhoras por servas, pois acreditavam que a Liga deveria ser formada por mulheres dispostas a “servir”, independente de serem casadas, separadas, viúvas, senhoras, solteiras ou jovens.

Nesse sentido, a Liga não conseguiu questionar o poder masculino e as hierarquias de gênero, na medida em que seguiram defendendo a postura de que a autoridade é sempre um desígnio dos homens tanto na igreja quanto em casa. Entretanto, passaram a acreditar e a aceitar que as mulheres poderiam desempenhar outros papéis desde que aqueles de mãe e esposa não fossem prejudicados, vejamos:

Muitas mulheres tiveram sua ação limitada às tarefas da casa, à educação dos filhos porque a mentalidade e a época assim, o exigiam, mas não deixaram de atuar e desempenhar o seu papel de testemunhas do Senhor e de mostrar o seu grande amor pelo próximo. O início foi muito árduo, com muitos preconceitos e dificuldades a serem vencidos. Muitos fatores externos, pensamentos, filosofias e avanços contribuíram e permitiram que as mulheres fossem trabalhar fora de casa, não apenas na educação, mas também na indústria, no comércio, em profissões liberais. Hoje fazem parte do processo de desenvolvimento do país e do mundo, com participação ativa na política, na ciência, na tecnologia. A atuação e participação da mulher foi decisiva para as transformações políticas, sociais e científicas que ocorreram e das quais fazemos parte [...] A Diretoria Nacional da LSLB está aberta a aderir novos modelos para os desafios que são grandes e nos levam a avançar, sem recuar diante das dificuldades.³¹⁴

Observa-se que por mais que se mencionem as palavras “preconceito” e “dificuldades”, em nenhum momento elas se assumem dispostas a desconstruir diferenças naturalizadas e, tampouco, mostram-se alinhadas ao discurso da teologia feminista. Uma atitude que demonstra que uma vez inseridas em uma igreja com tendências fundamentalistas e ortodoxas, essas mulheres concordavam com sua doutrina. Entretanto, percebemos por parte da Liga uma maneira de adequar-se aos novos modelos de feminilidade, sem confrontos com a igreja e suas ideias de autoridade. O que se nota é que houve uma tentativa de conciliar a imagem da mulher cristã com a “mulher moderna”:

Vivemos numa época em que a mulher está conquistando seu espaço. Ela precisa provar para a sociedade machista o seu valor como uma criatura igualmente criada por Deus. Pode-se dizer que esta mulher aos poucos está ocupando o seu lugar ao sol. Ela não precisa deixar de ser simples para ser moderna. Ela não precisa ser humilhada por ser humilde. Ela tem muito a dizer muito a produzir e quer muito ajudar a quem precisa. A mulher moderna reconhece as bênçãos e ações concretas.³¹⁵

Embora a Liga deixasse evidente que uma definição do que era uma mulher moderna fosse muito difícil e concordasse que a mulher moderna cristã não defendia padrões e perfis

³¹⁴*Servas do Senhor*. 1º trimestre de 1997. Concórdia Editora, Porto Alegre, p. 07.

³¹⁵*Servas do Senhor*. 1º trimestre de 2011. Concórdia Editora, Porto Alegre, p. 14.

impostos pelos contextos, refletiu que as mulheres luteranas poderiam conquistar o espaço público desde que sem prejuízos para o espaço privado.

Interessante que essas mulheres ao criticarem o que chamaram de “sociedade machista”, não refletiram o machismo vindo da própria igreja, não contestaram o fato de as mulheres luteranas não poderem ser ordenadas pastoras, por exemplo, porque às mulheres caberia o silêncio. Segundo Foucault, há diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implícito, e para o qual funciona. Para o autor, “o poder não é fonte nem origem do discurso, mas sim alguma coisa que opera por meio do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder”.³¹⁶

É preciso lembrar que, em fins da década de 1990 e preparando-se para a entrada de um novo milênio, a Liga definiu alguns desafios que julgava que deveriam ser superados. Entre esses desafios estava a questão de “como as mulheres deveriam se habilitar profissionalmente para competir no mercado de trabalho e não se descuidar de suas múltiplas funções e da essência da comunhão com seu Salvador?”.

Uma matéria publicada na revista *Servas do Senhor* do 2º trimestre de 2013 demonstrou que após a primeira década do século XXI esse desafio ainda se apresentava à Liga. Falando para uma geração de mulheres cristãs que haviam entrado no mercado de trabalho, a revista reuniu o depoimento de três mulheres que vivenciavam essa dupla jornada de trabalhar fora sem se descuidarem das funções de mãe e esposa.

A matéria mereceu destaque na capa da *Servas do Senhor*. A mensagem que se queria passar foi corroborada por uma imagem que em tudo contrastava com as representações da mulher no seio do lar tantas vezes impressas nessa mesma revista nas décadas anteriores. Agora não mais se via o avental preso à cintura, nem mesmo o lenço a prender os cabelos, até mesmo a cozinha e seus tradicionais utensílios não estavam no plano de fundo. Em trajés, penteado e maquiagem cuidadosamente alinhados, a “mulher luterana” do século XXI transferiu-se da cozinha para o escritório e nesse novo espaço ela não está mais às voltas com as receitas e a limpeza. Vê-se um computador portátil e não mais as panelas e o fogão. Deve-se observar, que essa representação, não excluía desse modelo de mulher a sua natural vocação à maternidade e o bebê que estava em seus braços reforçava esse papel do qual ela não poderia declinar (figura 1). É preciso entender que a chamada “mãe: uma dupla jornada”, longe de ser uma crítica à

³¹⁶ MOTTA, M. B. (Org). *Michel Foucault: Estratégia, poder-saber*, p. 253.

dupla jornada que era imposta às mulheres, pretendia mostrar que era possível aliar trabalho e maternidade.

Em nenhum momento a matéria mencionava a sobrecarga que uma dupla jornada acarretava para as mulheres e, tampouco, mencionava a divisão de tarefas no âmbito doméstico. A partir de uma visão amparada no patriarcado, eram apontadas as atividades restritas ao privado como natural responsabilidade das mulheres.

Figura 1 – Capa da revista *Servas do Senhor* 2º trimestre de 2013



Fonte: Revista *Servas do Senhor*. 2º trimestre de 2013.

A primeira mulher a dar o depoimento sobre como conciliava a vida profissional com os afazeres do lar foi Adriana Dal Ponte, que havia feito faculdade de Pedagogia e naquele momento cursava pós-graduação em Educação Infantil. Adriana dizia que era preciso, embora não fosse fácil, buscar o equilíbrio entre as funções de mãe, mulher e profissional. Essa havia

sido a maneira encontrada para continuar trabalhando e sendo também mãe e esposa. Em suas palavras:

Sou mãe, mulher e profissional. A maternidade foi algo muito desejado e especial em minha vida. Ser mãe é um privilégio. Entretanto, sempre me fazia uma pergunta: será possível conciliar trabalho, maternidade e realização pessoal? Acredito que esta pode ser uma questão minha e muitas futuras ou atuais mães que se veem diante da necessidade de conciliar maternidade e trabalho. No decorrer dos tempos, a figura da mulher “prendada e dona de casa” cedeu lugar também à mulher com múltiplos papéis assumidos, os quais interferem de maneira significativa no seu dia a dia, pois acabam priorizando uma ou outra atribuição, o que acarreta no esquecimento do seu “eu” e do “ser mulher”. A entrada da mulher no mercado de trabalho alterou esse quadro “mulher-mãe” de tal modo que conciliar a atividade remunerada com o cotidiano familiar nem sempre é uma tarefa das mais fáceis [...] É preciso dosar a mãe e a mulher que existem dentro de cada uma de nós, e, claro, estando sempre firmes com Deus, pedindo que diariamente nos abençoe e nos dê forças para continuarmos nessa caminhada, conciliando a função de mãe, mulher e profissional.³¹⁷

O segundo depoimento foi de Ana Raquel Ludke, que na época fazia pós-doutorado em Fisiologia e relatava como havia sido possível conciliar o nascimento de sua primeira filha com a escrita da tese de doutorado. Segundo Ana, sua experiência havia demonstrado que ser apenas mãe era uma tarefa impossível, haja vista que cotidianamente as mulheres deparavam-se com um número grande de atividades que dependeriam exclusivamente delas:

Descobri que Deus nos capacita a sermos mães de uma maneira especial quando a hora chega, mas nunca somos APENAS mães; somos filhas, esposas, trabalhamos na igreja e fora também. Além disso, aprendemos a otimizar e assumir cada papel na hora certa.³¹⁸

O terceiro depoimento trazia em forma de uma pequena crônica a rotina de Dâmaris Feld. O relato mostrava uma dona de casa, mãe e profissional extremamente sobrecarregada, mas muito contente. Citando trechos bíblicos, demonstrava estar alinhada ao discurso da igreja, buscava mostrar que mesmo as mulheres entrando no mercado de trabalho a casa ainda era seu pequeno “reino”:

Mais um dia chego em casa do trabalho, depois de muitas horas atendendo as mais variadas demandas. (Obrigada, Senhor, por mais um dia.). Finalmente, hora de descansar. Descansar? Junto comigo chegam também, de seu dia de atividades no trabalho e na escola eu marido e meus três filhos. A família é prioridade e precisa da minha atenção. (Atende o bom andamento da casa e não come o pão da preguiça”(Pv 31.27).) “Como foi seu dia?”. “O que teve de bom na escola?”. “Foi muito corrido no trabalho?”. “Filha qual lição tem para hoje?”. “Pessoal, vamos jantar”. Louça na pia e roupa me aguardando na máquina de lavar. Mas isso ainda vai esperar. Primeiro o banho das crianças e, depois, para a cama. Oração e o cardápio musical [...] Crianças na cama, hora de cuidar da casa. Pendurar a roupa, lavar a louça, passar as camisas ... E fazer um bolo – amanhã tem festinha da mais velha na escola (Cinge os lombos de força e fortalece os braços (Pv 31.17).) Agora é hora de dar atenção só para o

³¹⁷*Servas do Senhor*. Editora Concórdia Ltda., Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 2013, p. 18.

³¹⁸*Servas do Senhor*. Editora Concórdia Ltda., Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 2013, p. 19.

marido. Conversar, escutar, interagir. (Como és formoso, amado meu, como és amável” (Ct 1.16)). Só ainda mais tarde vou me deitar.³¹⁹

Esses depoimentos, sem dúvida, refletiram aquela que consideramos a maior e talvez a única grande mudança no comportamento feminino das mulheres luteranas diante das mudanças experimentadas nas últimas décadas do século XX. A entrada das mulheres luteranas no mercado de trabalho só representou uma mudança aceitável dentro da igreja porque não pretendeu romper com nenhum preceito da doutrina luterana. Ao mesmo tempo em que elas viram como positiva a possibilidade de as mulheres ocuparem-se com atividades para além do ambiente doméstico, reforçavam o papel da mulher como rainha do lar, justamente para que o lado profissional não fosse sobreposto ao doméstico e maternal. Assim, essa mudança de postura revela que, as mulheres luteranas, mesmo que não tenham olhado essa questão com o intuito de desconstruir verdades bíblicamente estabelecidas a partir de um olhar de gênero, refletiram de algum modo sobre as conquistas femininas da segunda metade do século XX. Mas também identificamos aí um elemento negativo, pois na busca de conciliação entre trabalho e família, a imagem da mulher como rainha do lar, mãe e esposa dedicada foi reforçada, conforme vimos no terceiro depoimento.

2.4.3. Aspectos organizacionais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil

Após oficializada a criação da LSLB pela Igreja, a Liga deu início ao processo de estruturação e regularização enquanto nova entidade auxiliar. Em 1960, foram elaborados os Estatutos da Liga, a fim de regulamentar seu funcionamento. Destaca-se que todas as ações contempladas nos estatutos estavam diretamente ligadas ao maternal e doméstico, principalmente, às áreas de educação e assistência, evidenciando o quanto a igreja não tinha interesse que a atuação da Liga se expandisse para além daquilo que a natureza feminina exigisse.

Estavam entre os principais objetivos definidos nos estatutos da Liga: orientar e incentivar a ação das senhoras dentro das congregações locais, nos setores espiritual, missionário e assistencial; estimular a conscientização e valorização das capacidades e dons no trabalho missionário; cooperar na propagação da doutrina, utilizando os meios de comunicação; estimular e orientar a realização de empreendimentos de caráter educacional e assistencial; incentivar as vocações sacerdotais; realizar o intercâmbio de experiências e sugestões de

³¹⁹*Servas do Senhor*. Editora Concórdia Ltda., Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 2013, p. 20

atividades, para estimular e orientar o trabalho dos departamentos; estreitar os laços de fraternidade cristã; promover congressos nacionais e outros encontros que se fizerem necessários para o bom andamento da LSLB; desenvolver projetos missionários, assistenciais e educacionais como atividade integrante de todos os distritos, os quais seriam escolhidos e aprovados em Congresso Nacional.³²⁰

A estrutura e funcionamento adotados pela LSLB basearam-se na organização da Liga Missionária de Senhoras Luteranas (LWML), da Igreja Luterana Sínodo de Missouri.³²¹ Como Otilie Muller havia conhecido o trabalho desenvolvido por essa Liga nos Estados Unidos, resolveu adotar a estrutura da LWML como padrão, haja vista, que no Brasil não havia ainda na Igreja Luterana uma organização dessa natureza, daí a dificuldade em estabelecer as diretrizes de seu funcionamento. As atas apontam que nos primeiros anos de atividades da LSLB era comum a participação de alguns membros da LWML em congressos nacionais e de membros da LSLB nos congressos da LWML, nos Estados Unidos, confirmando que essa Liga havia sido adotada como modelo.

Eram consideradas integrantes da Liga todas as senhoras luteranas atuantes nos departamentos femininos daquelas congregações servidas por pastores da IELB e organizados em distritos, filiados à LSLB. Com o passar do tempo, a Liga dizia-se uma entidade composta por mulheres filiadas e não filiadas. A organização de um departamento feminino deveria obedecer a algumas regras, com o objetivo de que aquilo que as mulheres assumissem fosse concretizado e também diante da necessidade de padronizar os trabalhos nos departamentos.

Vejamos:

Um grupo de senhoras interessadas em se organizar para um trabalho mais eficiente no Reino de Deus, se reunirão em oração, estudarão os objetivos que almejam alcançar e os motivos que as levam a isto. Uma senhora deverá alistar os nomes daquelas que desejam, desse já, tomar parte do grupo. O assunto decidido deverá ser levado à Congregação. Numa nova reunião, as senhoras, presididas pelo pastor, por uma senhora da congregação ou mesmo pela presidenta do distrito a que pertencem, deverão designar uma senhora secretária provisória que escreve a ata. Do programa desta reunião deverá constar o seguinte: 1) devoção com hinos e orações; 2) definição

³²⁰LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL. *Manual do departamento feminino*, p. 75-76.

³²¹A Liga Missionária de Senhoras Luteranas (LWML) é formada pelas sociedades nas congregações; depois estas sociedades se reúnem em zonas, formando os Distritos. Depois vem a Liga Internacional, assim chamada por incluir o Canadá. Além da Diretoria – da presidente, secretária e tesoureira, existem outros departamentos entre os quais o do Crescimento Espiritual é o principal. Outro departamento está encarregado com a produção e impresso da revista “*Lutheran Woman’s Quartely*”. Outro departamento ocupa-se com os estatutos ou as regras que governam nossa entidade. Cada sociedade deve entregar uma cópia dos seus estatutos para aprovação antes de ser aceita na Liga. Outro departamento zela pela assistência social (*Servas do Senhor*, 3º trimestre de 1979. Casa Publicadora Concórdia, p. 6-7.).

dos objetivos do departamento; 3) eleição da diretoria; 4) resoluções gerais, horário e local das reuniões, atividades práticas a desenvolver, e outros.³²²

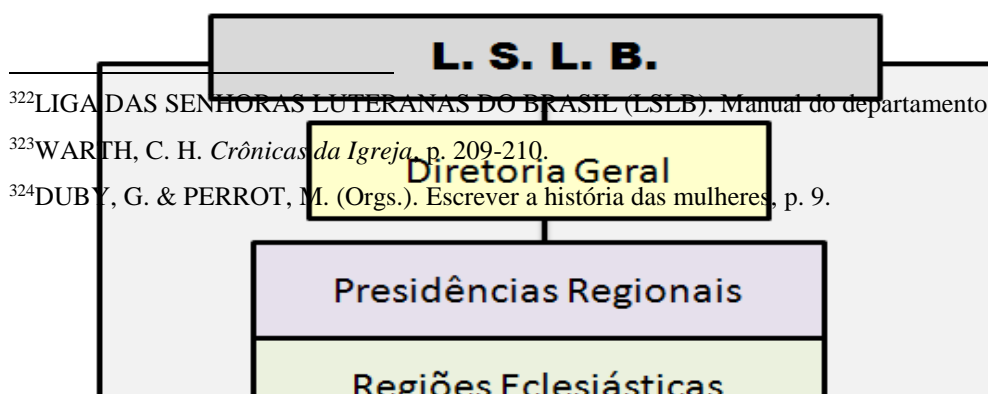
As reuniões nos departamentos contavam com a participação de, aproximadamente, 20 a 25 mulheres que se reuniam mensalmente com o objetivo de realizar estudos bíblicos, confeccionar trabalhos manuais, organizar festas em datas comemorativas para arrecadar recursos financeiros.

Nós mulheres podemos, sim, devemos interessar-nos sempre pelo bem da congregação e da igreja em geral. Tal serviço uma sociedade de senhoras nos oferece. Em suas reuniões o pastor explica um trecho da Bíblia, conta episódios da história da igreja ou fala sobre a vida dos grandes missionários e suas esposas. Desta maneira nossos conhecimentos aumentam e nossa fé é fortalecida. Somos lembradas onde e como podemos ajudar a nossa congregação e o que pode ser feito em prol dos nossos estudantes necessitados, do nosso orfanato e de outros empreendimentos de nossa igreja. Assim, cada vez mais somos informadas e orientadas a respeito do trabalho da igreja [...] Nossas reuniões se realizam uma vez por mês. Levantamos também uma coleta, embora não seja a finalidade mais importante ajuntar dinheiro. Queremos ajudar que a comunidade cresça espiritualmente pela visita aos doentes e a ajuda aos necessitados. (...) No decorrer do ano realizam-se diversas festas para as quais as famílias são convidadas. As senhoras também podem contribuir muito para que o templo e o altar sejam devidamente adornados com flores, folhagens e outros ornamentos.³²³

É notório que quando dizem que eram “lembradas onde e como” poderiam ajudar tratava-se da igreja advertindo as mulheres que naturalmente eram destinadas às funções ligadas aos afazeres domésticos, ao privado, sem visibilidade. Na obra *História das Mulheres no Ocidente* Michelle Perrot e Georges Duby analisam como os discursos em torno das mulheres proliferaram-se ao longo dos tempos, estabelecendo quem eram as mulheres e o que deveriam fazer. Segundo os autores, “filósofos, teólogos, juristas, médicos, moralistas, pedagogos ... dizem incansavelmente o que são as mulheres e o que devem fazer. Porque elas definem-se antes de mais nada pelo seu lugar e pelos seus deveres.”³²⁴ Assim, estabelece-se que o espaço das mulheres é o privado, pois sabe-se que a organização do público e do privado passa por relações de poder.

A fim de entendermos de maneira mais detalhada o funcionamento da LSLB, apresentamos a seguir como a entidade se estruturou, por meio de um organograma (figura 2).

Figura 2 – Organograma LSLB



³²²LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). Manual do departamento feminino, p. 15.

³²³WARTH, C. H. *Crônicas da Igreja*, p. 209-210.

³²⁴DUBY, G. & PERROT, M. (Orgs.). *Escrever a história das mulheres*, p. 9.

Fonte: Manual do departamento feminino da LSLB, 1987.

A partir da figura 2, podemos notar que a Liga estava estruturada de uma forma que na base estavam os departamentos, que eram formados por mulheres que auxiliavam no trabalho dentro das congregações e nas atividades que envolviam os distritos aos quais estavam filiadas. Os distritos tinham como propósito a união de todas as servas de vários departamentos, as reuniões ocorriam em forma de congressos, chás, encontros de líderes, momentos em que os vários departamentos discutiam ações e experiências de como estavam desenvolvendo as atividades propostas pela LSLB, acompanhados pela diretoria regional.

As regiões, por sua vez, eram formadas por diferentes distritos responsáveis por monitorar as ações desenvolvidas pelas mulheres em âmbito regional e também verificar e assessorar o desenvolvimento de projetos e atividades propostas pela Liga Nacional. Contudo, a função da diretoria regional também englobava atividades como acompanhar, orientar e dar atendimento aos distritos, assim como representar a LSLB nos congressos e quando necessário. Já a diretoria nacional ficava responsável por coordenar os trabalhos no plano nacional,

auxiliadas pelas presidentes regionais e pelas diretorias distritais. A diretoria nacional deveria ter reuniões mensais para definição das ações da Liga e estar sempre presente nos congressos nacionais e distritais, encontros regionais, encontros de líderes, coordenar os trabalhos em âmbito nacional e atuar trabalhando em conformidade com as orientações da IELB.³²⁵

Os congressos nacionais e distritais eram bianuais, ocasião em que os departamentos e distritos se reuniam a fim de discutir diretrizes para os projetos assumidos. Nesses congressos as mulheres nunca estiveram sozinhas, sempre havia a presença dos conselheiros para dar anuência às decisões tomadas. Tomando mais uma vez como exemplo a Liga Missionária de Senhoras do Sínodo de Missouri, a LSLB adotou alguns símbolos: um lema, um hino³²⁶, uma logomarca e um estandarte. O lema escolhido desde o início era “Servi ao Senhor com alegria” – Salmo 100.2.

O lema escolhido expressava o compromisso da Liga em torno do servir ao “Senhor”, nesse caso, o senhor contempla todas as figuras masculinas presentes na igreja, e nenhum comprometimento em servir às mulheres. Expressa a subserviência dessas mulheres que se comprometeram a “trabalhar” e a “proclamar o amor” por um deus, uma figura masculina, utilizada para justificar as proibições que as impedem de integrar-se nas estruturas de poder da mesma forma que os homens. Foram “chamadas para servir” em uma instituição que estabeleceu a diferença entre os sexos como um de seus fundamentos principais, que acabaram sendo compartilhados pela própria Liga em razão dos saberes construídos sobre as mulheres pela igreja.

Em 1973 a Liga começou a pensar a escrita de um manual para ser usado em todos os departamentos de senhoras. Uma forma encontrada de normatizar as reuniões em todos os departamentos e distritos filiados. Conforme consta na ata da reunião que estabeleceu a publicação do manual: “decidiu-se que uma comissão de três senhoras irá elaborar o manual e

³²⁵LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). *Manual do departamento feminino*, p. 11.

³²⁶Em 1963, por meio de um concurso, foi sugerido o hino *Marchai Unidas*, mas esse não foi escolhido. Em agosto de 1962 optou-se pelo hino *Servi ao Senhor com Alegria*, de autoria do pastor Martinho Lutero Hasse. E em setembro desse mesmo ano foi feita a música para o hino oficial da LSLB, que conforme consta nas atas “foi executado no piano por uma integrante da diretoria. Imediatamente foram feitas cópias da letra e música do hino para que fossem distribuídas a todas as sociedades de senhoras para que fosse cantado no próximo congresso geral da LSLB”. Vejamos a letra do hino: *Com tudo o que somos e temos, a ti nos sagramos, Senhor, chamaste à seara e viemos servir-te com zelo e fervor. A bênção vem dar na igreja e no lar, nesta obra de fé e de amor. Com as mãos trabalhamos, com os pés te seguimos, com a voz te louvamos, com os lábios servimos. E dos bens te trazemos para as almas salvar, e com tudo queremos teu amor proclamar. Com tudo o que somos e temos, a ti nos sagramos, Senhor. Chamaste à seara e viemos servir-te com zelo e fervor. A bênção vem dar na igreja e no lar, nesta obra de fé e de amor.* (Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1964. Livro nº 1 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS).

a diretoria dará a palavra final. A comissão será composta pelas senhoras Ially Steyer, Liria Rick e Edith Karg, que em setembro deverão entregar este trabalho para ser estudado e aprovado e no mês de novembro o manual deverá estar pronto”.³²⁷

A primeira edição do Manual do Departamento Feminino foi publicada em 1976, com tiragem de 500 exemplares, vendido com o preço de Crs 7,00 e foi reeditado sucessivas vezes, em decorrência do número de filiadas que cresciam e a necessidade de fazer adequações no conteúdo. No prefácio à 4ª edição, publicada em 1987, a diretoria da Liga dizia que o Manual das Servas - maneira como também era chamado o livreto - havia mais uma vez sido revisado e atualizado como uma forma de atender os anseios de cada serva, “orientando-a, instruindo-a nas muitas maneiras de empregar seu tempo, seus bens e seus talentos a serviço do Senhor”. E encerrava afirmando: “Queira Deus seja este Manual do Departamento Feminino adquirido e estudado cuidadosamente pelas senhoras cristãs”.³²⁸

Pensando e planejado a fim de normatizar as ações da Liga em função da estrutura da igreja, entre os assuntos contemplados nesse livro estavam: planejamento, atividades em geral, crescimento espiritual, missão, atividades assistenciais e sociais.³²⁹ Na introdução trazia aspectos históricos da LSLB, explicando o que era a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, o contexto histórico que proporcionou o seu surgimento, os símbolos adotados e sua estrutura organizacional. Partindo do pressuposto de que as luteranas “carregavam a LSLB em suas mãos”, o manual trazia explicações pormenorizadas sobre como desenvolver os trabalhos em um departamento feminino, de modo que fossem contempladas tanto atividades ligadas à prática social e material, quanto aquelas ligadas ao “crescimento espiritual” das filiadas.

O manual era composto de nove capítulos, cada um tratando de um aspecto relevante para o trabalho das luteranas dentro dos departamentos: organização de congressos nacionais; procedimentos iniciais e burocráticos para a organização de um departamento de senhoras; planejamento de atividades a serem desenvolvidas nos departamentos (considerando os objetivos gerais da LSLB e as necessidades locais); dicas e sugestões para as promoções sociais nos departamentos; métodos e técnicas de estudo bíblico e, por fim, o regimento da LSLB, para que todas conhecessem e estudassem o referido manual.

³²⁷Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1973. Livro nº 2 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³²⁸LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). *Manual do departamento feminino*, p. 7.

³²⁹Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1973. Livro nº 2 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Em 1977, quando a LSLB já desfrutava de grande prestígio pelas ações que desenvolvera, aventou-se a possibilidade de mudar o nome de “Departamento de Senhoras” para “Departamento Feminino”. Porém, decidiu-se que esse assunto seria estudado e debatido entre os diversos departamentos filiados à Liga e somente depois seria tomada alguma decisão. Entretanto, esse assunto só voltou a ser debatido novamente durante o Congresso Nacional de 1981 quando foi aprovada uma moção referente à mudança de nome:

Moção nº 1 – Mudanças do nome “Departamento de Senhoras” para “Departamento Feminino”. Considerando: a) que existem em nossas comunidades jovens que por sua idade não frequentam as reuniões da juventude; b) que por não serem casadas sentem-se deslocadas para participarem do Departamento de Senhoras (o nome “senhoras”, geralmente é usado no sentido de quem é casada); que o departamento, com a ajuda destas “jovens”, terá maior participação; d) que o nome “Departamento Feminino” abrange tanto a juventude como as senhoras; e) que o dinamismo deste departamento poderia ser elevado, aumentando as condições de trabalho. Propomos que se resolva neste Congresso pelas razões acima citadas, mudar o nome de “Departamento de Senhoras” para “Departamento Feminino”.³³⁰

Essa mudança pode ser interpretada sob diversos prismas. A substituição do termo “senhoras” por “feminino” sinalizou uma mudança de posicionamento da Liga no sentido de perceber que a LSLB deveria representar um espaço de todas as mulheres na Igreja, e não somente da mulher casada, algo que ficou bastante visível em meados da década de 1990. A segregação que representava o termo “senhoras” trazia diversas desvantagens para a entidade, pois limitava o espaço apenas às senhoras casadas, com impactos no número de filiadas e, conseqüentemente, nas ofertas. Desse modo, a contribuição das jovens aliada ao seu “dinamismo” só traria benefícios. O resultado dessas mudanças teve reflexos na revista *Servas do Senhor*, que de 1977 a 1986 passou a dedicar um espaço às jovens luteranas, através da *Página das Jovens*, coluna cujo objetivo era oportunizar uma aproximação maior entre mães e filhas, e discussões sobre assuntos como namoro, estudo, profissão, religião, família.

Pelas relações de poder nas quais encontram-se inseridos homens e mulheres, costumava-se acreditar que a feminilidade é construída a partir de uma relação de subordinação aos homens. Na Igreja Luterana, as mulheres partilhavam dessa afirmativa, pois acreditavam que a subordinação aos homens, era algo divinamente estabelecido, obedecia a uma ordem divina. A inserção de uma coluna escrita por jovens em uma revista de senhoras sinaliza que a igreja pretendia aproveitar o relacionamento mãe e filha para preparar essas jovens para o seu

³³⁰Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1981. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

“destino” de esposas, mães e servas. Nas páginas da *Servas do Senhor*, foram inúmeros os artigos que buscaram demarcar por meio de regras e exemplos bíblicos o comportamento feminino, o lugar das mulheres na igreja e na sociedade. Daí a importância que as jovens lessem e tomassem conhecimento dessas regras e exemplos, já que também deveriam se tornar esposas submissas e mães dedicadas.

2.4.4. Revista *Servas do Senhor*

A década de 1960 marcou o período de estruturação da LSLB, foi o momento em que a Liga dava seus primeiros passos e a grande preocupação da diretoria era divulgar a nova entidade entre o maior número possível de mulheres, a fim de multiplicar o número de filiadas. Para tanto, a divulgação por meio dos impressos da Igreja foi fundamental para que todos tomassem conhecimento da existência e das ações da LSLB. Nesse período, a IELB já contava com um impresso que tinha ampla circulação na Igreja o jornal *Mensageiro Luterano*, que funcionava como elo entre a Igreja e seus membros. Baseada na experiência com o *Mensageiro Luterano* e no fato de a Liga Missionária do Sínodo de Missouri também publicar uma revista, a *Lutheran Woman's Quartely*, a LSLB decidiu lançar um modesto impresso que circularia trimestralmente por todo o Brasil, a fim de aproximar as mulheres luteranas e informar sobre as atividades realizadas pela Liga em favor da Igreja.

Durante os primeiros seis anos de circulação, esse impresso circulou com o nome de *Boletim Informativo da Liga de Servas Luteranas do Brasil* e em 1966 passou a chamar-se revista *Servas do Senhor*. Sobre esse esforço em fazer circular a ideias e ações da Liga por meio de um impresso, vale lembrar as palavras de Michelle Perrot para quem as mulheres podem circular pelos espaços públicos de várias formas e os laços tecidos pelos meios de comunicação é um desses meios. Segundo a autora, “como ondas, a palavra, a imagem, o escrito – na espera do rádio, do telefone, da televisão – subvertem as fronteiras cada vez mais permeáveis e favorecem as incursões”.³³¹

A publicação desse impresso foi decidida na reunião de março de 1960, ocasião em que foi lido o esboço daquele que seria o primeiro *Boletim Informativo da Liga de Servas Luteranas do Brasil*. Os primeiros números do *Boletim Informativo* eram mimeografados, sua periodicidade era trimestral, com um número de páginas que variava de quatro a oito nos cinco primeiros anos de circulação. Sua distribuição ocorria por meio de assinaturas. A intenção era

³³¹PERROT, M. *Mulheres Públicas*, p. 10.

a de que o impresso fosse de caráter misto: religioso e informativo. Quanto à estruturação gráfica do conteúdo não apresentava seções fixas e os artigos não eram assinados, sendo todos de cunho informativo. Com esse número de páginas, dificilmente era reservado espaço para ilustrações, e quando elas apareciam eram em tamanhos pequenos e em preto e branco. Todavia, mesmo com sua qualidade gráfica incipiente, o pequeno boletim tinha boa aceitação e circulação entre as mulheres luteranas (Figura 3).³³²

FIGURA 3: Capa do primeiro número do *Boletim Informativo* da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (1960)



Fonte: *Boletim Informativo* da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, ano 1, 1º trimestre de 1960.

Em 1966, a LSLB começou a editar trimestralmente a revista *Servas do Senhor*, em substituição ao antigo *Boletim Informativo*. Heloísa Cruz e Maria Cunha Peixoto observam que os títulos e subtítulos atuam como “manchetes”, primeiros enunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais. No caso das publicações de maior circulação, como é o caso da grande imprensa, os títulos indicam uma pretensão quanto a sua autoridade e representatividade e também uma pretensão de abrangência. Assim, as autoras mostram que o *Jornal do Brasil*, assumiu esse título, pois quando lançado, situava-se na capital federal e, portanto, “anunciava uma pretensão editorial

de, constituir-se como porta voz da sociedade civil e articulador de questões nacionais, atingir uma repercussão em todo o país. Diferentemente, o Diário de São Paulo, já de início, assume falar para e na defesa dos paulistas”.³³³

No caso da revista da LSLB, a substituição do termo *Boletim Informativo*, por revista *Servas do Senhor*, também anunciava uma série de mudanças pelas quais o impresso estava passando, mudanças gráficas, principalmente, mas também evidenciava um crescimento da própria organização a que ele servia, a Liga. Com o passar dos anos, a LSLB ganhava notoriedade e crescia enquanto organização auxiliar e precisou fazer mudanças em seu impresso, a fim de que ele pudesse contar com espaço para a divulgação de notícias. Somado a isso, a escolha do nome *Servas do Senhor* demonstra o compromisso da Liga em servir ao “senhor”, que os “talentos” das filiadas à Liga eram colocados à disposição dessa figura masculina. Enquanto servas, tudo aquilo que era publicado na revista passava pelo filtro de uma figura masculina, representado pelos pastores conselheiros ou pelos pastores que compunham o grupo editorial da revista. Aí reside a necessidade, quando se trabalha com história da imprensa, de buscar compreender os sentidos que estão implícitos em títulos e subtítulos, pois dizem muito sobre as intenções editoriais dos periódicos. De acordo com as historiadoras Heloisa Faria Cruz e Maria Peixoto:

Títulos e subtítulos funcionam como “manchetes”, primeiros enunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais. No que se refere às publicações de maior circulação e estrutura que denominamos grande imprensa, os títulos para além de indicarem uma pretensão quanto a sua autoridade e representatividade - em nome de quem ou de quais setores fala - geralmente indicam também uma pretensão de abrangência. Assim sabemos que ao assumir o título de *Jornal do Brasil* o jornal carioca, quando foi lançado, por estar falando da então capital federal, anunciava uma pretensão editorial de, ao constituir-se como porta voz da sociedade civil e articulador de questões nacionais, atingir uma repercussão em todo o país. Diferentemente, o Diário de São Paulo, já de início, assume falar para e na defesa dos paulistas. Na imprensa mais especializada, as ligações entre títulos e subtítulos e o projeto editorial geralmente são mais diretas. Exemplos deste procedimento podem ser percebidos seja na imprensa operária em títulos como *A voz do Trabalhador*, *O Amigo do Povo*, *O Grito dos Pobres*, *O Trabalhador Gráfico*, *Tribuna Metalúrgica*, *O Sindiquim*; ou na imprensa feminina, *Revista Feminina*, *Mensageira*, *Cláudia*; ou na imprensa negra, *A Raça*, *Voz Da Raça*, *Fala Negão Fala Mulher*; ou ainda na de humor, *O Diabo Coxo*, *A Manha*, *A Tesoura*, entre outras. Assim também os subtítulos, na maioria das vezes trazem indicações valiosas sobre quem fala e para quem almeja falar determinada publicação - jornal dedicado ao belo sexo, jornal das famílias, jornal da construção civil, - e, também, sobre a natureza do conteúdo que pretende articular em seu projeto - folha literária, semanário científico, noticioso e de humor, jornal de notícias. Desta maneira, seja na pesquisa em um único periódico, seja em um conjunto de publicações de uma época, o pesquisador consegue inúmeras pistas para sua reflexão sobre aquelas fontes já no

³³³CRUZ, H.; PEIXOTO, M. C. *Na oficina do historiador*, p. 261.

relacionamento de títulos e subtítulos e na indagação sobre os significados que anunciam.³³⁴

Notamos, desse modo, que a escolha do nome *Servas do Senhor* não foi em vão, ao contrário, teve a intenção de reforçar aquela que a igreja considerava ser a função primeira das mulheres, enquanto servas: o servir. Além de ser utilizada como um instrumento de propagação da doutrina luterana no que dizia respeito às mulheres, a revista também esteve a serviço da evangelização. Assim, procurava mostrar as diferentes maneiras em que as mulheres poderiam contribuir na ação de propagar os ensinamentos bíblicos a partir das “qualidades femininas” que possuíam. Em seu primeiro número como revista, o impresso trouxe um recado explicando as mudanças pelas quais estava passando e justificando sua “nova roupagem” às leitoras em tom descontraído:

A moda se modifica a todos os instantes. Também tive que mudar a minha apresentação. Chego agora ao teu lar com nova aparência e nova roupagem. É que já me tornei adulta, cresci. Até mudaram o meu nome. Já não sou mais o pequeno “Boletim Informativo” da LSLB. Sou uma revista e chamam-me “SERVAS DO SENHOR”. Gostei do nome que me deram. Ele expressa a minha nobre missão.³³⁵

Os periódicos em geral, e não somente os femininos, estão em constantes mudanças, adverte Tania Regina de Luca. Segundo a autora, novos títulos surgem, outros deixam de ser publicados, alguns sofrem alterações radicais, em relação às suas características iniciais.³³⁶ No caso do impresso da LSLB, a mudança de boletim para revista explica-se em primeiro lugar pela grande proliferação que as revistas femininas tiveram a partir dos anos 50 e em segundo lugar porque a revista é composta por ilustração, cor, jogo, prazer, linguagem mais pessoal, variedade, considerada uma janela, uma vitrine, geralmente colorida, compondo um mundo diferente do que aparece no jornal ou mesmo, acrescentando-se para o caso da LSLB, de um *Boletim Informativo*. De acordo com Dulcília Buitoni, “acima de tudo, a leitura de uma revista parece mais gostosa que a de um jornal, seja pelo conteúdo ou até pela forma como é lida. Não se lêem revistas somente para informação; muitas vezes, o ato de folheá-las já é um prazer”.³³⁷

Segundo Cruz e Peixoto, a análise do projeto gráfico do impresso é importante na medida em que permite examinar a organização e distribuição de conteúdos nas diversas partes

³³⁴CRUZ, H.; PEIXOTO, M. C. *Na oficina do historiador*, p. 261.

³³⁵*Servas do Senhor*. 2º trimestre de 1966. Casa Publicadora Concórdia S.A. Porto Alegre, RS.

³³⁶LUCA, T. R. de. *Mulher em revista*, p. 449.

³³⁷BUITONI, Dulcília H. S. *Imprensa feminina*, p. 18.

e seções no interior do periódico como, por exemplo, a localização e extensão que ocupam, as funções editoriais a elas atribuídas e por elas desempenhadas, seus modos de articulação e expressão. Assim, de acordo com as autoras, as capas e primeiras páginas “funcionam como vitrine da publicação que, por meio de ‘chamadas’ de matérias, fotos, manchetes e slogans, indicam ênfase em determinados temas e questões”.

No caso da *Servas do Senhor*, em seu primeiro número (Figura 4), a publicação do hino oficial da Liga e o grande destaque dado ao nome da revista remetia às leitoras o compromisso que deveriam assumir com a igreja servindo-a com “zelo e fervor”. A despeito do tamanho, a capa apresentou grandes modificações, primeiramente com a inserção da cor verde que alterava as tradicionais capas impressas em preto e branco. O distintivo da LSLB manteve-se na capa, porém, da posição que ocupava no canto esquerdo superior, passou para o canto esquerdo inferior. A nova cor foi reservada para destacar um desenho inédito de uma cruz de 12 x 15 cm, que tinha em seu interior escrito na vertical *Servas do* e na horizontal *Senhor*. O verde também destacava a identificação da revista e o órgão responsável por sua publicação. Outra novidade foi a publicação do hino oficial da LSLB, intitulado *Servas do Senhor*, cuja letra e música foram feitas pelo pastor Matinho Lutero Hasse, vencedor do concurso nacional promovido pela LSLB para a escolha do seu hino oficial da Liga. A publicação do hino era oportuna no momento em que chegava às leitoras o primeiro número da revista denominada *Servas do Senhor*, pois a letra do hino ajudava a elucidar os motivos que levaram à escolha do nome para o novo impresso da LSLB.

FIGURA 4: Capa do primeiro número da revista *Servas do Senhor* (1966)



Fonte: *Servas do Senhor*. 2º trimestre de 1966. Casa Publicadora Concórdia. Porto Alegre, RS.

Ao apresentar-se como uma revista, o impresso da LSLB, enquadrou-se em muitas das características comuns a esse gênero, passou a contar com capa colorida, com maior diversidade temática, editoriais, ilustrações e fotografias, artigo de fundo, informações sobre a publicação, indicação de tiragem e preço das assinaturas. Conforme Tania de Luca, a imprensa feminina é um tipo de produção jornalística preocupada com “temas perenes” como moda, beleza, casa, culinária, cuidado com os filhos. Segundo a autora,

[...] atraentes e diversificadas as revistas são procuradas e apreciadas por propiciarem momentos de entretenimento e prazer, bem conhecidas por quem folheia uma publicação colorida, com imagens bem cuidadas e que abordam questões do cotidiano, de maneira leve e interessante.³³⁸

³³⁸LUCA, T. R. de. *Mulher em revista*, p. 448.

Nesse período em que o impresso da Liga passou de boletim para revista, havia outras revistas femininas que corroboravam para a manutenção dos tradicionais papéis, esse era o caso da revista *Claudia*. Surgida nos anos 60, em suas páginas era frequente a defesa da manutenção do casamento, em prol da estabilidade familiar.³³⁹

Esse também era o objetivo da revista *Servas do Senhor*, que mudou e incorporou em seus conteúdos assuntos tidos como típicos do universo feminino como lar, beleza, casa culinária, filhos, uma maneira de reforçar os modelos de feminilidade aceitos pela igreja, afastando as mulheres de leituras que pudessem influenciá-las de forma negativa.

As mudanças que ocorriam na revista também eram um sinal de que as leitoras estavam sendo ouvidas em suas sugestões. Constantemente as redatoras recebiam cartas com sugestões de leitoras, sugerindo novidades na formatação da revista. Conforme podemos constatar, ao analisar as correspondências enviadas à redação da revista, o fato de a capa não ser ilustrada e nem colorida causava certo descontentamento nas leitoras como Magdalena Hoerlle, que escreveu para a revista em setembro de 1966, sugerindo que o número do 4º trimestre daquele ano, correspondente ao período de Natal, a revista se empenhasse para que a capa fosse colorida, com ilustrações alusivas ao período:

Acho que a nossa revista está ficando cada vez mais interessante e fazemos votos para que no futuro possamos ampliá-la cada vez mais, talvez também fazer uma capa colorida como vem ocorrendo com o Mensageiro Luterano. Seria tão bom se para o número de Natal pudéssemos ter uma capa bem viva, talvez com velas e galhos de pinheiros. Sei que vocês todas estão se empenhando fundo nesta tarefa e às vezes se sentem um tanto desanimadas. Mas, continuam na luta e em breve vereis frutos e resultados positivos.³⁴⁰

A revista procurou atender à leitora dentro daquilo que estava ao seu alcance e publicou, na capa do 4º trimestre de 1966, uma pequena ilustração que retratava o nascimento de Jesus. A partir da observação dessa leitora, em 1967, a revista passou a estampar em suas capas ilustrações maiores, assim, como fotos de encontros nacionais da LSLB, projetos missionários auxiliados pela Liga, imagens que retratavam as mulheres naquelas que eram tidas como suas funções primárias: a maternidade e o doméstico. Quanto às capas, desempenhavam uma função importante, visto que seus conteúdos alinhavam-se aos posicionamentos teológicos

³³⁹LUCA, T. R. de. *Mulher em revista*, p. 457.

³⁴⁰Carta enviada à redação da revista *Servas do Senhor* por Magdalena Hoerlle. Brasília, 23 de setembro de 1966. Caixa de correspondências e material histórico da LSLB. Pasta de correspondências enviadas pela LSLB (1965 a 1969). Arquivo Histórico da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Porto Alegre, RS.

e doutrinários da igreja, então aquilo que era publicado nelas traduzia as verdades que a igreja construía em torno das mulheres, principalmente. Apenas frisando que, por mais que a revista fosse voltada para as mulheres, os conteúdos a serem publicados eram submetidos à aprovação de um conselho composto por pastores. Sobre a função das imagens na capa dos impressos, Roger Chartier assim destacou:

Quando a imagem é única, ela se encontra mais freqüentemente ou nas primeiras páginas do livro ou na última. Instaure-se assim uma relação entre a ilustração e o texto em seu todo, e não entre a imagem e esta ou aquela passagem particular. Colocada no começo, a ilustração induz à leitura, fornecendo uma chave que diz através de que figura o texto deve ser entendido, seja porque a imagem leva a compreender o todo do texto pela ilustração de uma de suas partes, seja porque propõe uma analogia que guiará a decifração³⁴¹.

Conforme vimos, as capas são importantes “protocolos de leitura”³⁴² Por meio da análise de quatro capas poderemos observar a utilização das capas da revista *Servas do Senhor* para divulgar as representações construídas pela igreja em torno das mulheres, mas também as representações construídas em torno da própria Liga, nesse caso, a divulgação dos projetos auxiliados financeiramente remetiam ao compromisso da organização com o servir à igreja.

O número do primeiro trimestre de 1972 (Figura 5) trouxe estampada na capa uma imagem muito emblemática e também muito representativa para percebermos como a doutrina patriarcal da igreja era assimilada e reproduzida pela Liga. A ilustração da capa trazia sobre um fundo roxo a imagem de três mulheres em uma cozinha que conversavam alegremente enquanto uma confeitava um bolo, outra lavava a louça suja com o preparo do bolo e uma outra secava essa louça. Embora estivessem exercendo uma tarefa doméstica, mostravam-se atentas aos cuidados com a aparência. Foram evidenciadas as “funções naturais” que a igreja acreditava serem próprias das mulheres: a boa dona de casa, que extrai prazer do trabalho doméstico, tem orgulho de sua cozinha e é dedicada à educação dos filhos.³⁴³

A imagem reforçava a identidade social das mulheres como mãe e esposa e ao colocá-las na cozinha reforçava a identidade pública atribuída ao homem e a doméstica à mulher. Esse

³⁴¹CHARTIER, R. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, p. 276-277.

³⁴²Sobre os protocolos de leitura, Roger Chartier afirma: “todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça o seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e de edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nele que fundam seus esforços e efeitos de persuasão” (CHARTIER, R. *Práticas da Leitura*, p. 20).

³⁴³ PINSKY, C. B. *A era dos modelos rígidos*.

modelo de dona de casa ideal que prevaleceu até meados do século XX, para a Igreja Luterana parecia atemporal. De acordo com Ana Maria Colling, “no processo de reclusão da mulher aparece com destaque a família. Núcleo fundamental para a perpetuação da estrutura social, lugar de reclusão unitário para a mulher onde se constrói o culto à invalidez feminina [...] O lar burguês é o perfeito reduto de paz e tranquilidade para o esposo que retorna da fadiga do trabalho”.³⁴⁴

FIGURA 5: Capa da revista *Servas do Senhor* 3º trimestre de 1972.



Fonte: Revista *Servas do Senhor*

Outro aspecto muito presente nas capas da *Servas do Senhor* foi a ideia da maternidade como destino. A revista em vários momentos lançou-se como porta-voz da igreja, afirmando que a vocação principal das mulheres eram os filhos e o lar. Assim, as próprias mulheres reproduziam um discurso de que havia uma “natureza feminina” e que, portanto, ser mãe era tido por elas como um elemento central da identidade feminina. Essas concepções são produzidas, de acordo com Caroline Teles Lemos, basicamente por duas razões: a primeira relaciona-se à imposição feita pela cultura, responsável pelo desenvolvimento do amor materno que conhecemos atualmente e a segunda deve-se à necessidade de se idealizar a relação mãe-filho. Desse modo, tais representações sociais vão se perpetuando e transmitindo a ideia de que o amor materno é algo inato, instintivo, parte da natureza da mulher.³⁴⁵

Todavia, esses discursos normativos que aprisionavam as mulheres no papel de mães, negando-lhes outras possibilidades, uma vez que seus destinos ligavam-se “às amarras biológicas de um corpo”, sofreram impactos das mudanças ocorridas na segunda metade do

³⁴⁵ LEMOS, C. T. *Maternidade e devoções marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero*, p. 83

século XX. Conforme Dagmar Meyer e Maria Schwengber, a partir desse momento, as mulheres foram inscritas em uma rede mais ampla de discursos e saberes, permitindo “a inserção e a difusão de outros padrões de vivência para a experiência da maternidade - livre escolha acerca do que fazer com o próprio corpo: como cuidá-lo; quais as melhores formas de cuidado; como exercer a sexualidade; ter ou não ter filhos; quantos, como e quando tê-los”.³⁴⁶

Esses novos discursos e saberes não foram recebidos sem críticas no meio religioso. E, nesse sentido, as capas da *Servas do Senhor* (e a revista de modo geral) tinham a função de desconstruir essas novas ideias. Para tanto, traziam a maternidade estampada justamente na tentativa de desmistificar o sentido de escolha da maternidade e reforçá-la enquanto um papel social natural das mulheres. Esse foi o caso da capa do 2º trimestre de 1986 (Figura 6) que, por meio de uma imagem de uma mãe com o filho nos braços, apresentava a maternidade com um aspecto natural e divino ao mesmo tempo. A imagem foi acompanhada da frase *Mãe, herança do Senhor são os filhos*, a fim de mostrar às leitoras o quanto a valorização das mulheres relacionava-se à esfera reprodutiva. Caberia a elas aceitarem seu destino biológico e colocar em prática aquilo que herdaram: a “habilidade” de serem mães.

FIGURA 6: Capa da revista *Servas do Senhor* 2º trimestre de 1986.



Fonte: Revista *Servas do Senhor*

A divulgação de notícias dos Congressos Nacionais (Figura 7) era prática comum na revista, primeiramente, por se tratar de um evento que reunia as filiadas de todo o país e também porque eram nos congressos que todas as diretrizes que norteavam o direcionamento das ações da Liga eram decididas. Mas além desses dois fatores, as imagens apresentadas às leitoras e aos leitores da revista davam mostras de que aquela organização que havia começado com a colaboração de noventa e três senhoras apenas, estava em crescimento constante. Isso significava, para a igreja luterana, mais mulheres envolvidas com os objetivos missionários e evangelizadores.

Por meio da figura 7 podemos identificar a estratégia utilizada pelas redatoras da revista quando colocavam imagens dos congressos nacionais na capa da revista, bem como a importância para a Liga de possuir seu próprio impresso. Nessa figura tem-se a imagem de três capas da *Servas do Senhor* que buscaram demonstrar o crescimento da Liga e, conseqüentemente, o crescimento no número de participantes nesses eventos.

O 1º trimestre de 1971 trouxe pela primeira vez uma imagem que retratava o momento de confraternização que representavam os congressos nacionais para as filiadas da Liga. Sobre

um fundo vermelho, tinha-se uma imagem que não ocupava a capa inteira e demonstrava como ainda era tímida a presença de mulheres nos congressos. A matéria alusiva à capa dizia que estiveram presentes no 6º Congresso Nacional da LSLB, ocorrido em janeiro daquele ano, em São Leopoldo/RS, cento e setenta pessoas, entre congressistas e pastores. As congressistas tinham vindo de vários lugares como Pernambuco, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (estado que concentrava o maior número de participantes).

A capa do 2º trimestre de 1977 demonstrava que o número de participantes havia crescido desde 1971, pois conforme vemos na imagem naquele ano um número bem mais expressivo de filiadas esteve presente, o que foi estrategicamente retratado e explorado pela direção da revista. Assim, nesse congresso, que era o 9º Congresso Nacional da Liga, realizado entre 6 a 9 de janeiro de 1977, em Marechal Candido Rondon, o número de participantes foi de 379 mulheres, incluindo a presença de 23 pastores. Se nos congressos as principais diretrizes da Liga eram definidas, a vigilância dos pastores nesses encontros era imprescindível.

No 1º trimestre de 2014, ao publicar sobre a realização do 27º Congresso Nacional, entre os dias 15 e 19 de janeiro de 2014, em Caldas Novas/GO, a revista deixa evidente as mudanças sofridas, inclusive pela própria Liga, que alcançava o número de mil e trezentos participantes. A capa colorida, com substanciais mudanças, se comparadas às anteriores, e o número expressivo de participantes que podemos ver na imagem, transmitiram o crescimento alcançado pela Liga. Entretanto, essas mudanças ocorriam dentro daquilo que era tolerado pela igreja.

FIGURA 7: Os Congressos Nacionais nas capas da revista *Servas do Senhor*



Fonte: Revista *Servas do Senhor*

Números com edições comemorativas pelos aniversários da revista e da Liga também eram tidos pelo corpo editorial da revista como oportunidades de evidenciar o crescimento alcançado e convidar mais mulheres a integrarem o “projeto LSLB”, apresentado, assim, como uma iniciativa que rendia bons frutos. No ano de 1995, momento de comemoração de dois aniversários, os 35 anos da revista *Servas do Senhor* e os 38 anos da LSLB, uma ilustração criativa com os projetos auxiliados pela Liga ganhou destaque como matéria de capa (Figura 8). A capa era do 1º trimestre, no centro estava o mapa do Brasil e em cada Estado havia a representação através de símbolos, dos principais projetos desenvolvidos pela LSLB: a cruz representava os pontos de distribuição de material missionário e em quase todos os Estados tinha a cruz, pois distribuir material missionário era um dos projetos permanentes da LSLB; os desenhos das igrejas eram as capelas construídas com o auxílio financeiro da Liga; o projeto do *Turis-Car*, que auxiliou as atividades missionárias da IELB na região norte do país, ao longo da rodovia Belém-Brasília, foi destacado, por um desenho de um *trailer* situado no Estado do Pará; uma vaca comprada pela LSLB, em 1964, e doada à família de um pastor que morava no Estado de Mato Grosso, também foi lembrada.

A relação entre imagem/texto encontra-se intimamente ligada dentro da revista, com mais atração ainda se for feminina. De acordo com Dulcília Buitoni, a imagem vira texto, com

séries de fotos construindo verdadeiras “frases visuais” e, em contrapartida, o texto vira imagem quando recorre a figuras de estilo que nos fazem visualizar a pessoa ou a cena, ou sugerem emoções e sentimentos. Segundo a autora, “o texto imagético, a imagem textual: um casamento que deu muito certo nas revistas, principalmente femininas”.³⁴⁷ No caso da revista *Servas do Senhor*, a relação imagem/texto também se fez sentir, em relação às capas analisadas, as imagens foram muito bem selecionadas, com o intuito de mostrar às leitoras, por meio de “frases visuais”, o universo feminino “aceitável” pela Igreja Luterana.

FIGURA 8: Capa da revista *Servas do Senhor* 1º trimestre de 1995



Fonte: Revista *Servas do Senhor*

No ano de 2015, a revista *Servas do Senhor* chegou ao seu quinquagésimo quinto ano de circulação. Vista pelo ângulo da história da imprensa, essa marca é de surpreender, considerando as grandes dificuldades que publicações periódicas desse gênero enfrentaram no curso do século XX em que são incontáveis os exemplos de publicações seriadas que soçobravam após poucos números. Mas a revista *Servas do Senhor*, que deu seus primeiros passos como um tímido *Boletim Informativo*, transpunha a raia de meio século de publicação em um mercado instável e sem contar com aportes financeiros da IELB. Por isso, essa passagem ganhou ares de efeméride na editoria da revista, de forma bem mais acentuada, deve-se frisar, do que no ano de 2010 em que a revista *Servas do Senhor* completou cinquenta anos de efetiva presença entre as mulheres coligadas à LSLB.

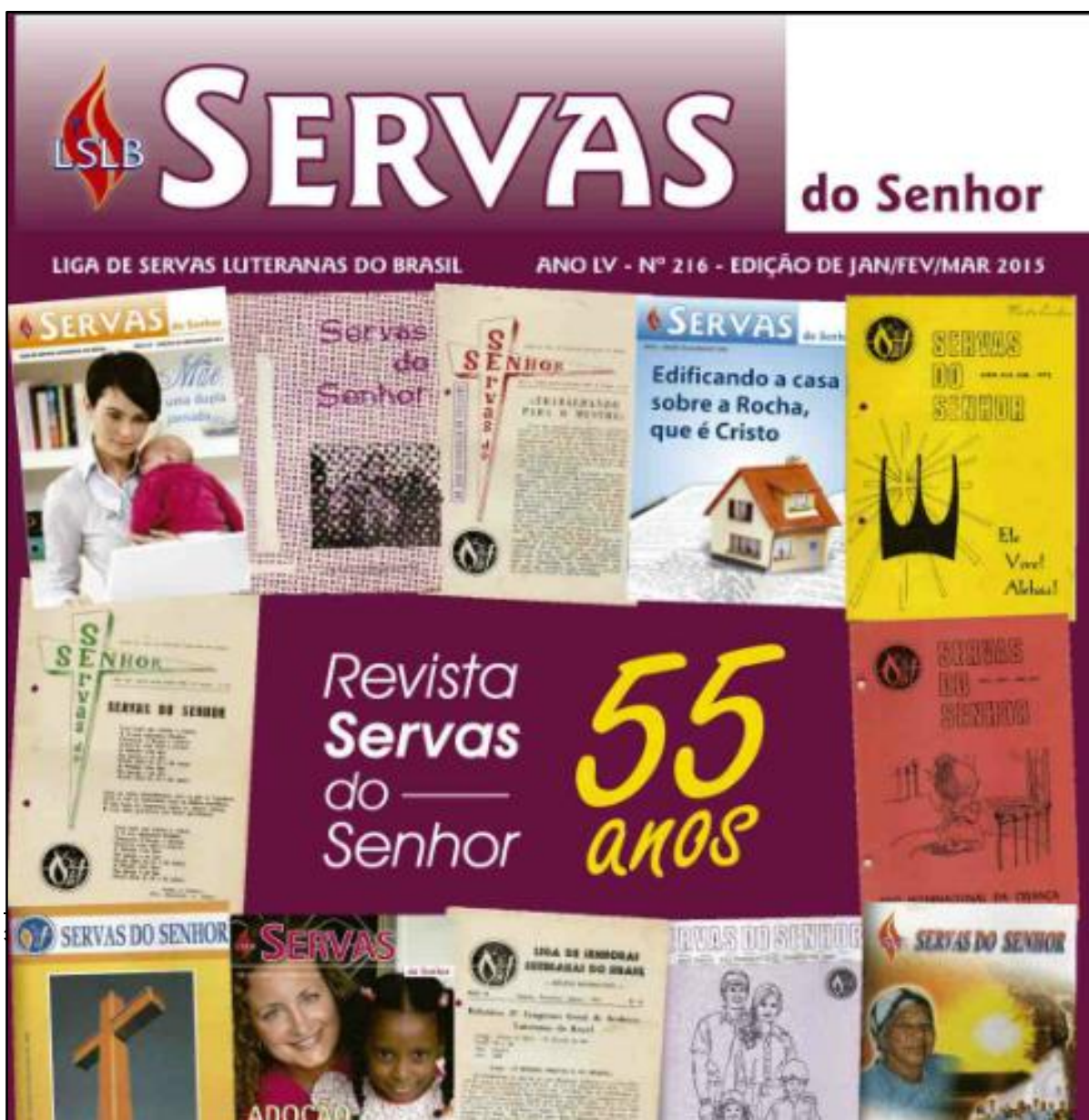
Em alusão aos cinquenta e cinco anos do impresso oficial da Liga, como nunca antes ocorrera, as quatro edições correspondentes a 2015 foram dedicadas à comemoração do aniversário da revista. A capa do 1º trimestre foi dedicada a essa data, tida como um marco importante para o impresso (Figura 9). Sob um fundo roxo, um mosaico de capas lembrava momentos marcantes da trajetória da revista, como o primeiro boletim, a primeira aparição como revista, a primeira capa colorida. A intenção era demonstrar que as constantes mudanças eram um esforço coletivo, um empenho por parte da Liga para que a *Servas do Senhor* continuasse sendo um “ingrediente indispensável na vida da mulher cristã luterana”.

Entretanto, sabemos que a revista mantinha-se, em grande medida, por mudar apenas sua roupagem, os aspectos gráficos. No que dizia respeito ao conteúdo, era porta-voz das ideias patriarcais defendidas pela igreja.

O segredo para o sucesso da revista foi publicado na edição do 2º trimestre e devia-se, em partes, a alguns aspectos:

- Desde sempre o trabalho foi muito sério e organizado, com objetivos claros, definidos a partir do “Servir ao Senhor com alegria” (SI 100.2).
- Desde o início da revista, o apelo e o convite para novas assinaturas e renovações foram constantes.
- Sempre houve incentivo e divulgação para conhecimento amplo dos símbolos da LSLB (distintivo e hino).
- Sempre esteve presente o apelo para que as servas tivessem conhecimento do trabalho e da organização da LSLB.
- Assuntos que julgamos “atuais” e no “nosso tempo” são de todos os tempos! É possível constatar isso através dos artigos publicados ao longo desses 55 anos de revista, ora apresentados como novidade, ora como preocupação, ora como motivo de alerta e oração.
- É muito bom ver que, em todas as épocas, a LSLB trabalhou como um corpo bem organizado em torno de um só objetivo: espalhar a mensagem do Evangelho de Cristo por todo o Brasil.³⁴⁸

FIGURA 9: Capa da revista *Servas do Senhor* 1º trimestre de 2015



Fonte: Revista *Servas do Senhor*

Conforme Mirta Kircher, o processo histórico das sociedades modernas transformou o periódico em um ator social e político necessário. Ainda de acordo com a autora, o impresso é “partícipe de un espacio de prácticas específicas se sitúa por un lado, en un universo de relaciones de fuerzas objetivas, el campo periodístico, y, por otro, puede intervenir en el campo del poder político y cultural a través de su participación en la esfera pública”.³⁴⁹

Em fins dos anos de 1970, cogitou-se a possibilidade de ampliar a revista, a fim de que fossem publicados mais artigos que contemplassem as áreas de evangelização e missão. Além disso, devido ao aumento das tiragens e grande aceitação entre as mulheres luteranas, a Liga entendia que era o momento de sua revista entrar para o rol dos impressos oficiais da Igreja, que já contava com periódicos e anuários como o jornal *Mensageiro Luterano*, revista *Kirchenblatt* e revista *Igreja Luterana*. Também ficou estabelecido que enviaram notícias sobre as ações da Liga para o jornal *Mensageiro Luterano*, devido ao alcance desse jornal entre o público luterano, numa clara estratégia de levar informações sobre a LSLB aos que não assinavam a *Servas do Senhor*.

³⁴⁹KIRCHER, M. La prensa escrita: actor social, y político, espacio de producción cultural y fuente de información histórica, p. 115. Tradução: “Partícipe de um espaço de práticas específicas e se situa por um lado, em um universo de relações de forças objetivas e, o campo dos periódicos, por outro, pode intervir no campo de poder político e cultural através da sua participação na esfera pública”.

A revista *Servas do Senhor* configura-se em um importante objeto de estudo e fonte de pesquisa, pois em suas páginas é possível perceber as tentativas de enquadrar as mulheres em lugares e papéis tidos como “femininos”. Nesse aspecto, Tania de Luca afirma que “justamente por dialogarem com seu tempo, os periódicos permitem acompanhar as mudanças em temáticas, ênfases e expectativas como se fossem termômetros dos costumes de uma época”.³⁵⁰ É importante atentar-se para o fato de que as revistas, os impressos de forma geral, são divulgadores de normas e condutas, em suas páginas é possível acompanhar alterações de valores, padrões e comportamentos socialmente aceitos, pois dialogam com projetos e perspectivas distintos, compartilhados socialmente.³⁵¹

2.4.5 – “Sacolinhas”: servindo financeiramente aos projetos missionários

Nos primeiros anos de criação da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil foi decidido como seriam arrecadadas e empregadas as ofertas vindas dos departamentos e distritos filiados, afinal o auxílio financeiro era o que dava visibilidade à organização dentro da igreja. Decidiu-se que tais contribuições seriam “espontâneas e livres” e que esse dinheiro seria utilizado, principalmente, no auxílio aos projetos adotados pela Liga. Devemos frisar que os projetos auxiliados pela Liga concentravam-se, principalmente, nas áreas educacional, assistencial e missionária, as ações que desenvolviam nessas áreas, conforme veremos, reforçavam os espaços tradicionais atribuídos às mulheres e aos homens.

Era necessário legitimar a criação da LSLB, provar que enquanto novo departamento, a Liga teria condições de se sustentar financeiramente e sustentar seus compromissos assumidos com a igreja. A autossuficiência financeira era imprescindível para uma entidade auxiliar da Igreja, pois custos incontornáveis havia, como os das publicações, principalmente, a revista *Servas do Senhor* e, sobretudo, os altos valores envolvidos na manutenção dos projetos assumidos com o Departamento de Missão da Igreja. Para tanto, em 1958, ficou decidido que, para o recolhimento das ofertas, seria elaborada uma “caixinha” do mesmo modo como era feito nos Estados Unidos. Porém, decidiram alterar o nome “caixinha”, correntemente utilizado em esforços coletivos de coleta de recursos, para o designativo “sacolinha”, por ser a sacola um utensílio presente no dia a dia da dona de casa. Estabeleceu-se, dessa forma, a distribuição do dinheiro proveniente das sacolinhas da seguinte forma:

³⁵⁰LUCA, T. R. de. *Mulher em revista*, p. 450.

³⁵¹LUCA, T. R. de. *Mulher em revista*, p. 457.

Sobre as sacolas queremos mais uma vez esclarecer sua finalidade. O produto arrecadado nas sacolas deverá ser unicamente para fins missionários, funcionando da seguinte maneira: da quantia total das sacolas, 70% vai para a Liga Geral e 30% para o Distrito. Também senhoras da comunidade que não façam parte ativa da Sociedade de Senhoras ou Liga Missionária, por uma razão especial, poderão colaborar com a sua parte por meio das sacolinhas.³⁵²

A escolha do nome para a campanha de arrecadação foi motivada pelo fato de ser a sacola um acessório presente na vida doméstica da mulher, por isso, instruíam-se que todas as senhoras luteranas mantivessem na cozinha de suas casas uma sacolinha onde seria depositada parte do dinheiro resultante de pequenas compras diárias. É importante salientar que esse sistema de arrecadação de ofertas permitia à LSLB a realização de variados serviços missionários: formação de novos pastores, auxílio para a construção de capelas nos campos de missão, compra de automóveis, material missionário, material para a escola dominical, bolsas de estudo, assistência às missões, assistência a entidades sociais, à família e à mulher e à publicação de impressos.

Mas as dificuldades eram tão grandes quanto o intento de atuação das luteranas. Os projetos adotados ao longo dos anos dos primeiros anos de criação da Liga, por exemplo, eram simples e não demandavam grandes somas de dinheiro, pois nesse momento a Liga ainda não contava com muitas filiadas e nem seu impresso contava com muitas assinantes, o que, conseqüentemente, fazia com que o dinheiro em caixa limitasse o auxílio. Em virtude disso, adotaram como projeto permanente a impressão de material missionário para as escolas dominicais, conhecido como o projeto “Material para Escola Dominical”. Esse era um empreendimento considerado simples, que não demandava grandes somas de dinheiro, uma forma encontrada de dar auxílio à Igreja em uma demanda antiga, que era a falta de material para ser trabalhado nas aulas das escolas dominicais. Outros projetos, como construção de capelas, eram atendidos quando solicitado pelos pastores e quando havia disponibilidade de dinheiro em caixa.

Mesmo com poucos recursos, um projeto mereceu atenção especial por parte da LSLB em fins da década de 1960: o auxílio à missão em Portugal. Nos anos de 1960, a missão da IELB em Portugal enfrentou sérias dificuldades, a primeira foi a indefinição da própria missão, pois o trabalho em Portugal não era uma iniciativa da LCMS, mas sim da IELB, sustentado com verbas particulares. O Departamento de Missão da LCMS advertiu à IELB que nenhuma nova missão deveria ser iniciada sem a aprovação do Sínodo de Missouri, haja vista o

³⁵²*Boletim Informativo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil*, 2º trimestre de 1963.

descontentamento da LCMS com esse projeto. A própria IELB reconhecia os obstáculos que dificultavam o projeto, pois não havia pastores disponíveis para ser enviados a Portugal. As turmas de formandos dos anos seguintes eram pequenas e não supriam nem mesmo as necessidades do campo brasileiro. Entretanto, o presidente da IELB nesse período, Arnold W. Scheneider, tinha uma impressão favorável em relação às possibilidades missionárias em Portugal. Durante a 37ª Convenção da IELB, ocorrida em Porto Alegre, em 1962, ficou decidido intensificar a ajuda à missão em Portugal, solicitar permissão à LCMS para desenvolver esse campo missionário e solicitar visitas periódicas à missão portuguesa.

A LCMS aprovou o pedido e, durante os anos 60, a IELB auxiliou a missão em Portugal enviando pastores e auxílio financeiro. Em 1968 foi a Portugal o pastor Paulo Kerte Jung, formado em Teologia no Seminário Concórdia de Porto Alegre: “o pastor Jung chegou a Portugal, acompanhado de sua família em março de 1968. Encontrou cerca de trinta membros que haviam permanecido na Igreja Luterana Portuguesa. Aos poucos conseguiu reerguer e reestruturar a Igreja”.³⁵³

Desse modo, sabendo das dificuldades que a Igreja Luterana enfrentava em Portugal, a Liga decidiu, primeiramente, auxiliar somente por meio do envio de literatura missionária, em virtude de suas limitações financeiras nesse período. Porém, a LSLB resolveu enviar ao pastor em Portugal, uma carta solicitando que fossem descritas quais eram suas necessidades básicas para desenvolver seu trabalho naquele país.³⁵⁴ E em 1968, durante o congresso nacional, ficou estabelecido como projeto para o triênio seguinte, a arrecadação de dez mil cruzeiros para a compra de um veículo para o pastor da Igreja Luterana de Portugal.³⁵⁵ O socorro aos trabalhos em solo português passou a ser uma obstinação das senhoras agremiadas na Liga e chegou-se, até mesmo, a propor uma nova modalidade de arrecadação das sacolinhas na qual 100% das arrecadações iriam para Portugal, proposta que, todavia, não foi acatada.

Encontramos, nas atas de reuniões mensais da Liga do ano de 1968, informações que esclarecem como foi solicitada a participação da LSLB na missão de Portugal e a decisão da compra de um carro para o pastor residente naquele país:

³⁵³BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 90-91.

³⁵⁴Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1968. Livro nº1 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁵⁵Ata do 5º Congresso Nacional da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1968. Livro nº1 de Atas de Congressos Nacionais (1º ao 8º). Caixa de Atas de Congressos Nacionais do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

O rev. Herbert Hoerlle apresentou a seguir uma consulta que nos era dirigida pelo Departamento de Missão da IELB referente ao auxílio para a missão de Portugal. Visto no momento a grande necessidade, a LSLB foi consultada se desejaria, dentro de seu projeto, comprar um carro. O dinheiro seria adiantado pela IELB. De uma lista de carros enviada pelo rev. Paulo Jung, foi escolhido pelo Depto. De Missão, um Vauxhall, GM, motor Chevrolet, de NCr\$ 6.350,00. Foi votada e aprovada a sugestão.

356

É bem provável que por mais modesta que fosse a contribuição da LSLB nesse período, ela cumpria seu papel de auxiliar economicamente a IELB, na busca por seu autossustento e independência administrativa conforme demonstra a carta de agradecimento ao auxílio da Liga remetida à LSLB pelo pastor Paulo Jung:

A Igreja Evangélica Luterana Portuguesa, comovida e ao mesmo tempo reconhecida, apresenta à Liga de Senhoras Luteranas do Brasil os mais sinceros votos de agradecimentos pelo útil e ao mesmo tempo, belo carro que ofertou para a missão. Sabemos dos sacrifícios e dos esforços da Liga no sentido de atingirem o alvo proposto. E é precisamente isto, que mais valoriza a oferta. Pedimos a Deus que abençoe o trabalho da LSLB em todos os seus setores.³⁵⁷

A realização desses projetos era possível também devido ao trabalho de filiação de senhoras e departamentos. Ao final dos primeiros dez anos de atuação, a Liga registrava 4.135 senhoras que frequentavam as reuniões nos diversos departamentos. Eram 160 sociedades de senhoras filiadas à LSLB, distribuídas em 13 distritos espalhados pelo Brasil. Isso sem falar na conquista da Revista *Servas do Senhor* cuja tiragem era de 1400 assinaturas em 1969. Enfim, foi uma década na qual foram estabelecidos os alicerces que garantiriam o crescimento da LSLB nos anos subsequentes.

A diretoria nacional da Liga continuou arrecadando ofertas por meio das sacolinhas para a manutenção de seus projetos e o crescimento da LSLB passou a despertar interesse do Departamento de Missão por seus tão generosos auxílios financeiros. As informações presentes na ata da reunião mensal de janeiro de 1970 mostram que nessa ocasião foi recebida desse departamento uma lista com vários projetos solicitando que a LSLB escolhesse alguns para auxiliar. Entre os diversos projetos relacionados para carrear recursos estavam a *Missão Belém-Brasília* e a escola para surdos-mudos mantida pela Igreja, projetos esses que acabaram sendo os escolhidos pela Liga.

³⁵⁶Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1968. Livro nº1 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁵⁷ Carta enviada à redação da revista *Servas do Senhor* pelo pastor Paulo Jung, Lisboa, 5 de novembro de 1968. Caixa de correspondências e material histórico da LSLB. Pasta de correspondência recebidas da LSLB (1965-1969). Arquivo Histórico da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

O projeto *Missão Belém-Brasília* tornou-se um dos grandes investimentos da Liga nessa década auxiliados com as sacolinhas. Desde fins dos anos 60 que a Igreja demonstrava interesse no início do trabalho missionário no norte do país, porém não dispunha de dinheiro e pastores para iniciar e manter uma missão naquela região. De acordo com Paulo Buss, o apoio financeiro do Sínodo de Missouri foi decisivo para a expansão da IELB rumo ao norte do país, “além do estímulo e do apoio oficial do Sínodo, também membros individuais da LCMS demonstravam interesse pela missão no Norte brasileiro”.³⁵⁸

A Missão Belém-Brasília foi um projeto da IELB para acelerar o início dos trabalhos missionários na região Norte, pois vilas e cidades cresciam rapidamente acompanhando a Transamazônica. O trabalho missionário da IELB, no norte, começou em Altamira, no estado do Pará. Na década de 1970, a Igreja continuava enfrentando dificuldades financeiras, uma vez que a expansão das atividades exigia mais recursos financeiros, ademais o número de ofertas locais era mínimo e não supria as grandes despesas das frentes missionárias, o que levava a Igreja a solicitar subsídios cada vez mais altos do Sínodo de Missouri.

Ocorre que o aumento dos subsídios solicitados aos projetos missionários da IELB gerou um descontentamento no Sínodo de Missouri, que chegou a afirmar que “os planos de expansão missionária eram ambiciosos demais para a capacidade de oferta local”.³⁵⁹ O subsídio que a LCMS enviava ao Brasil, em 1971, representava 71% do orçamento total da IELB, subindo para 82,44% em 1977. Em meio à crise financeira que havia se instalado na igreja, nesse período, e diante das acusações de que não definia objetivos gerais e específicos para os programas apresentados no orçamento, a IELB decidiu fazer “experiências com investimentos financeiros e incentivou ofertas para projetos específicos”.³⁶⁰

Foi diante desse contexto que o Departamento de Missão solicitou o auxílio da LSLB para a Missão Belém-Brasília. A forma encontrada de auxiliar esse projeto foi por meio da compra de um *trailer*, da marca *Turiscar* que auxiliaria na expansão missionária da Igreja para a região Norte do país e facilitaria o trabalho do pastor residente na região. A compra era justificada nesses termos: “ele [o pastor] terá que ir de cidade em cidade para começar este trabalho missionário. Com um Turis-Car terá o seu lar junto consigo e não precisará procurar casa para

³⁵⁸ BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 82.

³⁵⁹ BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 182.

³⁶⁰ BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 183.

alugar ou alugar um alojamento num hotel”.³⁶¹ Na reunião de maio de 1971 foi dada a notícia da compra do *trailer*:

Projetos da Liga: para a missão Belém-Brasília, foi sugerido e apoiado por todos os membros da diretoria e também dos congressos distritais, já consultados, a compra de um turis-car. O mesmo foi inaugurado em 3 de maio e seguiu, provisoriamente, até Cuiabá; no final do ano quando for alguém para Belém-Brasília, o turis-car seguirá também para lá.³⁶²

A realização desse projeto foi muito comemorada pela LSLB e a notícia da compra e entrega do *trailer*, estampou a capa da *Servas do Senhor*, do terceiro trimestre de 1971. Segundo Tania de Luca, quando se trata de impressos é necessário que se leve em consideração os aspectos materiais (periodicidade, impressão, papel, uso ou não de iconografia e de publicidade, técnicas de impressão e o lugar social de produção) e os aspectos subjetivos, que nem sempre estão presentes nas páginas dos impressos.³⁶³ Ao estampar a capa da revista *Servas do Senhor* com a foto do *trailer*, as senhoras luteranas congregadas na Liga, mostraram que sabiam utilizar a revista *Servas do Senhor* para divulgar suas ações à comunidade da Igreja e, com isso, obviamente, aumentar a legitimidade da LSLB.

Nada nos autoriza, contudo, afirmar que essas mulheres faziam um uso pragmático dessas ações, apenas para conquistar espaço na Igreja, pois certamente, em sendo religiosas, a contribuição com a missão dava-lhes satisfação por estarem ajudando a levar, como acreditavam, a “mensagem da salvação” às pessoas de regiões à época desassistidas pelo protestantismo histórico. Enquanto “servas do senhor”, a única missão que defendiam era o auxílio financeiro, assistencial e missionário à igreja. De todo modo, não abriam mão de tornar público os esforços da Liga e tinham nisto a revista *Servas do Senhor* como diletta aliada.

Uma das áreas de abrangência das sacolinhas era a assistência social. Nos anos de 1960, a IELB havia criado o Serviço de Projetos Especiais, com o objetivo de desenvolver ações socioeducacionais em várias regiões do país. Esse projeto foi realizado em parceria com o Serviço de Projetos de Desenvolvimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil com verbas da Federação Luterana Mundial. O envolvimento com questões sociais fez com que a Igreja criasse, em 1978, o Departamento de Assistência Social (DAS), composto por um

³⁶¹*Servas do Senhor*. 3º trimestre de 1971. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, p. 10.

³⁶²Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1971. Livro nº 2 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁶³ LUCA, T. R. de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*, p. 141.

pastor e dois leigos e tinha como principais objetivos: “assistir e orientar os obreiros, famílias, as congregações, as instituições de serviço social no desempenho de suas tarefas no campo da assistência social, no cabal desenvolvimento do amor fraternal entre todos os membros do corpo de Cristo”.³⁶⁴

Um dos projetos desenvolvidos pela IELB na área de assistência social e que contou com a colaboração da LSLB foi a fundação, em 15 de outubro de 1970, de um Centro Educacional para Deficientes Auditivos (CEDA), a fim de contribuir com o trabalho realizado pela Igreja com deficientes auditivos. De 1971 a 1973, a LSLB adotou o CEDA como um de seus projetos principais por meio da aquisição de material escolar. A revista *Servas do Senhor* do 2º trimestre de 1971 trouxe uma matéria alusiva à ajuda ao CEDA, em que eram apresentados aspectos gerais da escola, suas conquistas e fragilidades. A matéria também trazia um trecho de uma carta enviada à Liga pela escola, em que se demonstravam gratos pelo aporte financeiro recebido: “A nossa escola agradece muito às Senhoras Luteranas pela doação de Cr\$ 2.000,00 a nós enviada. Com este dinheiro nós conseguimos comprar mesas para o jardim de infância, quadros-negros e também dividir as salas de aulas com paredes de madeira, que se fazia tão necessário para nosso trabalho”.³⁶⁵

Na área assistencial, foi fundada em 1978, a Associação de Senhoras Amigas do Seminário (ASAS), com o objetivo de cooperar com o Seminário Concórdia e seus estudantes em diversos setores. Essa Associação surgiu por iniciativa de um grupo de mulheres lideradas por esposas de pastores, professores e mães de alunos do Seminário Concórdia com o objetivo de prestar auxílio no atendimento às necessidades básicas dos estudantes. O primeiro projeto desenvolvido pela ASAS foi a organização de uma pequena cozinha onde os estudantes pudessem preparar suas refeições aos domingos e feriados, quando a cozinha do seminário não funcionava. Outros empreendimentos assumidos pela ASAS foi a preparação e o equipamento de salas de visita e televisão para os estudantes, a doação de um retroprojetor, de alimentos e talheres e o pagamento de despesas médicas e odontológicas para estudantes. Também promoviam feiras em que eram vendidas roupas, móveis, eletrodomésticos e outros utensílios usados para os estudantes por preços acessíveis.³⁶⁶

O interesse da LSLB em desenvolver projetos e realizar estudos com foco na assistência social era crescente. Para o ano de 1978, por exemplo, estabeleceram como meta o

³⁶⁴ BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 178.

³⁶⁵ *Servas do Senhor*. 2º trimestre de 1971. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, p. 06.

³⁶⁶ BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 203.

desenvolvimento de ações sociais, mas, por não conhecerem profundamente a questão e por estar a IELB em parceria com a IECLB nas questões dessa área, convidaram, nesse mesmo ano, uma representante da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE) para dar uma palestra sobre o assunto e esclarecer as principais dúvidas da Liga e suas filiadas sobre esse assunto, haja vista que a OASE criada em 1899, contava com um pouco mais de experiência nessa questão que a LSLB. Nessa década também se tornou frequente o diálogo da LSLB com a OASE, por meio da participação em seminários e congressos.

A questão da assistência social tornou-se central para a Igreja, que necessitava do apoio da Liga das Senhoras para o sucesso dos empreendimentos sociais. A LSLB, por sua vez, mostrou-se grande parceira nessa chamada. As páginas da revista *Servas do Senhor* são testemunhas do engajamento da Liga nessa frente de trabalho em fins da década de 1970.

Sistematicamente, a LSLB utilizou a revista para divulgar artigos e estudos sobre assistência social, diziam que era uma forma que haviam encontrado de ativar a ação social nas congregações, em benefício dos congregados que se achavam em situação de vulnerabilidade social e religiosa.³⁶⁷ A edição do quarto trimestre de 1978, por exemplo, trouxe o modelo de um plano de crescimento espiritual na área da assistência social, para ser lido e colocado em prática nos departamentos de senhoras. Esse estudo deveria cumprir dois objetivos: oportunizar momentos de reflexão sobre a “necessidade de servir aos irmãos da família da fé” e fornecer sugestões para a “prática da ação social na própria congregação”. A direção nacional da Liga alertava para a importância diante da “imperiosa necessidade de auxiliar os carentes” criando os departamentos de assistência social:

Introduzir na congregação a campanha do “quilo” – pessoas que se comprometam a doar mensalmente um quilo (ou mais) de alimentos a serem posteriormente distribuídos; recolher uniformes, livros, roupas e móveis usados e redistribuí-los; prestar auxílios diversos; elaborar lista de membros que se prontifiquem a trazer idosos e pessoas com problemas de locomoção, aos domingos à igreja; realizar visitas aos lares, quartéis e hospitais; utilizar o telefone para conversar com pessoas solitárias; orientar, em grupos ou individualmente, pessoas sobre alimentação, higiene, primeiros socorros, saúde, etc.³⁶⁸

Com o desenvolvimento das primeiras ações, cada vez mais a LSLB chamou para si a responsabilidade pela assistência social nas congregações, as mulheres, afirmava-se, são “as mais indicadas para exercer a assistência social nas comunidades”³⁶⁹. Com isso, transferiu-se

³⁶⁷*Servas do Senhor*. 4º trimestre de 1978. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, p. 04.

³⁶⁸*Servas do Senhor*. 4º trimestre de 1978. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, p. 05.

³⁶⁹*Servas do Senhor*. 4º trimestre de 1978. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, p. 05.

aos departamentos femininos a incumbência das atividades assistenciais que eram desenvolvidas em diversas frentes em âmbito local. Não parece de todo despropositado afirmar, sobre esse aspecto, que esse tipo de atividade tinha duplo valor para as senhoras luteranas. Primeiramente, a oportunidade de levar ajuda a pessoas necessitadas era algo que lhes dava satisfação pessoal, além de ajudar no cumprimento de um importante desiderato cristão: “amar o próximo”. Mas, também havia nisso uma possibilidade, como atestam as inúmeras matérias de divulgação de tais atividades de auxílio, de mostrar a importância do auxílio financeiro da Liga nos projetos assumidos pela Igreja.

Certamente, os inúmeros auxílios financeiros concedidos pela Liga à igreja e o comprometimento das mulheres com os projetos assumidos dava a elas alguma visibilidade. Porém, essa visibilidade não dava a essas mulheres oportunidades nos espaços de lideranças, dado que os modelos que orientavam a conduta e a identidade ligadas ao feminino, defendidos pela igreja, não mudavam, permaneciam excludentes e desiguais.

Parte dos fundos arrecadados eram também destinados à construção de igrejas. Inicialmente, esse projeto funcionava como um empréstimo: a LSLB auxiliava na construção de capelas desde que houvesse um posterior retorno da quantia gasta por parte dos beneficiados, para fins de formação de um fundo permanente. A primeira capela financiada pela Liga foi inaugurada no dia 28 de julho de 1974, em Linhares, no Espírito Santo. Ao mesmo tempo uma segunda capela estava sendo construída em Vila Jardim, Porto Alegre. Em 1976 a LSLB já havia financiado a construção de cinco capelas, superando o objetivo inicial que o de construir apenas três capelas. Nos anos seguintes, a Liga continuou enviando recursos para a construção de outras capelas, cobrando, entretanto, informações sobre o andamento das obras como indica o registro feito em ata no mês de abril de 1978: “será solicitado a Santo Antônio da Patrulha que nos envie informações sobre os planos de construção da capela, tendo em vista que há vários meses não recebemos qualquer notícia a respeito”.³⁷⁰

Nos anos de 1980, a LSLB já ostentava um lauto repertório de serviços prestados à comunidade da IELB, além é claro do aumento significativo, como já demonstramos, no número de filiações de departamentos e de mulheres. Sentindo-se fortalecida, em 1981, propuseram um projeto audacioso: a construção de 25 Centros Integrados de Missão, ou seja, locais em que seriam realizados cultos, aulas de escolas dominicais, reuniões e atividades de

³⁷⁰Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1978. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

atendimento social. Sempre com o aval da Igreja, o projeto proposto tinha por objetivo a construção de 25 Centros Integrados de Missão (CIM) nos diversos distritos da Liga. As atas detalham qual era a estratégia: “foi sugerido ainda organizar a campanha de maneira que inicie no dia 23 de maio e finde no próximo Congresso Nacional, com levantamento de ofertas por parte de toda a igreja”.³⁷¹ Essa era uma tática que, além de dar visibilidade à Liga enquanto uma entidade auxiliar, que estava cumprindo seu papel, também tornava visível o espaço de atuação feminina na Igreja.

Como não poderia deixar de ser, a *Servas do Senhor* foi um espaço privilegiado na comemoração dos 25 anos da LSLB. Já no 2º trimestre de 1982, integrando-se ao clima de comemoração, o periódico trouxe uma edição especial, inteiramente dedicada aos 25 anos de fundação da LSLB. O Editorial ressaltava os 25 anos da Liga e analisava o quanto havia sido importante a colaboração de cada senhora e mais uma vez lembrava a meta da LSLB de auxiliar a Igreja:

Esta é a meta da LSLB – ajudar nossos pastores a propagar a verdade salvadora. E o faz fornecendo meios para que sejam construídas capelas e locais de culto. E isto só está sendo possível com as ofertas através das sacolinhas de cada senhora. São estas senhoras que há 25 anos fazem a LSLB construir, propagar, divulgar.³⁷²

Nessa edição comemorativa da revista, uma matéria intitulada “contando as bênçãos” mostrava como a Liga havia, paulatinamente, construído e conquistado um espaço dentro da Igreja. Mencionava o ano de fundação da Liga, o primeiro congresso, as primeiras presidentes, os primeiros distritos, os projetos adotados, a escolha do distintivo e do hino, a decisão de publicar um *Boletim Informativo* que depois se transformou na revista *Servas do Senhor*.

Os projetos realizados com o auxílio das sacolinhas foram todos mencionados. Concordavam que alguns não tinham sido tão grandiosos e sim “pitorescos”, como a doação de uma vaca para uma congregação em Mato Grosso, “a LSLB recebeu muitos agradecimentos de todas as mães daquela zona, pois muitas crianças foram beneficiadas com o precioso leite em sua alimentação”.³⁷³ Mas ressaltavam que mesmo díspares essas ações só haviam sido concretizadas pela união de todas as luteranas representadas por meio da Liga e que eram essas ações que as integravam. Uma galeria com depoimentos das ex-presidentes da Liga procurava

³⁷¹Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1981. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁷²*Servas do Senhor*. 3º trimestre de 1980. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS..

³⁷³*Servas do Senhor*. 3º trimestre de 1980. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS.

mostrar o que significava para essas mulheres fazer parte da LSLB e os projetos que assumiram em prol da Igreja e das próprias mulheres luteranas.

Conforme esclareceu a historiadora Helenice Rodrigues da Silva, comemorar significa “reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal”³⁷⁴. Essa definição de comemoração enquadra-se perfeitamente para pensarmos o esforço da Liga, na década de 1980, em realizar um grande evento de comemoração de seus 25 anos de fundação.

Ainda na década de 1980, a Liga seguia com sua política de auxílio e passou a abrigar um novo projeto: pagamento de bolsas aos alunos e alunas das instituições de ensino da IELB. As bolsas de estudo surgiram em um momento em que a Igreja estava fazendo mudanças na estrutura do seu sistema escolar e discutindo sua filosofia educacional. Entre as principais necessidades que a Igreja sentia na área da educação estava a de formar professores e qualificar especialistas em educação, missão, ação social e comunicação. Em razão dessa demanda, a Igreja abriu suas instituições de ensino às mulheres, por meio de cursos de Magistério, o que foi comemorado pela Liga. Segundo Wanda Deifelt, para as mulheres leigas, o magistério significou uma das poucas possibilidades de trabalho remunerado fora de casa. No entanto, ser professora não significava reconhecimento profissional, era uma profissão tida como uma extensão dos dons femininos e maternos a um grupo maior de crianças do que os próprios filhos.³⁷⁵

Em 1982, decidiu-se enviar uma moção para ser avaliada durante o Congresso Nacional do ano seguinte, propondo a adoção desse projeto. O documento ressaltava a necessidade de auxiliar esses estudantes e lembrava que o projeto estava em consonância com os novos objetivos da Igreja na área educacional:

Da diretoria da LSLB ao XII Congresso Nacional – Considerando: 1º que nós senhoras luteranas, somos responsáveis pela formação dos nossos filhos, continuadores da nossa obra na igreja e no mundo. 2º - que a Igreja abriu as suas escolas oficiais a jovens de ambos os sexos que desejam servir a igreja como professores e líderes leigos; 3º) que muitos destes jovens dependem de auxílio da igreja para cobrir os custos de sua manutenção nos internatos dessas escolas; 4º) que a igreja tem providenciado a estes jovens empréstimos do Fundo Rotativo de Apoio Financeiro a Estudantes, mas que os recursos disponíveis são insuficientes para atender o número cada vez maior de pedidos; 5) - que a LSLB tem por objetivo incentivar a realização de maior número de empreendimentos de caráter educacional e assistencial; 6º) que os membros da LSLB dispõem de recursos humanos e

³⁷⁴SILVA, H. R. da. *"Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória*, p. 432.

³⁷⁵DEIFELT, W. *Educação teológica para as mulheres*, p. 275.

financeiros que podem ser aproveitadas para realizar os objetivos citados. Propomos ao XII Congresso Nacional da LSLB que resolva: 1º) - incentivar as mães, através dos departamentos femininos a dedicarem seus filhos ao serviço do senhor como pastores, professores (as) e líderes; 2º) utilizar das ofertas das sacolinhas para pagar pensão de 5 moças em 1983 e 5 moças em 1984. Este auxílio será devolvido após a conclusão do curso, nos moldes do Fundo Rotativo de Apoio Financeiro a Estudante sendo capitalizada posteriormente neste mesmo Fundo.³⁷⁶

O pedido foi levado ao Congresso Nacional de 1983 e a moção foi aprovada e, imediatamente, foram definidas as primeiras alunas que receberiam as bolsas de estudo para estudarem no Seminário Concórdia:

Como havia sido solicitado ao diretor do Instituto Concórdia, professor Joaquim Steyer, enviou ele os documentos com os pedidos de auxílio de seis candidatas, dentro das quais, depois de estudadas as necessidades de cada pedido, cinco foram as contempladas [...] Todas receberão o auxílio integral, ou seja, Cr\$ 228.500,00 (duzentos e vinte e oito mil e quinhentos cruzeiros) por bolsista.³⁷⁷

Em 1983, a Liga decidiu que as ofertas das sacolinhas também seriam destinadas para bolsas de estudo de moças estudantes em instituições da Igreja, sendo cinco as moças favorecidas naquele ano. Em 1987, o número de bolsas aumentou e seis bolsas de estudos foram destinadas para os centros educacionais da IELB em São Paulo/SP e São Leopoldo/RS, que deveriam ser distribuídas entre estudantes do Magistério e Teologia. Uma medida adotada pela Igreja para contemplar a área educacional e de assistência social.

Uma matéria publicada na *Servas do Senhor* compartilhava com as leitoras o novo projeto de doação de bolsas de estudo e também ressaltava a importância da Igreja voltar o olhar para as mulheres, reconhecendo seu “o tremendo potencial na área educacional”. Na notícia vê-se que para as servas significava uma grande conquista o curso de Magistério nos estabelecimentos de ensino da IELB: “o segundo fato novo é que integram a turma de formandos várias irmãs, jovens da nossa igreja. Isso significa que a IELB está abrindo as suas escolas de formação de obreiros também às representantes do sexo feminino”.³⁷⁸

Ainda diziam que as jovens e senhoras formadas dariam uma contribuição vigorosa para a igreja, e esperavam apoio das demais senhoras na iniciativa de propiciar a formação profissional à juventude feminina da igreja. A doação de bolsas foi uma medida adotada,

³⁷⁶Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1982. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁷⁷Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1983. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁷⁸*Servas do Senhor*. 3º trimestre de 1983. Concórdia Editora. Porto Alegre, RS, p. 6.

segundo elas, para custear o estudo de jovens que de outra forma não teriam condições de estudar nas escolas da IELB e completavam afirmando que estavam convictas de que essas jovens no futuro seriam as “líderes da LSLB”.

Os cursos de Magistério oferecidos nas instituições de ensino da IELB habilitavam para o ensino de Educação Cristã e ainda para Doutrina e Música, a fim de que as mulheres tivessem condições de aprofundar-se nos conteúdos bíblicos podendo, assim, auxiliar os pastores em atividades com crianças, jovens e senhoras, nas visitas a doentes, no coral como organista, além de outras atividades paroquiais.

Por mais que a entrada das mulheres nas instituições de ensino da IELB e a consequente presença delas nas escolas mantidas pela Igreja tenha representado uma conquista, não resolveu os problemas de gênero existentes na Igreja e, tampouco, foi considerada uma conquista das mulheres da Igreja. Essa decisão apenas mostrou como as relações de gênero na IELB eram perpassadas por relações de poder e as mulheres enquanto “leigas” permaneciam afastadas desse poder. A oferta de cursos de Magistério partiu de uma necessidade da igreja e não de uma necessidade das mulheres, reforçando a distribuição sexual de papéis tão comum quando se trata de religião. Ademais, há um pormenor que é bastante relevante nessa oferta de ensino estendido às mulheres pela IELB em seu seminário oficial: elas poderiam sim frequentá-lo, mas quando formadas deveriam utilizar os ensinamentos no exercício de atividades bastante específicas, isto é, como professoras das escolas dominicais ou nas poucas escolas confessionais mantidas pela IELB. E mais ainda. As alunas desse seminário recebiam os ensinamentos de mestres pastores, o que por óbvio, em uma instituição machista e patriarcal, era um excelente canal de reprodução e perpetuação do papel de subordinação feminina na ordem teológico-doutrinária institucional.

A fundação e atuação da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil levanta um importante debate quando se trata da relação das mulheres com a religião, isto é, o fato de as mulheres representarem uma grande força dentro das igrejas, entretanto, em determinados momentos seu trabalho não é devidamente valorizado isoladamente, mas dentro de uma coletividade, o que acaba por ocultar a representatividade delas dentro dessas instituições³⁷⁹.

Eliane Moura lembra que, mesmo sendo o grande público nas igrejas, as mulheres ainda ocupam posições “secundárias”, pois “nas grandes religiões institucionalizadas, as lideranças femininas acabam sempre marginalizadas³⁸⁰. Essa marginalização tem grandes

³⁷⁹ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*.

³⁸⁰SILVA, E. M. da. “*Os anjos do progresso no Brasil*”, p. 118.

consequências na relação das mulheres com as estruturas institucionais das religiões, visto que em religiões e culturas masculinizadas e patriarcais, as mulheres são tidas como incapazes de atingir os objetivos religiosos máximos e, portanto, são afastadas dos cargos de líderes. Entretanto, mesmo diante de tantos obstáculos e proibições as mulheres são muito ativas dentro de suas congregações, nesse sentido é interessante averiguar “as formas alternativas e marginais das religiões que contam com a efetiva participação das mulheres pode ajudar a esclarecer alguns fatores teológicos e institucionais que favorecem o surgimento de lideranças femininas”.³⁸¹

A atuação da LSLB na Igreja começou com reuniões nos departamentos femininos da igreja local para estudo bíblico; auxílios à igreja por meio de ofertas; assistência social; visitas a doentes; ornamentação do altar e dos locais de cultos; como professoras em escolas paroquiais e escolas dominicais. Entretanto, esse crescimento aconteceu dentro dos limites estabelecidos pela Igreja, o que conferiu à Liga em determinados momentos um desenvolvimento “nas margens”, perpassado pelo silêncio tão comum às mulheres quando se trata de religião.

³⁸¹SILVA, E. M. da. “*Os anjos do progresso no Brasil*”, p. 119.

CAPÍTULO 3

LIGA DE SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL: MUDANÇAS E CONTINUIDADES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER

3.1. Introdução

Neste terceiro capítulo, pretendemos mostrar a relação estabelecida entre a Liga e a Igreja, analisando, a partir das relações de gênero, em que medida a atuação da Liga representou mudanças ou continuidades nas representações sobre o lugar das mulheres dentro de uma estrutura de dominação masculina. Afirmamos que essa organização, formada por mulheres e que nasceu com o objetivo de ser um órgão auxiliar da Igreja, não foi além disso. Sendo assim, acreditamos que a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil representou muito mais permanências e reprodução de discursos normativos, do que propriamente mudanças na maneira de pensar o papel social de homens e mulheres dentro do meio luterano do qual fazia parte.

3.2. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil e a construção de verdades sobre as mulheres

De acordo com Foucault³⁸², cada sociedade tem seu “regime de verdade”, uma “política geral” de verdade, que se materializa por meio de discursos, mecanismos, técnicas e procedimentos, responsáveis por afirmar aquilo que é verdadeiro ou falso. No caso da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), as decisões tomadas durante as Convenções Nacionais, e ratificadas pela Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE), representavam os posicionamentos oficiais dos luteranos, conseqüentemente, as suas “verdades”. E esses “regimes de verdade” chegavam aos luteranos e luteranas de várias maneiras, mas principalmente, por meio dos impressos, como o *Jornal Mensageiro Luterano*, considerado o impresso oficial da Igreja e, no caso das mulheres, por meio da revista *Servas do Senhor* que, como vimos, era largamente utilizada como instrumento de propagação das normas da Igreja em âmbito nacional a todas as luteranas.

Mas se queremos perscrutar os locais em que esses “regimes de verdades” são produzidos na Igreja Luterana, devemos começar pelas reuniões bianuais das Convenções Nacionais, *locus* por excelência de construção e legitimação de discursos e práticas produz pela ala masculina da Igreja.

AIELB era administrada por um Conselho Diretor que era um órgão deliberativo e administrativo. Sua composição era decidida na Convenção Nacional, cujas resoluções eram executadas por uma Diretoria Nacional, também eleita durante as Convenções Nacionais. Além do Conselho Diretor, a Igreja Luterana possuía outros conselhos e comissões responsáveis por cumprir as decisões das Convenções. Havia, por exemplo, a Comissão de Apelação, com a finalidade de decidir sobre questões conflitantes na Igreja; a Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE), que tratava de assuntos inerentes às doutrinas e unidade confessional da Igreja; a Comissão de Colóquio cuja finalidade era avaliar e julgar os pedidos de filiação encaminhados à Igreja; o Conselho de Ética, organismo com finalidade de assessorar e aconselhar o presidente da IELB em questões relativas à ética e à moral. Em comum, todos esses conselhos e comissões tinham a tarefa de produzir saberes dentro da Igreja, pois uma vez consultados acerca de alguma temática litúrgica, seus pareceres gerariam documentos oficiais que em seguida eram publicados para conhecimento amplo dos luteranos e luteranas.

O interessante é sublinhar que essas eram comissões presididas, quase todas, exclusivamente por homens, de modo que os discursos ali produzidos representavam a materialização da dominação masculina, patriarcal e androcêntrica tão comuns quando se trata do campo religioso.

³⁸²FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p. 12.

Ao analisarmos os pareceres da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais, percebemos como eram construídas as desigualdades de gênero, como se manifestava a dominação masculina e a forma como os papéis sociais para homens e mulheres eram normatizados. Desde sua criação em 1970, a Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) tinha como um de seus principais objetivos “o zelo” e “a defesa” da “pureza” doutrinária e unidade confessional da IELB. Era a comissão responsável pela análise e divulgação de documentos teológicos entre as igrejas-irmãs (igrejas luteranas), pelo atendimento a consultas de congregações e pastores, pela emissão de documentos para estudo pelas congregações e pelos pastores, pela elaboração e divulgação de pareceres com referência à doutrina e praxe da IELB.³⁸³

Ou seja, essa importante comissão tinha a responsabilidade de dar a última palavra em assuntos que exigiam uma tomada de posição oficial por parte da igreja. Sua composição era exclusivamente masculina, dois professores de Teologia e dois pastores ativos que deveriam ter a experiência de no mínimo cinco anos de ministério. Desse modo, a CTRE configurou-se como o órgão responsável diretamente pela produção de verdades e de uma identidade luterana, por meio da palavra autorizada masculina.

O grupo que compunha a CTRE tinha o poder de organizar, produzir e selecionar discursos e práticas que normatizavam a atuação dos fiéis, a fim de manter um “equilíbrio sadio entre liberdade e capacidade teológica e a unidade doutrinária dentro da IELB.”³⁸⁴ Assim, vemos como a produção de discursos estava a cargo de uma cúpula masculina, que atuava com total liberdade a partir dos fundamentos doutrinários defendidos pela igreja e que encontravam na Bíblia uma “verdade” impossível de ser questionada. Vejamos:

A IELB aceita todos os livros canônicos das Escrituras Sagradas, do Antigo Testamento, como palavra infalível, revelada por Deus. Como única exposição correta da Escritura Sagrada, ela aceita os livros simbólicos da Igreja Evangélica Luterana, reunidos no Livro de Concórdia do ano de mil quinhentos e oitenta (1580), e não admitirá alteração alguma desta norma.³⁸⁵

Baseado nisso, é importante ressaltar que para a IELB a Bíblia era tida como “genuína palavra de Deus, única fonte da verdade e autoridade na cristandade de todos os tempos”³⁸⁶ Essa dominação masculina presente na IELB e manifestada na crença de verdade infalível da

³⁸³ BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*, p. 206.

³⁸⁴ BUSS, P. W. *Um grão de mostarda*.

³⁸⁵ COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO (1902-2002): 100 anos, p. 19.

³⁸⁶ COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO (1902-2002): 100 anos, p. 19.

Bíblia, conferia às mulheres posições secundárias dentro da Igreja, na medida em que tratava a Bíblia nos seguintes termos: “a Escritura traça clara diferença entre ministério pastoral - que implica o uso do Ofício das Chaves – e o sacerdócio universal de todos os cristãos - que compreende o testemunho da fé”.³⁸⁷ E assim, justificando os papéis secundários atribuídos às mulheres, ao sacerdócio universal de todos os crentes, em que todos podem auxiliar a igreja de alguma maneira, naturalizava-se e reproduzia-se a supervalorização dos homens.

Como bem demonstrou Foucault, verdades são produzidas a cada instante e não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder em que se encontram envolvidas:

Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. São essas relações verdade/poder, saber/poder que me preocupam.³⁸⁸

Se o poder, conforme assegura Foucault, é o exercício prático do saber, é importante considerar que a IELB contava com diversas frentes de divulgação para suas “verdades” produzidas e reproduzidas por meio de discursos que legitimavam e estabeleciam a hierarquia de gênero. Eram discursos considerados verdadeiros e amplamente divulgados em seus impressos oficiais e instituições de ensino. E assim, o poder masculino perpetuava-se por meio de discursos que o asseguravam e ora ratificavam.

Para Mário Rehfeldt, há três acontecimentos que se destacaram na história da IELB, em seus primeiros anos de atuação no Brasil: a construção e manutenção de escolas; a fundação de um seminário para a formação de pastores e; a publicação de um periódico local. Ao analisarmos os acontecimentos elencados pelo autor, observamos a relevância que a Igreja Luterana sempre atribuiu às instituições de ensino e aos impressos para a propagação de seus princípios e de sua doutrina. Para Rehfeldt, a criação e promoção de escolas paroquiais foi uma das principais marcas da Igreja Luterana nos primeiros anos de atuação dessa igreja no Brasil, uma vez que a construção e manutenção de escolas em todas as congregações era uma das prioridades, pois, acreditava-se que as escolas proporcionavam a estabilidade de que tanto as congregações necessitavam. O segundo acontecimento, a construção de um seminário na região de Pelotas, possibilitou que jovens brasileiros fossem formados para atuar como pastores e professores, suprimindo a necessidade de candidatos a esses cargos. O terceiro acontecimento tido

³⁸⁷POSICIONAMENTOS OFICIAIS DA IELB. Devoções e matérias escritas por mulheres. São Leopoldo, setembro de 1983. Instituto Histórico da Igreja Evangélica, Porto Alegre/RS.

³⁸⁸MOTTA, M. B. (Org). *Michel Foucault: Estratégia, poder-saber*, p. 229.

como importante foi a publicação de um periódico que tinha, entre outras funções, “a educação dos leitores na doutrina e práticas luteranas”³⁸⁹.

Compreender as “práticas sociais” que envolvem a produção de qualquer impresso, não se limita apenas a compreender as relações que ocorrem entre os impressos e seu público, mas sim entender a complexa teia de relações que envolve essa produção. Conforme a historiadora, Maria Aparecida de Aquino,

[...] O que se publica é fruto de uma diversidade de relação que incluem referenciais diferentes. Há uma linha editorial do periódico que carrega consigo interesses sociais nele representados pelo grupo que o domina [...] Localiza-se num artigo/coluna assinada/editorial, portanto, uma trama de relações sociais, ao mesmo tempo, complexas e difusas.³⁹⁰

Nesse sentido, os impressos e documentos publicados pela Igreja Luterana não estavam imunes a esses jogos de poder e pontos de vista. Daí a importância de analisarmos os pareceres da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE) considerando esses aspectos que envolvem as práticas sociais e as relações de poder que permeavam sua produção, haja vista que se tratava de uma comissão de suma importância, pois publicava os posicionamentos oficiais da Igreja sobre assuntos considerados polêmicos.

Embora a CTRE tenha publicado diversos pareceres desde a sua criação, interessa-nos analisar um parecer publicado em 1993 sobre “A mulher na Igreja”, que buscava encerrar as discussões e dúvidas sobre esse assunto. Publicado no início da década de 1990, mais de trinta anos após a criação da LSLB, o parecer demonstra que a Liga contribuiu de forma quase imperceptível para a discussão de mudanças nas relações hierárquicas no interior da Igreja.

Conforme vimos, a IELB, em alguns momentos de sua história no Brasil, viu-se obrigada a discutir questões envolvendo as mulheres, seus direitos e a questão do voto feminino nas congregações. Entretanto, identificamos nessas manifestações pouca participação e pouco incentivo da LSLB para que essas discussões pudessem, de algum modo, promover transformações na vida religiosa das mulheres luteranas. Em sua maioria, as moções enviadas às Convenções Nacionais partiam de um desconforto da Igreja com o contexto de mudanças sociais no comportamento feminino, oriundas do movimento feminista de segunda onda, a partir da década de 1960. Não identificamos nessas manifestações, em favor do voto feminino,

³⁸⁹REHFELDT, Mário L. *Um grão de mostarda: a história da IELB no Brasil*. Porto Alegre: Editora Concórdia, v. 1, 2003, p. 57.

³⁹⁰AQUINO, M. A. de. *Caminhos Cruzados - Imprensa e Estado Autoritário no Brasil (1964-1980)*, p. 01.

interesses da LSLB em mudanças na forma como era o relacionamento entre homens e mulheres na Igreja.

Acreditamos que documentos como o parecer da CTRE, que se dizia “definitivo e oficial”, partiam da necessidade de a IELB estabelecer discursos verdadeiros em torno de determinados assuntos considerados polêmicos. Longe de querer discutir o lugar das mulheres na Igreja, esse parecer pretendia muito mais estabelecer em definitivo qual era esse lugar a partir da doutrina defendida pela igreja. Um lugar que restringia as mulheres ao privado, colocando-as na posição secundária de auxiliar o homem, ou no caso da Liga de Senhoras Luteranas, auxiliar a Igreja.

Conforme vimos em capítulos anteriores, a própria IELB reconhecia as profundas transformações ocorridas século XX e seus impactos na vida das mulheres, entretanto, admitia que tais mudanças acarretavam incertezas e confusões, daí a necessidade de pareceres esclarecedores: “O século XX foi testemunha de uma verdadeira revolução nos papéis da mulher e do homem. Num certo grau, essas transformações podem ser atribuídas às rápidas transformações sociais e culturais [...] Esta confusão e estas incertezas afetaram a Igreja tanto quanto a outras instituições”.³⁹¹

De acordo com Michel Foucault, as palavras são definidas pelo seu caráter arbitrário ou coletivo. A linguagem, segundo o autor, constitui-se de um sistema de sinais que os indivíduos escolheram, por meio do qual podem recordar representações, ligá-las, dissociá-las e operar sobre elas. Assim, o sentido das palavras só pertence à representação de cada um e, conquanto seja aceite por todos, não tem outra existência senão no pensamento dos indivíduos tomados um a um. Segundo o autor, o que distingue a linguagem de todos os outros signos e lhe permite desempenhar na representação um papel decisivo não é tanto o fato de ser individual ou coletiva, natural ou arbitrária. Mas sim, o fato de que ela analisa a representação segundo uma ordem necessariamente sucessiva.³⁹²

Pela sua doutrina patriarcal, a igreja luterana estabelecia a subordinação feminina a partir de uma certeza bíblicamente estabelecida de que as mulheres, pela ordem da criação, eram inferiores aos homens, o que era consentido por elas. Na perspectiva de Foucault, as doutrinas, sejam elas religiosas, políticas ou filosóficas, propagam-se por meio da partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos definem sua pertença recíproca. O

³⁹¹ A mulher na Igreja. Relatório da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da *Lutheran Church Missouri Synod* (LCMS). Traduzido pelo pastor Paulo Kerte Jung, São Paulo, SP, 1992.

³⁹²FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das Ciências Humanas, p. 113.

reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de algumas regras, que podem ou não ser flexíveis, de conformidade com os discursos validados, é um dos requisitos básicos. A doutrina estabelece um elo, conforme o autor, entre os indivíduos e certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros. Todavia, ela serve de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los de todos os outros. “A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, a menos virtual, dos indivíduos que falam”, analisa Foucault.³⁹³

Esse parecer demonstra claramente a perpetuação da dominação masculina e das relações desiguais na Igreja. Enquanto última palavra sobre o assunto, o documento pregava que a divisão de tarefas na igreja continuaria a se basear numa clara diferença entre homens e mulheres, uma vez que a ordem da criação assim havia estabelecido. A igreja, dessa maneira, justificava essa diferença:

Há, na ordem da criação, uma diferença entre homem e mulher estabelecida por Deus antes da Queda (Gn 2.18ss). É necessário fazer distinção entre pessoa e função. Como pessoas, homem e mulher são iguais. Sua função, no entanto, é diferente. Ao homem cabem outras responsabilidades que à mulher. A diferença se verifica normalmente no relacionamento funcional na família. O homem é o “cabeça” (“kefalê”, Ef 5.23) da mulher num relacionamento muito específico. A Queda (Gn 3.16) trouxe problemas para este relacionamento.³⁹⁴

Pelo exposto, notamos que a revolução nos papéis de homens e mulheres, sentida na sociedade brasileira e mundial no século XX, não se fez sentir na IELB, haja vista que quase quarenta anos após a emergência do feminismo de segunda onda, a igreja ainda conservava uma postura restritiva com relação às mulheres. As discussões em torno da participação das mulheres nas atividades da Igreja, também tinham a intenção de reforçar que as funções desempenhadas pelo público feminino da IELB cumpriam com aquilo que a Bíblia determinava. Se não havia mulheres pregando nos púlpitos luteranos, era porque essa era uma vontade divinamente estabelecida, e para a qual não cabiam contestações. Assim, a IELB buscava distanciar as mulheres luteranas de possíveis influências do movimento feminista, ressaltando que se as feministas tinham motivos para contestar a realidade de “desigualdade” que viviam em relação aos homens, o mesmo não ocorria com as luteranas. Isso porque, tanto na igreja quanto no lar, os papéis desempenhados por homens e mulheres se complementavam.

³⁹³FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p. 42-43.

³⁹⁴ Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. 1993. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

O documento prosseguia afirmando haver na “ordem da redenção” uma igualdade entre homem e mulher como pessoas. Entretanto, advertia que desconhecia passagens bíblicas que tinham tratado da igualdade entre homens e mulheres e que referendasse a permissão de voto às mulheres nas igrejas. Também afirmava que a Bíblia não fazia referência ao voto feminino nas assembleias congregacionais, e tampouco se referia à ocupação de cargos administrativos nas congregações, “apenas estabelecia a igualdade das pessoas diante de Deus”.³⁹⁵ Um posicionamento que faz lembrar as palavras da historiadora Jon Scott quando ela afirma que “as estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino.”³⁹⁶

Sabemos que as igrejas se valeram dos mais diferentes discursos a fim de limitar a participação feminina, afastando-as daquelas ocupações e cargos tidos como exclusividade masculina. Utilizar passagens bíblicas como justificativa para afastá-las de cargos de liderança e, principalmente, do ministério pastoral era prática comum, ainda mais em se tratando da IELB que tinha na *sola scriptura* um de seus fundamentos. Em seu parecer, a igreja citava trechos da primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, a fim explicar “o relacionamento funcional diferente entre homem e mulher”, justificando, assim, o afastamento das mulheres do pastorado. Verificamos, desse modo, como a interpretação de alguns trechos bíblicos, interpretados ao sabor de uma hierarquia masculina, constrói relações de poder que acabam por impedir o acesso das mulheres à ordenação e a cargos oficiais na estrutura eclesiástica. Conforme atestava o parecer da CRTE:

A mulher tem uma função que é só dela: ser mãe (1 Tm 2.15). O homem tem uma função que é só dele: a “didaskalia” (a autoridade no “ensino”, 1 Tm 2.12), isto é, a função de “cabeça” no Ofício da Palavra. Ambos, homem e mulher, têm responsabilidades tanto na família humana como na “família” de Deus. Apenas a função diferente. No Ofício da Palavra a mulher também tem a responsabilidade de profetizar (At 2.17; Jl 2.28; At 21.9; 1 Co 14.1,24,39; Lc 2.36-38; 2 Rs 22.14), ficando qualificada como dom de Deus à igreja pra ser “profeta” e “evangelista” (Ef 4.11). O dom de “pastores-mestres” (“poiménsa-didaskálous”, Ef 4.11) com reserva do “kefalê” (cabeça), conforme 1 Tm 2.12. A liderança do Ofício da Palavra permanece com o ministro-pastor, o homem “kefalê”, designado por Deus.³⁹⁷

³⁹⁵Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. 1993. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

³⁹⁶SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, p. 91.

³⁹⁷ Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. 1993. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

Fundamentada em uma “verdade bíblica” construída a partir de saberes masculinos e permeada por relações de poder, a IELB mostrou-se inflexível em sua tradição de não permitir o acesso feminino ao pastorado, isso porque, de acordo com a sua doutrina, a mulher foi criada para ser “auxiliadora e companheira do homem”, e conforme a Ordem da criação, não poderia exercer “domínio sobre o marido” (1 Tm 2.12), mas “ser em tudo submissa ao esposo”, sendo governada por aquele que biblicamente era considerado “cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja” (Ef 5.22-24; 1 Tm 2.11,12). Nesse sentido, era inconcebível que a mulher ocupasse os púlpitos para ensinar ou pregar publicamente, pois a sua vocação principal era a maternidade e o lar. Essa ideia de poder do marido sobre a esposa, tão clara no documento citado, é recorrente na tradição protestante, conforme constata Michelle Perrot.³⁹⁸

O documento prosseguia afirmando que os textos bíblicos ao falarem a respeito de assembleias ou eleições não mencionavam absolutamente nada sobre quem votava ou como eram tomadas essas decisões. Nesse sentido, a igreja afirmava que não encontrava em nenhuma passagem bíblica argumentos que a levasse a proibir as mulheres de votarem nas assembleias congregacionais e, tampouco, de ocuparem cargos na administração da igreja. No entanto, fazia questão de frisar que com relação à função de pastor a Bíblia trazia claramente que essa atividade cabia exclusivamente aos homens: “Quem vota, ou quem ocupa algum cargo na administração da igreja não está autorizado a ocupar o Ministério Pastoral”.³⁹⁹

A decisão final, que constava no parecer, reconhecia o fato de a Igreja não poder proibir a participação das mulheres como votantes em assembleias ou em cargos administrativos nas congregações, e atribuía a cada congregação, no uso de sua liberdade cristã, a decisão de decidir “responsavelmente” sobre essa possibilidade que se abria para as mulheres. E assim, sem encontrar respaldo bíblico que pudesse nortear sua decisão sobre essa questão, a IELB resolveu considerá-la como uma “questão aberta”. E como uma “questão aberta”, assim deveria permanecer. Caso as dúvidas surgissem, caberiam às congregações decidirem de “forma responsável” se concederiam ou não essas funções às mulheres. E nesse sentido, buscava-se encerrar o assunto e estabelecer o papel da mulher na igreja:

Questões sobre as quais a Bíblia não se pronuncia, ou não se pronuncia com clareza, são chamadas teologicamente de questões abertas. Questões abertas precisam permanecer abertas. Nenhuma doutrina pode ser estabelecida pela igreja sem estar baseada numa passagem clara das Escrituras. Portanto, cada congregação, no uso de

³⁹⁸PERROT, M. *Minha história das mulheres*.

³⁹⁹Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. 1993. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

sua liberdade cristã, pode decidir responsabilmente sobre o voto das mulheres e a possibilidade de elas ocuparem cargos na diretoria da congregação.⁴⁰⁰

O argumento de que cada congregação ficaria encarregada de decidir de maneira responsável sobre o voto das mulheres e a possibilidade de elas ocuparem cargos na diretoria das congregações evidencia que a Igreja acreditava que sua tradição e doutrina prevaleceriam frente aos desafios impostos pelos discursos que insistiam em questionar a compreensão tradicional de uma suposta natureza feminina. Isso porque a decisão certamente seria masculina e sendo assim, os posicionamentos tradicionais do que era próprio ao masculino e feminino prevaleceriam na maioria dos casos. Como bem observou Pierre Bourdieu:

[...] as lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõe ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a realidade da unidade e da identidade do grupo.⁴⁰¹

Em algumas congregações, as mulheres puderam votar e ser votadas, em outras a tradição prevaleceu. Mulheres luteranas conseguiram ocupar cargos na administração que antes era próprio somente dos homens. Entretanto, o caminho trilhado por essas mulheres não foi fácil, pois identificamos uma flexibilidade muito tênue da igreja quando o assunto eram as mulheres e seus lugares sociais. Nos momentos em que permitiu que elas ocupassem cargos administrativos, antes próprios apenas dos homens, é inegável que a IELB agia também devido às pressões sociais, que reivindicavam mudanças contrárias a sua doutrina, pois conforme nos lembra Foucault:

[...] as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante.⁴⁰²

A partir dessa constatação de Michel Foucault, após termos analisado o documento elaborado pela Comissão de Teologia e Relações Eclesiais, considerando que a religião também é construída a partir de relações de poder e relações de dominação que são construídas

⁴⁰⁰Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. 1993. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

⁴⁰¹ BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*, p. 113.

⁴⁰² MOTTA, M. B. (Org). *Michel Foucault: Estratégia, poder-saber*, p. 232.

historicamente, analisaremos em que medida a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil não contribuiu para reverter essa situação historicamente colocada às mulheres luteranas.

3.3. “Como as servas trabalham?” Olhares das mulheres luteranas sobre a LSLB

As atividades das senhoras iniciaram no começo do século XX, junto com as atividades das primeiras congregações da Igreja Luterana. As mulheres sempre foram o elo de ligação entre a pregação da Palavra e a prática do amor de Deus. No início não houve preocupação em registrar o que elas estavam fazendo e/ou atendendo as necessidades das pessoas. Aos poucos os “Frauenverein”, as Ligas Missionárias, os Departamentos de Senhoras, os Departamentos Femininos, os Departamentos de Servas e grupos de trabalho foram surgindo e se expandindo junto com o trabalho missionário da IELB. Encontraram muitas dificuldades, mas receberam muitas bênçãos também. É muito interessante ouvir os relatos, ver a alegria e satisfação destas mulheres quando se encontram em congressos ou simples reuniões para confraternizar, compartilhar experiências, levar consolo, buscar orientações e, especialmente, estudar a Palavra de Deus e testemunhar o seu grande amor por cada um de nós.⁴⁰³

O trecho citado foi retirado de uma pesquisa realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos femininos da região Sul do país filiados à LSLB, particularmente do estado do Rio Grande do Sul, para ser apresentado durante o XXII Congresso Nacional da LSLB, realizado em Canela/RS, em janeiro de 2004. O objetivo da pesquisa era levantar informações sobre o trabalho desenvolvido nas congregações e departamentos pelas mulheres luteranas daquela região, mostrando suas alegrias, frustrações e motivações no processo de evangelização e trabalho missionário.

A intenção era que a pesquisa se estendesse para as demais regiões e estados brasileiros, todavia, esse projeto não se concretizou, limitando-se apenas aos departamentos gaúchos. Conforme já mencionado, esse fato pode ter relação com a preservação da germanidade por parte dos imigrantes alemães e de seus descendentes que chegaram ao sul do Brasil no século XIX. Considera-se que em terras brasileiras os imigrantes alemães conservaram sua germanidade de maneira pura e fiel, diferente do que ocorreu em outros países. Conservaram a germanidade na língua, nos costumes, na igreja e nas escolas. O historiador René Gertz⁴⁰⁴ avalia que mesmo diante das ressalvas dos missionários luteranos norte-americanos, no início do século XX, de que suas ações não visavam apenas à população de

⁴⁰³LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS.

⁴⁰⁴ GERTZ, R. *Os luteranos no Brasil*, p. 9-33.

origem alemã, a realidade que se apresenta é que o luteranismo, como um todo, nunca deixou de caracterizar-se por membros de sobrenome alemão.

É inegável, de igual modo, a clara identificação da LSLB com a região sul do Brasil, explicada pelos motivos que já mencionamos, ou seja, a preservação da germanidade. Também vimos que essa questão gerava atritos e divisões dentro da própria Liga, pois as mulheres das demais regiões do país reclamavam do “grupinho” formado pela região Sul e do isolamento que sentiam em alguns momentos, conforme discutimos no segundo capítulo. Assim, entendemos que dentro da própria Liga também havia jogos de poder, mulheres que mesmo filiadas à Liga, encontravam-se à margem dentro da instituição. Podemos dizer que dentro da Liga as diferenças regionais e culturais dividiam essas mulheres, também unidas pelo elemento religioso em comum.

De acordo com Pierre Bourdieu, essas diferenças que separam as mulheres, que podem ser diferenças econômicas e culturais, afetam, entre outras coisas, a maneira objetiva e subjetiva que as mulheres sentem e vivenciam a dominação masculina – sem com isso anular tudo que está ligado à diminuição do capital simbólico trazido pela feminilidade.⁴⁰⁵

No ano de realização da pesquisa, 2003, a LSLB estava dividida em nove regiões, formadas por cinquenta e dois distritos. A região Sul, espaço da pesquisa, nesse mesmo período, era composta por treze (13) distritos, com um total de cento e setenta e dois (172) departamentos femininos. Todos os treze distritos participaram da pesquisa, porém dos cento e setenta e dois departamentos, apenas cento e onze (111) devolveram os questionários respondidos, ou seja, 64% dos departamentos participaram.

Além disso, também é importante frisar a preocupação da Liga em deixar registrada e documentada a sua atuação na igreja com a elaboração dessa pesquisa. Alegavam que a pesquisa era importante, pois deixava registros e documentação para que as futuras gerações conhecessem parte da história da LSLB:

Este desafio serviu para alertar a liderança sobre a importância de registrar em livros próprios (atas) os acontecimentos da vida da congregação, com fotos, as diferentes atividades desenvolvidas, organizar álbuns de tempos em tempos, fazer relatórios e guardar todos os documentos em lugar seguro. Não podemos desprezar, nem destruir livros com registros antigos, placas, certidões, estandartes, lembranças, programas de festividades, etc., pois sempre haverá interesse em buscar informações. Uma sugestão: se não tiver espaço para guardar livros e documentos antigos, encaminhe-os ao

⁴⁰⁵BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, p. 112.

INSTITUTO HISTÓRICO DA IELB, que as gerações futuras ficarão muito agradecidas.⁴⁰⁶ (Grifo do autor)

Ao analisarmos os dados resultantes da pesquisa, notamos que os trabalhos desenvolvidos pelas servas aconteceram dentro daquilo que as mulheres consideravam “dons e habilidades femininas”, na lógica de um discurso religioso que aceitavam e que construía as relações dentro da igreja. Para Tedeschi, a história do corpo feminino é contada pelo olhar masculino, que estabelece por meio de discursos, uma “natureza feminina”, voltada unicamente para a maternidade e a reprodução.⁴⁰⁷ Nesse sentido, percebemos que a Liga não significou um espaço de poder, mas muito mais um espaço onde as diferenças foram reforçadas e assimiladas, tornando-se um novo “espaço social doméstico e privado”⁴⁰⁸, em que o privado se fazia acontecer não na casa, mas na igreja.

Terezinha Zanlochi, em estudo que pretendeu verificar as representações e mediações de mulheres leigas na evangelização na Igreja Católica de Bauru, observou uma realidade semelhante a que observamos no agir das mulheres luteranas. De acordo com Zanlochi, para verificar o ser e o agir das mulheres leigas em suas representações sócio-religiosas e interpretar suas experiências concretas, foi de fundamental importância identificar o lugar que essas mulheres ocupavam e a mediação que elas realizavam na evangelização. Em sua pesquisa a autora constatou que as leigas bauruenses eram maioria quantitativa na coordenação das pastorais, movimentos e associações. De acordo com a autora:

São mais colaboradoras burocratas da Igreja do que mulheres comprometidas com uma fé incrustrada na missão de transformar as relações sociais dentro de uma ordem mais justa, e, por isso, cristã. Estão muito ligadas às práticas devocionistas, sacramentais e ritualizadas do catolicismo pré-conciliar. Em sua maioria, apresentam-se vinculadas às formas representativas do catolicismo tridentino e respondem mais propriamente à romanização da Igreja, empreendida na metade do século XIX. À primeira vista, passam-nos a impressão de que para elas, o Concílio Vaticano II ainda não chegou. Nem Medellín ou Puebla.⁴⁰⁹

Ao perguntar-se o porquê desse comportamento, Terezinha Zanlochi, analisou que as representações sócio-religiosas nas quais essas mulheres encontravam-se inseridas permitiam que se compreendesse o fenômeno que as envolviam. Conforme a autora:

⁴⁰⁶LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

⁴⁰⁷TEDESCHI, L. A. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*, p. 15.

⁴⁰⁸VAITSMAN, J. *Gênero, identidade, família e casamento na sociedade contemporânea*, p. 14.

⁴⁰⁹ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*, p. 188.

São representações criadas por ocasião do processo de romanização da Igreja Católica e por isso colocadas sob o rígido controle clerical, fiscalizadas em seus objetivos e ideais, e dirigidas pela ideologia católica perante os problemas apresentados pela contemporaneidade, quais sejam, o liberalismo, o socialismo, o anticlericalismo e as mudanças sociais subsidiadas pela racionalidade moderna. Através dessas representações, com significados que já estão fora do seu tempo e distantes de sua compreensão crítica, elas vivenciaram aquelas experiências religiosas nessa atualidade de início de milênio.⁴¹⁰

Na concepção de Zanlochi, as mulheres foram as que mais “sintonizaram” essa modalidade de prática de fé, baseada nos valores que a Igreja desejava impor. A fim de exemplificar, a autora demonstra como era a atuação da mulher leiga bauruense enquanto mediadora das práticas devocionistas consagradas ao Sagrado Coração de Jesus:

O incentivo devocional do Apostolado, criado para servir ao culto religioso, que tem raízes jesuítas, hierarquizadas e centralizadas em Roma, afasta-as de qualquer projeto de maior participação e vivência política e social. Comungar, confessar, assistir à missa, praticar atos de devoção como horas santas, adoração, retiros e ramalhetes espirituais, entre algumas obras assistenciais, é a rotina religiosa dessas mulheres na Igreja. Não trabalhando fora de casa, dividindo o seu tempo entre o doméstico e a Igreja, a visão de mundo dessas mulheres apresenta-se prejudicada, quando não, equivocada em relação à sua vivência como esposa, mãe e mulher.⁴¹¹

De maneira semelhante ao que foi observado por Zanlochi no caso das mulheres leigas de Bauru, cuja visão sobre si mesmas apresentava-se equivocada em decorrência dos lugares que, segundo a Igreja Católica, eram próprios das mulheres, observamos que a Liga de Senhoras Luteranas em sua atuação cotidiana também se apresentava “recatada e discreta”, atuando a partir das normas e discursos impostos pela oficialidade institucional do luteranismo. E, além disso, o “ser e agir” das mulheres luteranas filiadas à LSLB também ocorria a partir das concepções que essas mulheres possuíam de suas vivências enquanto esposa, mãe e mulher. Nesse sentido, segundo Sandra Duarte de Souza, “a religião é uma das responsáveis pela produção e reprodução dessa hierarquia dos sexos, sacralizando papéis socioculturalmente construídos”.⁴¹²

Discretas e silenciosas em suas ações, as “servas” luteranas, semelhante às leigas bauruenses, não demonstravam qualquer interesse em transformar as relações sociais dentro do campo religioso no qual estavam inseridas, não defendiam nenhuma bandeira social por mudanças nessas estruturas. Do movimento feminista queriam distância, por considerarem uma

⁴¹⁰ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*, p. 188.

⁴¹¹ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*, p. 189.

⁴¹²SOUZA, S. D. de; LEMOS, C. T. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar*, p. 53.

afronta direta ao papel biológico e social das mulheres: a condição de esposa e mãe. Era comum utilizarem a revista oficial da Liga, a *Servas do Senhor*, para manifestarem opiniões contrárias ao movimento, tais como:

Ouve-se falar de vez em quando em FEMINISMO, entendendo-se por esta palavra a tentativa das mulheres para se igualarem aos homens em direitos e deveres dentro da sociedade contemporânea. Na verdade, são praticamente inexistentes as sociedades onde as mulheres não possuem os mesmos direitos dos homens. (grifo do autor)⁴¹³

De acordo com Liliane Crété, renomada pesquisadora francesa, especialista em protestantismo do período moderno, se tivesse uma definição que melhor explicasse a atuação das mulheres protestantes, certamente, seria que essas mulheres preferem “ser”. São mulheres, segundo a autora, inclinadas a uma militância específica, preocupadas com causas sociais, progresso social e moral. A autora ainda ressalta que são mulheres que não fazem uma leitura crítica da Bíblia, mas ao contrário, encontram nela consolo, interpretando-a de acordo com os discursos das igrejas em que estão inseridas. Nas palavras da autora:

Non, elle n'a encore aucun regard critique en lisant sa Bible; elle n'y trouve que réconfort et encouragement à poursuivre le combat pour l'amélioration de la condition féminine, et elle interprète le monde politique, l'injustice et la liberté à travers un discours religieux et moral.⁴¹⁴

Mesmo acreditando nas mudanças provocadas pelo pensamento de Lutero, Liliane Crété questiona o papel do protestantismo sobre as mulheres, ao estabelecer o papel de mulher ideal a partir da boa esposa, boa mãe e submissa aos homens:

En donnant au chrétien une nouvelle conscience de soi, Luther provoque des changements de société. Ses réflexions l'amènent à rédiger deux traités concernant les vœux monastiques et le mariage, dont l'importance sur le statut de la femme est capital: pour le Réformateur, la femme est la Mère, la Vie, quand bien même elle reste subordonnée à l'homme. Mais cela ne justifie pas qu'on maintienne la femme dans l'ignorance. Luther insiste fortement sur l'éducation des filles.⁴¹⁵

⁴¹³*Servas do Senhor*. 3º trimestre de 1971. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, p. 06.

⁴¹⁴CRÉTÉ, L. *Le protestantisme et les femmes*, p. 10. Tradução: “Não, ela ainda não tem um olhar crítico ao ler sua Bíblia. Ela encontra nela somente reconforto e encorajamento para dar continuidade ao combate pelo melhoramento da condição feminina e ela interpreta o mundo político, a injustiça e a liberdade através de um discurso religioso e moral.”

⁴¹⁵CRÉTÉ, L. *Le protestantisme et les femmes*, p. 5. Tradução: “Ao dar ao cristão uma nova consciência de si, Lutero provoca mudanças de sociedade. Suas reflexões o levam a redigir dois tratados concernente aos votos monásticos e o matrimônio, cuja importância para o status da mulher é fundamental para o Reformador, a mulher á a Mãe, a Vida, mesmo que ela permaneça subordinado ao homem. Mais isso não justifica que se mantenha a mulher na ignorância. Lutero insiste fortemente na educação da filhas.”

Na análise da pesquisa “Como as servas trabalham”, verificamos que em suas ações cotidianas essas mulheres acreditam na tradição patriarcal que estabelece as diferenças de gênero, possibilitando que se perpetue a concepção de que as mulheres devem se limitar aos cuidados com o marido e os filhos. Assim, poderíamos dizer que em suas ações as mulheres luteranas eram obedientes, conservadoras, trabalhadoras, abnegadas e reprodutoras da tradição judaico-cristã que legitima a inferioridade das mulheres diante dos homens.⁴¹⁶

Para nossa análise, selecionamos quatro (4) questões, dentro de um universo de vinte e duas (22) que compunham a pesquisa. O questionário em sua totalidade era composto por questões que abordavam, entre outros, o nome do departamento, o distrito a que pertencia, a data de fundação do departamento, nome do pastor fundador da paróquia, nomes das senhoras que compunham a primeira diretoria, os motivos que levaram as mulheres a iniciarem os trabalhos nos departamentos, os principais projetos, as principais realizações e as principais frustrações. Entretanto, em nossa análise, optamos por selecionar apenas aquelas questões que representavam um olhar dos departamentos sobre si mesmos, questões cujas respostas evidenciavam as expectativas iniciais dos departamentos e como essas expectativas se desenvolveram com o passar do tempo, se transformaram em realizações ou frustrações.

A primeira questão que selecionamos foi a de número onze (11), cujo interesse era saber as razões que levavam as mulheres luteranas a iniciarem as atividades em um departamento feminino. Todavia, dos cento e onze (111) questionários respondidos, somente noventa (90) apresentaram resposta para essa questão. Os motivos alegados foram de que as atas de fundação haviam sido perdidas e os primeiros registros de atividades extraviados. Dentro de um universo de variadas respostas, sobressaiu-se a resposta que afirmava que a principal motivação para iniciar um departamento feminino havia sido para “servir/auxiliar a Igreja”, conforme indica o quadro 1.

QUADRO 1. Questão nº 11 - Por que iniciaram o trabalho?

Principais respostas	Número de departamentos
1 – Servir/auxiliar a Igreja	36
2 – Estudo Bíblico	21
3 – Crescimento espiritual, missionário e assistencial	16

⁴¹⁶ ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*.

4 – Iniciativa do pastor fundador da Congregação	7
5 – Incentivo de outros departamentos já existentes	7
6 – Abordar e discutir assuntos de interesse do universo feminino	3
TOTAL	90

Fonte: LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS.

Conforme notamos, do total de respostas para essa questão, “servir/auxiliar a igreja” representou quase a metade das repostas (40%), enquanto no outro extremo, representando um percentual de aproximadamente 3%, estava a necessidade de “abordar e discutir assuntos de interesse do universo feminino”. Somente três departamentos colocaram como central a importância de criar um espaço exclusivamente às mulheres dentro da igreja, um espaço voltado para que pudessem discutir assuntos relacionados aos seus interesses, ainda que sob a supervisão dos pastores. Em um dos questionários lê-se: “Por que iniciaram o trabalho? Pela oportunidade de abordarem assuntos ligados à área feminina, e dessa forma, contribuírem com o trabalho da congregação”.⁴¹⁷ Aí reside uma questão central que permeou a LSLB desde a sua fundação, e acreditamos que é a principal razão para as diferenças de percentuais observadas: a Liga foi criada para ser muito mais uma entidade auxiliar burocrata a serviço da igreja do que uma entidade com a intenção de discutir o modelo de sagrado que lhes era imposto.

Embora suas ações não refletissem o desejo por mudanças, principalmente, relacionadas à condição de inferioridade atribuída às mulheres na igreja, as luteranas eram muito empenhadas e comprometidas com a função principal da LSLB, que era apoiar a Igreja. E nesse caso, elas não mediam esforços, pois dessa forma também estavam defendendo “seu espaço social e religioso”. Suas ações não eram acompanhadas de reflexão, e o interesse maior era, como uma das entidades auxiliares da igreja, cumprir com o propósito de auxiliar, e para isso elas não mediam esforços. Assim, podemos dizer que na relação das mulheres com a religião “em determinados momentos e em defesa de seu espaço social ou religioso, arregaçam as mangas, discutem com o grupo, propõem ao sacerdote soluções viáveis, gerenciam os problemas com eficácia”.⁴¹⁸

⁴¹⁷LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

⁴¹⁸ZANLOCHI, Terezinha. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*, p. 185.

É importante frisar, conforme já abordamos, que a Liga foi criada em um momento em que a igreja buscava sua autossuficiência financeira e administrativa em relação à Igreja Luterana Sínodo de Missouri, dos Estados Unidos e, para tanto, convocou todos os seus membros a “empregar seus dons” para que esse objetivo fosse alcançado o mais rápido possível. Em uma das respostas à questão de o porquê de iniciar um trabalho em um departamento feminino, as entrevistadas evidenciaram que a atuação das mulheres por meio da Liga seria para que elas pudessem colocar seus dons e talentos a serviço da Igreja: “As senhoras sentiram a necessidade de ter sim um espaço na Congregação para realizar atividades de seu interesse, estudar a Palavra de Deus, ter seus próprios projetos, colocando assim os dons e talentos a serviço de Deus e a Congregação”.⁴¹⁹

Nos anos de 1950, uma das principais metas da IELB era a abertura de novos campos de trabalho em áreas até então não atingidas. A igreja focou seu planejamento, principalmente, nas áreas de missão e construção de igrejas-escolas; educação superior; educação paroquial e finanças e outros encargos. Na busca pelo autossustento da Igreja, as mulheres concentraram suas atuações nas áreas de missão, construção de escolas e igrejas, educação superior e assistência social, conforme demonstra essa outra resposta do Departamento Farroupilha, fundado em 1969: “Por que iniciaram o trabalho? Porque na época havia a necessidade maior das servas auxiliarem o trabalho nesta igreja, visto que nesta época era realizado muito trabalho como forma de missão em Piratini”.⁴²⁰

Outra questão selecionada da pesquisa foi a de número treze, que solicitava que fosse escolhido o principal projeto ou atividade que havia sido mais representativo nos primeiros anos de atuação do departamento feminino. Seguindo a mesma linha da resposta da questão número onze, dos cento e onze (111) questionários respondidos, somente oitenta e nove (89) apresentaram resposta para essa questão, dos quais trinta e dois (32) (aproximadamente 40%) responderam que a melhor atividade ou projeto nos primeiros anos havia sido atender às “necessidades internas das congregações”, enquanto que o menor percentual apresentado foi para a resposta que dizia ter sido a “fundação de um departamento próprio”, com apenas três respostas (3%), conforme demonstra o quadro2.

⁴¹⁹LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

⁴²⁰LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada em, 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

QUADRO 2. Questão nº 13 – Qual foi a melhor atividade ou projeto nos primeiros?

Principais respostas	Número de departamentos
1 - Atendimento às necessidade internas das congregações	35
2 – Auxílio financeiro para a construção de locais de culto	19
3 – Realizações de trabalhos manuais, chás beneficentes, cursos, estudos bíblicos	17
4 – Assistências social, espiritual e missionária	7
5 – Projeto Sacolinhas	4
6 – Participações nos Congressos	4
7 – Fundação de um departamento próprio	3
TOTAL	89

Fonte: LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS., s/p.

Por atendimento às necessidades internas da igreja deve-se entender as atividades ligadas à ornamentação do templo com flores, doação de mobílias, doação de dinheiro para manutenção das congregações, auxílio às escolas bíblicas (doando material necessário), limpeza, apoio a estudantes, aos pastores nos cultos e quando necessário em outras atividades. Uma explicação plausível para apenas três respostas terem considerado a fundação de um departamento próprio a principal atividade dos primeiros anos é que a IELB já contava com o auxílio das mulheres, mesmo sem a fundação de departamentos femininos. Daí o fato de muitas mulheres optarem por outras respostas, em vez de verem na formalização de um espaço voltado a elas uma grande conquista. Abaixo seguem algumas respostas para o que consideravam atender às necessidades internas da igreja:

Departamento “Cristo Redentor” – com a implantação das sacolinhas foram arrecadados fundos, junto às famílias, para a construção da cozinha e destacamos ainda entre as atividades realizadas: auxílio a um seminarista da comunidade; a celebração oficial do Dia da Sociedade de Senhoras, no segundo domingo de maio;

aquisição de móveis e utensílios para a cozinha da comunidade; envio de Cr\$ 50,000,00 para o Departamento de Missão.

Departamento “Da Cruz” – Aquisição de paramentos litúrgicos, bíblias, cortinas, acessórios para cozinha, geladeira e forno.

Departamento “São Paulo” – Consta na primeira ata do ano de 1936 (02 de janeiro) que o primeiro projeto adotado foi a aquisição de uma jarra para a Santa Ceia.

Departamento “Da paz” – Desde o início, juntaram 400 cruzeiros para a compra da nova toalha para o altar.

Departamento “São Miguel” – O primeiro projeto foi lavar a igreja e confraternizar com as demais senhoras da comunidade.

Departamento “Forquetinha” – Cafés, conforme as cópias das fotos, com presença de inúmeros homens, que acompanhavam suas esposas.⁴²¹

E dessa maneira, a Liga colocava suas filiadas com seus tempos e dons a serviço da igreja. As representações sócio-religiosas nas quais essas mulheres encontravam-se inseridas impedia que elas percebessem o quanto a Liga era um espaço reprodutor de diferenças e que acentuava as relações assimétricas. Tanto não observavam que um departamento chegou a apontar que a melhor atividade dos primeiros anos havia sido a possibilidade de conscientização sobre os papéis dentro das congregações: “conscientização das servas sobre o trabalho na comunidade, desde a limpeza da igreja até esclarecimentos sobre o papel de cada cargo dentro da diretoria”⁴²² Conforme vimos, em uma das respostas nos cafés promovidos nos departamentos femininos, os maridos também se faziam presentes, evidenciando assim, que nesses locais as relações femininas também estavam subordinadas à aprovação e vigilância masculinas.

Nesse sentido, cabe uma observação de Sandra Duarte de Souza, que considera necessário revelar a cumplicidade da religião sobre o processo de socialização de homens e mulheres e de reprodução das assimetrias sociais. Segundo a autora, a religião exerce sim a função de produtora e reprodutora de sistemas simbólicos, cuja influência direta sobre as relações sociais de sexo é inquestionável. Nas palavras de Sandra Duarte, “as representações sociais acerca do homem e da mulher, portanto, não podem ser entendidas sem lançarmos o olhar sobre ela e sobre suas implicações na construção social desse homem e dessa mulher”.⁴²³

Outra questão que selecionamos foi a de número dezoito (18) e solicitava que os departamentos apontassem a maior realização entre todas as atividades que haviam

⁴²¹LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

⁴²²LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

⁴²³SOUZA, S. D. de. *Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas*, p. 124.

desenvolvido desde a fundação até a data da pesquisa. Novamente, os departamentos mostraram que não era à toa que a Liga havia escolhido como lema principal “Servir ao Senhor com alegria”, pois das noventa e nove (99) respostas para essa questão, vinte e seis (26) disseram que a maior realização havia sido a “união de todas as servas em torno de um único objetivo comum: servir”, conforme quadro3.

QUADRO 3. Questão nº 18 – Qual foi ou é a melhor realização?

Principais respostas	Número de departamentos
1 – União de todas as servas em torno do objetivo comum: Servir	26
2 – Organizações de festas ou eventos em datas comemorativas	22
3 – Auxílio à Igreja na construção e ornamentação dos locais de culto	21
4 – Assistências social e espiritual	20
5 – Realização/ participação de/em congressos regionais ou nacionais da LSLB	7
6 – Fundação do departamento	3
TOTAL	99

Fonte: LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS., s/p.

Mas, ao compararmos as quatro primeiras respostas, notamos que os números não se distanciaram consideravelmente, pois as respostas que apontaram a organização de festas ou eventos em datas comemorativas como maior realização apresentou um percentual de 22%; já aqueles departamentos que optaram por responder que o auxílio à igreja na construção e ornamentação dos locais de culto, havia sido a maior realização apresentou um percentual de 21 %; e apontaram como sendo a assistência social e espiritual a sua maior realização, 20 % dos departamentos.

Em comum, essas quatro respostas demonstravam o comprometimento dessas “servas do senhor” em servir. Conformadas com o papel que a Igreja reserva a elas, apenas “serviam”, à igreja, aos pastores, aos maridos e aos filhos. Conjugavam cotidianamente o verbo servir, sem contestar, pois de acordo com os cânones que interiorizaram esse era o seu papel na igreja. É a partir dessa concepção de “menoridade” que possuíam de si mesmas que poucas foram aquelas que consideraram a fundação de um departamento uma grande realização.

É inegável a contribuição financeira que a Liga de Servas proporcionava à Igreja Luterana. Em seus mais de cinquenta anos de entidade auxiliar da Igreja, as mulheres luteranas

contribuíram grandemente para que a IELB se tornasse independente administrativa e financeiramente. Empregando aquilo que consideravam ser “dons femininos” em prol da Igreja, essas mulheres assimilavam as assimetrias de gênero, que na concepção delas, não havia, por meio da explicação do sacerdócio universal de todos os crentes. E assim, não percebiam que a Igreja “servia-se de seus serviços”, ao mesmo tempo em que exigia delas o “esquecimento de sua identidade feminina”, conforme analisa Terezinha Zanlochi. Segundo a autora, “estabelecem para a mulher um estatuto de menoridade, e de discriminações, mas colhem os frutos de seus trabalhos, que podem não ser os melhores frente ao ideário proposto, mas são aqueles que têm feito a Igreja caminhar bem ou menos bem, e atingir seus objetivos.”⁴²⁴

Buscando compreender “como as servas trabalhavam”, a pesquisa realizada em 2003, também quis saber quais as maiores frustrações experimentadas por essas mulheres em seus distritos e departamentos femininos. Em se tratando de reclamos, mais da metade dos departamentos que responderam essa questão (57%) apontaram a pouca participação das mulheres nas atividades do departamento como um grande problema a ser enfrentado. Em contrapartida, vinte e cinco departamentos (24%) que participaram da pesquisa, responderam não ter nenhuma frustração a apresentar (Quadro 4).

QUADRO 4. Questão nº 19 – Relatar uma frustração do trabalho das servas

Principais respostas	Número de departamentos
1 – Pouca participação das mulheres nas reuniões/atividades do departamento	59
2 – Nenhuma frustração	25
3 – Escassez de recursos financeiros	8
4 – Dificuldade de integrar as jovens nos departamentos femininos	3
5 – Falecimento de líderes	3
6 – Extravio/perda de documentos dos departamentos	2
7 – Pouca participação dos pastores nas reuniões dos departamentos	1
8 – Pouco empenho das demais ligas auxiliares, de jovens e de leigos, nas atividades das congregações.	1
TOTAL	102

Fonte: LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS., s/p.

⁴²⁴ZANLOCHI, T. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*, p. 194.

Selecionamos essa questão por ser bastante reveladora das dificuldades enfrentadas pela Liga, pois conforme mencionamos, pretendíamos observar como, após mais de cinquenta anos de atuação, essas mulheres analisariam suas trajetórias dentro da Igreja. Mas como explicar esse aspecto do baixo interesse das mulheres pelas atividades desenvolvidas nos departamentos femininos? Afinal, era um espaço exclusivo delas, mas a baixa participação apontada nas respostas revela-nos que muitas mulheres não pensavam assim e optavam por não se envolverem nas ações encabeçadas pelos departamentos femininos.

Selecionamos algumas das respostas que atestam como a pouca participação das mulheres nas reuniões dos departamentos e, conseqüentemente, filiadas à LSLB, configurou-se com o passar dos anos na maior frustração experimentada pela região sul, mas que pode ser facilmente estendida à LSLB, haja vista, os inúmeros apelos para que mulheres se filiassem e assinassem a revista *Servas do Senhor*, por parte da diretoria nacional. Vejamos algumas respostas que os departamentos apresentaram para a questão 19:

Departamento Feminino Cristo – Porto Alegre – A dificuldade de trazer mais senhoras da comunidade a participarem das reuniões nas terças-feiras.

Departamento Feminino da Santa Cruz – Por duas vezes tentou-se implantar, sem êxito, horário alternativo de reuniões para as servas da congregação que trabalham fora de casa: à noite, em abril de 1982 até novembro de 1982; aos sábados, à tarde, de outubro de 1997 a dezembro de 1997.

Departamento Feminino São Marcos – Por não termos podido crescer em número de participantes, porque a comunidade não cresce. Nas reuniões é difícil passarmos de seis. Mas as que frequentam são felizes, alegres e sempre prontas para tudo o que vier.

Departamento Feminino São João – Não ter recursos financeiros para crescer, comprar linhas, tecidos, etc, Pensar grande. Poucas trabalham e todas levam a fama.

Departamento Feminino São Lucas de Vila Harmonia – No momento é a pouca participação das servas nas reuniões do departamento.

Departamento Cristo Salvador de Alvorada – Cada vez mais poucas senhoras estão disponíveis para participar.

Departamento Feminino Trindade – Convidar as servas da comunidade e muitas não aceitam o convite para fazer parte do grupo.

Departamento Feminino Bom Pastor – mesmo com muito empenho do grupo o número de participantes nas reuniões não aumenta.

Departamento Feminino São Paulo – Pouca frequência às reuniões, e o abandono de algumas servas ao departamento.

Departamento Feminino São Pedro de Flórida I – Uma frustração do trabalho a pouca participação das servas da Congregação no Departamento, pois são umas quantas e infelizmente poucas frequentam.⁴²⁵

⁴²⁵LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

A resposta encontramos no próprio protestantismo, pois sempre foi uma religião que apresentou muitos limites à ascensão das mulheres. Eliane Moura lembra que, mesmo sendo o grande público nas igrejas, as mulheres ainda ocupam posições “secundárias”, pois “nas grandes religiões institucionalizadas, as lideranças femininas acabam sempre marginalizadas”⁴²⁶. Essa marginalização tem grandes consequências na relação das mulheres com as estruturas institucionais das religiões, visto que em religiões e culturas masculinizadas e patriarcais, as mulheres são tidas como incapazes de atingir os objetivos religiosos máximos e, portanto, são afastadas dos cargos de líderes. Entretanto, mesmo diante de tantos obstáculos e proibições, as mulheres atuam em suas congregações. Sendo assim, “as formas alternativas e marginais das religiões que contam com a efetiva participação das mulheres pode ajudar a esclarecer alguns fatores teológicos e institucionais que favorecem o surgimento de lideranças femininas”⁴²⁷.

Outro aspecto interessante, levantado por Maria das Dores Campos Machado, certamente irá nos ajudar a compreender a baixa adesão das mulheres luteranas aos departamentos femininos. De acordo com a autora, em análise sobre o sacerdócio feminino e a acomodação às tradicionais prescrições de gênero, mesmo que a história do protestantismo aponte a implementação do sacerdócio feminino no Brasil na metade dos anos 1950, pela igreja pentecostal Evangelho Quadrangular, foi somente na década de 1990 que essa iniciativa teve impacto no campo religioso brasileiro, com a adesão de um reduzido número de igrejas evangélicas adotando o pastorado feminino.⁴²⁸ A autora também esclarece que na maioria dos casos as mudanças nas hierarquias eclesiais não são resultantes das reivindicações e da pressão das mulheres que as integram, mas podem estar relacionadas com o acirramento da competição religiosa e o reduzido número de homens para o sacerdócio em algumas igrejas.

O mais interessante observado por Maria das Dores é a associação entre o sacerdócio feminino e o laço matrimonial. Segundo a autora, é comum que pastoras sejam casadas com homens que ocupam cargos hierárquicos iguais ou superiores em suas denominações: “as trajetórias de algumas das mais expressivas lideranças pentecostais revelam a importância dos vínculos domésticos e o papel decisivo dos homens no processo de ascensão das mulheres nas hierarquias religiosas.”⁴²⁹ Nesse sentido, as igrejas flexibilizam a participação feminina nos

⁴²⁶SILVA, E. M da. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”, p. 118.

⁴²⁷ SILVA, E. M da. “*Os Anjos do Progresso no Brasil*”, p. 119.

⁴²⁸MACHADO, M. das D. C. *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*, p. 391.

⁴²⁹MACHADO, M. das D. C. *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*, p. 391.

espaços de poder antes exclusivos dos homens, mas criam estratégias para lidarem com essas inovações, como é o caso das ordenações femininas.

Desse modo, a resistência de algumas mulheres luteranas em participarem dos departamentos femininos está, de certo modo, ligada à tradição do protestantismo de relegar às mulheres posições secundárias e atribuir cargos de liderança somente aos homens. Com uma atuação limitada ao lar, torna-se difícil para essas mulheres desconstruírem uma tradição e se envolverem nas atividades de um departamento feminino, por mais que sejam atividades ligadas diretamente ao universo feminino delas. Identificamos, assim como bem observou Maria das Dores, que na maioria dos casos de fundação dos departamentos femininos, havia laço matrimonial entre o pastor fundador do departamento e alguma representante da primeira diretoria, evidenciando assim a importância dessa relação para que as mulheres assumissem posições de liderança. Esses laços existentes entre as integrantes da diretoria dos departamentos e homens que ocupavam cargos hierárquicos dentro das congregações podem explicar a pouca adesão das mulheres aos departamentos femininos, uma vez que as obrigações das esposas de pastores faz com que assumam posições de liderança frente às demais mulheres, algo bem distante da vida daquelas mulheres cujos maridos não ocupavam nenhum cargo na igreja.

Contudo, mesmo a diretoria da Liga Nacional sendo composta majoritariamente por esposas de pastores, as mulheres eram incentivadas a participarem de cargos na diretoria de departamentos femininos a fim de não sobrecarregar as esposas de pastores. A reclamação vinda da LSLB era de que os pastores e suas esposas ficavam sobrecarregados com compromissos que poderiam ser repartidos, divididos e assumidos por outras mulheres das congregações. Dizia-se que a esposa de pastor não deveria ser excluída de um departamento de senhoras, mas ela não precisaria participar das eleições uma vez que já estava incluída no departamento, pois “quando ela casou com o pastor ela assumiu com ele, ou pelo menos deveria ter assumido, uma vida dedicada ao Senhor”.⁴³⁰ Desse modo, enquanto esposas de pastores essas mulheres tinham por obrigação participar de todas as atividades de uma congregação, independente de ocupar cargos ou não. Assim,

[...] Assumir um cargo em diretoria de distrito, departamento ou mesmo na Liga Geral seria tirar o lugar de mais um soldado na luta por Cristo. Alguém poderia afirmar: “mas, se não existem mais soldados?” Perigosíssima esta afirmação. Se eles não existem é porque não foram recrutados e treinados então ...é preciso fazê-lo. Para se ocupar o cargo de secretária, p. ex., basta uma real vontade de servir, saber ler e escrever. Ah! Mas as atas, correspondência, etc? Só surgirão novas lideranças se as já existentes ajudarem a formá-las. Trocando em miúdos: Por que as ex-líderes e a

⁴³⁰*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1986, p. 9.

própria esposa de pastor não se esmeram em ajudar, orientar, ensinar com humildade como se realizam tarefas deste tipo e congêneres?⁴³¹

Aconselhava-se, dessa forma, as esposas de pastores a não aceitarem cargos em departamentos, distritos e em âmbito nacional, pois a responsabilidade delas era bem maior que isso, era “formar novas lideranças”. Todavia, na prática, não era assim que acontecia, na maioria dos casos, na impossibilidade ou na falta de interesse de outras mulheres em assumirem cargos, acabava ficando sob a responsabilidade das esposas de pastores mesmo. Vejamos como a presença da esposa de pastor era de fundamental importância para o início das atividades de um departamento feminino:

Um pequeno grupo resolveu encontrar-se duas vezes ao mês para conversar, confraternizar, trocar receitas de tricô, de crochê, de bordados, de doces e de salgados, dentre elas a esposa do pastor, Frida Winterle, que costumava ler histórias, tanto bíblicas como outras da época que serviam como devocional. Também cantavam hinos do hinário luterano, principalmente em alemão e outras canções também eram ensaiadas e apresentadas nos cultos e eventos da congregação.⁴³²

Notamos que mesmo os encontros nos departamentos sendo extremamente ligados às tarefas domésticas, aquilo que a Igreja colocava como “atividades tipicamente femininas”, nem todas sentiam vontade de participar. Nesse contexto, questionamos em que medida as mulheres luteranas se sentiam representadas pela LSLB? O que significava para essas mulheres filiarem-se à Liga? Qual importância atribuíam em ser assinantes da revista *Servas do Senhor*? E por que a resistência em participarem dos departamentos femininos?

Novamente buscamos no protestantismo respostas. São mulheres que introjetaram a concepção de que deveriam atuar nos espaços privados, de que a maior realização de uma mulher é a maternidade e o matrimônio. Isso impedia da parte delas qualquer engajamento fora desses limites, pois para elas já estavam cumprindo seus papéis.

Assim, identificamos dois perfis de mulheres dentro da Igreja Luterana: aquelas que mesmo defendendo o discurso misógino e patriarcal luterano, atuavam e eram engajadas na Liga e aquelas que preferiam acreditar que já cumpriam seus papéis estabelecidos biblicamente e que, portanto, não se sentiam estimuladas a se filiarem à LSLB. Essas últimas, assim como as primeiras, sentiam-se partícipes da Igreja pelo matrimônio e pela maternidade, com a diferença

⁴³¹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1986, p. 9.

⁴³²LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS, s/p.

de que as primeiras acreditavam que “servir ao senhor com alegria” atuando na Liga, também era um dever.

Geneviève Fraisse analisando o consentimento feminino, enfatiza que o matrimônio representa a dominação dos homens e a subordinação das mulheres. Assim:

[...] Esta geometria de la igualdad relativa fue establecida por la filosofía antigua. Ella enmascara fácilmente la desigualdad real. Mutualidad y reciprocidad no excluyen la disimetría entre los sexos: el matrimonio será, a lo largo de los siglos, el más seguro de los modelos de esta contradicción. La religión cristiana se acomodará muy bien a esta disimetría, incluso si la humaniza: ciñendo los dos consentimientos en una doble fusión, la unión de los cuerpos por un lado, aquella que acarrea la procreación, la producción del niño como fruto, y el sacramento religioso por el otro, que santifica la unión y la simboliza.⁴³³

A ideia de “consentimento” desenvolvida por Fraisse para pensar o matrimônio contribuiu grandemente para problematizarmos a introjeção pelas mulheres luteranas de todo um ideário construído pela igreja em favor da superioridade do gênero masculino sobre o feminino. O encadeamento desse ideário de dominação masculina, presente nos escritos e reproduzidos nas falas cotidianas dentro e fora dos templos, garantem, desse modo, a naturalização da diferença, levando as mulheres a consentir com a assimetria de gênero a ponto de elas próprias defenderem como legítima inferioridade da mulher ante a figura masculina. Conforme a autora:

El consentimiento sería una sumisión, abandono de toda resistencia, aceptación. Tal es el segundo sentido del término consentimiento: no el acto voluntario, la expresión de un sí de adhesión a una proposición, sino un gesto de compromiso [...] El consentimiento tiene entonces un valor negativo. He aquí la entrada en escena de la dominación masculina.⁴³⁴

Nesse sentido, as formas de dominação incorporadas, inconscientemente pelas mulheres, nascem no interior do próprio consentimento, quando da incorporação da linguagem de dominação acaba por ser reutilizada de modo a marcar uma resistência.⁴³⁵

⁴³³FRAISSE, G. *Del consentimiento*, p. 26. Tradução: “Esta geometria da igualdade relativa foi estabelecida pela filosofia antiga. Ela mascara facilmente a desigualdade real [...] o matrimônio será ao longo dos séculos, o mais seguro dos modelos desta contradição. A religião cristã acomodará muito bem esta dissimetria, tornando natural: colocando os dois consentimentos em uma dupla fusão, união dos corpos por um lado, aquela que responsável pela procriação, a geração dos filhos como fruto, e o sacramento religioso por outro, que santifica a união e a simboliza”.

⁴³⁴FRAISSE, G. *Del consentimiento*, p. 60-61. Tradução: “O consentimento seria uma submissão, abandono de toda resistência, aceitação. Tal é o segundo sentido do termo consentimento não o ato voluntário, a expressão de uma adesão ao uma proposição, sim um gesto de compromisso [...] o consentimento tem, então, um valor negativo. E aqui entra em cena a dominação masculina.”

⁴³⁵CHARTIER, R. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica*, p. 39.

Mesmo que a pesquisa “como as servas trabalham?” tenha sido realizada com departamentos de uma única região, ela traz muitos esclarecimentos que podem facilmente ser estendidos para a Liga de maneira geral, pois certamente os problemas e as satisfações apontados pela região Sul, eram semelhantes àqueles experimentados pelas outras regiões também.

A partir das análises que realizamos, se fossemos responder “como as servas trabalham?”, poderíamos dizer que elas trabalhavam a partir de uma concepção de natureza feminina, na qual os sexos são biologicamente definidos e qualificados, atribuindo a eles papéis determinados.⁴³⁶ Diríamos ainda que elas se constituem em grupo que não possuem anseios em romper com a tradição luterana e assumem-se como “servas”, constituída assim como sua principal identidade.

Vejam os trechos a partir de dois textos publicados na revista *Servas do Senhor*, um no ano de 1961 e outro em 1993, como o fio condutor da ação da Liga permaneceu inalterado:

MISSÃO DA LIGA DAS SENHORAS LUTERNAS DO BRASIL

São diversas as missões e são tantas que nem se sabe onde deveria ajudar primeiro. Nosso glorioso país muda, cresce dia a dia e os missionários: Ah! Se eu tivesse uma capela, diz um, uma escola, fala outro, uma casa pastoral, um terceiro; e mais outros alegam, si possuíssemos um terreno, a construção não seria tão difícil e ainda outros afirmam, nós necessitávamos de material missionário, como panfletos, etc.. então sim nosso trabalho traria bem outros resultados (...) Como é possível angariar tanto dinheiro? Para que preciso pertencer à Liga Geral, si já sou filiada à Liga Regional e ainda sou membro na Sociedade de Senhoras da minha comunidade. (...) Na tua Sociedade de Senhoras deves aprender a conhecer e amar a tua Igreja de todo o teu coração e procurar descobrir qual dom, que Deus te deu para servir à tua igreja.⁴³⁷

Nós mulheres, como servas do Senhor, temos muitas oportunidades de ensinar e testemunhar: no lar, com nossos filhos, com a família, trabalhando dentro de uma comunidade, no Departamento Feminino, na Escola Dominical colaborando em projetos missionários e auxiliando a formar pastores, através das ofertas das “sacolinhas”.⁴³⁸

Elas organizam-se para servir e como “servas” acomodaram-se nessa função, fechando os olhos para questões limitadas ao seu servir. Daí pode-se indagar: a partir dessa concepção de feminilidade, poderiam as “servas do Senhor” contestar os preceitos bíblicos e pensar uma relação de igualdade dentro da igreja, com as mulheres tendo o mesmo nível de responsabilidade que os homens? Certamente que não, porque o lugar de onde elas falavam não

⁴³⁶KLAPISCH-ZUBER, C. *Introdução. História das mulheres no ocidente*, p. 11.

⁴³⁷*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1961, p. 1.

⁴³⁸*Servas do Senhor*. Concórdia Editora, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1993, p. 3.

permitiu o desenvolvimento desse tipo de pensamento e tampouco a organização que fundaram contribuiu para isso. E assim vamos concordando com Michelle Perrot⁴³⁹, quando a autora diz que dos três bastiões de resistência às mulheres, o religioso se configura como o mais rígido, por representar uma instância máxima de poder masculino e reprodutor da diferenciação entre homens e mulheres.

As mulheres luteranas não contestavam sua condição de servas, queriam apenas ser consideradas e respeitadas nessa condição. Não contestavam os dogmas da igreja que as colocavam em posições secundárias. Vejamos um exemplo de aceitação desses saberes impostos pela igreja em suas relações sociais. Acreditavam na força e coragem das mulheres, dizendo que em alguns momentos essa força superava a dos homens e, diziam, portanto, que a igreja não deveria se privar dessa coragem. Com o intuito de justificar os diferentes dons empregados por homens e mulheres, justificavam que os homens eram mais propensos a se preocuparem com coisas terrenas, enquanto as mulheres tinham a capacidade de transitarem tanto no aspecto material quanto espiritual:

Poderia a mulher ensinar confirmandos, adultos, jovens, crianças? A Bíblia não diz nada em contrário. Deus não faz diferença entre homens e mulheres, ambos necessitam de sua mensagem salvadora. Somente o ministério público, Deus o reservou ao homem. Isto porque ele é mais habilitado a governar, não para sacrifício, mas em favor do que é governado. A mulher deve atuar no lar e na igreja atentamente, pois é uma força espiritual atuante.⁴⁴⁰

A intenção primeira da LSLB era “Servir ao Senhor com alegria” e para aquelas que permanecessem com alguma dúvida sobre como servir a Liga explicava:

COMO podemos servir ao Senhor. Em 1º lugar nós queremos servir ao senhor em nosso lar. Se uma mãe é fiel em cumprir com os seus deveres ensinando os seus filhos o caminho a Jesus, ela está cumprindo o trabalho importante de levar almas a Jesus (...) Em 2º lugar nós queremos servir a Jesus em nossa Congregação (...) Em 3º lugar nós queremos servir a Jesus com os nossos talentos, o nosso tempo e nossos bens (...) Com fé e oração nós podemos e devemos servir ao Senhor com alegria usando os nossos talentos, tempo e bens.⁴⁴¹ (Grifo do autor)

As próprias mulheres filiadas possuíam a concepção da Liga como uma extensão de seus lares a ponto de afirmarem que “o trabalho das senhoras é muito importante, porque uma

⁴³⁹PERROT, M. *Mulheres públicas*.

⁴⁴⁰*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1972, p. 11.

⁴⁴¹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1972, p. 6.

congregação na qual não funciona um Departamento de Senhoras é como um lar onde falta a esposa – a mãe”.⁴⁴² Essa concepção da Liga enquanto um prolongamento do lar também demonstra o quanto essas mulheres consentiam com as relações desiguais de poder que outorgava a elas funções específicas por serem biologicamente preparadas para executá-las. No manual do departamento feminino, a liderança do trabalho das mulheres nos departamentos era comparada a uma ampliação do que cada mãe realizaria em casa:

Nesta acepção toda mãe dedicada é uma líder, pois ela desempenha dentro do lar o que uma líder faz dentro de seu setor de atuação. Vejamos: uma mãe ama sua família, ora por ela, zela pelo seu crescimento espiritual, emocional e físico, conhece os problemas de cada um e providencia a sua solução; ela coordena os trabalhos rotineiros, distribui responsabilidades, supervisiona a execução dos serviços, apresenta ideias novas para melhoria do lar, enfim, com sua presença, seu amor, e seu trabalho ela é uma líder natural. Ela não só manda fazer, mas é a primeira a pôr mãos à obra, e com seu exemplo ela arrasta os demais. A mãe também não pensa em si, mas tudo o que faz é para o bem da família toda.⁴⁴³

Interessante notar que foi com base nessa concepção que a Liga se desenvolveu, sendo assim, elas queriam apenas ser respeitadas na igreja, da mesma forma e pelos mesmos papéis que eram em seus lares. E negavam qualquer forma de preconceito ou submissão religiosa, distinguindo a diferença entre homens e mulheres com base nos dons e talentos de cada um:

Neste tempo atual, quando em vários países a mulher exige a sua libertação, ou seja, a igualdade ao homem, nós perguntamos: Aonde vai este mundo? Desde a criação do mundo até o dia de hoje a mulher vem desempenhando cargos importantes na sociedade e na igreja. Portanto, nós senhoras, queremos seguir o exemplo de mulheres da Bíblia que se dispuseram a servir ao Senhor com muita alegria.⁴⁴⁴

De modo geral, a LSLB desempenhava um papel fundamental dentro da Igreja Luterana, pois como entidade auxiliar arrecadava valorosas contribuições para que o projeto missionário dos luteranos no Brasil, “colhessem seus frutos”. Daí elas atribuírem tanta importância às “sacolinhas”, pois significa a visibilidade dos trabalhos das mulheres na Igreja, somente por meio dessas ofertas elas poderiam crescer enquanto entidade auxiliar feminina dentro da instituição. Vejamos:

O nosso objetivo primordial como Liga Missionária é de ajudar salvar almas preciosas. A maneira de fazer isto é justamente através de nossas ofertas para o trabalho missionário. Lembra-te de tua sacolinha diariamente. Para uma senhora

⁴⁴²*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1974, p. 10.

⁴⁴³LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). *Manual do departamento feminino*, p. 17.

⁴⁴⁴*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1974, p. 10.

dedicada da LSLB a sacolinha significa muito, porque ela se lembra que sua oferta se une às ofertas de todas as senhoras luteranas de todo o Brasil, a fim de realizar grandes coisas para o reino de Deus (...) Nestes tempo tão difíceis em que ao nosso redor há inquietações, guerras, revoluções e rumores contra Deus, é tão necessária a nossa influência cristã agora mais do que nunca.⁴⁴⁵

Já sobre o modelo de família, essas mulheres tinham como ideal o lar de Lutero e Catarina de Bora, pois Catarina era o exemplo da mulher cristã ciente de suas funções: “Lutero era padre. Catarina era freira. Os dois haviam feito votos de castidade. No dia 13 de junho de 1525, Lutero e Catarina contraíram matrimônio, com a convicção de que ‘antes importa obedecer a Deus do que aos homens’.”⁴⁴⁶ A partir desse modelo de matrimônio, acreditavam que “Deus era um Deus de ordem que criou o universo, a terra e os homens, é que instituiu o matrimônio (Gn 2. 18-24), a autoridade secular (Rm 13) e a hierarquia social (Cl 4.1); para cumprir com os objetivos da criação com “decência e ordem” (1 Co 14.40).”⁴⁴⁷

A definição de matrimônio a de que defendiam era que homem e mulher formavam uma sociedade conjugal, cuja união deveria ser “vitalícia instituída por Deus e contraída mediante esponsais legítimos, entre um homem e uma mulher para uma só carne.”⁴⁴⁸ O matrimônio deveria ter três finalidades principais: companheirismo (função social, convivência, auxílio mútuo), vivência íntima (função emocional, relacionamento sexual) e procriação (função criativa, paternidade e maternidade, plenitude biológica). Dentro do matrimônio, acreditavam que esposas e esposos, conforme a “ordem divina da criação”, possuíam funções diferentes, porém complementares.

Os maridos, enquanto chefes de família tinham as seguintes responsabilidades:

- a) **Amar** sua esposa como Cristo amou sua igreja – “Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25); “Maridos, amai a vossas esposas, e não as trateis com amargura” (Cl 3.19);
- b) **Alimentar e cuidar** sua esposa e casa - “Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja” (Ef 5.29); “Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé, e pior do que o descrente” (1Tm 5.8);
- c) **Conviver e coabitar** com sua esposa: “Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento” (1Pe 3.7);
- d) **Respeitar e honrar** sua esposa: - “Tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, por isso que sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações (1 Pe 3.7);

⁴⁴⁵*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1971, p. 8.

⁴⁴⁶*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1983, p. 14.

⁴⁴⁷*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1983, p. 16.

⁴⁴⁸*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1983, p. 16

- e) **Dignificar o matrimônio:** “Digno de honra entre todos seja o matrimônio bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13.4).⁴⁴⁹ (Grifos do autor)

As esposas, como “companheiras ajudadoras” do marido tinham como principais responsabilidades:

- a) **Auxiliar** com amor seu marido – “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18);
- b) Estar **submissa** ao marido **como ao Senhor:** “As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor” (Ef 5.22); “Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vossos próprios maridos” (1 Pe 3.1); “E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio” (1 Tm 2.12); “A serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas a seus próprios maridos, para que a palavra de Deus não seja difamada” (Tt 2.5); “Esposas, sede submissas aos próprios maridos, como convém no Senhor” (Cl 3.18);
- c) **Respeito mútuo** - “Não obstante, vós cada um de per si, também ame a sua própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite a seu marido” (Ef 5.33);
- d) Receber o **louvor** do marido e dos filhos pelo cuidado do lar – “Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias” (Pv 31.10), “Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa, seu marido a louva dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada” (Pv 31.28, 29).
- e) **Dignificar o matrimônio:** “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13.4).⁴⁵⁰ (Grifos do autor)

Embora essas mulheres não tivessem nenhuma pretensão de contestar a ordem vigente na igreja, demonstravam que queriam ser reconhecidas e valorizadas como “servas do Senhor”, conforme demonstra notícia publicada na revista *Servas do Senhor*, em 1976, na qual a então presidente da LSLB, Wanda Flor esclarece como foi proveitosa a participação da Liga na reunião do Conselho Diretor da Igreja, ocasião em que as mulheres puderam relatar sobre suas atividades: “Este honroso convite proporcionou-nos também a oportunidade de oferecer aos líderes da igreja a nossa colaboração no serviço da igreja e de falar-lhes da importância que sentimos de um trabalho mais conjunto com os leigos, os jovens e as crianças. Estamos alegres porque esta é também uma preocupação e meta dos dirigentes da IELB.”⁴⁵¹

Um artigo publicado na *Servas do Senhor* do 4º trimestre de 1984, trazia como título: “SERvir ou não SERvir eis a questão!”. O título queria passar uma mensagem: como servas, as luteranas deveriam servir à IELB, pois esse era o principal espaço de atividade para o público feminino. E o artigo, escrito por Elaine Ikkert Stahlhoefer, dava mostras de que havia muitas maneiras de servir uma congregação ou um departamento feminino, tanto arrumando as mesas

⁴⁴⁹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1983, p.16-17.

⁴⁵⁰*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1983, p. 17.

⁴⁵¹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1976, p. 11.

e preparando o chá durante uma reunião do departamento feminino bem como atuando em um cargo de diretoria no departamento, distrito ou na Liga nacional. Independentemente da tarefa escolhida, essas eram consideradas maneiras de servir. E aquelas que por medo não aceitavam cargos nos departamentos femininos, era dado o seguinte alerta: “se podemos aprender a fazer uma receita nova de bolo, um novo ponto de crochê, porque não aprenderíamos a assumir um cargo em diretoria?”⁴⁵² Diante disso, era necessário despertar os dons adormecidos, para que eles fossem treinados, incentivados e colocados a “serviço do Senhor”.

Aliás, inúmeros artigos foram publicados na *Servas do Senhor* com o objetivo de ressaltar que a missão das mulheres era servir, de acordo com seus dons, talentos e habilidades, algo que era perfeitamente corroborado pelas mulheres. Normalmente ressaltava-se que as mulheres filiadas à Liga dedicavam “seu tempo, seus dons e ofertas para o desenvolvimento do reino de Deus na terra.” E as maneiras que essas mulheres encontravam para servir eram várias:

A LSLB através de suas atividades ajuda as senhoras a crescerem espiritualmente, oferecendo estudos bíblicos, retiros, congressos, seminários e cultos especiais, contribuindo assim para o desenvolvimento de líderes dentro da igreja. Nestes encontros as senhoras são encorajadas e preparadas para servir ao Senhor onde quer que seja na família, na comunidade, nos hospitais, nos projetos, nas visitas missionárias e assim por diante. Estas senhoras ofertam também parte dos seus bens, através das sacolinhas. Sabemos que por meio destas ofertas ajudamos na concretização dos nossos projetos, que são: Construção de locais para culto, centros integrados de missão, bolsas de estudos para moças do Instituto Concórdia, material missionário e material para escola dominical [...] Portanto, vamos unir nossas forças, nossos dons, nossas ofertas para que, num trabalho conjunto – IELB e LSLB – possamos construir, evangelizar, testemunhar a fim de que a nossa igreja cresça e seja um marco autêntico de evangelismo e missão no Brasil e no mundo.⁴⁵³

Assim, a Liga servia não apenas como “instrumento de evangelização”, mas também como “instrumento” de reprodução de um discurso patriarcal que muito pouco contribuía para colocá-la como um espaço de discussão sobre a situação da mulher na Igreja. Com uma concepção de que homens e mulheres se completariam com seus “dons”, de que às mulheres caberia ter uma profissão, quando necessário, além de fazer compras, cozinhar, lavar, arrumar a casa, cuidar dos filhos, reservar alguns momentos para leitura e trabalhos manuais, consideramos que a Liga era uma organização de mulheres, mas que não trabalhava em favor delas. Defendiam uma ordem em que os homens deveriam trabalhar, preocuparem-se com suas carreiras e também com seu tempo de férias.⁴⁵⁴ Inseridas em um ambiente reprodutor da ordem

⁴⁵²*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1984.

⁴⁵³*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1984.

⁴⁵⁴*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1984, p. 11.

patriarcal judaico-cristã, elas reproduziam a violência simbólica da qual eram vítimas. Isso acontece, segundo Pierre Bourdieu, porque a

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.⁴⁵⁵

No ano em que a LSLB comemorava vinte anos, em 1977, foi publicado na revista *Servas do Senhor* um artigo que procurava lançar um olhar reflexivo sobre a atuação e as conquistas da Liga até aquele momento. Em busca de respostas, o título do artigo trazia como pergunta: “vinte anos de LSLB houve progressos?” A resposta era positiva, afirmava-se que sim, a Liga havia alcançado muitos progressos. Frisavam o esforço daquelas cem mulheres que se reuniram, em 1957, em Porto Alegre, a fim de verificar a possibilidade de fundar uma liga nacional de senhoras luteranas, em comparação com as condições de trabalho experimentadas pelas luteranas vinte anos depois. Da necessidade de arrecadar dinheiro para a manutenção de projetos missionários e impressão surgiram as sacolinhas:

Foram introduzidas as SACOLINHAS – e quantas alegrias essas “sacolinhas” já proporcionaram. As arrecadações tornaram possível pensar em projetos. No início eram tímidos, e houve outros e outros... Um deles é permanente desde o início dos projetos missionários: - a distribuição de folhetos missionários (...) E houve auxílio para missões em diferentes lugares ... E houve um carro para a missão em Portugal ...E houve uma vaca para um pastor no Mato Grosso ... E houve um “trailer” para a missão na Transamazônica ... E houve construção de capelas ... E houve tanta coisa mais.⁴⁵⁶ (Grifo do autor)

Também lembravam a importância que tinha a *Servas do Senhor* enquanto órgão oficial de divulgação e comunicação entre as mulheres luteranas:

Material foi impresso em forma de nossa revista “*Servas do Senhor*” que tem tido uma penetração muito grande e boa receptividade entre as senhoras luteranas e tem servido também como veículo missionário. Publicaram-se circulares, estudos, manuais,

⁴⁵⁵BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, p. 7.

⁴⁵⁶*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1977, p. 5.

diversos, pastas de orientação para trabalhos nos departamentos, escreveram-se milhares de cartas e comunicados.⁴⁵⁷

Antes, porém, de buscarmos compreender como a própria Liga avaliou sua atuação na igreja, é interessante frisarmos mais uma vez o lugar e as concepções que fundamentavam as ações dessas mulheres, para que possamos compreender suas visões de mudanças. A LSLB não foi fundada pela iniciativa das mulheres luteranas, mas por um interesse da Igreja e, nesse caso, de uma hierarquia masculina em criar um espaço na igreja de modo que as mulheres pudessem atuar empregando suas habilidades. Um modo de as mulheres colocarem suas habilidades antes restritas ao lar, agora a serviço dos interesses econômicos da IELB. Conforme vimos, saber e poder estão intimamente relacionados, a construção do saber é uma forma de controle do poder e no caso das mulheres luteranas elas reproduziam e adotavam o modelo de feminilidade imposto pela Igreja. Era nesse sentido, que acreditavam que as mulheres antes de servirem à Igreja deveriam começar a servir em casa, no lar, “como boa esposa e boa mãe”.⁴⁵⁸

Uma vez introjetados os discursos oficiais da Igreja acerca dos papéis que homens e mulheres deveriam assumir, as próprias mulheres os reproduziam tendo sempre a Bíblia como referência. Para elas, a mãe era tida como a rainha do lar, considerado um “pequeno reino”. Entre as virtudes que na concepção defendida pelas senhoras luteranas cabiam às mulheres cristãs em seu lar destacava-se:

Que ela tema ao Senhor. E neste temor deverá educar também os seus filhos (...) Tôda mãe cristã tem o sagrado dever de zelar pelos seus filhos, escolher suas companhias, os lugares que frequentam, e insistir que estudem e meditem na Palavra de Deus, não permitindo que revistas em quadrinhos, como Capricho, Grande Hotel e outras, que corrompem o bom caráter dos filhos, roubem o lugar do Catecismo e da Bíblia.⁴⁵⁹

Defendiam também como dever das mulheres no lar o cuidado com o vestuário, pois acreditava-se que “também com o seu vestuário a mulher deve mostrar ser membro da igreja cristã”.⁴⁶⁰ Desse modo, as mulheres deveriam ter o máximo de cuidado com a moda, não deveriam acompanhar seus ritmos e, tampouco, vestir a “escandalosa” mini-saia e usar “pinturas exageradas”:

Perguntamos, pode uma mulher ou qualquer outro que quer ser cristão acompanhar, ou imitar essa gente? Não pode! Não apenas deve uma mulher cristã estar

⁴⁵⁷*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1977, p. 5.

⁴⁵⁸*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1969, p. 8.

⁴⁵⁹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1969, p. 8.

⁴⁶⁰*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1969, p. 9.

decentemente trajada quando está no círculo ou em ambiente cristão, mas sempre. O que dirá o mundo se vê uma senhora cristã com trajes indecentes ou acompanhada de sua filha assim trajada? Não apontarão com o dedo dizendo: Êsses querem ser cristãos e se portam como nós e até pior? Dessa maneira está sendo motivo de escândalo.⁴⁶¹

Essas eram algumas formas que as mulheres luteranas poderiam encontrar para “servir” no lar. Para o caso da igreja, especificamente, havia outras funções que careciam dos esforços femininos e para as quais as mulheres deveriam dedicar-se. A primeira delas era ser membro de um departamento feminino, tendo a clareza de que participar de um departamento era ir muito além de “apreciar bolos, cafés”, era “despertar e conservar maior espírito missionário entre as senhoras”.⁴⁶²

A segunda tarefa que as mulheres deveriam assumir era mostrarem-se interessadas no trabalho da igreja. E as maneiras de demonstrar esse interesse poderiam ocorrer em vários sentidos, vejamos:

- a) Ajudar na escola dominical. Mesmo se não lecionar, deve trazer seus filhos e outras crianças, não pertencentes à igreja, para assistirem à mesma.
- b) No canto. Quem é dotado deste excelente dom, que é uma bela voz, deve aproveitá-lo, nos cultos, para que o pastor não cante sozinho. No cântico, deve cooperar para o embelezamento dos cultos festivos.
- c) Perguntar ao marido pelas resoluções da comunidade, para estar a par dos trabalhos. Caso ele se esqueça ou for negligente, a mulher deve pedir que vá cumprir com seu dever para com a comunidade e que ele também assista aos cultos, caso ele for negligente nesse setor.
- d) **Ofertas:** Também a mulher pode e deve contribuir para a propagação do evangelho. Pode ajudar os estudantes necessitados [...] Ajudar órfãos e necessitados da própria comunidade. E se o marido não gosta de contribuir para a Igreja, deve mostrar as necessidades e insistir que contribua.
- e) **Fazer visitas:** O pastor nem sempre tem tempo de fazer todas as visitas que gostaria. A mulher pode servir muito nesse ponto. Visitar as pessoas doentes em casa ou nos hospitais, levando-lhes conforto. Visitar os membros negligentes, falar principalmente com as senhoras, lembrando-lhes o seu dever para com a sua Igreja e para com Deus.
- f) Fazer trabalhos manuais também é uma maneira de servir na igreja. Vimos como as senhoras podem, de muitas maneiras, servir como membro ativo na Igreja. Não é necessariamente obrigatório que sejam serviços relevantes, também os mais singelos são aceitos pelo Senhor, sendo procedentes da fé, como por exemplo: Colocar flores no altar, zelar pela limpeza da igreja, interiormente e exteriormente.⁴⁶³(Grifo do autor)

Nesse sentido, é a partir dessa concepção de feminilidade que as mulheres integrantes da LSLB atuavam dentro e fora da Igreja. Pensando dessa forma, dificilmente elas poderiam contribuir para uma nova perspectiva teológica dentro da igreja, pois aquilo que julgavam ser uma participação do público feminino, na realidade as aprisionavam mais ainda em relações de gênero desiguais, na medida em que percebemos que elas reproduziam um discurso que lhes

⁴⁶¹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1969, p. 9.

⁴⁶²*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1969, p. 9.

⁴⁶³*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1969, p. 9.

era transmitido pelos seus pastores conselheiros nos inúmeros departamentos femininos que existiam. De acordo com Joan Scott, a relação entre gênero e religião deve ser entendida a partir dos seguintes questionamentos: “Como as “mulheres” estão sendo definidas e entendidas em relação aos homens? Como as mulheres entendem a si mesmas em termos religiosos? Que significados (no plural) esses entendimentos têm para a maneira como elas conduzem suas vidas? etc.”⁴⁶⁴

De igual modo, Ana Maria Bidegain acredita que o estudo do papel da religião e suas contextualizações sobre o dever ser do funcionamento social dos indivíduos permitiriam analisar representações culturais disponíveis, que produziram diversas representações e, muitas vezes, ao mesmo tempo contraditórias.⁴⁶⁵

Em 1978, foi eleita pela primeira vez na IELB uma mulher para integrar o Conselho Diretor da igreja como membro leigo. O número do terceiro trimestre de 1978 da *Servas do Senhor* trouxe uma entrevista com Irma Flor, uma mulher viúva, mãe de três filhas e “serva dedicada”. Quando questionada sobre sua reação ao saber de sua eleição, Wanda se disse muito surpresa, pois conhecia as normas da igreja quando o assunto era ocupar cargos em conselhos e diretorias. Nas palavras da entrevistada, “foi uma mistura de surpresa e temor. Surpresa, pois não cogitava de minha eleição, embora tivesse sido consultada a respeito. Conhecendo o pensamento da igreja e sabendo de tanta gente capaz na lista de candidatos me surpreendi bastante.”⁴⁶⁶

O departamento para o qual Irma Flor foi eleita era o de Educação Paroquial, cujo objetivo principal era cuidar das escolas e das famílias. Ao ser perguntada sobre o quanto achava válida a participação de uma mulher nesse departamento, Irma ressaltou que achava adequada a iniciativa, pois “a mulher desempenha uma grande tarefa na área da educação, seja como mãe de família, seja em escola. Um dos objetivos do DEP é assistir as escolas e famílias (além de outras), e é com satisfação que encaramos a possibilidade de mais mulheres ajudar nessa tarefa tão importante dentro da Igreja.”⁴⁶⁷

A eleição de Irma Flor, para integrar o Conselho Diretor como membro do Departamento de Educação Paroquial, que a surpreendeu conforme suas próprias palavras, pode ser explicada de duas maneiras: primeiramente, isso demonstra uma tímida abertura da Igreja

⁴⁶⁴LEMOS, F. *Entrevista com Joan Scott*, p. 164.

⁴⁶⁵BIDEGAIN, A. M. *Gênero como Categoria de Análise na História das Religiões*, p. 25.

⁴⁶⁶*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1979, p. 19.

⁴⁶⁷*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1979, p. 19.

Luterana em permitir que as mulheres passassem a ocupar cargos em diretoria, antes uma exclusividade dos homens - sempre lembrando que essas permissões ocorriam não por pressão das mulheres, mas muito mais por pressões externas à igreja. Em segundo lugar, em virtude das normas, regras e valores que estão presentes no imaginário social que são reproduzidas de modo a estabelecer as diferenças entre homens e mulheres. Desse modo, o cuidado com a família e a aptidão para o magistério são consideradas aptidões “naturalmente femininas”, explicando, assim, o departamento escolhido para atuação de Irma Flor dentro do Conselho Diretor da Igreja Luterana.

Sobre essa relação que envolve o magistério e as mulheres, Jane Soares de Almeida analisa que o discurso vitimizador, ao enquadrar as mulheres nos conceitos definidos socialmente, colocando-as sempre como oprimidas, não permite que se perceba a existência de contrapontos que se ancoram no mundo subjetivo, local de trânsito das mulheres, em que a resistência é o contraponto para a opressão. No terreno educacional, segundo a autora,

[...] isso se reflete na construção de um discurso desqualificatório sobre os motivos das escolhas profissionais, as razões das moças se dirigirem para o magistério, as causas da permanência, a vocação, o gostar de crianças, a professora vista como tia, os cursos de formação ainda repassados do ideal positivista de preparar para o cuidado com as crianças, embutindo, assim, a imagética do casamento e da maternidade.⁴⁶⁸

Ainda de acordo com as considerações dessa autora, as diferenças naturais entre homens e mulheres, ao serem utilizadas como justificativas para exclusão e opressão, demonstram que as determinações biológicas sempre foram utilizadas a fim de justificar o exercício do poder do sexo masculino sobre o feminino. Para Jane Almeida, tais determinações, “por muito tempo mantiveram o sexo feminino invisível dos rumos educacionais, apesar de a norma social considerar o magistério de crianças um pendor natural das mulheres reproduzindo na escola o esquema familiar.”⁴⁶⁹

Para justificar o fato de as mulheres não participarem de importantes instâncias decisórias da Igreja, falava-se em “mordomia dos talentos”, ou seja, as “habilidades especiais e diferentes” que cada pessoa possuía e que deveriam ser empregadas nos muitos trabalhos e necessidades da vida e da igreja. Esses talentos ou dons eram classificados em dons espirituais e temporais e em hipótese alguma as mulheres deveriam reclamar que suas habilidades eram simples demais e pouca falta faziam ao trabalho da Igreja, pois os dons deveriam ser

⁴⁶⁸ALMEIDA, J. S. de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*, p. 64.

⁴⁶⁹ALMEIDA, J. S. de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?*, p. 64.

desenvolvidos de acordo com as condições, possibilidades e oportunidades que surgirem. Dessa forma, às mulheres era proposto que procurassem conhecer seus dons e os usassem de maneira incansável, uma vez que, cada pessoa possuía um dom especial e nenhuma outra poderia fazer o trabalho que estaria reservado à outra. Assim, eram sugeridas algumas áreas em que as mulheres poderiam empregar seus talentos:

[...] como professora da escola dominical, no programa de missão, na visita aos seus amigos doentes, a enfermos em hospitais, participando do coro da congregação, sendo organista nos cultos, fazendo parte de uma comissão, de trabalho em seu departamento feminino ou da congregação, usando seu telefone para contatos com pessoas amigas da congregação ou para telefonemas missionários com a vizinhança, colocando literatura cristã em ambientes públicos, dando atenção e conversando com as crianças de sua rua, interessando-se por um idoso em especial dando-lhe atenção e carinho, remendando roupas para os necessitados, ajudando financeiramente nossas instituições de caridade (bens materiais também são dons), participando das atividades da escola de seus filhos.⁴⁷⁰

Na década de 1980, um conjunto de entrevistas com as ex-presidentes da LSLB, publicado na revista *Servas do Senhor*, apresentou um interessante olhar retrospectivo dessas mulheres que estiveram à frente da Liga sobre a própria Liga. Essas entrevistas permitem-nos perceber qual era a visão institucional da LSLB, pois nelas encontramos as vozes autorizadas daquelas líderes que decidiam quais eram as ações estratégicas que deveriam ser adotadas pela organização de mulheres luteranas. De modo geral, como veremos, a fala das ex-presidentes permitem perceber que não havia nessa organização qualquer intenção de criar no seio da igreja um ambiente de contestação ao papel tradicionalmente atribuído às mulheres. Esse aspecto é muito relevante, pois demonstra que o posicionamento assumido pelas mulheres dos departamentos espalhados pelo país estava em consonância com o alinhamento assumido pelas dirigentes nacionais. Ou seja, ao assumirem a posição de “mordomas de Cristo”, as mulheres dos diversos departamentos nada mais faziam do que reproduzir o que lhes era repassado pela liderança nacional.

A primeira entrevista realizada foi com Frieda Thomé, que havia assumido a presidência da Liga entre os anos de 1968 e 1971, mas que já era experiente em cargos de liderança. Esposa de pastor, Frieda Thomé havia sido presidente de um departamento feminino, em Porto Alegre, no início dos anos de 1960. Quando perguntada se sentia que havia integração entre os departamentos de senhoras e a diretoria geral da LSLB, Frida foi enfática ao responder que sim, que gerava certos distanciamentos e fazia com que houvesse algumas discussões

⁴⁷⁰*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1980, p. 16.

internas entre Liga Geral e departamentos, daí a necessidade de criar cargos como o de presidentes distritais, a fim de minimizar essas distâncias:

Nestas visitas aos congressos distritais tínhamos pouco contato com os departamentos, pois mesmo que ele durasse três dias sua programação não dava folga para reuniões extras, tentávamos sim, conversar com a diretoria distrital para que elas trabalhassem nos departamentos. Por esta razão foi sugerida reunião de presidentes distritais entre os congressos nacionais.⁴⁷¹

Ao responder sobre as principais contribuições que as senhoras haviam dado à Igreja Luterana ao longo de seus setenta e cinco anos de história em terras brasileiras, Frida frisou o seguinte: “Na minha opinião o projeto de construção de capelas e locais de culto é a maior contribuição que as senhoras deram e estão dando à Igreja Evangélica Luterana do Brasil.”⁴⁷²

A segunda entrevista, publicada no 2º trimestre de 1980, foi com Kórdula Reimnitz, nascida no estado de Missouri, nos Estados Unidos, mudou-se para o Brasil em 1919, onde se casou com o pastor Elmer Reimnitz e teve cinco filhos. Foi presidente da LSLB de 1971 a 1975. Sobre suas impressões, a respeito da LSLB, a ex-presidente dizia que sempre havia acompanhado com muito interesse as atividades da Liga desde sua fundação, definindo-a como “uma grande organização dentro da IELB e consiste de uma grande equipe de senhoras dedicadas ao trabalho de missão e com auxílio de Deus realizam grandes proezas para o Reino de Deus.”⁴⁷³ Kórdula Reimnitz ainda ressaltou a importância da revista *Servas do Senhor* enquanto o meio oficial de comunicação entre as “servas” brasileiras: “eu tenho prazer de ler e reler os artigos que foram publicados na revista ‘Servas do Senhor’ a partir de 1960, visto que mandei encadernar todas as revistas desde o seu primeiro número, quando aparecia como Boletim Informativo e era mimeografado.”⁴⁷⁴

A entrevistada do 3º trimestre de 1980 foi a ex-presidente Tony Thoen, nascida na cidade de Amaral Ribeiro/RS, foi morar aos dois anos na capital gaúcha, onde conheceu o pastor Arno Thoen com quem teve dois filhos e quem ela considerava “o grande incentivador e apoiador” de suas atividades. Antes de chegar à presidência da LSLB, foi vice-presidente distrital e presidente de um departamento de senhoras, sendo eleita em 1962 para assumir a Liga, reeleita em 1965, ficou no cargo até 1967. Em seu relato, ressaltou que a maior dificuldade enfrentada em seus anos como presidente estava relacionada à comunicação, o que dificultava

⁴⁷¹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1980, p. 5.

⁴⁷²*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1980, p. 5.

⁴⁷³*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1980, p. 6.

⁴⁷⁴*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1980, p. 6.

a troca de notícias entre a diretoria nacional e suas filiadas espalhadas pelo país. Tony Thoen assim definiu o contato com os departamentos e com as filiadas nos anos em que foi presidente:

Estávamos engatinhando, pois a LSLB estava em seu início. Começamos com poucos distritos e, apesar de algumas dificuldades normais em todo início, fomos sempre crescendo para o engrandecimento do trabalho para o Senhor. O trabalho foi proveitoso, em primeiro lugar para mim, pois aprendi muito nas visitas aos congressos notava-se a alegria e a sede de notícias dos demais distritos, muito interesse em dialogar, escutar, saber, principalmente, nos locais mais distantes.⁴⁷⁵

Quando questionada sobre quais eram suas impressões sobre a LSLB, disse que a Liga era uma organização muito “abençoada”, pois nas congregações mais distantes, em todos os cantos do Brasil, havia um departamento de senhoras, cujas filiadas se colocavam à disposição da igreja conforme seus dons e talentos. Afirmava ainda que as senhoras deveriam servir de exemplo às mais jovens, estimulando-as enquanto mães para que também comessem a servir à Igreja empregando seus dons de acordo com as necessidades. E em sua mensagem dizia que as servas deveriam continuar crescendo “em número e conhecimento que venha em benefício daqueles que são alvo de seus projetos para que recebem o que lhes foi destinado, tendo sempre, em primeiro lugar, Deus que as está abençoando e, em segundo, as senhoras com seu esforço e trabalho.”⁴⁷⁶

As entrevistas continuaram em 1982, ano do 25º aniversário da LSLB, ocasião em que foram entrevistadas todas as presidentes até então, com o intuito de mostrar os “vinte e cinco anos de bênçãos” da Liga. Entretanto, iremos nos deter apenas nos relatos daquelas que não participaram em 1980. Seguem alguns relatos:

Vinte e cinco anos de bênçãos! Quando organizamos a Liga queríamos alcançar dois objetivos: primeiramente visamos envolver todas as senhoras e por isso escolhemos a língua nacional. Em segundo lugar, em algumas congregações já existiam as sociedades de senhoras que trabalhavam unicamente para as suas próprias comunidades e o que queríamos era que elas ficassem mais envolvidas no trabalho da missão da nossa igreja e estendessem o seu círculo de atividades [...]Hoje existem 33 distritos e 8000 senhoras que decidiram unir-se e “SERVIR AO SENHOR COM ALEGRIA” sob o Cruzeiro do Sul. Verdadeiramente, o Senhor tem abençoado o trabalho desta entidade.⁴⁷⁷ (Otilie Muller – presidente da LSLB de 1957 a 1961). (Grifo do autor)

É impossível traçar em poucas linhas um levantamento de tudo o que vivemos neste período [...] É muito importante para o desenvolvimento de um trabalho na igreja que haja um estreito entrosamento entre diretoria geral e departamentos (ou congregações) para melhor concretização dos planos traçados. Portanto, não houve uma realização

⁴⁷⁵*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1980, p. 5.

⁴⁷⁶*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1980, p. 6.

⁴⁷⁷*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1982, p. 14.

da presidente, nem da diretoria e do seu conselheiro. O que houve foi uma maravilhosa equipe de mais de 5000 mil senhoras que se uniram em louvor a Deus para crescerem na fé e nas obras. Este trabalho continua. Muitas cousas estão sendo realizadas e muitas hão de vir.⁴⁷⁸ (Wanda Erna Marx Flor – presidente da LSLB de 1975 a 1979)

Toda a Igreja recebeu chuvas de bênçãos pela Liga de Senhoras pela Liga de Senhoras, que do grão miúdo que nasceu em 1957, se tornou planta tão grande, a ponto de seus ramos aninharem muitas missões da Igreja, e sua sombra já se estender sobre o Brasil, Paraguai e Portugal. Isto nos é extremamente gratificante, visto a diretoria não ser nada mais do que um mero administrador dos dons das senhoras luteranas que forma a Liga. Elas trabalham como “servas” do Senhor – servas que Ele comprou pelo divino preço de seu sangue - servas que Ele santificou e consagrou – servas em que minhas antecessoras e muitos pastores plantaram a boa semente e a regaram e que agora correm, trabalham, testemunham, ofertam e não se cansam jamais [...] Mesmo que a história não guarde nosso nome, a nossa missão será preservada para a bênção de muitos. Pois, as Servas do Senhor são quem faz a Liga atingir seus alvos – sempre maiores e mais arrojados – na missão da Igreja.⁴⁷⁹ (Edeltraud Hegele Dauernheimer – presidente da LSLB de 1979 a 1983)

Uma última entrevista publicada na *Servas do Senhor* no primeiro trimestre de 1989 encerrou a série. A entrevistada foi Irena Braun Wiedman, presidente da Liga de 1983 a 1987. Quando questionada sobre como se sentia sendo uma mulher luterana, Irena respondeu que considerava uma “graça de Deus” e que em sua opinião as mulheres luteranas deveriam fazer mais pelo projeto missionário da Igreja, pois segundo ela viam-se muito outras mulheres batendo de porta em porta falando de suas seitas e as luteranas detentoras da “doutrina pura e sã” não faziam isso, ao contrário, ficavam de braços cruzados. Todavia, quando a pergunta foi sobre o que ela achava da abertura que a Igreja dava às mulheres, Irena foi enfática ao esboçar sua insatisfação:

A experiência que tive como presidente da LSLB durante 4 anos foi maravilhosa. Em âmbito nacional com internacional senti que as mulheres são muito organizadas e levam a sério o que fazem. O curso de diaconia deve ser levado a sério, precisamos de muitas diaconisas. Sinto, que no trabalho da igreja em si, na diretoria de uma comunidade, ainda não foi dada a abertura para a mulher poder trabalhar.⁴⁸⁰

Interessante notar que de todas as entrevistadas apenas uma direcionou um questionamento ao aspecto desigual na maneira como os “dons” de homens e mulheres eram utilizados, de modo que compreendemos que em sua fala quis ressaltar o fato de as habilidades femininas nunca serem suficientes o bastante para que as mulheres alcançassem cargos em diretorias nas congregações. Inclusive uma das entrevistadas, Edeltraud Hegele Dauernheimer,

⁴⁷⁸*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1982, p. 17-18.

⁴⁷⁹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1982, p.18.

⁴⁸⁰*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1989, p. 16.

chega a aceitar passivamente que por mais que sejam “servas” dedicadas, a história “não guardará seus nomes”. Isso porque são conscientes e aceitam essa condição de que o trabalho que realizam não é delas, mas sim da Igreja, pois é colocado dentro de uma coletividade.

Tal postura revela o poder simbólico exercido pela Igreja Luterana sobre as mulheres, conforme observa Pierre Bourdieu, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem.”⁴⁸¹ Ainda segundo Bourdieu, é dessa maneira que ocorre a reprodução das desigualdades entre os sexos, obedecendo a uma ordem social estabelecida, partindo dos próprios dominados:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.⁴⁸²

De maneira geral o que vimos nessas entrevistas foram mulheres ligadas a líderes homens da igreja, todas eram mulheres de pastores, e acreditamos que isso tenha facilitado para assumirem o cargo de presidente da Liga, colocando-se assim à disposição da igreja, de suas congregações e de seus maridos pastores, pois eram tidas por eles como “instrumentos de evangelização”. Nas entrevistas percebemos mulheres preocupadas em mostrar que aceitaram sua condição de “servas”, encorajando outras a aceitarem também, de modo a arregimentar o maior número possível de mulheres. O cuidado e o comprometimento que dispensavam aos projetos assumidos era quase maternal, talvez esse seja um dos poucos momentos em que vemos essas mulheres saírem da inércia em que se encontravam.

Verificamos também a importância que tinha para elas a revista *Servas do Senhor*, tida como um respeitável meio doutrinador e de captação de filiadas. Ao mesmo tempo em que mostrava às mulheres suas habilidades femininas, o impresso solicitava que tais habilidades fossem empregadas no trabalho missionário “com alegria”, e assim, o número de filiadas aumentaria e a ajuda financeira vinda das sacolinhas também. Afinal, a Liga seria produto de um trabalho em equipe e não somente da Liga Nacional, desse modo, a revista era importante por ser “um meio de comunicação que une todas as Servas Luteranas do Brasil e de língua

⁴⁸¹BOURDIEU, P. *O poder simbólico*, p. 7-8.

⁴⁸²BOURDIEU, P. *O poder simbólico*, p. 8.

portuguesa. Por meio desta revista, em si tão singela, partilhamos nossa fé e doutrina com todas vocês.”⁴⁸³

Nos anos de 1990 identificamos uma preocupação da LSLB em definir novas maneiras para sua atuação, de modo que as mulheres luteranas se sentissem aptas e estimuladas a desenvolver um trabalho ativo na família, igreja e sociedade no novo milênio. Conforme mencionamos no capítulo 2, as análises demonstraram que nas décadas finais do século XX elas começaram a refletir sobre algumas mudanças sociais e comportamentais de que aquele século havia sido palco. Impressões iniciais davam conta de que finalmente em fins de um século que foi tão importante e transformou, sobremaneira, as relações de gênero, a LSLB motivaria transformações na condição das mulheres luteranas, de modo que elas assumissem novos cargos de lideranças e deixassem apenas de servir e obedecer à Igreja, refletindo sua condição de mulheres submissas dentro do protestantismo. Mudanças ocorreram, mas não a ponto de romper com a função de auxiliares reservada às mulheres pela igreja.

Certamente não devemos negligenciar a discussão realizada pela Liga em torno da entrada das mulheres no mercado de trabalho e as mudanças que isso provocou na vida cotidiana dessas mulheres acostumadas a um discurso que as colocava como “rainhas do lar”. Deixar esse lar e aventurar-se em espaços até então tidos como próprios dos homens exigiu dessas mulheres um esforço muito grande, pois elas repudiavam quaisquer formas de aproximação com o discurso feminista, mas ao mesmo tempo refletiram sobre um assunto que esteve na pauta de discussões desse movimento. A solução que encontraram foi mudar uma postura, mas ao mesmo tempo permanecer firme na doutrina da igreja, pois só assim evitariam o rótulo de feministas.

Em 1996 foi lançada uma campanha pela LSLB cuja principal prioridade era “buscar e estimular as mulheres ao trabalho ativo na família, igreja e sociedade”. Com o argumento de que a Igreja “precisava das senhoras”, buscava-se incentivar a participação das mulheres naquelas áreas em que sua coragem e determinação era destaque, ou seja, “como servas dedicadas, como mães piedosas e como esposas idôneas”. Assim, a partir dessa preocupação em estimular e incentivar cada vez mais o trabalho dessas mulheres, dentro de um contexto de mudanças, alguns questionamentos foram lançados:

- a) Como poderíamos divulgar mais e melhor o trabalho das mulheres no sentido de trocar conhecimentos, adquirindo novas maneiras para atingir mais pessoas?

⁴⁸³*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1981, p. 12.

b) Como aplicar e absorver dons, capacidades espirituais, profissionais, manuais e tantas outras, com as quais Deus vem ao longo dos tempos agraciando seus filhos?⁴⁸⁴

Em busca de respostas para essas questões, as mulheres deveriam, frente à nova moralidade que vivenciavam, que era um misto de “idéias contraditórias, desestruturadoras, de chavões e slogans tidos como verdades naturais e decisivas”, assumir o papel de “mães orientadoras e estimuladores” e de mulheres capazes, corajosas e trabalhadoras no lar, na igreja e na sociedade.

Em mensagem enviada a todas as mulheres luteranas, em 1997, a então presidente da Liga, Úrsula Neumann, dizia que o grupo de mulheres responsável por organizar e formalizar a criação da LSLB, em 1957, era composto por “mulheres acostumadas a liderar a casa, os filhos, e estavam sempre ao lado do esposo dando seu apoio e seu incentivo ao trabalho”.⁴⁸⁵ Úrsula acrescentava que muitas mulheres tiveram suas ações limitadas às tarefas da casa, à educação dos filhos, porque a mentalidade e a época assim o exigiam, mas mesmo diante disso não haviam deixado de desempenhar seus papéis na Igreja. Entretanto, em fins da década de 1990, a realidade era outra,

O início foi muito árduo, com muitos preconceitos e dificuldades a serem vencidos. Muitos fatores externos, pensamentos, filosofias e avanços contribuíram e permitiram que as mulheres fossem trabalhar fora de casa, não apenas na educação, mas também na indústria, no comércio, em profissões liberais. Hoje fazem parte do processo de desenvolvimento do país e do mundo, com participação ativa na política, na ciência, na tecnologia.⁴⁸⁶

E nesse contexto de transições, mudanças e novos modelos, às mulheres luteranas caberia “trabalhar juntas e mudar em grupo”:

A atuação e participação da mulher foi decisiva para as transformações políticas, sociais e científicas que ocorreram e das quais fazemos parte. Ainda há muito o que conquistar [...] A atuação constante e a participação efetiva da mulher no trabalho e no serviço da igreja tem contribuído para as mudanças e transformações que ocorrem. Por isso precisamos cada vez mais **ver, ler e ouvir** a linguagem atual das senhoras, porque sofremos pressões e muitas mudanças, vivemos em contextos de transformações, precisamos avaliar e reavaliar as nossas atitudes, as realizações, os projetos, os anseios, as necessidades, as dificuldades, a comunicação, a linguagem, a mensagem, a própria história.⁴⁸⁷ (Grifos do autor)

⁴⁸⁴*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1996, p. 13.

⁴⁸⁵*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1997, p. 7.

⁴⁸⁶*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1997, p. 7.

⁴⁸⁷*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 1º trimestre de 1997, p. 8.

Em outro momento, falando às leitoras da revista *Servas do Senhor* por meio da “Página da Presidente”, Úrsula Neumann, alertava que se vivia em um mundo e sociedade cada vez mais “egoísta e individualista”, um mundo que apresentava muitos desafios e mudanças na sociedade, na tecnologia, nos conceitos científicos, nos valores em geral, na família e na igreja. Diante de tantos desafios as mulheres deveriam permanecer firmes “nas orações, no trabalho conjunto, de equipe, na divulgação do Evangelho, no apoio e incentivo de continuar, no testemunhar e falar do amor de Deus, no comprometer-se e assumir a tarefa de levar Cristo para todos”.⁴⁸⁸

Os relatos de Úrsula Neumann e a campanha lançada em 1996 demonstram que do ponto de vista das mulheres luteranas a LSLB havia contribuído grandemente para mudanças e transformações. A questão que levantamos é: mudanças e transformações em que sentido? Concordamos que a Liga foi um importante espaço de convívio e de debates para as luteranas, mas somente quando o que está em discussão é como servir mais e de maneira eficiente à igreja. Pelo exposto, percebemos que as senhoras luteranas concordam com as mudanças ocorridas na vida das mulheres, em partes e com ressalvas, haja vista, que defendiam a importância das mulheres trabalharem fora de casa, ter uma profissão, seja na política, na ciência ou na área tecnológica, desde que permanecessem “firmes na fé, sem perder suas características femininas e com bom senso”. E para a LSLB permanecer fiel às características femininas significava participação ativa na vida da família, igreja e sociedade, acreditando que nessas três instâncias em tudo deveriam ser submissas.

3.4. O olhar masculino sobre a atuação feminina

Assim como os homens, as mulheres também tiveram sua participação na história do luteranismo, mesmo que tenha sido “criando os filhos, cuidando da casa e trabalhando no campo”,⁴⁸⁹ é uma participação que merece e deve ser considerada, pois permite que compreendamos como se construíram as relações de gênero nesses grupos. Conforme Joan Scott⁴⁹⁰, gênero representa uma pergunta a ser feita por qualquer sociedade, em qualquer

⁴⁸⁸*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 2º trimestre de 1996, p. 2.

⁴⁸⁹STRECK, V. S.; BLASI, M. *Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB*, p. 223.

⁴⁹⁰LE MOS, F. *Entrevista com Joan Scott*, p. 162.

momento: como mulheres e homens estão sendo definidos, um em relação ao outro? De que maneira as sociedades têm tentado impor significados e mantê-los no lugar? Como os indivíduos têm se imaginado, não se encaixando nessas categorias? Além disso, segundo a autora, como gênero aparece como uma norma regulamentadora que nunca funciona plenamente, outras questões também devem ser levantadas, tais como: quem estabelece as definições? Para que fins? Como elas são aplicadas? Como indivíduos e grupos resistem às definições? Na concepção de Scott, ao ser usada dessa maneira, como um conjunto de perguntas, cujas respostas não se sabe de antemão, o gênero ainda continua certamente sendo uma categoria útil de análise.

Buscando compreender as relações de gênero e poder que se desenvolveram na Igreja Luterana é que também sentimos a necessidade de mostrar como a atuação da LSLB foi interpretada pelos homens luteranos, responsáveis por demarcar lugares, estabelecer papéis e produzir “verdades”. De acordo com Ana Maria Colling, as leis que normatizam a vida dos homens e das mulheres encontraram no discurso religioso um forte aliado. Para a autora, há uma vasta gama de argumentos utilizados a fim de justificar a inferioridade das mulheres, como a falta de força física, passando por questões relacionadas com a honra e a moral, e com uma suposta incapacidade intelectual. Essa concepção, segundo Ana Maria, “relacionada com o interesse em manter as riquezas em mãos masculinas, orientou as leis derivadas do direito romano nas legislações ocidentais”.⁴⁹¹

Ainda de acordo com Ana Maria Colling, a inferioridade legal das mulheres resultou na diminuição de sua capacidade jurídica em relação aos homens, uma vez que algumas práticas consideraram as mulheres como um desvio imperfeito do modelo humano perfeito: o homem. Como consequência, as mulheres foram excluídas da palavra e do sacerdócio. Nas palavras da autora, “a Igreja reserva a autoridade da pregação aos clérigos e os instrui para isso; as mulheres constituem seus auditórios mudos.”⁴⁹²

Com a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), não foi diferente, a autoridade era vista como um privilégio concedido somente aos homens, detentores de poder, enquanto as mulheres continuaram a constituir “auditórios mudos”. Mas vejamos como a LSLB foi avaliada na concepção desses homens. Para análise, selecionamos alguns artigos publicados na revista *Servas do Senhor*, escrito pelos pastores conselheiros da Liga, na coluna “Cantinho do

⁴⁹¹COLLING, A. M. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*, p. 63.

⁴⁹²COLLING, A. M. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*, p. 63.

Conselheiro” e que procuravam lançar olhares retrospectivos e avaliativos sobre a Liga de mulheres da Igreja.

A coluna “Cantinho do Conselheiro”, publicada no 3º trimestre de 1996, com o então pastor conselheiro Paulo Weirich, trouxe um artigo em que o tema principal era as sacolinhas enquanto um símbolo de participação na missão. O conselheiro dizia que se sentia muito privilegiado em fazer parte de uma organização como a LSLB que, ao longo dos anos, havia crescido, ocupado espaços e desenvolvido as mais variadas estratégias para atender e apoiar cada solicitação de projetos e auxílio financeiro, vindo de diferentes lugares do país. Considerava que a LSLB era uma “família que vivia a missão de Cristo”. Porém, dentre os vários aspectos que poderia ressaltar da Liga, optou por falar sobre as sacolinhas, pois dizia que em seus primeiros anos de pastorado elas haviam sido muito úteis no auxílio a sua congregação,

Lembro dos meus primeiros anos de pastorado numa missão carente e pequena. O quanto aquelas poucas senhoras realizavam e o quanto se movimentaram para tornar conhecida a amada congregação pelas pessoas de fora. E nisso tudo estava presente uma sacolinha branca com uma cruz vermelha, pendurada no lugar mais visível da cozinha ou da sala.⁴⁹³

A fim de analisarmos essa atenção especial que o sistema de arrecadação de ofertas da LSLB recebeu do pastor conselheiro, consideremos o que disse Roger Chartier sobre as representações. Segundo o autor, “sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação.”⁴⁹⁴ Como já dizia Chartier, as representações criam discursos, que não são neutros, ao contrário, produzem estratégias e práticas que justificam escolhas e condutas. Ao estabelecer uma representação da sacolinha como “símbolo de participação na missão”, mostrava às mulheres que elas tinham uma grande participação na igreja e que seus esforços eram reconhecidos, o que era absorvido pelas mulheres, fazendo com que não contestassem a doutrina patriarcal e, tampouco, contestassem a ordenação exclusiva dos homens ao pastorado. E dessa maneira o pastor conselheiro seguia com seu artigo elogioso às sacolinhas e à LSLB:

Era mais que uma sacolinha. Era um símbolo permanente, ajudando a lembrar muitas coisas. Lembrava à mulher de que fazia parte de um grupo e de que este grupo não estava só (...) O mundo desde então deu muitas voltas. O perfil da igreja mudou. O perfil da mulher mudou e também o da Liga mudou. Mas não mudou a missão. Não mudou a alegria de fazer parte de um grupo com objetivos tão claros e definidos.

⁴⁹³ *Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1996, p. 11.

⁴⁹⁴ CHARTIER, R. *Defesa e ilustração da noção de representação*, p. 16.

Como também não mudou a necessidade de sermos permanentemente lembrados do privilégio de participarmos deste entusiasmo, alegria, expectativa, gratidão e respeito que a missão de Deus desperta.

Segundo o pastor Weirich, a sacolinha marcava a trajetória da mulher ielbiana no trabalho missionário, pois por meio dela as mulheres puderam erguer capelas, comprar terrenos e enviar material para ser utilizado nas escolas dominicais, por exemplo. Na opinião do pastor conselheiro, a sacolinha simbolizaria a capacidade de organização e envolvimento das mulheres na vida da igreja, um espaço próprio delas na igreja que todos respeitavam e cultivavam. Assim, a sacolinha representava o “modo feminino de ver e analisar a atuação da igreja, a maneira muito própria de ver e sentir as necessidades na missão, a maneira peculiar de analisar criticamente as prioridades que se estabelecem, a atenção ao aspecto humano nas coisas que se fazem.”⁴⁹⁵

Por meio de um artigo publicado no 3º trimestre de 1997, o então pastor conselheiro da Liga, Danilo Fach, ao analisar as mudanças pelas quais a sociedade passara até aquele momento, concluía que, nesse rápido processo de transformação, as mulheres haviam sido as mais atingidas. Pois, agora era possível vê-las presentes em vários lugares, ocupando os mais variados postos de trabalho. Danilo Fach reconhecia que, de alguma maneira, tais mudanças atingiam também a Igreja:

Inevitavelmente as mudanças atingem a Igreja, a família e envolvem também o comportamento da mulher. A classe social que mais conquistou o seu espaço dentro das mudanças é a mulher. Hoje a mulher joga futebol, faz política, está na rua, no transporte, na educação e na administração. Ela está assumindo responsabilidades em todos os setores: econômico, financeiro, religioso, educacional, social e científico. A evolução interfere na vida e no trabalho da Igreja. A pessoa evolui e cria novas formas, instrumentos, espaços, leis e comportamentos para ela. A evolução social traz consigo coisas boas e más. Como podemos ser solidários à família, principalmente, à mulher, que é alvo da exploração e manipulação religiosa, financeira, sexual e política? Os nossos departamentos já mudaram no curso de 70 anos. As atividades, os assuntos e os alvos já não são mais os mesmos desde a nossa origem.⁴⁹⁶

Diante de tantas mudanças, caberia à Igreja acompanhar até onde era possível acompanhar essa evolução e fazer uso dos instrumentos oferecidos pelo mundo para manifestar à sociedade o “fundamento de vida em Cristo Jesus”. Desse modo, caberia à Igreja, desenvolver

⁴⁹⁵*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 3º trimestre de 1996, p. 11.

⁴⁹⁶*Servas do Senhor*. 3º trimestre de 1997. Concórdia Editora, Porto Alegre, p. 11.

estratégias e oferecer opções inteligentes para que seus fiéis pudessem continuar servindo “a Cristo como sua igreja”.

Em novo artigo publicado no 4^o trimestre de 1999, o conselheiro Danilo Fach fez uma profunda reflexão sobre a mulher luterana, a fim de construir um perfil dessa mulher de modo que se pudesse traçar um plano de ação futuro, no novo século que se aproximava. Interessante notar que ao se referir à “mulher luterana” o conselheiro partiu do pressuposto de que as mulheres luteranas constituíam um bloco homogêneo. Entretanto, conforme vimos em vários momentos neste trabalho, as mulheres luteranas formavam um grupo bastante heterogêneo, pois haviam mulheres filiadas à LSLB, ao mesmo tempo em que havia aquelas que não queriam se filiar e participar apenas das reuniões nos departamentos. Existiam ainda aquelas que se limitavam a participarem dos cultos somente. Inclusive dentro da própria Liga havia algumas disputas, mulheres mais engajadas que outras, diferenças regionais que se traduziam em debates e discussões. Acreditamos que essa mulher luterana a qual é feita referência no artigo que vamos analisar é aquela filiada à Liga, que participava ativamente, seja nos departamentos, assumindo diretorias ou em seus lares, considerado seu principal “púlpito”.

De acordo com o conselheiro, no limiar do terceiro milênio era importante realizar uma reflexão sobre a história da Liga, como foi o comportamento cristão dessas mulheres na família, igreja e sociedade. Interessante notar que uma análise tão minuciosa como essa, não foi realizada pelas próprias mulheres, o que denota um controle masculino sobre as ações femininas. Como a Liga sempre esteve a serviço da Igreja e não das mulheres, quem deveria analisar suas ações e ditar diretrizes futuras eram aqueles que elaboravam os discursos que as mantinham em seus papéis e funções “tipicamente femininos”.

A fim de lançar diretrizes para o novo milênio, o artigo iniciava fazendo uma análise da “mulher luterana e sua família”. Dizia que a mulher luterana, nos primeiros anos de atividade da IELB no Brasil, era pouco audaz e de uma tendência moderada, de origem imigrante europeia, havia saído de casa timidamente, porém continuava sendo uma mulher vinculada à família. Observava que, em fins da década de 1990, a mulher luterana apresentava-se mais ativa, profissional, social e religiosamente preocupada com seu futuro profissional, investindo em nível superior, encarando múltiplas atividades em âmbito familiar, social e religioso.

Já com relação à mulher luterana e à igreja, Danilo Fach afirmava que nos primeiros tempos da IELB em território brasileiro, a participação da mulher luterana restringia-se somente à ida aos cultos com o marido, pois “não tinha a sua organização e seu espaço participativo na

administração ou formação”.⁴⁹⁷ Afirmava, desse modo, que o departamento de senhoras havia sido uma das grandes mudanças na vida dessa mulher e uma das primeiras conquistas do seu espaço social religioso. As reuniões nos primeiros departamentos foram apontadas da seguinte maneira:

Os objetivos das reuniões eram muito simples: realizar algum trabalho manual, tricô ou crochê e tomar café. Ainda hoje muitas dizem: “Vou no chá das senhoras” ou “Hoje tem café”. A reunião era pobre de assuntos administrativos ou de problemas sociais. Na maioria, as atividades departamentais se resumiam ao estudo do pastor e trabalhos manuais. A contribuição era uma pequena oferta durante a reunião.⁴⁹⁸

Para Danilo Fach, a mulher luterana acompanhou a evolução do mundo e, de maneira gradativa, passou a ocupar mais espaços dentro das congregações, a partir da realização de tarefas especiais, como “zelar pelo templo: ornamentar o altar com flores, fazer a limpeza e cuidar do jardim da igreja.”⁴⁹⁹ Além disso, essa mulher estaria na vanguarda do processo evolutivo da igreja, sendo que dos familiares ela era quem mais se comprometia com o trabalho nas congregações, principalmente, como integrante da LSLB:

Como integrante da LSLB, tem contribuído regularmente para a construção de capelas, formação de novos pastores e assistência à família e à mulher através da literatura. Canaliza suas ofertas na missão distrital e nacional através do plano das “sacolinhas”. Participa da missão local, regional e nacional através das ofertas das sacolinhas, e ações pessoais, ofertas e promoções de ordem social. Mantém a revista *Servas do Senhor*, órgão oficial da LSLB que leva informação e a formação para todo o Brasil, é um ícone de bom referencial missionário. Organizou-se nacionalmente através de congressos que ocorrem de dois em dois anos.⁵⁰⁰

Quanto à relação da mulher luterana com a sociedade, o pastor conselheiro destacava que sua contribuição era inegável, mas seu destaque era em âmbito familiar e religioso, pois suas incursões sociais ainda eram muito tímidas. Não houve destaque social, pois sua participação na sociedade havia se restringido a visitas e assistência a enfermos, idosos e recém-nascidos de familiares e de pessoas ligadas à Igreja.

O que constitui primeiramente as mulheres são os olhares que os homens dispensam a elas, segundo Cristiane Klapisc-Zuber. Para a autora, o olhar dos homens é o responsável por transmitir às mulheres modelos ideais e regras de comportamento que elas não estão em

⁴⁹⁷*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1999, p. 7.

⁴⁹⁸*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1999, p. 7.

⁴⁹⁹*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1999, p. 7.

⁵⁰⁰*Servas do Senhor*. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS. 4º trimestre de 1999, p. 7.

condições de contestar. A discussão dessas regras é importante, primeiro porque os constrangimentos que esses olhares produzem marcam as sociedades e segundo porque permite decifrar as relações sociais de sexo que estão na sua origem. Tomando como modelo o período medieval, a autora cita que nesse período os homens, particularmente, os clérigos tinham a palavra. Eram “homens de religião e de Igreja” que governavam o escrito, transmitiam os conhecimentos, comunicavam para o seu tempo e por meio dos séculos o que se deveria pensar das mulheres.⁵⁰¹ No caso dos homens luteranos, também detinham o poder da palavra e ditavam modelos de comportamento religioso, a fim de controlar as mulheres em suas ações e espaços.

Segundo Joan Scott, gênero se refere aos discursos da diferença entre os sexos, porém, considera além das ideias, as instituições, as estruturas, as práticas quotidianas, como também os rituais e tudo o que está incluso nas relações sociais. De acordo com a autora, “o discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta.”⁵⁰² É assim que o gênero se configura na organização social da diferença sexual, uma vez que ele não reflete a realidade biológica primeira, mas acaba por construí-la. Scott analisa que a diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar, mas sim uma “estrutura social movente”, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos.⁵⁰³

Desse modo, diante da análise realizada nos questionamos como poderiam haver mudanças no comportamento das mulheres luteranas se a doutrina e os dogmas luteranos não mudavam? Aliás, em tempo de contestação de lugares e papéis, a igreja tornava-se mais rígida e para aquelas questões que não encontrava respaldos na Bíblia contando para isso com a colaboração de pastores sempre prontos a realizar exegeses bíblicas que reforçam o papel secundário da mulher .

Desse modo, a LSLB resume-se a um instrumento de evangelização assim como suas sacolinhas representavam um instrumento de participação na missão da Igreja. Diziam que estavam nesse mundo para “servir à” e não para “servir de”, mas na realidade serviam tanto aos interesses da igreja quanto serviam de entidade auxiliar engajada economicamente em suas causas. Serviam a todos, mas não serviam às próprias mulheres. Não serviram à reflexão sobre os espaços ocupados pelas mulheres luteranas e, tampouco, sobre os lugares privilegiados que acomodavam seus pastores e conselheiros. Mas, conforme muito bem colocado por Michel de

⁵⁰¹KLAPISCH-ZUBER, C. *Introdução. História das mulheres no ocidente*, p. 16.

⁵⁰²GROSSI, M. P.; RIAL, C. ; HEILBORN, M. L. . *Entrevista Com Joan Scott*, p. 2.

⁵⁰³GROSSI, M. P.; RIAL, C. ; HEILBORN, M. L. . *Entrevista Com Joan Scott*, p. 2.

Certeau, “tudo se concentra nas práticas. Através dela um grupo religioso provoca sua coesão. Nelas encontra sua âncora e sua diferença com relação a outras unidades sociais – religiosas ou não. Recebe delas uma segurança que as próprias crenças dão cada vez menos.”⁵⁰⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁵⁰⁴CERTEAU, M. de. *A escrita da História*, p. 166.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar e refletir em que medida a ação da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB) foi capaz de gerar questionamentos em torno dos papéis ocupados por homens e mulheres na hierarquia da Igreja Luterana, procurando notar se, em algum momento, essa organização de mulheres buscou refletir sobre a doutrina da igreja e as orientações bíblicas que atribuíam aos homens um poder que os colocavam em posição de superioridade em relação às mulheres.

Nos dois primeiros capítulos, procuramos visibilizar a condição feminina no protestantismo brasileiro, buscando mostrar, principalmente, os espaços reservados às mulheres e a atuação que tiveram na inserção do protestantismo em terras brasileiras. Apontamos também a maneira como o Sínodo de Missouri, considerado uma “igreja masculina”, lidava com as questões em torno dos lugares e papéis das mulheres na igreja. Defensor de uma ortodoxia confessional, com uma doutrina patriarcal androcêntrica e misógina, seu sistema de crenças foi herdado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Com base na ordem da criação, interpretação da Bíblia, separação entre espaço público e privado e destino biológico das mulheres, a Igreja Luterana discutiu o papel das mulheres na igreja, tendo por parâmetro e regra a “igreja-mãe” missouriana.

Notamos que, embora as mulheres tenham sido partícipes desse processo de inserção, a visibilidade que foi dispensada a elas correspondeu muito pouco à atuação que tiveram e à contribuição que deram. Vimos que essas mulheres foram muito mais do que as esposas dos pastores, posto que elas desenvolveram atividades centrais no protestantismo brasileiro, tanto no âmbito pastoral, educacional, como nas atividades de missão. Isso porque o protestantismo, ao mesmo tempo em que supõe uma valorização dos leigos, não permite que eles tenham acesso a determinadas funções e, no caso das mulheres, em algumas igrejas protestantes, a restrição é a regra.

No que tange às proibições e restrições, especialmente, verificamos o quanto é importante questionar como as mulheres e as igrejas fazem uso dos espaços que são reservados ao público feminino. Pode-se notar que na maior parte das vezes esses agrupamentos femininos contribuem muito pouco para que as próprias mulheres consigam levantar questões em torno das desigualdades nas relações de gênero e poder em que se encontram inseridas e ainda mais: configuram-se em espaços em que as mulheres reproduzem discursos androcêntricos, amparados bíblicamente por relações de poder, uma vez que a ocupação dos espaços públicos e privados nas igrejas é definida a partir de uma hierarquia de gênero.

Discussões em torno dos lugares que as mulheres poderiam ou não ocupar na igreja surgiram tanto no Sínodo de Missouri quanto na Igreja Luterana no Brasil e as decisões finais demonstraram que a constituição e o exercício do poder nas duas igrejas eram exclusividade dos homens, os responsáveis por estabelecer os discursos “verdadeiros” e que normatizavam as ações das mulheres. Por receio de que a autoridade dos homens fosse colocada sob suspeição e, após muita resistência, foi liberada a participação das mulheres em cargos de diretoria e em assembleias como membros que tinham direito a voto. Porém, viram na ordenação feminina uma afronta aos preceitos bíblicos que colocava, por meio da autoridade, a mulher sempre em posição de inferioridade e subalternidade em relação aos homens. É importante ressaltar que as mulheres tiveram participação irrisória na busca pelo direito ao voto, o que entendemos que se tratou de uma concessão por parte da hierarquia da igreja a fim de manter a autoridade masculina inalterada, já que nessa questão do voto feminino a Bíblia “silenciava-se”.

Conforme o capítulo 2, o projeto de criação da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil estava inserido dentro de um projeto maior da igreja luterana de busca por autonomia financeira e administrativa em relação ao Sínodo de Missouri. Criada em um contexto em que a participação dos leigos era de fundamental importância para a continuidade dos projetos da igreja luterana em terras brasileiras, principalmente, na arrecadação de recursos financeiros, a LSLB notabilizou-se pelos valores arrecadados e pela quantidade de projetos assumidos. O sistema de arrecadação das “sacolinhas” criado pelas mulheres luteranas, certamente muito contribuiu para que a tão almejada autonomia fosse conquistada pela igreja. Vale lembrar que a Liga nasceu com o lema de “servir” a igreja valendo-se dos “dons” e “habilidades” que as mulheres possuíam e o resultado foi muito satisfatório dado o comprometimento dessas mulheres em diversas frentes de atuação.

A revista *Servas do Senhor*, impresso criado para divulgar as ações empreendidas em favor da igreja e, assim, encorajar mais mulheres a também aderir à causa assumida pela Liga, ao mesmo tempo em que se colocava como um veículo de comunicação entre as mulheres luteranas também servia para a propagação dos discursos misóginos defendidos pela igreja que reforçavam as características construídas pela moral cristã, em torno do feminino, como o cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade. Assim, a *Servas do Senhor* que se pretendia “a revista da mulher luterana” transformou-se em uma “vitrine” para a Igreja expor suas representações sobre o feminino e o masculino e garantir o consentimento das mulheres às desigualdades impostas pela hierarquia da igreja.

Nesse sentido, percebemos que a religião se apresenta como um sistema de poder que reforça ou altera as relações de gênero. A análise dos discursos sobre as mulheres presentes na Igreja Luterana foi conduzida pela preocupação de compreender como os saberes são produzidos por essa igreja a partir de determinadas estruturas de poder que possibilitam sua legitimação por meio de um saber instituído como verdade imutável. Com a intenção de preservar sua confessionalidade e manter a autoridade masculina inalterada, a igreja valeu-se de estratégias que impactaram diretamente na produção e utilização do saber. A revista *Servas do Senhor* deve ser entendida dentro desse conjunto de estratégias, pois era uma maneira de a igreja reforçar sua tradição patriarcal vista de uma maneira natural e por aquelas que mais eram prejudicadas.

Importante também ressaltar que o discurso ideológico protestante em muitos casos limitou a atuação das mulheres, impedindo-as que agissem para além da função de esposas de pastores. Esse foi o caso, por exemplo, de mulheres como Anne Bagby e Ottilie Muller que, mesmo tendo sido mulheres atuantes dentro dos limites estabelecidos pelas instituições religiosas a que pertenceram, são lembradas muito mais pelo trabalho desenvolvido por seus maridos do que propriamente por suas próprias contribuições ao protestantismo brasileiro. As fontes poucos dizem diretamente sobre elas, não porque deixaram de contribuir com a história da Igreja, mas pelo fato de serem mulheres, “esposas de pastores” com a função exclusiva de “secundar” seus maridos. Isso demonstra, conforme vimos, que quando se estabelece o contrato de casamento, a dicotomia pertinente passa a ser a esfera privada e a esfera pública, civil. Essa dicotomia reflete a ordem da divisão sexual na condição natural, também considerada uma diferença política.

Conforme demonstramos, as sociedades de senhoras que se formaram nas igrejas protestantes – sobre as quais há poucos estudos – foram espaços criados para que as mulheres pudessem dar suas contribuições para o crescimento das igrejas. Entretanto, notamos que a maioria dessas sociedades de senhoras foram pensadas para as mulheres e não pelas mulheres, com o intuito de organizar o trabalho feminino em prol das igrejas, seja financeiro ou assistencial. Uma forma de manter as mulheres em funções auxiliares negando a elas o acesso a espaços decisórios. Por isso, afirmamos no capítulo 3 que esses espaços que se diziam criados para as mulheres na prática não possibilitaram a elas que desenvolvessem consciência do quanto eram excluídas nas igrejas que ajudavam a manter.

A análise da pesquisa “como as servas trabalham”? nos permitiu compreender os motivos pelos quais o desempenho da liga de senhoras luteranas não fez dessa organização um

espaço utilizado para as mulheres refletirem sobre a condição das mulheres na igreja. Dessa maneira, consideramos que o comprometimento dessas mulheres com seu ideal de “servir” e a aceitação dos limites impostos pela igreja a elas, foram fatores fundamentais que fizeram da Liga mais um, entre tantos outros, espaço de reprodução dos discursos estabelecidos pela igreja.

Assim, diante do que foi exposto ao longo deste trabalho, podemos afirmar que a ação da Liga foi limitada pela vigilância masculina exercida sobre as mulheres luteranas, como era o caso da função exercida pelos conselheiros, por exemplo. Inseridas em um ideário religioso que atribuía às mulheres a maternidade e o casamento como destino imutável, todas as ações da LSLB foram mediadas a partir da condição de “servas”. Com um comportamento perpassado por discursos masculinos de controle, as conquistas dessas mulheres pouco contribuíram para o questionamento de seus papéis, pois ocorriam dentro daquilo que a doutrina da igreja permitia.

A partir da análise realizada sobre a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil também concordamos que, dos três bastiões de inferiorização das mulheres, a religião é um dos mais difíceis de romper. Isso porque ao acompanharmos a trajetória da LSLB notamos que ainda hoje essas mulheres defendem um discurso que prega a inferioridade feminina, a submissão das esposas aos seus maridos e a maternidade como destino incontornável das mulheres. Atuando dentro dessa lógica de submissão e reproduzindo os preceitos normatizadores de uma igreja baseada em um fundamentalismo bíblico, conseguimos perceber porque a Liga não significou um espaço de desconstrução de hierarquias de gênero.

A melhoria da condição feminina foi a principal preocupação de vários grupos de mulheres ao longo do século XX. Eram mulheres que lutavam por direitos políticos e sociais, melhores condições de vida e trabalho, autonomia reprodutiva, entre outros. Dessas lutas, resultaram novos direitos que beneficiaram as mulheres, construindo novas formas de relações de gênero. Todavia, não observamos esse mesmo ideal transformador nas “servas do Senhor”, pois essas mulheres não colocaram em suas preocupações mudanças nas condições femininas no interior da Igreja.

No caso da Liga de Senhoras Evangélicas Luteranas do Brasil, não podemos negar que ela representou a dedicação e organização das mulheres luteranas engajadas nos serviços missionários da Igreja Luterana. Isso permitiu a essa Liga desenvolver novas relações de poder, de uma maneira não prejudicial à doutrina da igreja, pois esse poder não se opunha às ordens do poder hierárquico.

As mulheres luteranas estavam aprisionadas dentro de uma instituição dominada por valores patriarcais e pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. Foram mulheres que se

organizaram e agiram a partir de uma “posição marginal” que ocupavam dentro da Igreja, sendo assim suas ações não refletiam novas “fórmulas doutrinárias” e, tampouco, reflexão sobre a condição feminina dentro do protestantismo histórico.

A mudança mais significativa observada na Liga foi aquela que, em fins dos anos 1990 levou à alteração do termo “senhoras” por “servas”. Sinalizou uma nova geração de mulheres luteranas que não discordavam da existência de uma natureza feminina e, tampouco, da maternidade como destino e acreditavam que, no casamento, bem como na igreja, a autoridade era exercida somente pelos homens. Era uma geração de mulheres que assumiu para si o desafio de acompanhar as mudanças sociais sem se descuidar, porém, do local de onde falavam e das limitações que esse local impunha a elas.

Assim, esta tese buscou trazer para o debate uma parcela da história de mulheres no protestantismo brasileiro, questão muito pouco abordada, principalmente, a partir de um olhar das relações de poder e gênero. Historiar, refletir sobre essas organizações é compreender o poder que perpassa as relações de gênero no interior das igrejas e as lutas ou consentimentos das mulheres que passam a atuar em espaços hegemonicamente dominados pela presença masculina. A partir do estudo que realizamos sobre a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil constatamos que essa organização representou muito mais continuidades do que mudanças nas representações sobre o lugar das mulheres na igreja luterana, isso porque nessa igreja, a legitimação do poder é pensada a partir de uma imagem hierárquica e masculina de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O caçador de bruxas: Carlo Ginzburg e a análise historiográfica como inquisição e suspeição do outro. *Saeculum - Revista de História*, 21, João Pessoa, jul./ dez. 2009.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* Campinas: Universidade Metodista de São Paulo/Autores Associados, 2007.

ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Caminhos Cruzados - Imprensa e Estado Autoritário no Brasil (1964-1980)*, Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). São Paulo, 1994.

ARAÚJO, Lidiane C.R.; SILVA, Magnólia G. C. da. Missionárias esposas de pastores: a invisibilidade do ministério feminino na aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. *Revista Ártemis*, v. 14, ago-dez, 2012.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAUBÉROT, Jean. Da mulher protestante. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente (O século XIX)*. V. IV. Porto: Afrontamento, 1990.

BELLOTTI, Karina Kosicki. *A Mídia Presbiteriana no Brasil - Luz para o Caminho* e Editora Cultura Cristã (1976-2001). 1ª ed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

BICALHO, Elizabete. Correntes feministas e abordagens de gênero. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas feminista*. São Paulo, 2003.

BIDEGAIN, Ana Maria. Gênero como Categoria de Análise na História das Religiões. In: BIDEGAIN, Ana Maria (Org.) *Mulheres: Autonomia e Controle Religioso na América Latina*. São Paulo/Petrópolis, Vozes/CEHILA, 1996.

BOCK, Carlos Gilberto. Reflexões sobre a diaconia à luz da mordomia cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 38, n.1, p. 85-91, 1998.

BOLHANI, C. A. *A atuação de mulheres em comunidades de base católica, reprodução ou libertação?*s/d. São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, s/d.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista Foucault. In: JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Tradução Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

BOURDIEU, Pierre. História das mulheres. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 57-59, 1995.

- BOURDIEU, Pierre. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (org.) *Gênero & Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- BUSS, Paulo W. *Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1950-2000)*, v. 2. Porto Alegre: Concórdia, 2006.
- CAMARGO, Mario. *Gráfica: arte e indústria no Brasil*. 180 anos de História. 2º edição. São Paulo: Bandeirantes Gráfica – EDUSC, 2003.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. São Paulo, Vozes, 1997.
- CARDOSO, Douglas Nassif. *Sara Poulton Kalley (1825 – 1907): professora, missionária e poetisa*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2004.
- CARDOSO, Douglas Nassif. *Cotidiano feminino no 2º Império*. São Bernardo do Campo, São Paulo: Ed. do Autor, 2005.
- CARDOSO, Douglas Nassif. *Sara Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Mari Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, volume 7, n. 13, 1994.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 4, 1995.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4º Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do Feminino e do Masculino. In: Marlene Strey; Sonia Lisboa Cabeda; Denise Prehn. (Org.). *Gênero e Cultura - Questões Contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*. 1. ed. Dourados: Editora UFGD, 2014.

COLLING, Ana Maria. Gênero e História: um diálogo possível? *Contexto e Educação* – Editora UNIJUÍ – Ano 19 – nº 71/72 – Jan/Dez. 2004.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2015.

CRÉTÉ Liliane. *Le protestantisme et les femmes*. Labor et Fides, 1999.

CRUZ, Heloísa; PEIXOTO, Maria Cunha. Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, dez. 2007.

DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia interpelações e perspectivas feminista*. São Paulo, 2003.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia interpelações e perspectivas feminista*. São Paulo, 2003.

DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/EST, 1984.

DREHER, Martin N. *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 1993.

DREHER, Martin N. *A crise e a renovação da igreja no período da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

DREHER, Martin N. Os protestantismos rio-grandenses. In: DREHER, Martin N. *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja*. Porto Alegre: Edições EST, 1998.

DREHER, Martin N. Rostos da Igreja no Brasil Meridional: o cristianismo do sul do Brasil. In: DREHER, Martin N. *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja*. Porto Alegre: Edições EST, 1998.

DREHER, Martin N. *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

DUBY, Georges & PERROT, Michelle. (orgs.). Escrever a história das mulheres. In: *História das mulheres no Ocidente (Antiguidade)*. v. I. Porto: Afrontamento, 1990.

FALLER, Leonório. Mulheres Missionárias. *Vox Concordiana Suplemento Teológico*, São Paulo – SP, ano 12, nº 2, 1997.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. *Feminismo e Religião: as representações sobre o feminismo na revista Servas do Senhor (1960-2000)*. Dissertação de Mestrado. Dourados, MS: UFGD, 2011.

FERREIRA DE CAMARGO, Cândido Procópio. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis, Vozes, 1973.

FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). *Novas Perspectivas Sobre o Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

FONSECA, André Dioneu; SALGUEIRO, Eduardo de Melo. A noção de Representação após duas décadas de debates: a propósito do texto 'Defesa e ilustração da noção de Representação' de Roger Chartier. *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 4, p. 27-46, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. vol. I. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5ª ed. tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRAISSE, GENEVIÈVE. *Del consentimiento*. Tradução Manuela Valdívia. Santiago de Chile: Palinodia, 2011.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na Política Brasileira: História Ambígua e Desafio Ético*. Curitiba, Encontrão Editora, 1994.

GEBARA, Ivone. Entre os limites da filosofia e da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia interpelações e perspectivas feminista*. São Paulo, 2003.

GERTZ, René E. GERTZ, René. Os luteranos no Brasil. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 6, nº 2, 2001.

GERTZ, René E. O luteranismo no Rio Grande do Sul. *Teocomunicação*, Porto Alegre, vol. 13, nº 4, p. 359-68, 1983.

GINZBURG, Carlo. *História noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GROSSI, M. P. ; RIAL, C. ; HEILBORN, M. L. . Entrevista Com Joan Scott. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), Rio de Janeiro, v. 6, n.21, p. 114-124, 1998.

GROSSI, M. P.; MINELLA, L. S.; PORTO, R. M. (Orgs.). *Depoimentos: Trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violências*. 1. ed. Florianópolis: Mulheres, 2006.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro: políticas e identidades na Igreja Evangélica Luterana do Brasil entre a I Guerra Mundial e o Pós-Ditadura Militar. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 6, n. 2, jul-dez 2006.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Protestantismo, Modernização e Estado Leigo: Luteranos confessionais entre a ortodoxia e a laicidade nos inícios da era Vargas. *Revista de Estudos da Religião*. Março/2008.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

KIRCHER, Mirta. La prensa escrita: actor social, y político, espacio de producción cultural y fuente de información histórica. *Revista de Historia - Facultad de Humanidades Universidad Nacional Del Comahue*. n° 10, 2005.

KLAPISCH-ZUBER, Cristiane. *Introdução. História das mulheres no ocidente*. DUBY, Georges & PERROT, Michelle. (orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. A Idade Média. Vol 2. Porto: Afrontamento, 1993.

KONINGS, Johan; ZILLES, Urbano (Orgs.). *Religião e Cristianismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992.

LEMOS, Carolina Teles. Maternidade e devoções marianas: uma ancora na manutenção das desigualdades de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.) *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, p. 81-112, 2006.

LEMOS, Fernanda. Entrevista com Joan Scott. *Mandrágora*, v.19. n. 19, 2013.

LÉONARD, Emile G. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social*. São Paulo, Aste, 1963.

LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). *Manual do departamento feminino*. 4ª edição. Concórdia Editora Ltda, Porto Alegre, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTREIN, Celsi Brönstrup. *Coletânea gênero plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LOVE, Barbara J. *Feminists who Changed America, 1963-1975*. 2006.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza. (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.); PEDRO. Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LUTERO, Martinho. Documentos Históricos do Protestantismo - Textos Clássicos da Reforma. Disponível em: www.ibpan.com.br. Acesso em 10/01/2014.

MACEDO, Carmem Cinira. *Tempo de Gênese: o povo das Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa e Esfera Familiar*. Campinas, Anpocs/Autores Associados, 1996.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, p. 71-87, 1997.

MACHADO, Maria das Dores. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(2): 387-396, maio-agosto/2005.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religioso. Paper apresentado no 3º Congresso Virtual de Antropologia y Arqueologia, NAYA, em 2002, p. 7. Disponível em http://www.naya.org.ar/congresso2002/ponencias/ricardo_mariano.htm Acesso em agosto de 2015.

MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900)*. Missionários, pastores e Leigos do Século 19. São Paulo, Cultura Cristã, 2004.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Gênese e estrutura atual dos protestantismos brasileiros num campo religioso em vias de desordenação, *Lusotopie*, 1998.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos*. 2 ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MESQUITA, Zuleica (Org.). *Evangelizar a civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Versão bilíngue, Piracicaba: UNIMEP, 2001.

MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault: Estratégia, poder-saber*. Coleção Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

MUNIZ DE SOUZA, Beatriz (org.). *A Experiência da Salvação*. São Paulo, Duas Cidades, 1969.

- MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- NAVARRO, Juan Bosch. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo-SP: Edições Loyola, 1996.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Trajetórias do Sagrado. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, v. 20, n. 2, p. 115-132, novembro de 2008.
- OLIVEIRA, Daiane Rodrigues de. *No SPA com Deus: uma análise discursiva da revista Visão Missionária* (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP, 2012.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Trad. Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PEDRO, Joana Maria. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.); PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.); PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PRIEN, Hans Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- RAGO, Luzia Margareth. As marcas da pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 121-143, maio, 1993.
- REHFELDT, Mário L. *Um grão de mostarda I: a história da IELB no Brasil*. Porto Alegre: Editora Concórdia, v. 1, 2003.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da Autonomia ao Cisma*. São Paulo, O Semeador, 1987.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião - Teologia e História. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2008.

RIETH, Ricardo Willy. Luteranismo rio-grandense no século XX: da independência à institucionalização. In: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

RIETH, Ricardo Willy. Dois modelos de Igreja Luterana. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil. In: DREHER, Martin Norberto. (Org.). *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

RIETH, Ricardo Willy. Raízes históricas e identidade da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo/RS, v. 49 n. 2 p. 207-221 jul./dez. 2009.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 8/9, p. 51-97, 1997.

ROLIM, Francisco Catarxo. *Pentecostais no Brasil – Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis, Vozes, 1985.

ROSADO NUNES, Maria José. Deus é menino e menina. *Revista Lua Nova*, vol.2 n°.3, São Paulo, dez. 1985.

ROSADO NUNES, Maria. José. *Vida religiosa nos meios populares*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROSADO NUNES, Maria José. Gênero, saber, poder e religião. In: FABRI, Márcio (Org.). *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Loyola, 1996.

ROSADO NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Horizontes em discussão na arte de fazer teologia. In: FABRI, Márcio (Org.). *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Loyola, 1996.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Perspectiva*. Florianópolis, v.21, n.01, p. 121-149, jan./jun.2003.

SCHAFFER, Neiva Otero. Os alemães no Rio Grande do Sul: dos números iniciais aos censos demográficos. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

SCOTT, Joan W. História das Mulheres. In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (Org). São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, n.3, p.11-27, 1994.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal – as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002.

SEIBERT, Egon Martim. O que se pode afirmar sobre a identidade confessional nas Igrejas de tradição evangélico-luterana no Brasil a partir do seu surgimento, e o que se aprende daí para a atual procura por identidade confessional? *Revista Estudos Teológicos*, v. 43, n. 1, 2003.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

SILVA, Eliane Moura. Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. *Mandrágora* (São Bernardo do Campo), v. 14, 2008.

SILVA, Eliane Moura da. Missionárias protestantes americanas (1870 – 1920): gênero, cultura, história. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 9, Jan. 2011.

SILVA, Eliane Moura da. “Os Anjos do Progresso no Brasil”: as missionárias protestantes americanas (1870-1920). *Rever*. Ano 12, nº 01, Jan/Jun, 2012.

SILVA, Elizete da. *William Buck Bagby: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Rev. Bras. Hist*, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2.ed, São Paulo: Contexto, 2009.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. (Orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(N.E.): 122-130, setembro-dezembro/2004.

SOUZA, Sandra Duarte de (Org.) *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar*. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

STEYER, Walter O. A implantação do luteranismo confessional e as populações protestantes teutas. In: DREHER, Martin N. *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja*. Porto Alegre: Edições EST, 1998.

STEYER, Walter O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo*. Porto Alegre: Singulart, 1999.

STRECK, Valburga Schmiedt; BLASI, Marcia. Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo v. 49 n. 2 p. 222-240 jul./dez. 2009.

TAMEZ, Elsa. *As mulheres tomam a palavra*. Edições Loyola, São Paulo – SP, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TEIXEIRA, Faustino L. C. *A gênese das CEBs no Brasil – elementos explicativos*. São Paulo, Loyola, 1987.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TODD, Mary. *Authority Vested: A Story of Identity and Change in the Lutheran Church-Missouri Synod*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing, 2000.

TODD, Mary. Women and Lutheranism. In: Rosemary Skinner KELLER; RUETHER, Rosemary Radford; CANTLON, Marie (Orgs). *Encyclopedia of Women and Religion in North America*. Bloomington: Indiana University Press, 2006.

TREVOR-ROPER, H. R. A obsessão das bruxas na Europa dos séculos XVI e XVII. In: TREVOR-ROPER, H. R. *Religião, reforma e transformação social*. Lisboa, Editorial Presença/Martins Fontes, 1981.

TUCKER, Ruth. “... até aos confins da terra”: uma história biográfica das missões cristãs. Neyd Siqueira, trad. São Paulo: Vida Nova, 1996.

VAITSMAN, Jeni. Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea. In: Rose Marie Muraro; Andrea Brandão Puppini. (Org.). *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumerá, 2001.

VELASQUES FILHO, Prócoro & MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990.

VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980.

WARTH, Carlos H. *Crônicas da Igreja: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900-1974)*. Porto Alegre: Concórdia S. A., 1979.

WARTH, Carlos H. Igreja Luterana. *Revista Técnica Teológica-Pedagógica Igreja Luterana*. Ano 1, no, Porto Alegre/RS, janeiro de 1940.

WEIDUSCHADT, Patrícia. Sínodo de Missouri e organização escolar na realidade pomerana-campo e *habitus* em Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de História*, julho de 2009.

WEIDUSCHADT, Patrícia; TAMBARA, Elomar. O Sínodo de Missouri e o Seminário Teológico-Pedagógico em São Lourenço do Sul- RS (1903-1905). *Revista HISTEDBR*. Campinas, nº 48, 2012.

WINTER, Rachel. *Mensageiras da Ressurreição*. Curitiba, 2010.

WINTERLE, Carlos W; KREBS, Martinho (Orgs). *Histórias da História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*. Porto Alegre: Concórdia, 2006.

WIRTH, Lauri Emílio. Sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. In: ROSA, Ronaldo Sathler (Org.). *Culturas e Cristianismo*. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

WITT, Osmar Luiz. *Igreja na migração e colonização*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no sentido da religião. *Estud. sociol.* Araraquara v.18 nº 34 p.77-100 jan-jun. 2013.

ZANLOCHI, Terezinha. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

RELAÇÃO DE FONTES

A mulher na Igreja. Relatório da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Lutheran Church Missouri Synod (LCMS). Traduzido pelo pastor Paulo Kerte Jung, São Paulo, SP, 1992, s/p.

AS ORIGENS DA UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

Ata da 34ª Convenção Nacional Igreja Evangélica Luterana do Brasil de 1957. 2ª sessão 21 de janeiro de 1957. Livro nº 3 de Atas de Convenções 1954 a 1960. Instituto Histórico da IELB, Porto Alegre, RS.

Ata da 47ª Convenção da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre – RS, janeiro de 1980. Livro de Atas das Convenções Nacionais, 1976 a 1984. Arquivo do Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Ata da Convenção Nacional de 1984. Livro de Atas das Convenções Nacionais de 1976 a 1984. Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1964. Livro nº 1 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1973. Livro nº 2 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1981. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1982. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 à 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1968. Livro nº1 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1978. Livro nº 3 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil do ano de 1971. Livro nº 2 de Atas de Reuniões da LSLB. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata do 16º Congresso Nacional da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1991. Livro de Atas do 16º Congresso Nacional da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Caixa de Atas dos Congressos Nacionais da LSLB do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata do 1º Congresso Geral da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1957. Livro No1 de Atas de Congressos Nacionais (1º ao 8º Congresso Nacional). Caixa de atas de Congressos Nacionais do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata do 5º Congresso Nacional da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, 1968. Livro nº1 de Atas de Congressos Nacionais (1º ao 8º). Caixa de Atas de Congressos Nacionais do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Ata dos Congressos Nacionais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Livro de Atas de Congressos Nacionais do 1º ao 8º Congresso Nacional). Caixa de atas de Congressos Nacionais do 1º ao 22º. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Atas das Convenções da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre – RS. Livro de Atas das Convenções Nacionais, 1962 a 1966. Arquivo do Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Atas das Convenções da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre – RS. Livro de Atas das Convenções Nacionais, 1976 a 1984. Arquivo do Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Atas de reuniões mensais da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Caixa de Atas de Reuniões da LSLB de 1957 a 2003. Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Boletim Informativo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil.

Carta enviada à redação da revista Servas do Senhor pelo pastor Paulo Jung, Lisboa, 5 de novembro de 1968. Caixa de correspondências e material histórico da LSLB. Pasta de correspondência recebidas da LSLB (1965-1969). Arquivo Histórico da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Carta enviada à redação da revista Servas do Senhor por Magdalena Hoerlle. Brasília, 23 de setembro de 1966. Caixa de correspondências e material histórico da LSLB. Pasta de correspondências enviadas pela LSLB (1965 a 1969). Arquivo Histórico da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Porto Alegre, RS.

Carta enviada à redação da revista Servas do Senhor por Norma Pöter, Barra do Garças, MT, 14 de outubro de 1987. Caixa de correspondências e material histórico da LSLB. Pasta de correspondência da revista Servas do Senhor, (1983-2004). Arquivo Histórico da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

Carta-aberta aos integrantes da 55ª Convenção Nacional da IELB. Liga de Senhoras Luterana do Brasil. Arquivo do Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, 1996, Porto Alegre, RS.

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA CRISTO (1902-2002): 100 anos. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

Entrevista com Otilie Muller. Boletim Informativo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, RS, 1966.

Entrevista com Otilie Muller. Jornal Mensageiro Luterano. Editora Concórdia, dezembro de 2009, nº 12, ano 93.

Estatutos da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (LSLB). Livro de presenças dos Congressos e Estatutos da LSLB de 1960. Caixa de Atas dos Congressos Nacionais da LSLB (1º ao 22º Congresso Nacional). Arquivo da Liga de Senhoras Luteranas do Brasil, Porto Alegre, RS.

LIGA DAS SENHORAS LUTERANAS DO BRASIL (LSLB). Manual do departamento feminino. 4ª edição. Concórdia Editora Ltda., Porto Alegre, 1987.

LIGA DE SERVAS LUTERANAS DO BRASIL – REGIÃO SUL. Como as servas trabalham? Pesquisa histórica realizada, em 2003, pelos distritos e departamentos da Região Sul. Arquivo da Liga de Servas Luteranas do Brasil, Porto Alegre/RS.

Livro de Atas do Distrito Brasileiro da Igreja Evangélica Luterana, Sínodo de Missouri, Ohio e outros Estados. (tradução), 1904- 1926. Convenção Sinodal de 1904.

Moção encaminhada a 34ª Convenção Nacional da IELB, de 20 a 27 de janeiro de 1957. Documento mimeografado sem referência. Instituto Histórico da IELB. Porto Alegre, RS, 1956.

Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS. 1995, vol. I, p. 25.

Parecer da Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sobre a mulher na Igreja. 1993. Arquivo Geral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Porto Alegre, RS.

POSICIONAMENTOS OFICIAIS DA IELB. Devoções e matérias escritas por mulheres. São Leopoldo, setembro de 1983. Instituto Histórico da Igreja Evangélica, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 3º trimestre de 1961. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1966. Casa Publicadora Concórdia S.A. Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1969. Casa Publicadora Concórdia S. A. Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 3º trimestre de 1971. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 3º trimestre de 1972. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1974. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1976. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 1977. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS..

Servas do Senhor. 4º trimestre de 1978. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor, 3º trimestre de 1979. Casa Publicadora Concórdia. Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 1980. Casa Publicadora Concórdia. Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1980. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 3º trimestre de 1980. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 4º trimestre de 1980. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 1981. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 3º trimestre de 1981. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1982. Casa Publicadora Concórdia. Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 1983. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 3º trimestre de 1983. Concórdia Editora. Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 1984. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 4º trimestre de 1984. Casa Publicadora Concórdia.. Porto Alegre/RS

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1986. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 1989. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 4º trimestre de 1993. Concórdia Editora, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 1996. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 3º trimestre de 1996. Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre/RS..

Servas do Senhor. 4º trimestre de 1999. Concórdia Editora, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 1997. Concórdia Editora, Porto Alegre/RS.

Servas do senhor, 3º trimestre de 2009. Concórdia Editora, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 1º trimestre de 2011. Concórdia Editora, Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 2013. Editora Concórdia Ltda., Porto Alegre/RS.

Servas do Senhor. 2º trimestre de 2015. Editora Concórdia Ltda., Porto Alegre/RS.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados/MS, 24 de março de 2016.

Marcilene Nascimento de Farias